

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
NÍVEL DOUTORADO**

**ANDERSON PRADO**

**O JORNAL UCRANIANO-BRASILEIRO *PRÁCIA*: PRUDENTÓPOLIS E A  
REPERCUSSÃO DO HOLODOMOR (1932-1933)**

**SÃO LEOPOLDO  
2017**

**Anderson Prado**

**O JORNAL UCRANIANO-BRASILEIRO *PRÁCIA*: PRUDENTÓPOLIS E A  
REPERCUSSÃO DO HOLODOMOR (1932-1933)**

Tese apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do título de Doutor em  
História, pelo Programa de Pós Graduação  
em História da Universidade do Vale do Rio  
dos Sinos.

Orientador: Prof. Cláudio Pereira Elmir

**SÃO LEOPOLDO**

**2017**

Prado, Anderson

P896j O jornal ucraniano-brasileiro *Prácia*: Prudentópolis e a repercussão do Holodomor (1932-1933) / Anderson Prado; orientador, Cláudio Pereira Elmir. – 2017.

223 f. : il.

Tese (doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

1. Imigração. 2. História. 3. Genocídio. I. Elmir, Cláudio Pereira. II. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós- Graduação em História. III. Título.

CDD 23. ed. – 947.7

**Anderson Prado**

**O JORNAL UCRANIANO-BRASILEIRO *PRÁCIA*: Prudentópolis e a repercussão do Holodomor (1932-1933)**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História, pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Dedico esta tese à Rosani Prado, minha irmã, uma mulher visionária com a qual tenho a honra e o privilégio de conviver. Frase dita em obra anterior e será dita enquanto este autor estiver a escrever.

## **Agradecimentos:**

Agradeço, imensamente, à Eliane, minha esposa, por inspirar-me com sua capacidade de vencer.

À(o):

Orientador Cláudio Pereira Elmir, pela coragem e competência de orientar-me, ajudando-me a superar as limitações e obstáculos que a pesquisa trouxe ao longo de sua produção;

Tipografia Gráfica Prudentópolis, pelo auxílio com as fontes;

Professora Meroslava Krevei, diretora do museu do Milênio de Prudentópolis, uma virtuosa intelectual e incansável mantenedora da cultura ucraniana no Brasil;

Marta Beló, pelas traduções, as quais foram fundamentais para este trabalho;

Ao sábio amigo Jadir Antunes, que com conselhos valiosos durante um telefonema numa noite cheia de dúvidas, ajudou-me a decidir continuar tentando;

Simone Sartori Jabur, a qual me designa o privilégio de contar com a lealdade de sua amizade;

Por fim, a Alcindo Ribeiro Taborda, o “Parente”, maior filósofo sem formação que conheci até hoje.

#### Resumo:

Este trabalho tem a intenção de trazer à análise um evento ocorrido na Ucrânia Soviética no início da década de 1930. O Holodomor, que na tradução literal significa “morte pela fome”, resultou na morte de milhões de pessoas na Ucrânia sob a égide do governo stalinista entre 1932 e 1933. Para tal estudo, utilizaremos aportes teóricos da história e imprensa, história e memória e da história oral, tendo como fonte o Jornal *Prácia*, um periódico fundado em 1912, na comunidade ucraniana da região centro sul do estado do Paraná, Prudentópolis. Esta tese também tem a intenção de compreender como essas informações trazidas pelo jornal eram percebidas e assimiladas pelos imigrantes ucranianos que viviam no Brasil e de que forma a tragédia ocorrida em sua terra de origem foi reelaborada na memória desses imigrantes.

#### Palavras chave:

Stalinismo, genocídio ucraniano, imprensa, imigração, memória.

#### Summary:

This work has the pretension of bringing to the analysis an event occurred in Soviet Ukraine in the early 1930s. The Holodomor, which in the literal translation means "death by hunger", resulted in the death of millions of people in Ukraine under the aegis of the Stalinist government between 1932 and 1933. For this study, we will use theoretical contributions from history and the press, history and memory and oral history, from the newspaper *Práčia*, a newspaper founded in 1912 in the Ukrainian community of the south central region of the state of Paraná, Prudentópolis. This thesis also intends to understand how this information brought by the newspaper was perceived and assimilated by the Ukrainian immigrants who lived in Brazil and how the tragedy occurred in their homeland was reworked in the memory of these immigrants.

#### Key words:

Stalinism, Ukrainian genocide, press, immigration, memory.



## Sumário

<b>Introdução</b>	10
<b>Capítulo I: Prudentópolis: a Ucrânia Brasileira</b>	16
Imigração ucraniana para o Paraná	16
<b>Capítulo II: Holodomor: a crise na Ucrânia</b>	28
Os planos econômicos da Rússia: a Ucrânia padece	29
NEP – Novo Plano Econômico – 1922	31
O Plano Quinquenal	38
A fome nos campos ucranianos	47
<b>Capítulo III: A imprensa ucraniana no Brasil: do <i>Zoríá</i> ao <i>Prácia</i></b>	65
O Jornal ucraniano-brasileiro <i>Prácia</i>	70
A relação da comunidade ucraniana de Prudentópolis com o <i>Prácia</i>	77
<b>Capítulo IV: A memória dos descendentes sobre as notícias do <i>Prácia</i></b>	82
O <i>Prácia</i> e as notícias sobre o Holodomor	84
A fome na Ucrânia a partir de alguns leitores do <i>Prácia</i>	110
Rafael Honisko: leitura e lembranças de tragédia na Ucrânia	114
Antônio Demczuk: leitura e lembranças de tragédia na Ucrânia	116
Entre a História e Memória: relatos de sobreviventes	120
Wira Wodolaschka: suas memórias sobre o Holodomor	124
Lara Basan: suas memórias sobre o Holodomor	130
<b>Conclusão</b>	135
<b>Fontes</b>	140
<b>Referências bibliográficas</b>	141
<b>Anexos</b>	147
Entrevista: Wira Wodolaschka	147

Entrevista: Anna Niedieluk	179
Entrevista: Antônio Demczuk	199
Entrevista: Rafael Honisko	204
Imagens: notícias jornal Prácia ano 1932	209
Imagens: notícias jornal Prácia ano 1933	215
Imagens: notícias jornal Prácia ano 1932	221

## INTRODUÇÃO

O trabalho do historiador, no que tange o contar e recontar o passado, não se apresenta como uma fácil tarefa. Todo este “reviver” do que já se foi aparece para a história das mais variadas formas, e as multifaces da história são o que nos permitem e levam a circular pelas diferentes formas da ciência. Com o presente estudo não foi diferente. Para compreender um fato histórico, com data e local definidos, foi preciso lançar mão de muitas artimanhas metodológicas e teóricas não só da história, mas de outras ciências que auxiliaram e embasaram, de forma consistente, este trabalho.

Para trazer à tona parte da história de um povo distante de seu país de origem, não basta apenas recriar esta trajetória de imigração, mas, sim, compreender os fatos motivadores e suas consequências ainda presentes no cotidiano dos imigrantes, no caso, os que se estabeleceram no Paraná.

Para que esta pesquisa fosse possível, foi lançado mão de aportes teóricos além da história, no intuito de compreender, de forma mais abrangente, o que foi o Holodomor, na Ucrânia, entre 1932 e 1933, e qual a possível ligação deste fato com o Brasil. Para tal, alguns trabalhos já realizados quanto às imigrações para o Brasil foram revisitados para embasar histórica e conceitualmente esta pesquisa.

Quando se pretende estudar as correntes imigratórias da Europa para o Brasil no sec. XIX nos deparamos com uma variada produção acadêmica, o que nos é proveitoso. Para não nos prendermos em demasia, apontaremos na introdução, apenas alguns autores e obras, dentre muitas, que serão utilizadas no decorrer do trabalho, possibilitando, assim, a compreensão dos conceitos e da historicidade destas imigrações.

Oksana Boruszenko, professora do departamento de história da UFPR, foi uma das precursoras das pesquisas sobre eslavos no Paraná. Entre seus trabalhos, os estudos sobre a imigração ucraniana foram uma constante. A obra “Os ucranianos” (1995) retrata de que maneira o Brasil absorveu este contingente migratório entre os séculos XIX e XX. Em uma obra anterior, “A imigração ucraniana no Paraná” (1969), Borouszenko descreveu a trajetória das famílias ucranianas que se lançaram na “aventura” (termo do autor) do “fazer a América” e que tiveram como destino o sul do Brasil.

Dentro da mesma linha de estudos, Giralda Seyferth desenvolveu vários trabalhos sobre a relação entre imigrantes europeus, especialmente poloneses e ucranianos, que vieram no mesmo período e para a mesma região da América, e trouxe apontamentos sobre a política de imigração do governo brasileiro no final do séc. XIX e no decorrer do séc. XX. Em um de seus artigos, “Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incômoda no campo político”, publicado em 2008 na Revista Brasileira de Antropologia, a autora trouxe à tona tais relações.

Com o objetivo de dar um direcionamento específico a este trabalho, a cidade - destino da grande maioria dos imigrantes ucranianos no Brasil, Prudentópolis- PR, será um dos objetos, porém, não o principal desta pesquisa. Boa parte dos trabalhos científicos em torno do tema imigração está direcionada à esta comunidade que tenta preservar traços da cultura de seus antepassados entre seus descendentes.

Com contribuições historiográficas importantes sobre a comunidade ucraniana de Prudentópolis, Paulo Renato Guérios talvez seja o mais recente pesquisador a publicar obras sobre a cultura ucraniana presente nesta cidade do interior do Paraná. A última delas “A imigração ucraniana ao Paraná: memória, identidade e religião” (2012), foi imprescindível para a compreensão do direcionamento que demos à pesquisa.

Para elencar sobre um dos assuntos principais desta pesquisa, o Holodomor – morte pela fome, que aqui no Brasil ainda foi pouco debatido, traremos aportes históricos e teóricos de alguns autores estrangeiros, como o historiador português José Eduardo Franco, que publicou recentemente uma obra dirigida aos estudos sobre a tragédia da fome na Ucrânia soviética. Intitulado “Holodomor – a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)” (2014), o livro traz a público a história do acontecimento de maneira informativa, indo além da escassa historiografia produzida sobre o tema. As discussões sobre o assunto vêm se intensificando desde 2008, quando foi aprovada pelo governo brasileiro, juntando-se a outros 21 (vinte e um) países, a moção que classificou esta tragédia como genocídio.

Como já mencionada, a contribuição historiográfica sobre imigrações é diversa. Porém, trabalhos, cujo objeto é a imigração ucraniana, também diversificam-se em suas especificidades, e possuem a cultura destes descendentes como o pano de fundo.

Além da trajetória de imigração destes ucranianos, um jornal, de tiragem semanal até a década de 1980 e quinzenal até os dias de hoje, foi e ainda é outro ponto de convergência entre os descendentes, sua história e o Brasil. O jornal *Prácia* circula há mais de cem anos na cidade de Prudentópolis, no Paraná, onde a grande maioria destes imigrantes se estabeleceu. Para analisá-lo como fonte, foi necessário o apoio amplo de pressupostos teóricos relacionados à história e imprensa. Este objeto de estudo, o Jornal *Prácia*, foi um elo entre os ucranianos desta comunidade e os que ainda permaneciam na Ucrânia em um momento de extrema miséria e privações que grande parte dos países sob o domínio soviético padecia. Também foi importante reconhecer de que maneira estes imigrantes recebiam e enviavam informações e como burlavam os sistemas de censura impostos pela Rússia, que tentava esconder, aos olhos do mundo, o que hoje é conhecido como Genocídio Ucraniano.

Assim, para que este estudo tomasse forma, buscou-se na interdisciplinaridade o aparato metodológico que nos auxiliou não apenas para relatar, mas para compreender este processo migratório do início do séc. XX.

A *priori*, no capítulo que abre este estudo, para compreender a imigração ucraniana, que teve o Brasil como destino inicial, será tratada a história da cidade de Prudentópolis, região centro-sul do Paraná, onde se concentra, atualmente, a maior comunidade ucraniana do Brasil, à qual se atribuiu a alcunha de “Ucrânia brasileira”.

Nesta comunidade foi encontrada a maioria das fontes para este trabalho, cujas práticas culturais fazem da cidade um acervo considerável de material para o desenvolvimento da pesquisa. Entre as fontes utilizadas estarão os relatos dos descendentes das vítimas do Holodomor, artefatos por eles ainda mantidos, fontes icnográficas e o jornal *Prácia*, que será não somente uma fonte, mas o objeto principal desta pesquisa.

Durante o segundo capítulo, estenderemos geograficamente este recorte para compreender como se deu a dominação russa sobre os países que formaram a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Para este estudo, de forma mais específica, concentraremos as atenções para a Ucrânia que, durante a luta da Rússia pela implementação de um sistema socialista, foi alvo de um plano econômico em 1932, conhecido como Plano de Coletivizações. Tal plano, que tinha como prioridade o acirramento das tributações agrícolas sobre os países anexados,

desencadeou um período de privações, moléstia e fome dentro da Ucrânia. Este fato será devidamente relatado neste trabalho, buscando compreendê-lo em suas variáveis, especialmente sobre o trauma que permanece em muitos descendentes das vítimas que têm, na maioria das vezes, a memória como única fonte deste passado.

O jornal *Prácia*, traduzido literalmente como “Trabalho”, abre o terceiro capítulo deste estudo. O jornal é exclusivo da cidade de Prudentópolis e está ativo há mais de cem anos, tendo peculiaridades que dão a ele formas e características únicas.

O periódico foi, por muitas décadas, semanal. Atualmente, ele circula quinzenalmente e tem como uma característica a publicação de suas tiragens na língua ucraniana, desde a sua fundação, em 1912, até 2007, quando passou a publicar suas tiragens na língua portuguesa. Tal fato só veio a fortalecer a ideia de identidade cultural, muito debatida entre os historiadores, que evidencia a utilização e possível manutenção do idioma ucraniano fora da Ucrânia. É neste jornal que buscaremos as informações necessárias para compreender como os ucranianos do sul do Brasil obtinham e enviavam informações dos fatos ocorridos no país de origem, sobretudo no que dizia respeito ao Holodomor.

No quarto capítulo, e já visando uma possível conclusão, usaremos as teorias da história e memória e da história oral como aporte para relacionar um dos objetos de estudo: o jornal *Prácia*, com o fato histórico ocorrido na Ucrânia entre 1932 e 1933 e as memórias dos descendentes ucranianos moradores da cidade paranaense.

A história e a memória darão o tom da fase final da pesquisa, quando, por meio de entrevistas e relatos dos descendentes das vítimas do Holodomor, será possível compreender como as lembranças e vivências deste período foram elaboradas e transmitidas, bem como são vistas e representadas em uma comunidade que tanto valoriza suas práticas culturais.

O embasamento teórico contará com a abordagem metodológica da história oral, através de entrevistas realizadas com quatro descendentes, de segunda e terceira geração, de vítimas do Holodomor, residentes na cidade de Prudentópolis e uma imigrante ucraniana que estava entre as vítimas da fome na Ucrânia e que hoje reside na cidade de Londrina-PR, totalizando cinco entrevistas. Através destes

diálogos pretende-se entender e atentar para o possível trauma ocorrido e transmitido por gerações, mesmo entre os que não participaram deste período conturbado na Ucrânia. As pessoas entrevistadas possuem idade avançada e têm em sua memória fatos vividos e informações recebidas através da oralidade, algo muito comum entre a comunidade ucraniana desta cidade.

A maioria dos entrevistados têm em comum a participação na comunidade e a incumbência de manter e transmitir a cultura ucraniana aos mais jovens, de diversas formas, que vão desde o idioma aos costumes típicos.

Muitas das informações nos chegaram de maneira subjetiva e adequadas à realidade social da comunidade, seja ela religiosa ou cultural, necessitando cuidados com algumas informações e memórias, muitas vezes pautadas naquilo que a fonte (oral) já tem pré-estabelecido, sobretudo quando se trata de um fato histórico ligado a um sistema político bastante polêmico, como o comunismo.

Dentro do mesmo capítulo, o jornal *Prácia* voltará à cena, para agora nos fornecer dados sobre sua importância na transmissão de informações entre 1932 e 1933, período auge da coletivização das terras na Ucrânia e momento em que ocorreu a morte de aproximadamente 7 milhões de ucranianos sob o governo de Stalin.

A ideia é trazer para nossas análises reportagens do jornal que noticiaram os acontecimentos da Ucrânia, com informações para os que deixaram sua terra natal, antes da anexação soviética, e vieram para o Brasil. Tais informações parecem ter sido de fundamental importância, não só para a divulgação do fato histórico, como para que a comunidade ucraniana, aqui no Brasil, pudesse participar com ajuda financeira aos seus entes que lá estavam e necessitavam. Sendo assim, poderemos pensar no jornal *Prácia* como um elo entre estes povos para além da mera reprodução de informações?

Assim, a título de esclarecimento metodológico, as fontes empíricas, ou seja, os exemplares analisados do jornal encontravam-se, no período desta pesquisa, na gráfica São Basílio, sede do jornal, em Prudentópolis – PR. Todas as edições, desde sua primeira tiragem, encontravam-se disponíveis, com acesso irrestrito e de forma cronologicamente organizada, o que facilitou e facilitará este e futuros estudos. Tal disposição à preservação dos documentos referentes às comunidades ucranianas

no Brasil, ao que parece, é uma premissa na intenção de manter parte das práticas culturais entre estes descendentes.

Portanto, este trabalho configura-se como a análise de um evento de grande magnitude, ocorrido na Europa na década de 1930, que teve repercussão no Brasil no mesmo período. As configurações destas relações e como as práticas culturais vividas pelos descendentes ucranianos no Brasil contribuíram para o “transmitir” e o “contar” desta história.



## CAPÍTULO I

### 1.1 PRUDENTÓPOLIS – A “UCRÂNIA BRASILEIRA”

### 1.2 IMIGRAÇÃO UCRANIANA PARA O PARANÁ

Na busca pela compreensão factual e também conceitual sobre o tema imigração, a nós, historiadores, recai a necessidade de elencarmos as permanências, continuidades e quais as contribuições desses conceitos para os estudos que vêm sendo realizados. A elaboração deste trabalho nos lança numa laboriosa, mas instigante busca por teorias já estabelecidas a fim de, juntamente com estes autores, contribuir para o embasamento desta pesquisa.

As migrações humanas constituem, desde tempos remotos, um fenômeno permanente e universal que apresenta diversas formas, aspectos, direções, ritmos, causas, quantidades e conseqüências. Alguns autores nos trazem elucubrações de suma importância na busca de entendermos alguns conceitos, entre eles, o de imigração. Maria Cecília de OLIVEIRA destaca a posição de BALHANA sobre este conceito:

BALHANA chama a atenção para duas tendências antagônicas que se verificam nesse fenômeno, uma relativa à mudança de lugar da morada e outra relativa ao apego pelo meio natural, familiar e social. Ainda destaca, dentre os aspectos da migração, a imigração, caracterizada pela procura do homem por outros países, no desejo de melhorar suas condições pessoais de vida que, em geral, obedecem a causas de atração e repulsão, motivadas por fatores biológicos, climáticos, políticos, econômicos, sociais ou religiosos (OLIVEIRA, 2008, p. 121).

Para Balhana, segundo Oliveira, as motivações que levam o homem a deixar seu país de origem diferenciam-se de acordo com período e necessidade. Assim, ao analisar uma determinada etnia em movimento migratório, leva-se em conta toda a conjuntura sociopolítica a que está inserida.

Ao se estabelecerem em uma nação que não a sua de origem, os imigrantes, juntamente com a luta prática para se estabilizar em novas terras, mantêm ou até desenvolvem práticas identitárias que os unem enquanto povo. Este conceito de identidade vem sendo muito debatido entre pesquisadores, o que nos auxilia com uma diversidade de produção acerca do tema. A maioria dos estudos relacionados à imigração tende a perpassar a questão identitária como um viés teórico para as pesquisas. Cabe ressaltar a fluidez do conceito de identidade, preocupando-se em

não “engessá-lo”, atribuindo-o apenas a questões migratórias, sendo que ele pode abordar diversos movimentos, sobretudo sociais, podendo ser usado de forma abrangente.

Neste trabalho se faz pertinente um aporte sobre o que já foi trabalhado sobre “identidade cultural”, e como este conceito aproxima-se do nosso foco principal que é a imigração ucraniana. Tal conceito traz à tona a capacidade de pertencimento de um determinado grupo, ou seja, uma identidade criada, ou mantida, a partir de práticas culturais que muitas vezes remontam às origens desta etnia.

As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história. Não uma essência, mas um posicionamento. Onde haver sempre uma política da identidade, uma política de posição, que não conta com nenhuma garantia absoluta numa “lei de origem” sem problemas, transcendental (HALL, 1996, p. 210).

Este sentimento funciona como um fator agregador para estes imigrantes, pois, ao manter sua cultura, institucionalizam-se como estabelecidos, protegendo-se neste “mundo novo”. Assim, entender a imigração ucraniana no Brasil não se resume apenas na compreensão das suas origens, mas como mantêm, longe de sua terra natal, estas práticas culturais que muito contribuem para manutenção desta identidade.

Para alcançar o teor específico deste trabalho, se fez necessário dissertar sobre a história desta imigração. Para tanto, foi abordada uma região específica do Estado do Paraná, para assim compreendermos a possível ligação entre esta região e a Ucrânia sob o domínio soviético, um dos temas a serem debatidos neste trabalho.

No Brasil, em função de suas dimensões continentais, não raras foram às vezes em que estudos acadêmicos, seja na área da comunicação, da história, antropologia, ou outra disciplina social, abarcaram o contexto da imigração como objeto de pesquisa. As correntes migratórias que tiveram o Brasil como destino nos séculos XIX e XX, acabaram se tornando o foco de estudos de diversos pesquisadores, abrindo, assim, um leque de possibilidades entre os programas de pós-graduação, que, com o passar do tempo, abriram espaços à estas discussões possibilitando o surgimento de uma produção considerável sobre o assunto.

Assim, este trabalho tem a intenção de levantar questões sobre alguns aspectos decorrentes da imigração ucraniana no Brasil, mais precisamente sobre os imigrantes que vieram a se estabelecer no município de Prudentópolis, no estado do Paraná, o qual merecerá um detalhamento mais atencioso adiante. No que tange à imigração ucraniana no Paraná, alguns autores já desenvolveram pesquisas que deram conta de abarcar, de forma histórica e demográfica, tal movimentação social.

Segundo Guérios, estes imigrantes vindos da região da Galícia<sup>1</sup> não foram os primeiros a terem este estado como destino de seu “êxodo”. “Antes deles, os ingleses, franceses e principalmente os alemães já haviam imigrado para o Paraná” (GUÉRIOS, 2007 p. 47).

Estudar a imigração eslava não será o objetivo principal deste trabalho, pois o assunto já foi abordado por diversos pesquisadores, sob variadas formas e perspectivas. Porém, apesar de não ter como foco a imigração ucraniana, analisaremos contribuições que estes imigrantes deixaram ao dar continuidade às suas práticas culturais, o que será visto no decorrer deste estudo. Assim, este trabalho tornar-se-ia inconsistente caso não apontássemos, mesmo que sucintamente, a história e a trajetória dos povos rutenos para ao Brasil. Para uma maior compreensão do assunto, alguns trabalhos já elaborados contribuem não só para este, mas para trabalhos futuros.

Oksana Boruzenko, professora aposentada da UFPR, em seu artigo “*Imigração ucraniana*” (1969), foi uma das precursoras nos estudos sobre a vinda dos ucranianos para o Paraná. Vários outros escritos foram feitos pela autora, mas a obra acima referenciada trouxe à luz da história, importantes contribuições para a compreensão da trajetória destes imigrantes para o Brasil. Outro pesquisador das comunidades ucranianas é o padre e professor Teodoro Hanicz, que tem como base de suas pesquisas a religiosidade destes imigrantes. “*Imigração ucraniana no Brasil: religião, identidade, fronteiras e desafios contemporâneos*” (2011) é uma de suas obras que contribuiu para nossa pesquisa.

Paulo R. Guérios, professor e pesquisador da UFF, é, possivelmente, autor das obras mais recentes sobre a imigração ucraniana. Tem em comum nos seus trabalhos um especial tratamento à história e memória, usando a história oral como

---

<sup>1</sup>Região histórica situada a oeste da atual Ucrânia e ao sul da Polônia. O seu nome deriva da cidade de Halych, na Ucrânia.

orientação metodológica, em que sempre pesam os relatos e memórias destes descendentes. Guérios teve como recorte geográfico da maioria de seus trabalhos a cidade de Prudentópolis – PR, o que muito contribui para nossa pesquisa. Uma de suas obras que se destaca pela contribuição histórica é “Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná” (2012).

Retomando a descrição histórica e cronológica desta imigração, os primeiros eslavos a chegarem ao Brasil foram os rutenos, como eram chamados os poloneses e ucranianos da região da Galícia, tema que Guérios discute em sua obra “A imigração ucraniana ao Paraná: memória identidade e religião” (2012), em que traz apontamentos sobre a origem da classificação dada. Segundo o autor, o termo “ruteno” foi atribuído pelas autoridades do Império Austro-húngaro aos camponeses da província da Galícia que falavam uma língua própria e pertenciam, em sua grande maioria, à religião Greco-católica.

A respeito do início desta imigração, ainda segundo Guérios, foi em meados de 1890 que se teve um grande contingente de ucranianos que migrou para o Brasil, sobretudo para o Paraná:

Nos primeiros anos da década de 1890, contudo, o número de emigrantes cresceu rapidamente. Esse fenômeno foi chamado na época pelos jornais locais de “febre brasileira”. Nesse período saíram dessa região em média 20.000 pessoas por ano, grande parte tendo como destino o Brasil. (GUÉRIOS, 2007 p. 53).

Possivelmente “o fazer a América”, no século XIX, configurou a metamorfose do alto fluxo de europeus transferidos para o continente americano, cujo movimento demográfico ficou conhecido como a Grande Migração. É provável que estes imigrantes tivessem a firme crença na força de mecanismos compensatórios capazes de lhes garantir melhores condições de vida. As motivações para este êxodo ucraniano ao Brasil e outros países do continente foram variadas, mas, estudos apontam para um motivo específico determinante: a busca pela terra.

Tais mobilidades demográficas dos povos do leste europeu ainda entram em desacordo quando o assunto é datas e números demográficos, mas já se estima o período e o contingente desses imigrantes no estado do Paraná:

O desenvolvimento histórico da imigração ucraniana no Brasil muitas vezes foi (e continua sendo) para o imigrante, condição a que não

fica imune o pesquisador desta imigração: a falta de dados estatísticos comparativos que levem às cifras exatas relativas a essa corrente migratória, já que são muito escassos os documentos nos arquivos portuários ou similares. Essa escassez é agravada por contingências históricas, como, por exemplo, as divisões geográficas da Europa, quando diferentes formações étnico-culturais passaram por domínios políticos diversos e perversos, resultando isso em que muitos imigrantes da etnia entravam no país com passaporte do governo ao qual estavam submetidos. (MARTENETZ, 1996. p 81)

O Paraná foi o estado desejado por muitos destes imigrantes por já haver informações (levando em consideração as propagandas feitas pelo governo brasileiro ao povo europeu) sobre a fertilidade e quantidade de terras do sul do país. Tal destino foi almejado pelos ucranianos que, em meados de 1895, chegaram ao Brasil. O Paraná não foi o único estado de estabelecimento do povo vindo da Galícia. Rio Grande do Sul, São Paulo e Santa Catarina<sup>2</sup> também receberam imigrantes da mesma descendência, porém, o Paraná é o estado que nos interessa, ao menos neste estudo. Ainda segundo Boruzenko:

“Agentes” espalhavam pela Europa artigos, livretos e comunicados sobre as condições oferecidas pelo Brasil. Nos países eslavos, tais agentes encontraram campo dos mais propícios para sua atuação, e a propaganda decaía em lamentáveis excessos, que exploravam a credulidade do camponês. [...] A partir de 1895, teve início uma verdadeira debandada de camponeses da Ucrânia para o Brasil, às custas do governo republicano. No decurso de dois anos, mais de cinco mil famílias abandonaram suas aldeias e, na grande maioria, fixaram-se no Paraná; entre 1897 e 1907, mais de mil emigraram às próprias custas. Com a renovação do transporte gratuito em 1907, novas grandes levas de emigrantes dirigiram-se ao Paraná (BORUSZENKO, 1995, p. 08).

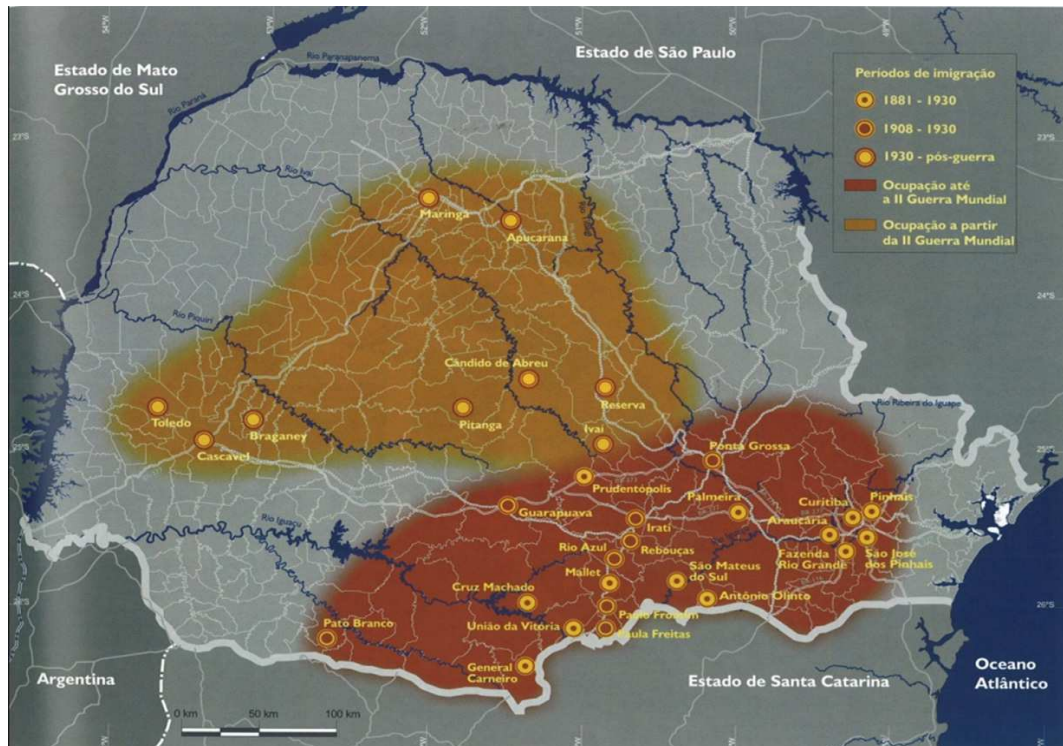
Assim, os imigrantes ucranianos que chegavam ao Paraná, em contingentes significativos, a partir da década de 1890, ainda passaram por um processo penoso de estabelecimento até chegarem às terras destinadas à colonização, organizada pelo governo do Estado. A maior parte destes imigrantes galicianos, ao desembarcarem no Porto de Paranaguá, se deslocou até aos arredores de cidade de Curitiba, região onde permaneciam, algumas vezes, por um longo tempo devido a uma série de motivos, dentre eles: fatores climáticos, como excesso de chuva e

---

2 Cf. TAMANINI, Paulo. A. Espaços específicos para os de identidade específica: imigrantes ucranianos Em Papanduva – SC. Revista Espaciabilidades, vl. 02, 2009, p. 26.)

invernos rigorosos, falta de transportes, ausência de estradas de ligação até o local das terras e situações de ordem burocrática do próprio governo.

Figura 1: Mapa das migrações eslavas para o Paraná



Fonte: Batista, 2009.

Segundo dados da “*Revista de História – Colonização e Migração*”, publicada no IV Simpósio dos Professores Universitários de História, organizado pelo Prof. Eurípedes Simões de Paula em 1969, o estado do Paraná foi o que mais abrangeu colônias ucranianas no Brasil.

Inicialmente, os imigrantes ucranianos localizaram-se na zona sudoeste do Estado, cujo clima era, para os europeus, favorável. Concentraram – se em colônias, que vão desde os atuais municípios de União da Vitória a Palmas – entre os municípios de Cruz Machado, Paulo Frontin, Mallet, Rio Azul, Irati, até Prudentópolis, Ponta Grossa, Ipiranga, Guarapuava e Reserva; estabeleceram-se também em Antônio Olinto (hoje município do mesmo nome), e nas colônias de Marcelina e Guajuvira nas proximidades de Curitiba, bem como em Wenceslau Brás, no Norte velho. Mais tarde, acompanhando o desbravamento e o movimento geral para o Norte e Oeste, os imigrantes ucranianos estenderam-se pelos municípios de Pitanga, Pato Branco, Apucarana, Borrazópolis, Maringá, Campo Mourão, e outros. (SIMÕES, *Revista de História – Colonização e Migração*, 1969 p.141).

Na grande maioria destas colônias os rutenos se depararam, ao se instalarem, com áreas de florestas virgens do Estado, carente de todo arranjo primário como o desbravamento da mata, construções de moradias e preparação do solo.

Os principais núcleos criados na época foram São Mateus, a beira do rio Iguaçu; Rio Claro, a algumas dezenas de quilômetros de São Mateus floresta adentro (essas colônias compunham o “Núcleo Iguaçu”; e Lucena, colônia criada 33 quilômetros ao sul de Rio Negro (GUÉRIOS, 2012, P. 111)

Interrompido entre 1892 e 1894 devido à Revolução Federalista, o fluxo migratório para o Estado do Paraná teve sua retomada em 1895. Durante este período, além de interromper a entrada de novos imigrantes, as batalhas entre *pica-paus e maragatos* causaram importante impacto na dinâmica interna de algumas colônias. Muitos imigrantes recém-chegados aderiram ao conflito formando o que foi chamado de “batalhão polonês”, aproveitando, inclusive, para acertar algumas desavenças que tiveram logo no início de suas instalações com fazendeiros locais. Não cabe aqui inventariar tais relações. Acerca do assunto, ver depoimento de GABROWSKI, Anais v. 5 (1970, p. 79-84).

A partir de 1895, com a chegada em massa destes imigrantes ao Estado, a adaptação às condições climáticas e a adequação do solo não se deram de forma rápida. O estabelecimento nas terras do Paraná foi acontecendo a partir de muita precariedade, que é percebida no depoimento de um colono da época:

Eles diziam que viveríamos em colônias com casas e suprimentos, mas isso aqui é nada mais que uma fronteira selvagem, sem proteção. [...] Oh Deus, como poderemos escapar desse inferno e retornar para nossa amada Galícia? Não será fácil. O Brasil é circundado pelo mar e a viagem custa caro. (GUÉRIOS, 2007, apud. Morski 1914, p. 128).

O Estado do Paraná não dispunha de estrutura para uma “campanha” de colonização à qual foi submetido. Guérios, em um de seus estudos, traz um apontamento em relação às condições de vida dos ucranianos que migraram para o Canadá e os que rumaram para o Brasil.

Se alguém me pedisse para descrever em uma palavra o que o Brasil significa para os nossos emigrantes, essa palavra seria sepultura. Não apenas uma sepultura para suas esperanças de um

futuro melhor, mas também uma sepultura no sentido literal. Estou certo de que todos os que seguiram e pesarem cuidadosamente os fatos conforme eu os descrevo aqui, palavra por palavra vai chegar a mesma conclusão [...] (GUÉRIOS, 2007, apud. Morski 1914, p. 64).

Os imigrantes ucranianos, vindos na primeira fase da imigração, encontraram uma série de crises motivadas pelas mudanças pelas quais o país passava. A transição do Império para a República, a transição da monocultura para a exportação de policultura de abastecimento, as efervescências políticas e sociais decorrentes dessa mudança, os levou a um estado de desolação.

Com a Guerra do Contestado, no início do século XX, o Paraná sofreu uma crise política e econômica que refletiu diretamente na vida dos imigrantes ucranianos. “O apoio ficou então bastante reduzido e eles tiveram que buscar alternativas de sobrevivência em condições precárias, ficaram largados, literalmente, à própria sorte” (OGLIARI, 1999, p. 70).

De início, esses imigrantes dedicaram-se a lavoura, principalmente o plantio de trigo, que era um cultivo comum a eles em sua terra natal. Suas técnicas agrícolas foram bem aproveitadas em terras paranaenses, que apesar do pouco auxílio por parte do governo, conseguiram organizar-se em forma de cooperados. Segundo Horbatiuk (1989), foram os imigrantes ucranianos que organizaram a primeira indústria moageira do Paraná, em 1913.

Entre contrariedades e dificuldades, os ucranianos e os poloneses se estabeleceram e organizaram-se em colônias, muitas delas deram origem a cidades, como é o caso de Prudentópolis. Nas décadas seguintes chegaram outras levas de imigrantes, os quais, quando chegaram, encontraram as colônias estabelecidas.

Os povos rutenos se assentaram e estabeleceram-se em diversos destinos dentro do Paraná. Mas, para este trabalho em específico, remetemo-nos a uma localidade peculiar que, com o passar do tempo, acabou por se tornar a “capital” ucraniana no Brasil.

Devido ao fluxo numeroso de contingente desses imigrantes, a primeira colônia chamada Antonio Olyntho, próximo à divisa com o Estado de Santa Catarina, em pouco tempo saturou, obrigando o Secretário de Obras Públicas e Colonização, Cândido de Abreu a abrir um novo núcleo para a instalação de outra comunidade.



Prudentópolis, o último a ser delimitado no Estado em 1907. Essa colônia foi localizada às margens da Serra da Esperança, entre as cidades de Ponta Grossa e Guarapuava, onde situava-se na época a pequena povoação de São João de Capanema. O relatório desse ano indica que o próprio Cândido de Abreu tornou-se diretor oficial desse núcleo, tendo-o fundado emergencialmente “a pedido da União” para localizar e de modo imediato um grande número de imigrantes rutenos (GUÉRIOS, 2012, p.113).

A cidade de Prudentópolis está localizada no segundo planalto paranaense, a 200 km de distância de Curitiba e a uma altitude de 730 metros. Com 49.016 habitantes, o município estende-se por um território de 2311 km<sup>2</sup> (IPARDES, 2015, p.02). No final do sec. XIX este município se localizava em uma região de terras de posse de Firmo Mendes de Queiroz, descendente de bandeirantes paulistas, que acabou doando suas terras para a construção de uma capela em homenagem a São João Batista. No ano de 1897 foram atraídas para a região 1.500 famílias ucranianas, totalizando oito mil imigrantes. Os colonos foram assentados em diversos núcleos, onde se tornaram pequenos agricultores, criadores de gado em pequena escala e extratores de madeira. O município formalizou-se em 1907, sob o nome de Prudentópolis, em homenagem ao presidente Prudente de Moraes.

O lugar passou a ser chamado São João de Capanema em homenagem a São João, padroeiro da primeira capela e ao Barão de Capanema, responsável pela instalação da linha telegráfica e fiscalização das estradas de rodagem da região. Após se emancipar do município de Guarapuava em 1906, o diretor da colônia, Cândido Ferreira de Abreu, rebatizou o município de Prudentópolis (LUPEPSA, 2013, p.62).

A imigração de ucranianos para a região durou até meados da década de 1940 e, atualmente, o município é considerado por essas características a “Ucrânia brasileira”, sendo 80% de sua população, descendentes destes imigrantes.

A cultura e a tradição ucraniana são praticadas no cotidiano desta cidade há mais de um século e das mais variadas formas. Os descendentes que lá estão, tem a religião católica bizantina ucraniana como sua principal religião. Além do trabalho e da religião, a educação fora sempre uma premissa entre os imigrantes ucranianos, segundo Simionato:

Uma das principais preocupações dos imigrantes foi a educação, em 1898, em Curitiba, criaram o *Prosvita*<sup>3</sup>, órgão cuja função era promover e difundir a cultura da pátria de origem. Para isso, fundaram uma escola especial de agricultores e uma biblioteca, abriram cursos especiais de arte e literatura e realizavam sessões comemorativas. Associações semelhantes espalharam-se por todo o Paraná e, em 1913, já eram 32 entidades formadas por membros das comunidades de ucranianos e seus descendentes” (SIMIONATO, 2012, p.28)

Em Prudentópolis o colégio de freiras Imaculada Virgem Maria, da ordem dos padres Basilianos, é uma das mais tradicionais instituições religiosas do Paraná e foi responsável pela educação formal de grande parte dos descendentes que ali se estabeleceram. O colégio, que mantém o sistema de internato de seus alunos, contribuiu fortemente para a manutenção dos costumes e ritos ucranianos, assim como a continuidade do idioma entre os descendentes. Todas as práticas culturais trazem a eles um sentimento de pertencimento, unificando-os em torno da memória que é mantida através da dança<sup>4</sup>, arte<sup>5</sup>, culinária<sup>6</sup> e principalmente da língua.

A religiosidade foi, talvez, a tradição mais marcante da cultura entre os imigrantes ucranianos. Na imigração, a igreja fazia parte do cotidiano destes imigrantes, tendo participação efetiva na formação das colônias. Assim que se estabeleceram no Brasil, os ucranianos, como outros imigrantes italianos e alemães, além do apego à terra, a suas tradições, eles reuniram-se culturalmente através da religiosidade. Segundo Simionato:

O povo precisava de amparo e assistência espiritual, por esse motivo, no fim do século XIX, por iniciativa de alguns líderes ucranianos de Marechal Mallet e Prudentópolis, Rebouças e Rio Azul, encaminharam solicitação ao Cardeal e Arcebispo de Lviv (Ucrânia) para que enviasse sacerdotes ao Brasil” (SIMIONATO, 2012, p.31).

---

3 Prósvita, criada em 1898, foi a primeira associação com a finalidade de preservar e incentivar a cultura, os costumes, os festejos religiosos e a língua ucraniana.

4Em relação à dança, Prudentópolis mantém o grupo de dança Vesselka, conhecido no Brasil e no exterior por fazer apresentações da típica dança ucraniana.

5 Um dos principais símbolos da arte ucraniana praticada em Prudentópolis é a Pesanka. Artefato em forma de “ovo” feito em madeira e com apurada técnica de pintura.

6 A culinária do povo ucraniano é mantida através de pratos típicos como varéneke, massa de trigo em forma de pastel acrescido de requeijão e batata, servido cozido.

Ainda sobre o tema, Skavronski aponta para a importância da prática de religiosidade dentro das colônias recém-estabelecidas. Segundo ela:

A religiosidade foi um elemento fundamental de sobrevivência da etnia ucraniana em Prudentópolis. Fundamental porque foi a diferença entre o insuportável e o tolerável, ao servir de conforto e motivação para os assentados. A religião estava presente em todo o momento, ajudando a manter os laços étnicos com a terra mãe. A língua e os costumes se mantiveram através dela e a devoção contribuiu para que muitos não abandonassem o Brasil e voltassem para a Ucrânia devido às mesmas dificuldades extremas encontradas lá (SKAVRONSKI, 2014, p.88).

Em relação a outro fator determinante na manutenção da cultura – o idioma, a maioria dos atuais prudentopolitanos pratica a língua ucraniana, fazendo parte inclusive do cronograma escolar do município. Na maioria dos casos o idioma foi e é ensinado de pai para filho, especialmente nas regiões interioranas do município, fazendo desta, uma característica peculiar da comunidade e serve ao mesmo tempo, tanto como fator agregador entre eles, como também de fronteira para os *outsiders* (considerados aqueles que são “de fora”), levando em consideração as relações muitas vezes de disputas e (não) sociabilidade com os brasileiros que já estavam aqui no período inicial da imigração.

A historiadora Maria Luiza Andreeza, em um de seus artigos, expõe tais relações cotidianas quando traz a correspondência oficial enviada em 1912 pelo Pe. João Michalczuk<sup>7</sup> à sua autoridade metropolitana:

Mas eu sempre afirmo: primeiro Deus, segundo a religião, terceiro o nosso rito e depois o resto. E também, aconteça o que acontecer, eu não vou entregar moça alguma a brasileiro nenhum, a não ser que aconteça algo que Deus me livre. De mais a mais, sei como vivem os que casaram com estes caboclos. Eles não têm religião nos dias santificados; só vivem de um dia para o outro literalmente vegetando. (ANDREAZA, 2005. p.19).

---

7 Pároco da localidade entre 1911 e 1950, com grande influência sobre a vida familiar dos paroquianos.

A língua ucraniana em Prudentópolis se mantém para além das práticas cotidianas, tendo, inclusive, bases institucionais para a manutenção do idioma. Conforme afirma Costa:

A preservação da língua no município de Prudentópolis ao longo de pouco mais de um século de imigração ucraniana deve-se a vários fatores, mas dois aspectos foram fundamentais: a religião e a escola. Prudentópolis possui mais de dez colégios estaduais e o histórico de vários deles está entrelaçado com a história da imigração e com a ação dos religiosos ucranianos, padres, freiras e catequistas (COSTA, 2015, p.04).

As características marcantes de tais práticas culturais entre os descendentes que nesta cidade vivem, acabaram se tornando um fator determinante na manutenção da cultura e tradição dos ucranianos. Fato este percebido tanto nas atividades formais/oficiais quanto cotidianas dos moradores de Prudentópolis. Assim, os ritos religiosos na sua grande maioria são feitos na língua ucraniana, tais como: missas, novenas, festividades religiosas, entre outros. No dia a dia do comércio local não é raro ainda hoje perceber a comunicação no idioma ucraniano.

As peculiaridades que diferem uma cidade ou comunidade colonizada são diversas, independentemente da etnia originária desta colonização. A aculturação dos povos que chegaram tornou-se um processo comum dentro destas comunidades, porém, é a resistência a esta assimilação cultural que torna algumas comunidades singulares. A cidade de Prudentópolis, uma destas comunidades resistentes a este processo, vem sendo importante objeto de estudo, nas duas últimas décadas, sobre o tema imigração ucraniana. Uma variedade de trabalhos foi desenvolvida sobre o tema e suas possíveis perspectivas, tendo como ponto de partida a cultura ucraniana praticada na cidade.

Na perspectiva de compreendermos as relações que estes descendentes de imigrantes ucranianos na cidade de Prudentópolis têm com a história, que direcionamos nossa pesquisa ao objeto central do trabalho: um jornal impresso exclusivo da cidade que há mais de um século mantém-se em atividade e que será analisado em um capítulo específico no transcorrer deste trabalho.

## CAPÍTULO II

### 2.1 HOLODOMOR: A crise na Ucrânia

Quando buscamos a compreensão de uma etnia, cultura, ou até mesmo uma nacionalidade, nos deparamos com uma tarefa demasiado complexa. Em trabalhos feitos sobre a imigração ou qualquer outra mobilidade demográfica ou social, devemos considerar a hipótese de buscarmos a origem desta história além das fronteiras espaciais e temporais específicas. No que tange a proposta deste estudo, que busca elencar pontos de convergência entre os ucranianos que vieram e se estabeleceram no Brasil e os ucranianos que ficaram na Europa, será necessário uma abordagem conceitual e histórica sobre o processo de formação política, social e econômica da Ucrânia do início do séc. XX.

Mesmo parecendo ser uma proposta paradoxal, devido às relações tensas entre as duas nações, compreende-se que, para analisar parte do contingente migratório do povo ucraniano, como também o Holodomor, será necessário uma abordagem histórica significativa sobre a evolução política da Rússia do mesmo período.

As relações entre a Ucrânia e a Rússia no início do séc. XX, no transcorrer de suas histórias, foram conflituosas em quase todos os campos de atuação. Devido à submissão da Ucrânia à Rússia, foi traçada uma história de tensões, conflitos e revoltas durante mais de meio século. Neste terreno os historiadores podem buscar na história, muitas informações que ficaram presas na censura.

Neste momento nos interessa a Rússia revolucionária, que, no bojo de sua transformação política, foi responsável por uma série de planejamentos políticos e econômicos que marcaram, não só sua própria história, como a dos países fronteiriços, sobretudo a Ucrânia. Em outras palavras, será preciso entender a política revolucionária russa para compreendemos parte da história ucraniana, assim como também, a migração de um contingente significativo de seu povo para América, em específico, para o Brasil.

## 2.2 OS PLANOS ECONÔMICOS DA RÚSSIA: a Ucrânia padece

Durante os três anos da guerra civil russa, a prioridade em repor as frentes de batalhas de ambos os lados foi uma estratégia cara e trabalhosa para a economia da época. As lutas que irromperam em março de 1918 e se prolongaram até 1921 tiveram como desfecho uma vitória convincente do Exército Vermelho que guerreou sob o comando de Trotski. Devido ao apoio das forças de intervenção estrangeira para lutar ao lado dos antibolchevistas, a vitória trouxe altos custos para a já combalida Rússia.

O *Comunismo de Guerra*, regime imposto pelos bolcheviques para sobrevivência dentro do sistema pensado pelos revolucionários, foi decisivo para as frentes de batalhas, porém, deixou saldos desastrosos para a população. Tal sistema regido pelo Comitê Central (CC) russo tinha como característica um controle rigoroso sobre a produção e distribuição de quase a totalidade dos cereais cultivados nos campos da Rússia e dos países sob seu domínio.

Os principais afetados pelo comunismo de guerra foram os camponeses. Para eles a política de requisição de excedentes agrícolas foi maciça. O campesinato que já era atingido por colheitas escassas, ainda teve de contribuir com boa parte do seu cultivo, na maioria das vezes, de maneira compulsória. Esta política foi responsável, em plena Guerra Civil, por um período de moléstia e fome entre a população camponesa.

O comunismo de guerra da Rússia, já nos primeiros anos de política “livre do capital” - como os próprios russos chamavam sua nova política, instaurou-se de modo que a radicalidade, tendo como sombra a parcialidade e a violência, fosse uma característica predominante na construção e manutenção do sistema comunal. Não raros os historiadores que trouxeram, à luz da história, fatos que apontaram as primeiras décadas da Rússia soviética como o momento de terror na história. O historiador Robério Paulino Rodrigues apontou o fato:

Em um quadro de desespero e carências de todo tipo, o comunismo de guerra baseava-se no mais rígido igualitarismo, restringindo qualquer espaço para o interesse individual. Optou-se pelo confisco dos excedentes dos camponeses e às vezes até de sua criação, seus cavalos, etc. Foram proibidos quaisquer empreendimentos privados, tanto na produção quanto no comércio. (RODRIGUES, 2006, p. 65, 66)

O resultado da guerra civil é uma Rússia politicamente unilateral, afundada em uma crise produtiva, econômica e social, com sua produção agrícola diminuída em números muito aquém dos previstos, afetando também a área industrial que pouco se fazia presente. Por falta de circulação de moeda corrente, as poucas fábricas que existiam na Rússia começaram a pagar os funcionários em espécies, estabelecendo algo próximo de uma troca natural, forçando o retorno de muitos destes “ex-assalariados” aos campos.

Estima-se que a fome que assolou o país no inverno de 1921-22 tenha matado cerca de cinco milhões de pessoas, levando o governo a recorrer e aceitar ajuda internacional para reduzir seus efeitos (REIS FILHO, 1997, p. 121).

Vivenciando o iminente fracasso econômico do comunismo de guerra, os próprios idealizadores<sup>8</sup>, Lênin e Trotski, reconheceram que, independentemente das prioridades militares, as orientações econômicas do plano ultrapassaram muito o que a sociedade semifeudal da Rússia poderia suportar, e trouxe severos prejuízos à economia. Essa aparente contradição entre as condições jurídicas e políticas socialistas e a realidade da revolução foi percebida pelos bolcheviques, que atentaram para o fato de que não seria viável impor por mais tempo aos produtores do campo uma política de arrecadação tributária que se distanciasse muito da secular prática de comércio. Em outras palavras, seriam necessários estímulos para que o camponês retornasse sua capacidade produtiva.

Agora isolados, a Rússia e os países sob seu domínio, veem como prioridade para esboçar uma reação econômica a aceleração industrial, mesmo considerando que tal desenvolvimento partiria do zero, pois, como já mencionamos, a Rússia não havia atingido um patamar industrial significativo comparada aos outros países da Europa.

A partir de então, a Rússia estabeleceu novas práticas econômicas que serviram para o (re) estabelecimento da economia socialista, tendo em vista o fracasso anterior. A Nova Política Econômica – NEP foi o plano estabelecido para esta reformulação. “Lênin reconheceria ao tentar justificar a NEP: “erramos ao tentar passar diretamente da produção à distribuição comunista”” (BLACKBURN, 1992, p. 127). Esta renovação política veio da possibilidade de aceitação de outras

---

8 Cf. Tragtenberg, M. “A Revolução Russa” Ed. Unesp, 2007.

concessões econômicas, prevendo novos mercados internos como forma de dinamizar a economia.

A seguir, veremos como se desenvolveu a nova economia da Rússia e quais foram as diferentes possibilidades trazidas por esse plano econômico que, para muitos revolucionários bolcheviques da época, mostrou-se como um retrocesso revolucionário e uma fraqueza de seu representante máximo: Lênin.

### **2.3 A NOVA ECONOMIA POLÍTICA – NEP – 1922**

Para muitos bolchevistas, a NEP, implantada por Lênin após a guerra civil e tida como uma tentativa de corrigir erros cometidos com o comunismo de guerra ressoou como uma deficiência do poder revolucionário instaurado na Rússia. Independente da unanimidade ou não do plano, esse “recuo” teve de ser feito frente ao descontentamento generalizado nos campos e na cidade. Além destes fatores, a política de industrialização da Rússia, agora mais do que nunca, dependia da elevação da produtividade no campo.

Como já havia esgotada a produção excedente do campo devido à acirrada tributação agrícola imposta pelo plano anterior, a requisição dos cereais produzidos pelo camponês foi diminuída, possibilitando o livre comércio. Entende-se por livre comércio uma comercialização sob o controle do estado, que serviria como estímulo à produção entre os camponeses. Assim, com esse afrouxamento nas requisições pelo estado e certa liberdade de comercialização de produtos, estabelecia-se a primeira medida da NEP.

Há de certa forma, um ressurgimento, mesmo que discreto, do capital privado, tanto no comércio quanto na indústria, com predominância nas grandes propriedades e intervenções e administrações do Estado, que detinha, também, o monopólio financeiro dos meios de comunicação e dos transportes.

A volta das sementeiras e do crescimento da produção agrícola, já a partir de 1922, mostrou o acerto da opção. Com o novo relaxamento, os camponeses sentiram-se estimulados e a recuperação econômica, mesmo que ainda calcada em técnicas e instrumentos rudimentares de trabalho sobre a terra, fez deslanchar a produção de cereais, um setor absolutamente essencial para suprir as necessidades alimentares do país (RODRIGUES, 2006, p. 71).



Com o aumento produtivo nos campos o plano industrial da Rússia deu sinais de recuperação. Este setor angariou investimentos de grande monta por parte do Estado, cuja finalidade foi recuperar décadas de atraso industrial. Esta política de investimento foi uma prioridade durante a NEP. A resposta não demorou a surgir, e, em 1926, a indústria atingiu níveis correspondentes aos anos antecedentes a Primeira Guerra, tidos como período próspero na Rússia Czarista.

A Revolução Russa teve como tônica majoritária a extinção do capitalismo, atentando para o fato de que Marx elaborou suas teses usando o termo “superção do capitalismo”. Assim, com a requisição e, conseqüentemente, a escassez dos alimentos, houve a desvalorização e quase extinção da mão de obra assalariada no período em que correspondeu à revolução e à guerra civil. A moeda corrente, o rublo, praticamente saiu de circulação. Após a NEP, que trouxe a circulação de produtos e uma crescente industrialização, fez-se necessário o retorno de cálculos nos métodos do capitalismo e com isso a volta do rublo, o que, para os revolucionários mais conservadores, foi um adiamento de uma das aplicabilidades da teoria marxista, mesmo que utopista para alguns, e, conseqüentemente, a extinção da moeda. Portanto, a partir de uma racionalidade econômica<sup>9</sup> a estabilidade da moeda mostrara-se uma condição fundamental. Outro ponto importante da economia que ressurgiu com as primeiras medidas da NEP é a exportação, modalidade comercial que estava estagnada.

Com a magnífica colheita de 1922, que permitiu reiniciar uma modesta exportação, o mujique<sup>10</sup> acha-se mais à vontade do que nunca depois da Revolução (CROUZET, 1996, p. 338).

---

9 Durante a década de 1920, a oposição trotskista, no que parece um paradoxo, chegou a pedir a estabilidade do rublo, ainda que em detrimento dos resultados do plano. Cf. Rodrigues, R. P. O colapso da URSS – um estudo das causas. Tese doutorado – USP. São Paulo, 2006.

10 Mujique era a denominação dada ao camponês russo, normalmente antes de o país adotar o regime socialista (1917). Ela indica certo grau de pobreza, uma vez que a maioria dos mujiques eram servos (chamados de *almas* na Rússia) antes das reformas agrícolas de 1861. Depois desse ano, os servos receberam determinadas áreas para trabalhar a terra e se tornaram camponeses teoricamente livres, mas que em muitos casos ainda trabalhavam em um regime de servidão, muito parecido com o que aconteceu no Brasil logo após a abolição da escravidão. Esses camponeses livres foram então conhecidos (até 1917) como mujiques.

Porém, mesmo com o sensível avanço econômico na Rússia, a indústria, sobretudo a pesada, ainda se encontrava em dificuldades, pois não acompanhou o desenvolvimento produtivo do campo, o qual foi o maior “beneficiado” com a NEP. As taxas e impostos à indústria eram severos, o que, em um prazo curto de tempo, resultou em demissões em massa, contribuindo para o retorno de muitos ex-camponeses que tentaram a vida na cidade.

Mais tarde, outra consequência da NEP, já prevista por Lênin – que será um fator importante para nosso objeto de estudo mais adiante, foi o Holodomor. Com uma política chamada mista, que associou a intervenção do Estado com a economia, porém, com métodos de liberdade ao acúmulo de capital, ressurgiu uma antiga aristocracia nos campos da Rússia e países anexos: os Kulaks<sup>11</sup>, classe que, durante o Czarismo, era responsável por grande parte da economia vinda do campo, os quais se tornaram os principais alvos da Revolução.

A tensão dentro da NEP, tida por muitos como um projeto econômico apenas paliativo para a crise da Rússia soviética, trouxe à luz dos fatos importantes discussões teóricas sobre os rumos a serem tomados pelo partido comunista.

É no contexto da década de 1920 que as duas principais vertentes teórico-práticas tomaram forma e acabaram por polarizar os debates acerca dos caminhos a serem seguidos.

Nicolai Bukharin<sup>12</sup> e Alexeivitch Preobrajensky<sup>13</sup> foram os teóricos da revolução que trouxeram ao campo do debate suas propostas para o desenvolvimento econômico russo. Este debate também veio representar uma luta prática e política entre os grupos do poder.

O Estudo sobre as polêmicas teses de Bukharin e Preobrajensky torna-se importante para que se possa entender as opções tomadas pelo país na arena econômica a partir do final dos anos 1920, que estão na gênese do que se chamou de sistema soviético a partir dos anos 1930 (RODRIGUES, 2006, p. 73).

---

11 Eram camponeses resultado da reforma de Stolypin introduzida em 1906 com o intuito de criar um grupo de fazendeiros prósperos que apoiariam o governo do Czar. Posteriormente, na década de 1930, os Kulaks foram alvo das políticas de coletivização do campo realizadas por Stalin, que acreditava serem eles o último bastião do capitalismo no campo.

12 Revolucionário e intelectual bolchevique e mais tarde, na era Stalin, foi um economista político do governo soviético.

13 Revolucionário e economista soviético e membro do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, pai do planejamento soviético.

Bukharin orientava que a NEP não deveria ser entendida e aplicada apenas como um plano político, de ordem circunstancial, mas que deveria ser exatamente o contrário. Deveria ser pensada como o plano duradouro entre os camponeses e operários, assim, o socialismo teria sua consolidação de maneira gradual e que tal aliança seria vital, mesmo ciente da possibilidade do desenvolvimento econômico acontecer de maneira perceptivelmente lenta. O próprio Bukharin afirma:

As diferenças de classes no nosso país ou a nossa técnica atrasada não nos levarão a ruína; podemos até construir o socialismo sobre esta base de miséria técnica; o crescimento deste socialismo será muito lento, avançaremos a passo de tartaruga, mas construiremos o socialismo e acabaremos sua construção (*apud* TROTSKI, 1977, pag. 61).

A respeito da teoria marxista, ao que parece, alerta-se para a impossibilidade de um avanço socialista sob bases técnicas e materiais precários. Na perspectiva de Marx, tais condições somente socializariam miséria e a penúria, apontamentos que para muitos historiadores foram ignorados por Bukharin.

Segundo Bukharin, tendo a Rússia os países sob seu jugo, uma economia prioritariamente e majoritariamente agrícola, seria imprescindível para o desenvolvimento na forma socialista que a economia alavancasse a partir do enriquecimento do camponês<sup>14</sup>. Tendo como comparações as produções do período do comunismo de guerra e os anos iniciais da NEP, Bukharin aponta para a necessidade de estímulo ao camponês, que se sentiria atraído a produzir, fato não ocorrido nas arrecadações compulsórias do plano anterior.

No outro polo das discussões teóricas e políticas sobre os rumos a serem tomados pela Rússia, estava Preobrajenski, amplamente conhecido como um dos principais direcionadores da orientação econômica que tinha como líder partidário Leon Trotsky, com o qual veio a romper tempos depois.

---

14 Ao calor da luta, Bukharin pronunciou uma célebre frase que anos mais tarde iria lhe custar muito caro quando caiu em desgraça perante Stalin. “Devemos dizer o seguinte a todos os camponeses, a todas as classes de camponeses: enriqueçam, acumulem, desenvolvam suas agriculturas. Somente os imbecis podem afirmar que a pobreza deve sempre existir entre nós; no momento devemos aplicar uma política que elimine a pobreza. A acumulação na agricultura significa demanda acrescida de produtos industriais, o que por sua vez, estimula o desenvolvimento de nossa indústria e produz, em troca, os efeitos positivos na agricultura”. Cf. Rodrigues, R. P. O colapso da URSS – um estudo das causas. Tese doutorado – USP. São Paulo, 2006.

Este economista não se colocou de forma completamente contrária à aliança do governo com os camponeses, porém, suas divergências teóricas com Bukharin eram notórias. Para Preobrajenski, Bukharin teria formulações meramente utópicas sobre a economia do momento, que beiravam a “antirrevolução”. Segundo Preobrajenski, tal desenvolvimento lento e gradual e a acumulação de bens no campo implicariam sérios e iminentes riscos à continuidade das Repúblicas Soviéticas, considerando a todo o momento o “fantasma” permanente da possibilidade de uma nova agressão imperialista e tendo em vista o isolamento e o bloqueio severo mantido pelo capital internacional. Com isso, a Rússia e os países então socialistas tinham apenas suas próprias fontes como recursos.

As ideias de Preobrajenski eram da “acumulação socialista primitiva”<sup>15</sup>, que, segundo ele, seria uma fase preliminar do socialismo. Para isso, seria de vital importância a rápida industrialização da Rússia, tornando-se inviável a política proposta por Bukharin, que permitiria o acúmulo de capital no campo e pouco contribuiria para a política de industrialização. Com isso, mesmo tendo sido relativamente bem sucedidas as políticas da NEP, o arrocho nas cargas tributárias aos camponeses tornou-se uma prerrogativa na teoria econômica de Preobrajenski.

Junto com o acirramento tributário aplicado aos camponeses, veio também uma política de valorização de produtos industrializados visando à recuperação do setor, a desvalorização dos produtos agrícolas, como objetivo elevar a Rússia a um patamar industrial com capacidade econômica e produtiva suficiente para depender o mínimo possível de importações.

Esta prática comercial, *a priori*, apresentou resultados significativos no que tange a aceleração industrial. Em contrapartida, ocasionou o que ficou conhecida como Crise das Tesouras<sup>16</sup>, que deflagrou manifestações e movimentos de greves

---

15 O conceito enfatiza a possibilidade da constituição de uma transição ao socialismo pelo uso do planejamento estatal e de trocas desiguais entre o setor privado agrário e artesanal com o setor industrial estatal em uma economia capitalista ex-colonial, até mesmo semicolonial, conseqüentemente a etapa de acumulação capitalista primitiva foi ausente ou fraca ao desenvolvimento do capitalismo avançado, pré-condição favorável à constituição de uma estrutura produtiva socialista, sendo assim, fazia-se necessário que na acumulação socialista se desse de forma a viabilizar a efetivação das condições exigidas na etapa primária do socialismo.

16 A crise recebeu esse nome porque num dos informes econômicos às reuniões do Partido, apresentado por Trotski, ele mostrou um gráfico em forma de tesoura. Nesse gráfico, duas retas cruzavam-se, uma declinante (representando a trajetória dos preços agrícolas) e outra ascendente (dos preços dos produtos manufaturados)

por conta da crise que se prenunciara no campo devido à tamanha dicotomia entre os preços dos produtos agrícolas e industriais. Tais condições separaram cada vez mais as “hastes da tesoura” – termo usado pelo historiador inglês E. H. Carr em sua obra *A revolução Russa: de Lenin a Stalin* (1981) para explicar que havia uma defasagem entre os preços dos produtos agrícolas e manufaturados decorrente da recuperação da produção agrária, proporcionada pela NEP, que havia liberalizado o mercado, não acompanhada pelo volume de produtos das indústrias soviéticas.

Mesmo com algumas divergências de aceitação, o preterimento dos planos econômicos de Bukharin fez com que Preobrajenski, apesar de nesse momento já estar em desacordos políticos com seu mentor Trotsky, liderasse esse novo momento político e econômico nas Repúblicas Soviéticas, estando agora do lado de Josef Stalin, personagem, cuja política governamental será um ponto importante a ser analisado neste trabalho.

No fim de 1932, a crise das tesouras se acirra e os preços de produtos agrícolas e industrializados entram em uma disparidade nunca vista antes. Os preços dos ditos produtos industrializados ultrapassavam a porcentagem atingida somente em 1913. Porém, diferentemente das altas anteriores que ocorreram devido a escassez produtiva, tanto agrícola quanto industrial, no auge da NEP, a Rússia e seus países submetidos, tiveram uma colheita de grande rendimento e fartura, fazendo com que os depósitos dos camponeses, desestimulados a entregarem seus produtos a preços baixos, ficassem abarrotados.

A crise, portanto, não é causada por uma insuficiência da produção, mas pela impossibilidade de garantir a troca dos produtos industriais e agrícolas. Os camponeses, embora necessitem deles urgentemente, não podem comprar os artigos industriais por serem muito caros. (CROUZET, 1999, p. 341).

O momento também conta com agitações operárias dentro da classe proletária e greves surgem nas fábricas da indústria pesada. Havia, nos centros de Moscou, uma economia paralela longe das fiscalizações do Estado. Milhares de *nepmen* – comerciantes intermediários, que acabaram fortalecendo uma economia privada com a comercialização de produtos industrializados que conseguiam livrar das tributações do Estado.

Para conter o avanço do comércio paralelo, como também atenuar a crise das tesouras, o Estado interviu a favor dos preços de produtos agrícolas, que coincidiu com uma significativa colheita de cereais, somada a uma parcela de produtos que ainda permaneciam nas mãos dos camponeses que hesitavam em vender devido aos baixos preços. Isso permitiu um aumento significativo de exportações destes produtos, fortalecendo alguns agricultores que não demoraram a acumular capital, pois, como previu a NEP, esse estímulo seria um dos fatores que ajudaria na produção agrícola.

A crise não se atenuou suficientemente dentro de toda república soviética, visto que, na cidade, o trabalhador continuou a viver oprimido pela fome. No campo os camponeses mais abastados reproduziam práticas capitalistas de arrendamento e compra de terras, e, oprimidos, os pequenos agricultores foram submetidos e explorados dentro do processo de acúmulo de capital.

A NEP revela-se incapaz de desenvolver as formas produtivas da agricultura e o país acha-se a “beira da fome”. Agrava-se o processo de diferenciação social e os camponeses abastados alugam cada vez mais, terras e mão de obra concentrando em suas mãos a utilização do solo e dos meios de produção (CROUZET, 1996, p. 342).

Devido ao fantasma constante da “antirrevolução”, representada na figura dos Kulaks, os pequenos proprietários de terras (a partir de seis acres), que além do próprio trabalho empregavam outros camponeses em suas fazendas, configurando trabalho assalariado no campo, eram considerados, pela política stalinista, uma afronta ao regime vigente, sempre na iminência de medidas extremas em forma de repressão e perseguição.

Essa política de repressão e de acirramento tributário sobre os camponeses fossem eles prósperos ou não, foi só o começo de uma série de radicalismos cometidos de forma sistemática pelo governo de Josef Stalin, que após a morte de Lênin, em 1924, assumira o poder de forma centralizada, autoritária e despótica. Tal forma de governar, conhecida como Stalinismo, perpetrou na história uma longa carga de culpa ao marxismo pelos acontecimentos que se deram em 29 anos de tal

governo, cuja governabilidade, no auge de seu poder, assemelhava-se mais ao “despotismo oriental”<sup>17</sup> do que à uma sociedade comunal.

## 2.4 O PLANO QUINQUENAL

De forma cronológica, mas principalmente para embasar historicamente o objeto principal deste trabalho – o genocídio Ucrâniano, se faz pertinente elencar sobre a política do “Plano Quinquenal” e sua estratégia econômica estabelecida nas repúblicas soviéticas.

O plano iniciou-se em 1929, tendo como proposição não só o fortalecimento, mas o avanço no setor industrial da Rússia, onde já havia uma mínima estabilidade, mas que para um país que pretendia sustentar-se em um sistema socialista, porém isolado, ainda era pouco. Durante os próximos cinco anos, toda a União Soviética, principalmente as cidades centrais na Rússia, dependeriam da arrecadação do campo para esse fortalecimento, fator que será analisado de forma especial nessa pesquisa.

Essa nova política econômica não demorou em apontar resultados satisfatórios, visto que a lentidão do crescimento econômico dos tempos da NEP deu lugar a um entusiasmo “aventureiro” motivado pelos avanços da indústria. É pertinente deixar claro que tal entusiasmo partira da cúpula política do governo central e do setor industrial, porque no campo esses resultados eram inversamente proporcionais. Como já dito, o capital investido na indústria vinha majoritariamente das arrecadações feitas através de uma política de tributação autoritária sobre os camponeses.

Uma revolução pelo alto, um processo de industrialização e urbanização sem paralelos na história humana até aquele momento, inédito pela sua realização recorde. Depois de estabelecidas as primeiras metas, até o final do ano de 1929 seria aprovada uma variante ótima para o Primeiro Plano, na qual as metas mais cautelosas foram sendo trocadas por objetivos sempre mais ousados. (RODRIGUES, 2006, p.81).

---

17 A noção de despotismo oriental passou por três etapas. Nas narrativas de viagem de J. B. Tavernier e nos escritos de Montesquieu, (*O século de Luís XIV*, Carl GRIMBERG, 2001) designa os regimes políticos dos impérios médio-orientais e orientais, vistos como autocracias arbitrárias, cruéis, faustosas, ruinosas para os seus povos.

Tais metas a serem atingidas não eram estabelecidas entre acordos, tampouco em discussões democráticas com os produtores, mas de forma centralizada, de cima para baixo, por representantes técnicos e dirigentes do órgão responsável, o GOSPLAN, criado em 1921 apenas como centro de planejamento, mas ganhou uma importância significativa e se tornou nos anos 30 o principal organismo de controle estatal da economia.

Em uma alocação de recursos que se tornaria um padrão na URSS por décadas, já durante o primeiro plano de cinco anos os setores de indústria pesada, energia e infra-estrutura de transportes receberam prioridade máxima, absorvendo 78% do total dos investimentos. (HOBBSAWM, apud NOVE, 1991, p. 31).

Esse arrocho não se deu exclusivamente no campo, contudo, foi o foco principal das tributações. O setor industrial, apesar de crescer, tinha na sua força motriz o trabalhador como mais uma “vítima”, pois para aumentar mais o lucro industrial, houve um declínio significativo no salário dos operários. Segundo Richard PIPES, em 1933, os trabalhadores recebiam apenas um décimo do que costumavam ganhar às vésperas do avanço industrial, em 1926. Porém, no campo político internacional, tal crescimento colocava em xeque as críticas ao sistema socialista, tendo em vista que, desde 1929, os países capitalistas enfrentavam uma crise sem precedentes, em que o próprio sistema beirava o colapso diante das dificuldades econômicas em quase todo o globo. Contrariando isso, a Rússia, nesse momento, gozava de um crescimento industrial que lhe permitira avançar em muito no campo econômico, apesar de sobrecarregar a economia dos países a ela anexos.

Além de uma severa crise econômica, o Ocidente convivia também com sérias contradições entre os distintos imperialismos que se preparavam para uma nova guerra pela repartilha do mundo. Enquanto os países capitalistas mais avançados atravessavam uma severa crise, mergulhados na depressão e na estagnação, a URSS se beneficiou temporariamente de confusão e conflitos entre eles e pode crescer em ritmos muito superiores à média do mundo capitalista, atraído a atenção e despertando a admiração não só de aliados. Como os demais severos críticos anticomunistas que passaram a fazer caravanas até Moscou para observar *in loco* as vantagens do planejamento (RODRIGUES, 2006, p. 84).



Toda essa economia, instituída pelo Plano Quinquenal, teve como direcionamento a produção de bens de capital: aço, ferro, carvão, óleo e maquinaria pesada. A preocupação com a indústria pesada não foi apenas em decorrência da necessidade econômica, mas também por interesses bélicos, pois o isolamento dos países soviéticos lhes obrigava a estar sob a iminência de conflitos armados. A reorganização dos países capitalistas na Europa, devido à crise, também foi uma preocupação Russa, antevendo a possibilidade de um conflito global:

A parcela de orçamento alocada de alguma forma à defesa nacional saltou de 3.4% em 1933 para 33% em 1940, como se o país pressentisse antecipadamente sobre quem recairia a maior porção da ira nazista (REIS FILHO, 1997, p. 56).

Não se pode afirmar que o Plano Quinquenal foi elaborado de forma teórica, previamente, assim como fora a NEP, que obteve resultado insuficiente. Pode-se dizer que foram razões de ordem prática que impulsionaram o plano. O impasse criado pela NEP exigia uma reformulação rápida e eficaz, o que explica o caráter radical dos Planos Quinquenais já nos seus meses iniciais.

Até o início dos anos 1940, devido ao estado de guerra que, não só a Europa, mas boa parte do mundo se encontrava, os planos quinquenais desapareceram em meio as urgências da guerra, porém, em termos de industrialização, com um saldo significativo, em que União Soviética, sob a égide de Stalin, pôs-se em igualdade, ou até superioridade, à grande maioria dos países capitalistas. A notoriedade e supremacia chancelavam o governo de Stalin, apesar da história, no seu transcorrer, desvendar que os custos desse processo foram humanamente catastróficos.

Após este levantamento sucinto do sistema econômico vigente na Rússia e suas Repúblicas Soviéticas dos anos 1930 em diante (que aqui nos interessa), será pertinente analisarmos de forma mais minuciosa como se deu o processo de industrialização, não somente nas fábricas, mas principalmente na sua implementação, ou seja, o que realmente esteve por detrás deste desenvolvimento rápido e intenso da indústria russa. Como isso foi possível? Quais foram os fatores que explicaram este vertiginoso crescimento?

Alguns autores apontam, como a gênese deste desenvolvimento, certas premissas que serviram como base para a revolução em 1917. Robério RODRIGUES salienta que:

Uma transformação tão gigantesca não pode ser explicada sem levar em conta em primeiro lugar a erradicação do capitalismo e da propriedade privada, a nacionalização dos principais meios de produção, monopólio do comércio exterior e o planejamento centralizado a partir do Estado (RODRIGUES, 2006, p.91).

Assim, segundo ele, a gênese socialista consistia em um Estado centralizado, forte e com o poder não só da captação, mas de (re) alocação de recursos. Uma condução planejada desse desenvolvimento também foi de vital importância, e assim, uma possível explicação para o “fenômeno” stalinista. Para o historiador Richard Pipes, as artimanhas individuais de Stalin serviram como possíveis motivações para um povo, recém-saído da “semifeudalidade”<sup>18</sup>, aventurar-se numa entrega, quase que total, a um ideal socialista, mesmo que para isso custasse sua recém-conquistada liberdade.

O governo conseguiu aumentar o entusiasmo com a “construção do socialismo” prometendo que isso aprimoraria significativamente o padrão de vida. Mas isso foi um chamariz que iludiu o consumidor. Na realidade o padrão de vida declinou vertiginosamente. (PIPES, 2002, p. 74).

A orientação do autor se confirma ao analisarmos que o financiamento para a motivação à industrialização implicou na queda drástica dos valores de salários recebidos pelos operários. Fato aqui já relatado nas referências aos estudos do historiador Alec Nove. Igualmente, é pertinente salientar o fato da juventude russa ainda viver sob os signos da “glória” da Revolução, dispondo de energia e entusiasmo, tanto no campo do trabalho quanto no campo militar.

A partir destes pressupostos, é possível compreender os planos econômicos implantados ou impostos no período Stalin e também que houve um conjunto de fatores que contribuíram para explicar esta ascensão soviética, sobretudo quando se busca uma compreensão a partir das fontes econômicas e aparentemente ligadas ao conceito de progresso. Coube aos historiadores compreender que a indústria soviética não se levantou apenas de motivações e entusiasmo: a proximidade com o

---

18 Na Rússia entre o fim do século XIX e o início do século XX, ainda existiam trabalhadores, em suas regiões mais afastadas, que se submetiam as relações de trabalho de maneira servil. O termo semifeudal não é raro ao se referir a alguns países do leste europeu nesse período.

despotismo oriental, que serviu como premissa à Stalin, e a maneira que foram feitas as arrecadações junto aos camponeses, também alicerçaram o impulso industrial.

A partir daqui, direcionaremos esta pesquisa a uma análise do período que ficou conhecido na história como a “Década do terror”, sobretudo para os países soviéticos sob o jugo da Rússia. O que alguns historiadores, quase que em tempo real aos fatos, chamaram de “O grande salto dos anos 30”, revelou-se como um período em que os métodos de coerção, de arrecadação de impostos, sobretudo de cereais, ficaram marcados na história por sua radicalidade e crueldade na aplicabilidade dos planos governamentais.

Este método radical de arrecadação de grãos junto aos camponeses ficou conhecido como coletivização, ou seja, não somente indústrias, comércios e bancos agora era parte inerente ao Estado, mas tudo o que se plantava em qualquer campo dos países soviéticos. O começo das coletivizações se deu em 1927, porém, organizou-se de forma sistemática a partir dos Planos Quinquenais, tornando-se, assim, a maior fonte de arrecadação do Estado nos dez anos seguintes.

Dentro da máxima do governo de combater qualquer indício de capitalização individual, os Kulacs, que durante a NEP conseguiram desenvolver uma “aristocracia”, mesmo que velada, foram os primeiros e principais alvos da coletivização, sendo declarados pelo governo como traidores da revolução.

Os bolcheviques chamavam um fazendeiro de vilarejo que possuía mais que 24 acres de terra ou empregava trabalhadores na fazenda de kulaks – a palavra russa para “punho”. Stalin os via como potenciais líderes de uma futura insurreição e, em 1929, proclamou a política de “liquidar” os kulaks como classe. (CAWTHORNE, 2012, p. 212).

A tributação em forma de arrecadação, que já era feita sobre a produção dos camponeses, agora não mais era uma arrecadação, mas um confisco feito pelo Estado. Os camponeses tiveram suas terras confiscadas pela coletivização e toda sua produção era propriedade governamental, não restando, muitas vezes, o suficiente para sua subsistência.

Este modelo de plantação coletiva imposto por Stalin, não ocorreu apenas na Rússia, mas em quase todo território soviético, onde algumas regiões foram especialmente atingidas pela coletivização, devido à fertilidade do solo. Regiões

como o Cáucaso, a Ucrânia, o Baixo Volga e, mais tarde, a Criméia, foram as que mais padeceram sob este processo que, em termos de perdas humanas, teve um resultado trágico.

Este sistema de produção coletiva não se deu sem um planejamento ou meta, pelo contrário, houve uma enorme mobilização do governo para realocar as tropas de maneira que pudessem arregimentar trabalhadores em forma de campos coletivos, que ficou conhecido como Kolkoses, que, a princípio, foram encorajados a trabalhar nos campos para o Estado, o que mais tarde se tornou uma atividade compulsória.

Essa medida destina-se a reconstituir a agricultura em novas bases: reunir os milhões de lavouras particulares que cultivavam centenas de milhões de parcela de terras, na maioria minúsculas, e que constituíam um obstáculo ao desenvolvimento de uma agricultura racional (CROUZET, 1996, p. 248).

Com o intuito de sistematizar a produção nos campos soviéticos, iniciou-se, durante a década de 1930, uma mudança significativa na geografia e política das Repúblicas Soviéticas, em que o trabalho forçado era uma constante na busca por uma alta produção em tempo reduzido. Para tal, o recrutamento obrigatório, na maioria das vezes feito pelo exército e de forma violenta, deu a tônica do período. A execução do plano coletivo nos campos, com seu alto poder de arrecadação, só foi possível pelo teor majoritariamente militar imposto sobre camponeses.

A grande prioridade, que Marx denominava de Setor I da economia em “O Capital” (1988), partiria da orientação de preterir setores da indústria leve, também conhecida pelo autor como Setor II. Neste bojo de negligências a alguns setores, abarcaria também os setores da construção civil, que tinha como foco a habitação, mergulhando a URSS num período de carências e restrições, mesmo aos que não moravam no campo.

A ideia de acumulação, mesmo que contraditória ao sistema comunal, tornou-se uma prioridade na política econômica de Stalin, tendo em vista que sua legitimação se daria através do objetivo de “ultrapassar” o capitalismo, em termos de capacidade econômica. Metas foram buscadas através do arrocho sobre a população soviética em todos os setores, levando grande parte da população à miséria.

Ao estabelecer uma lógica de disputa com o capitalismo na arena econômica, além de ter de armar-se para enfrentar a constante ameaça de agressão, o ritmo de acumulação da URSS passava a ser ditado não pelas necessidades internas do país, mas antes de tudo pela competição com o Ocidente. Assumia-se assim a mesma lógica de acumulação do capitalismo, mas que em um grau mais elevado, pois se tratava de conseguir em muito menos tempo o que o capitalismo levou séculos para conquistar (ROBÉRIO, 2006, p. 93).

Todo este investimento voltado à indústria pesada não demorou em alargar ainda mais um problema já antigo na Rússia e agora em todos os países soviéticos, em que a carência, ou quase inexistência de bens de consumo, era uma realidade. A submissão da população ao trabalho forçado nos campos não foi o único reflexo das coletivizações, pois produtos básicos para a subsistência não estavam ao alcance da população devido a lógica da economia vigente.

Para corroborar com a tentativa de análise deste crescimento industrial na URSS, não poderíamos deixar de salientar que toda a força motriz que fazia girar este sistema de avanço industrial vinha da mão de obra dos trabalhadores. Assim, os camponeses “engordavam” os celeiros do Estado com suas colheitas e os operários das fábricas eram explorados à exaustão, não diferente das penúrias sofridas nos primórdios do capitalismo, paradoxalmente tão combatido pelo novo sistema vigente: o comunismo.

Retornando a um dos pontos centrais desse estudo, nos aprofundaremos na história da construção e das consequências trazidas pelo plano de coletivização nos campos da URSS. Para isso, se faz pertinente contextualizar geograficamente quais países foram anexados à Rússia pela política soviética e, dentre eles, quais foram os principais alvos da coletivização.

As anexações de muitos países do leste Europeu à Rússia foram variadas, pois não foram feitas ao mesmo tempo, e muitas destas anexações não aconteceram de forma amistosa. Para a finalidade deste trabalho, as análises de algumas repúblicas, em específico, tiveram maior importância devido à sua relação direta com as coletivizações, entre elas a República da Bielorrússia, do Uzbequistão, Lituânia, Letônia, Moldávia, e a que nos desperta maior interesse, a da Ucrânia. Estes países foram todos sistematicamente abarcados pelos planos quinquenais do governo Stalin, cujos campos agrícolas foram explorados até a penúria durante quase toda a década de 1930.

Na prática, apesar de sistematizado, o plano de coletivização era demasiado simples. Partia de um poder centralizado – e isso a URSS tinha na figura de Stalin, de um contingente burocrático para aparelhamento dos planos econômicos. Tal contingente era mantido através do sistema de terror já imperante no modo de governar de Stalin. Deste modo, todos os seus “agregados” políticos esforçavam-se ao máximo para praticar todo e qualquer plano do governo central. Também foi necessário um contingente militar para colocar em prática a arrecadação e estatização de todas as propriedades dos campos da Rússia e dos países sob seu comando.

Nesta coletivização dos campos, não eram apenas os kulaks os atingidos, mas toda e qualquer propriedade camponesa que fosse capaz de produzir, mesmo que em quantidades mínimas. A captação dentro destas pequenas propriedades, agora sob a égide do Estado, fazia parte de uma arrecadação maior.

Os camponeses “medianos” e “pobres” também perderam tudo que tinham, inclusive seus implementos agrícolas e animais – ou o que restara dos animais depois de os terem abatidos ao invés de devolverem; as propriedades foram entregues a fazenda coletiva. (PIPES, 202, p. 77).

Estes camponeses não só tiveram suas terras confiscadas em nome do Estado, mas também foram obrigados a trabalhar como forma de pagamento por sua permanência nela. Assim, os trabalhadores rurais, sendo eles antigos proprietários de terras ou não, eram obrigados a destinar alguns meses de seu trabalho durante o ano para trabalhar nos campos, que agora pertenciam a coletivização, em troca de salários irrisórios, que quase nunca eram pagos em dinheiro – o rublo, mas em cereais por eles cultivados. Iniciava, então, uma década de fome e privações aos camponeses, pois muitos deles não atingiam a meta estabelecida pelo governo e eram severamente punidos com a tributação de uma parte ainda maior de cereais os quais eram a base de sua alimentação.

Apesar de redundante, é importante ressaltar que não foram raros os casos de desespero, por parte dos camponeses, por não terem qualquer mantimento. Alguns se aventuravam na apropriação de algum alimento longe da fiscalização dos arrecadadores de campo – como eram conhecidos os agentes de alimentos do

governo. Quando descobertos, tais aventureiros eram tratados como criminosos perigosos, inimigos da Revolução.

Para inibir tal prática, foi instituído, em 1932, um decreto que autorizava, sem pré-julgamento, a pena de morte ou a dez anos de trabalhos forçados nos gulag's<sup>19</sup>, qualquer roubo a propriedade socialista. Segundo PIPES (2002), nos dezesseis meses que seguiram essa lei, cerca de 125 mil camponeses foram condenados, 5.400<sup>20</sup> à morte. A degradação do camponês, causada pela coletivização, foi igual ou maior que no seu passado de servidão, anterior ao final da década de 1850.

Figura 02 : kulaks sendo despejados de suas pequenas propriedades na Ucrânia nos anos 1930.



Fonte: Nigel Cawthorne, "Os crimes de Stalin" (2012)

Com relação à precariedade de vida dos camponeses na região do Cáucaso, Alec Nove ressaltou: “seu novo status era o de trabalhador escravo que recebia o mínimo para subsistir: pelo trabalho opressivo em 1935, uma casa camponesa ganhava do kolkhoze 247 rublos por ano, o bastante para comprar um par de sapatos” (NOVE, 1973, p. 54).

---

19 Sistema de campos de trabalhos forçados para criminosos, presos políticos e qualquer cidadão em geral que se opusesse ao regime da União Soviética.

20 Números que podem ser considerados em maior quantidade devido a estudos posteriores feitos sobre o período. Cf. FRANCO, J.E. (2012).

Logo, em algumas regiões, deflagraram-se certas resistências às coletivizações, em que colonos levantaram-se contra os fiscais de campo de governo, resultando-lhes em retaliações ainda mais brutais, o que era uma constante no estilo stalinista de governar. Tais resistências dos camponeses, no norte do Cáucaso, Cazaquistão e, sobretudo, na Ucrânia, levaram Stalin a instaurar nessa área, entre 1932 e 1933, uma arrecadação ainda maior de alimentos sobre os camponeses que acabou “condenando” à morte pela fome sete milhões de pessoas, mais tarde conhecido como o genocídio ucraniano.

## **2.5 A FOME NOS CAMPOS UCRANIANOS**

Como vimos, a trajetória social e política da Ucrânia se interpela com as trajetórias da Rússia em diversos momentos. Seguramente, ao estudarmos a história de qualquer uma destas nações, veremos esse intercâmbio, seja ele cultural, social, econômico, político, ou até mesmo todos.

Para contextualizar a relação entre a Ucrânia e a Rússia, a fim de orientar este trabalho, partiremos da análise do período quando estes dois países têm seus rumos ligados por conflitos bélicos, sobretudo a Primeira Grande Guerra. Foi por meio do Tratado de Brest–Litovski, assinado no início de 1918, que a Rússia abriu mão de exercer sua supremacia sobre uma grande área pertencente ao território ucraniano. Porém, o Tratado foi anulado a partir da derrota dos Impérios Centrais, ao final da Primeira Guerra Mundial, e o território passou a ser disputado na Guerra Polaco-Soviética<sup>21</sup>.

Com o colapso dos Impérios Russo e Austríaco, após o término da Primeira Grande Guerra, e também a Revolução Russa de 1917, houve o ressurgimento do movimento nacional ucraniano em prol da auto-determinação em boa parte da Ucrânia. Em fevereiro de 1917, com o fim do czarismo, não demorou a começar a disputa pelo poder entre o Governo Provisório de São Petersburgo e o Rada Central de Kiev, que representava o parlamento da Ucrânia.

---

21 Conflito armado envolvendo a Rússia Soviética e a Polônia de fevereiro de 1919 a março de 1921.



Ainda no final de 1917, após a ascensão dos bolcheviques ao poder, o primeiro Congresso dos Sovietes da Ucrânia proclamou o domínio sobre as regiões mais a leste da Ucrânia, com sede em Carcóvia. Porém, o Rada se aliou às tropas austro-alemãs que invadiram o país na primavera de 1918, determinando, assim, uma posição contrária aos Russos bolcheviques que há pouco tinham tomado o poder.

Até 1920, a Ucrânia foi o campo principal de batalha do conflito entre o governo russo e seus inimigos internos e externos. Com o fracasso polonês na Ofensiva de Kiev (1920), ato final da Guerra Polaco-Soviética, em março de 1921, foi assinado o compromisso de Paz de Riga<sup>22</sup>, entre a Polônia e os bolcheviques, acordo que voltara a dividir a Ucrânia, cuja porção ocidental foi anexada à nova Segunda República Polonesa e a parte maior, no centro e no leste, transformou-se na República Socialista Soviética Ucraniana, posteriormente unida à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

A trajetória feita neste estudo até aqui, teve e tem por objetivo trazer um aporte histórico, teórico e conceitual sobre as primeiras décadas da URSS, em que descrevemos antecedentes e consequências da Revolução Russa, desdobramentos dentro da política e economia para a formação de um estado socialista, sobretudo forte. Buscamos também compreender a formação geográfica das Repúblicas Soviéticas. Tal levantamento se fez necessário para que agora possamos analisar um caso específico, em que o governo soviético, através das coletivizações, marcou, de forma trágica, a história da Ucrânia no séc. XX.

Para analisar um fato histórico, ocorrido na década de 1930, e com consequências nos dias atuais, faremos, a partir de agora, o caminho inverso da história, partindo do presente para o passado.

O Holodomor, que na sua tradução literal significa “morte (causada) pela fome”, ocorrido na Ucrânia entre 1932 e 1933, teve e tem seus desdobramentos até o presente, tendo em vista as mobilizações internacionais pela busca do reconhecimento do fato como genocídio. Tais manifestações começaram a percorrer

---

22 Assinada em Riga em 18 de março de 1921, entre a Polônia, a Rússia Soviética (atuando também em nome de Belarus soviética) e a Ucrânia Soviética. O tratado acabou com a guerra polaco-soviética.

o mundo após o fim da URSS, sobretudo, com a abertura e acessibilidade aos documentos do governo stalinista.

Já em 1956, logo após a morte de Josef Stalin, começaram a vir à tona as atividades totalitárias (usando o termo de Hannah Arendt) do governo comunista no “discurso denúncia” de Nikita Khrushchev<sup>23</sup>. Faziam parte deste relatório de denúncias as mortes ocorridas pelas políticas de coletivização dos campos na Ucrânia, que, segundo estudos que serão elencados posteriormente, chegaram a sete milhões de vítimas. O relatório de Khrushchev teve seu texto divulgado na íntegra em março de 1989, já com a dissolução da URSS em curso. Hoje, após muitas imagens, documentos, relatórios e denúncias que foram lançados à luz da história, vinte e seis países, inclusive o Brasil, reconhecem o Holodomor como genocídio.

As mortes decorrentes das coletivizações ainda são motivos de algumas divergências entre ordens diplomáticas até hoje, devido ao fato de não ser considerado um holocausto. Esse tipo de comparação ao ocorrido com judeus e ciganos, no período nazista, é uma constante quando o assunto é legitimar ou não a alcunha de holocausto. Ao apontarmos o número de vítimas, definitivamente não se pode negar o teor genocidiário do Holodomor, pois, se estima, segundo a Comunidade Internacional dos Direitos Humanos, que sete milhões de ucranianos morreram devido à fome, números que impressionam ainda mais, considerando que o fato ocorreu no período de apenas um ano, entre 1932 e 1933. Outro fato de comparação entre as vítimas de Hitler e de Stalin é de que alguns historiadores, como José Eduardo Fraco, autor de *Holodomor: a tragédia desconhecida da Ucrânia*, 2014, deram um teor étnico à tragédia ucraniana, tal qual foi na Alemanha nazista, fato que pouco se confirma se analisarmos que as coletivizações e, conseqüentemente, a morte pela fome, também foi instituída nos campos da própria Rússia, porém, em números menores de vítimas entre os russos.

Como contraponto, é importante que tenhamos consciência que após a Segunda Guerra, e principalmente a partir da década de 1950, houve uma catarse das ideias socialistas advinda do marxismo, culminando numa considerável

---

23 Secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) entre 1953 e 1964 e líder político do mundo comunista até ser afastado do poder por sua perspectiva reformista e substituído na direção da URSS pelo político Leonid Brejnev.

produção intelectual e midiática de combate ao comunismo ou totalitarismo, como muitos mencionam. Na esteira dessa cruzada anticomunista, um considerável volume de trabalhos foi desenvolvido, tendo muitas vezes, um intuito denunciante das políticas autoritárias na Europa.

Assim sendo, é importante considerarmos, sobre o Holodomor, que boa parte desses trabalhos foi produzida por intelectuais com determinada ligação com a causa, seja ela étnica, política, cultural ou religiosa. Dentro da historicização do Holodomor neste trabalho, muitas obras utilizadas foram produzidas por imigrantes e descendentes ucranianos, membros da igreja católica ucraniana, entre eles, padres e bispos, podendo em determinados momentos conflitar a imparcialidade.

Entre os autores que serão utilizados nessa discussão, está Pe. Haneiko, nascido em 1910 na Ucrânia, falecido em 1999, no Brasil. Ele foi pároco das igrejas do rito ucraniano nas cidades de Mallet-PR, Castro-PR e Curitiba-PR, onde também foi eleito deputado Estadual em 1958. Autor da obra “Em defesa de uma cultura” (1974), também teve vários discursos publicados, a maioria deles em defesa da divulgação dos horrores do Holodomor. Tal ligação do autor com o tema nos indica atenção para o discurso comprometido com a causa, que por vezes nota-se o teor “vitimizador” da leitura que o autor faz sobre o fato. Não se questiona aqui, a veracidade de sua obra, mas as diversas perspectivas possíveis sobre o genocídio.

A inclusão de vítimas não judias no termo "Holocausto" é contestada por muitos estudiosos e líderes de ONG's, como Elie Wiesel<sup>24</sup> e por organizações como a Yad Vashem<sup>25</sup>, criada para homenagear as vítimas do Holocausto. Compreendem que a palavra foi originalmente concebida para descrever o extermínio dos judeus e que o Holocausto judeu foi um crime em uma escala tal, e de tal totalidade e especificidade, como a culminação da longa história do antissemitismo europeu, que não deve ser incluído em uma categoria geral com todos os outros crimes.

A própria questão da existência do genocídio na Ucrânia é assunto discutível entre alguns intelectuais. O historiador norte-americano Grove Furr, professor da Universidade de Montclair, no estado de Nova Jersey, lançou a obra, ainda sem

---

24 Escritor judeu, sobrevivente dos campos de concentração nazistas, que recebeu o Nobel da Paz de 1986, pelo conjunto de sua obra de 57 livros, dedicada a resgatar a memória do holocausto e a defender outros grupos vítimas das perseguições.

25 Associação e memorial oficial de Israel para lembrar as vítimas judaicas do Holocausto. Foi estabelecido em 1953 através da Lei Yad Vashem passada pela Knesset, o Parlamento de Israel.

tradução para o português, “Khrushchev lied” (FURR, 2007), apontando para os erros nas denúncias feitas por Khrushchev e indicando uma conspiração anti-stalinista. Em uma entrevista concedida para o jornal *A verdade*<sup>26</sup>, em 2011, ele ressalta a intencionalidade dos países anexados à URSS em atuar no sentido de construir uma identidade de uma “nação vítima”, citando o caso do Holodomor, na Ucrânia. De acordo com Furr,

O Holodomor é um mito. Nunca aconteceu. Esse mito foi inventado por ucranianos nacionalistas pró-fascistas, junto com os nazistas. Douglas Tottle comprovou isso em seu livro *Fraud, Famine and Fascism* (1988). Arch Getty, um dos melhores historiadores burgueses (isso é, não marxistas, não comunistas), também tem um bom artigo sobre isso. Até o próprio Robert Conquest deixou de defender sua antiga versão de que os soviéticos deliberadamente causaram a fome na Ucrânia. Nenhuma sombra de prova que poderia confirmar essa visão jamais veio à luz. O mito do “Holodomor” persiste porque ele é o “mito fundacional” do nacionalismo direitista ucraniano. Os nacionalistas ucranianos que invadiram a URSS juntamente com os nazistas mataram milhões de pessoas, incluindo muitos ucranianos (FURR, entrevista ao jornal “*A verdade*” em 21 de setembro de 2011).

Como proposto anteriormente, analisaremos a seguir a crise na Ucrânia em 1932 – 1933, a partir de uma historiografia que aponta o Holodomor como uma realidade irrefutável. Não foi por acaso que a região da Ucrânia foi uma das mais atingidas pelas coletivizações, pois estava situada na parte sul da Europa Oriental, ao norte do Mar Negro. Tinha os rios Dnipró e Dnister como meios de comunicação fluvial, vitais para qualquer economia e com o solo considerado entre os mais férteis do mundo, excelente para a produção de cereais, que lhes rendera a alcunha de “Celeiro do trigo da Europa”. Como grande produtora de trigo, a Ucrânia era uma terra cobiçada a um país com pretensões tão grandes quanto a Rússia. Lênin, em um de seus discursos, proferiu a seguinte frase: “Não sobreviveremos sem o pão da Ucrânia”. (CAWTHORNE, 2011, p. 133).

Não apenas na fertilidade agrícola estaria interessada a Rússia; ela também tinha conhecimento das riquezas minerais contidas no solo ucraniano. A abundância em carvão mineral, manganês, ferro, gás e mercúrio, ofereciam recursos quase que

---

26 Jornal periódico *online*, tendo como base ideológica os movimentos de esquerda. Site: [www.averdade.org.br](http://www.averdade.org.br).

ilimitados. Tais recursos naturais e econômicos foram suficientes para que, no bojo da formação das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a Rússia não só anexasse, mas explorasse de forma total o território ucraniano.

Outra característica da Ucrânia era de manter um histórico de resistência em relação às imposições feitas por outras nações, as quais, aproveitando-se das suas longas planícies nas fronteiras pouco protegidas, a invadiam na busca do domínio territorial. Isso acabou por constituir um sentimento aguerrido de luta que veio a caracterizar o camponês ucraniano, representado também na figura do Cossaco<sup>27</sup>, como um povo marcado pela destreza e coragem em tempos conflituosos. Soma-se a tudo isso, também, uma relação tensa e belicosa entre a Rússia e a Ucrânia, não apenas durante a Revolução Russa, mas por todo o transcorrer do século XX, estendendo-se ao século XXI.

A queda do Czarismo na Rússia, em 1917, e a tomada do poder pelos bolcheviques, determinaram o curso dos acontecimentos numa repercussão, de certa forma fatal, para a Ucrânia. A resistência armada entre a República Nacional da Ucrânia, constituída em 1917, e a Rússia bolchevista perdurou até 1921, quando não só travaram lutas no campo bélico, mas econômicos e sociais, cujos resultados foram várias sanções da Rússia comunista à recém-formada república ucraniana.

Durante grande parte da década de 1920 o governo russo, ora sob as ordens de Lênin, ora sob a mão forte de Stalin, dominou o território e todos os recursos da Ucrânia mesmo sob várias insurreições dos ucranianos. Essa dominação política e social sobre esta nação foi possível também pela participação dos partidos e comitês comunistas erigidos dentro da própria Ucrânia, que viam na revolução comunista, assim como os russos, uma forma de libertação da escravidão de todo o povo europeu não só da servidão czarista, mas do não menos opressor império capitalista.

No início dos anos de 1930, sob a égide dos planos quinquenais, que foram um instrumento de planificação econômica implantada por Stalin na União Soviética com o objetivo de estabelecer prioridades para a produção industrial e agrícola do país para períodos de cinco anos, a Rússia definitivamente passa a explorar, de

---

27 Povo nativo das estepes das regiões do sudeste da Europa (principalmente da Ucrânia e do sul da Rússia), que se estabeleceram mais tarde nas regiões do interior da Rússia asiática. Os Cossacos são muito famosos pela sua coragem, bravura, força e capacidades militares (especialmente na cavalaria).

forma acachapante, a população agrícola ucraniana, fazendo dos campos do sul da Europa Oriental verdadeiros campos de concentração. A meta de arrecadação estipulada pelo estado veio a aumentar em muito a tributação sobre os colonos, elevando a índices nunca vistos, nem mesmo nos tempos de comunismo de guerra em que toda fazenda coletiva era tributada em 60% de sua produção agrícola. Com isso a Ucrânia tornou-se um dos pontos principais da “deskulaquização”.

É desencadeada, em simultâneo, uma campanha de deskulaquização, tendo por objetivo a «liquidação dos kulaks enquanto classe», ou seja, a erradicação dos camponeses considerados hostis à coletivização socialista da agricultura, acusados de sabotarem as coletas estatais, de acumularem a produção ou de se recusarem a vendê-la (MATOS, 2010, p. 42).

Neste contexto de exploração e violência extrema e institucionalizada a radicalidade é promovida à condição de virtude revolucionária, praticada em forma de discursos de segregação aos kulaks, como vemos nas palavras proferidas pelo dirigente ucraniano Mendel khataevich, quando discursou para ativistas do partido bolchevista.

Têm de assumir o vosso dever com um rigoroso sentido de responsabilidade partidária, sem queixas nem lamentos, sem liberaisismos podres. Deixem a vossa compreensão burguesa pela janela fora, e comportem-se como bolcheviques dignos do camarada Stalin. Verguem os agentes dos kulaks onde quer que eles pretendam levantar a cabeça. Isto é uma guerra – são eles ou nós. Os últimos vestígios decadentes de agricultura capitalista têm de ser eliminados, custe o que custar (MATOS, 2010, p. 53).

Esta campanha de caça aos kulaks e de transformação de todas as propriedades privadas em coletivas, *a priori*, não foi aceita pela maioria dos colonos, o que não mudou em nada o planejamento de metas feito pelo governo, promovendo, durante essa estatização de terras ucranianas, um panorama de violência e arbitrariedade. Os camponeses, que no início se recusaram a entregar suas terras ou nelas trabalhar para o Estado, foram enviados para os campos de trabalhos forçados, os gulag's, nos remotos territórios da Sibéria.

Com o intuito de acelerar os planos de arrecadação e também de dominar e domesticar o povo ucraniano, Stalin decide acirrar as arrecadações de cereais, tendo em vista que a Ucrânia sempre se apresentou de forma resistente a uma dominação.

Segundo o historiador britânico, Robert Conquest, “O povo ucraniano quando ainda não caíam aos milhares pela fome, era uma classe de resistência ao regime comunista. Arregimentavam-se em exércitos camponeses para resistir, mesmo que sem sucesso”, (CONQUEST, 1987, p. 39).

De maneira sistematizada dizimaram-se milhões de colonos ucranianos através da morte pela fome, ou fome “artificialmente” produzida, como alguns historiadores, entre eles, José Eduardo Franco (*Holodomor a desconhecida tragédia ucraniana*, 2012), Paulo Renato Guérios (*Memória, identidade e religião entre os imigrantes ucranianos no Paraná*, 2007), Teodoro Hanicz (*Identidade e fronteiras fluidas: considerações sobre os descendentes ucranianos no Brasil*, 2010), denominaram tal política de extermínio: o Holodomor.

## **2.6 AS CONSEQUÊNCIAS DA FOME**

O século XX foi pautado pela ciência e pela razão, assim como pelo progresso que proclamou mundialmente os direitos humanos e a democracia como caminhos da construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Foi neste século que um dos mais extensivos casos de massacres humanos da contemporaneidade ficou conhecido.

Dentre as diversas pretensões da história, como reconstruir o passado e trazer à tona possíveis verdades sobre os fatos, pautar-se sempre em fontes e documentações, a fim de aproximar-se o máximo possível da realidade, parece ser uma de suas mais importantes funções. Buscar fatos que, durante a história, ficaram presos no silêncio e no proibido, nos faz mergulhar audaciosamente em mares ainda inexplorados. Assim, as fontes, sejam elas oficiais ou não, livros, fotos, imagens e relatos, nos fazem debruçar sobre a memória, elemento imprescindível para a compreensão da história. Esta relação intrigante entre a história e a memória permite abranger ainda mais nossos campos de estudos, revisitando não apenas os “fatos”, mas aquilo que se lembra deles.

Historicamente o que se deu na prática foram anos de tensões e conflitos nos campos ucranianos. Entre avanços e recuos do governo stalinista, no que tange à exploração de recursos dos países anexados, em 1932, sobretudo na Ucrânia, se deu o auge dessa exploração.

No verão de 1932, através de decreto, ficara permitida a captação de 85% da colheita dos campos ucranianos, produção que se tornara fruto da coletivização e trabalho forçado, muitas vezes não restava nem o suficiente para ser utilizado como sementes para o próximo plantio. Em sua maioria, os pequenos camponeses tinham como propriedade áreas entre três e seis acres, onde se produzia não mais que o necessário para o inverno. Com a coletivização e a junção de milhares dessas pequenas propriedades em forma de kolkozés<sup>28</sup>, o governo soviético, durante este período, abasteceu seus celeiros com cereais provenientes destes camponeses.

Ao analisarmos de maneira demográfica as famílias camponesas ucranianas da década de 1930, percebemos que eram formadas, em média, por cinco pessoas, dentre estas, em geral, quatro dispostas ao trabalho no campo. Desta forma, mantinham-se, na maioria das vezes, apenas com a força do trabalho familiar e a fertilidade do solo. Ao mesmo tempo em que se estabelece o plano de coletivização, quase toda a produção se vê nas mãos dos fiscais do Estado, trazendo como consequências a fome e a miséria, que passaram a estar presentes no cenário predominante da época.

Faz-se oportuno salientar que a arrecadação de quase toda a colheita destes camponeses, de forma alguma, se deu de maneira amistosa. Um aparelho de repressão e fiscalização fora muito bem montado pelo governo, tendo em vista que logo após a revolução em 1917, no comunismo de guerra, a tributação forçada fora aplicada com importante resultado. Agora, sob o comando de um governo ainda mais centralizador e unilateral, as fiscalizações e punições aos que não se adequassem eram públicas e exemplares, aos moldes do sistema.

Durante todo o período de plantio e colheita, soldados do governo faziam rondas pelas mais de 240 mil kolkozés, onde fiscalizavam galpões, casas e os próprios camponeses, em busca de algum tipo de alimento que, por necessidade, poderia ter sido escondido. É redundante, porém necessário, citar as condutas hostis e arbitrarias por parte dos fiscais do governo com aqueles que se arriscavam a camuflar algum mantimento. O fuzilamento era uma prática comum para estes casos, seguido de expurgos destes camponeses para os gulags, que para a maioria

---

28 Propriedade rural coletiva, típica Soviética, na qual os camponeses (os kolkozianos) formavam uma cooperativa de produção agrícola. Os meios de produção (terra, equipamento, sementes, etc.) eram fornecidos pelo Estado, ao qual era destinada uma parte fixa da produção.



era também uma sentença de morte. A sistematização da fiscalização chegou ao ponto de, em agosto de 1932, Stalin baixar um decreto conhecido como “Lei das cinco espigas”<sup>29</sup> que punia com dez anos de trabalho forçado para o Estado o infrator que escondesse ou guardasse para si cinco espigas de milho. Quem roubasse um menor número de espigas seria punido com dois anos de prisão por espiga. Caso a quantidade excedesse o que era previsto neste decreto, a pena seria cabal.

Com o passar dos meses, a degradação humana na Ucrânia tornou-se algo que, aos olhos de hoje, beira a incompreensão. Como consequência das arrecadações do Estado, o pouco que sobrava aos camponeses mostrava-se insuficiente para própria alimentação familiar. Em poucos meses a população camponesa ucraniana, especialmente nas regiões de Kharkiv, Odessa e Poltava, estava em estado de carência extrema. Os que dependiam da agricultura para sobreviver, ou seja, 90% da população, foi afetada pela fome.

Em um estudo de 1983, para uma exposição em alusão ao cinquentenário do Holodomor, Pe. Haneiko citou o relato de um estrangeiro que presenciou, de forma ocular, os meses de fome na Ucrânia:

A Ucrânia está absolutamente sem pão: uma população faminta. Vende-se cães, gatos, cuja carne era considerado uma verdadeira delicadeza. A fome relaxava o moral, os homicídios e suicídios se sucediam constantemente. A degradação humana desceu ao nível dos animais. (HANEIKO, 1983, p. 03)

Os efeitos trágicos da coletivização alcançaram números alarmantes. No inverno de 1933, auge de sua aplicação, chegaram a morrer 12 mil pessoas por dia nos campos da Ucrânia. Esses dados, nos dias atuais, são revisitados por pesquisadores do tema, alguns já mencionados durante este trabalho.

O camponês, que no início da coletivização ainda podia trabalhar, mesmo que precariamente, agora, devido à fome, já não produzia mais em seus campos. Esta situação aumentava a cobrança dos fiscais de campo do governo, ou seja, a miséria era responsável por sua própria multiplicação. Uma cena comum e cotidiana nos campos e nas ruas da Ucrânia era de milhares de corpos tombados ao chão, como prova de uma tragédia diária.

---

29 Cf. RIBEIRO, Luiz, M. *Holodomor: O Genocídio Ucrâniano*. Associação Internacional de Estudos Ibero-Eslavos – Lisboa. PT, 2010.

Figura 03 - Camponeses padecem à fome nos campos da Ucrânia



Fonte: Cinquentenário da "Fome" na Ucrânia (1983) - Pe.Heniko.

Com a proliferação de doenças causadas pela inanição e demais doenças provenientes não só da fome, mas do modo de vida sub-humano que os camponeses vinham enfrentando, o cenário se agravou ainda mais. Não existiam lugares para alojar os doentes, que, aos milhares, se espalhavam pelas ruas de boa parte do país. Os soldados e os camponeses que ainda resistiam à miséria dividiam espaços nas ruas com jovens, adultos e crianças, mortos ou agonizantes.

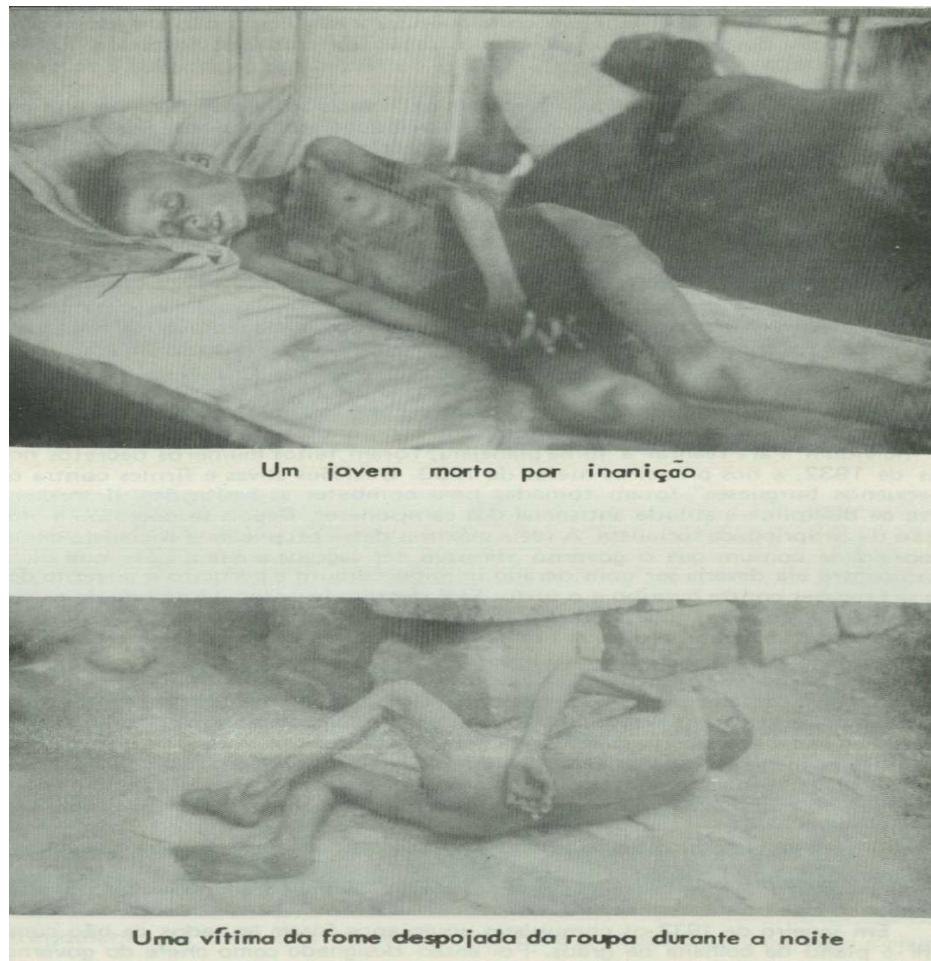
Figura nº 04 - Jovens e crianças vítimas de inanição



Fonte: O cinquentenário da "Fome" na Ucrânia (1983) - Pe. Haneiko

Em todo território ucraniano havia apenas um centro ambulatorial que tinha o objetivo de ajudar no tratamento dos doentes vítimas da fome e moléstias. Esse local de atendimento acabou se tornando um pequeno depósito de corpos, mortos ou quase mortos, durante alguns anos. Não existiam pessoas designadas a lá ficar, com o intuito de dar apoio aos camponeses. As pessoas que lá estavam, na maioria das vezes, eram mães em desespero na luta em vão para salvar seus filhos. Esse local onde eram levados milhares de camponeses em condições precárias de saúde ficava em Odessa, onde, décadas depois deste período trágico, foi ponto de “peregrinação” de historiadores em busca de fontes sobre o tema.

Figura 05 - Único ponto de apoio aos doentes em toda a Ucrânia, em Odessa. Embaixo, uma criança despojada de roupas agonizante em plena rua.



Fonte "O cinquentenário da "Fome" na Ucrânia" (1983) - Pe. Haneiko

Em meio a este cenário de fome, em que toda a Ucrânia sofria as consequências de um regime autoritário, o governo não hesitava em continuar com os arrochos nas arrecadações, culminando com uma mortalidade sem precedentes nos últimos séculos. Este ambiente com tantas adversidades, algumas até inimagináveis, revelam-nos histórias ainda mais trágicas e marcantes que remontam a este período.

Na busca pela compreensão da história do Holodomor, o historiador português José Eduardo Franco, recentemente publicou uma obra com dados e informações de suma importância. Ao trazer para a luz da história relatos de

testemunhas oculares da época, ele nos coloca a par de fatos ainda mais impactantes sobre a vida nos campos da Ucrânia no início dos anos 1930.

O relato de um jornalista da BBC de Londres, que lá estivera, traz à tona uma prática que ocorria entre os camponeses e que há muito tempo ficara oculta perante a história, por seu teor demasiado traumático. O jornalista relata que, no cotidiano, não raras eram às vezes em que se praticava o canibalismo entre os camponeses. Tamanho era o desespero por comida que, por muitas vezes, uma mãe preparava a carne de um filho ou do marido que não resistira à fome, para que os demais comessem.

No desespero da fome, bebês e crianças desapareciam sem rastro, mortos e comidos pelos progenitores ou vizinhos. Treloucados, pela fome, matavam ou aproveitavam-se da prostração moribunda de vizinhos para de seguida os comer. (LUKOV, apud. FRANCO, 2014, p. 61).

Houve casos que se chegou a estabelecer um comércio de carne humana dentro das fazendas coletivas. Tal comércio era feito com ou sem a percepção dos soldados os quais faziam vistas grossas para esta prática, que por muito tempo não se relatou na história, devido ao seu teor traumático. Mais rara ainda é a imagem conseguida pelo Jornal *Prácia*, periódico que será o foco principal deste estudo, contendo uma possível cena de canibalismo.

Figura 06 - Possível prática de canibalismo nos campos da Ucrânia no período da Grande Fome



Fonte - Jornal *PRACIA* – 02 de dezembro 1932.

No final de 1933, as cidades e os campos estavam cheios de cadáveres por quase toda a planície da Ucrânia. Relatos da época diziam que havia “mais cadáveres nos campos do que trigo nos armazéns” (HANEIKO, 1983, p. 04). Os próprios soldados tinham dificuldades em sepultar todos os mortos e muitos deles, em decomposição, foram enterrados em valas comuns.

Havia tantos cadáveres que as autoridades se sentiam impotentes para retirar da vista pública, cadáveres que se encontravam nas estradas, nas ruas e nas aldeias ficavam expostos, uma imagem que se tornou comum (HANEIKO, 1983, p. 04).



Figura nº 06 - Cadáveres empilhados a céu aberto em Odessa na Ucrânia



Fonte: O cinquentenário da "Fome" na Ucrânia (1983) - Pe. Haneiko.

Figura nº 07 - Soldados do governo fazendo o carregamento de camponeses mortos para o sepultamento em vala comum



Fonte: O cinquentenário da "Fome" na Ucrânia (1983) - Pe. Haneiko.

Ainda em 1933, com os armazéns soviéticos abarrotados de cereais arrecadados sob o preço da vida de milhões de camponeses, havia entre os participantes ativos do sistema comunal, discursos impregnados de justificativa

sobre a prática das coletivizações. “Foi preciso uma fome para mostrar aos camponeses quem manda aqui. Custaram milhões de vidas, mas o sistema de fazendas coletivas veio para ficar” (KHATEAVICH, apud. CAWTHORNE, 2012, p. 130).

Muitos relatos sobre qual era a real necessidade de desencadear tamanha repressão ao povo ucraniano por parte do governo soviético, apontam para um fator de controle, devido às diversas insurgências dentro da Ucrânia, promovidas por camponeses e alguns líderes que, de fato, não coadunavam com o projeto autodestrutivo instaurado na Ucrânia. Outros apontam para uma dependência real que a URSS tinha da fertilidade dos campos ucranianos. Em uma comissão enviada aos campos da Ucrânia, um dos comissários mais importantes de Stalin, Vyacheslav Molotov, para ampliar o processo de arrecadação, comentou:

A questão é a seguinte: se temos pão, temos poder soviético. Se não temos pão, o poder soviético acabará por desaparecer. Atualmente, quem tem o pão? São os camponeses ucranianos reacionários e os cossacos reacionários do Kuban. Não nos irão dar o pão de livre vontade. Terá de lhes ser retirado (MATOS, 2010, p. 39).

Dentro da própria Ucrânia havia simpatizantes que acabavam não só aderindo à “causa” do governo de Stalin, mas também participavam ativamente levando a cabo as determinações vindas do Comitê Central, mesmo que isso os levasse a denunciar até membros da própria família. Um deles foi o ativista comunista Lev kopolev que era responsável pela procura de depósitos clandestinos de grãos dos camponeses, assim escreveu em um de seus relatos em 1933:

Vi mulheres e crianças com a barriga dilatada tornando-se azuis com os olhos vagos, e cadáveres vestidos com casacos de pele de carneiro esfarrapados e cadáveres com botinas de feltro baratas nas cabanas de camponeses, na neve do velho Vologoda (CAWTHORNE, 2012, p. 131).

Porém, no mesmo relato justifica-se, assim, como a maioria dos soldados do exército de Stalin:

Estávamos compreendendo necessidades históricas. Estávamos cumprindo nossos deveres revolucionários. Estávamos obtendo grãos para o pai socialista (...) Esvaziei os velhos cofres de estoque do povo, bloqueando meus ouvidos para o choro das crianças e os lamentos das mulheres (...) Eu tinha convicção de que estava



realizando a grande e necessária transformação do campo (CAWTHORNE, 2012, p. 131)

Nem todos os agentes e comissários do partido comunista alinhavam-se com as políticas totalitárias exercidas contra a população. Mesmo convictos da necessidade da extinção da propriedade privada como uma máxima a ser seguida e de que privações seriam necessárias em todos os países que agora faziam parte das Repúblicas Socialistas Soviéticas, eles ousavam levantar-se contra o método brutal das coletivizações na Ucrânia impostas pelo Estado.

O destino destes pequenos grupos de bolcheviques que entraram em desacordo com o governo de Stalin foi o mesmo de muitos que, depois de servirem ao Estado, foram considerados uma ameaça ao Estado Revolucionário. Eles foram submetidos a execuções sumárias em diversos espetáculos de sentenças e execuções públicas em várias partes da União Soviética, sobretudo em Moscou, que ficaram conhecidas como “julgamentos espetáculos”, tudo com o intuito de expor a capacidade autoritária do governo.

Boa parte da história sobre este período trágico da Ucrânia recente estava enclausurada sem que fosse possível investigá-la, principalmente devido a União Soviética ter conseguido, de forma eficiente, ocultar quase a totalidade destes acontecimentos aos olhos do mundo, não só no momento em que tudo isso acontecia, mas durante décadas, até mesmo após a morte de Stalin. Não foram raras as vezes em que comitês internacionais, depois de receberem várias denúncias sobre o que se passava nos campos de trabalho forçado e também nas fazendas coletivas, mandaram comissários a cargo de avaliação da realidade cotidiana dos países soviéticos. Porém, sempre agindo de maneira estratégica, o governo stalinista ludibriava, arquitetava e se preciso fosse, usava da violência e coerção para que todas as evidências do que se passava nos campos da Ucrânia fossem ocultadas. Essa prática de dissimular propagandas e enaltecer o próprio governo foi uma constante enquanto Stalin esteve no poder.

## CAPITULO III

### 3.1 A IMPRENSA UCRANIANA NO BRASIL: do *Zorí* ao *Prácia*

Na construção da historiografia, percebe-se uma constante transformação daquilo que compreendemos e usamos como fonte. De Heródoto até os dias atuais, a história adequou-se às significativas mudanças ocorridas no seu contar e recontar, atendendo, assim, as mais diversas linhas do pensamento histórico para que o passado “reviva”, mesmo em suas diferentes faces.

Para o historiador as fontes e a capacidade de historicizar os fatos sempre foi uma de suas maiores preocupações, porém, a maleabilidade das fontes, hoje possível, garantiu uma diversidade quantitativa e qualitativa considerável de documentos à disposição do historiador. Segundo Glénisson: “Este alargamento do conteúdo do termo documento foi apenas uma etapa para uma revolução documental a partir de 1960” (GLÉNISSON, 1977, p.42).

Nesta perspectiva, o trabalho trouxe como fonte um periódico centenário da cidade de Prudentópolis – PR, que não serviu apenas como fonte, mas devido sua importância para o período histórico em questão, tornou-se o objeto central de estudo desta pesquisa.

Nos arquivos do Jornal *Prácia*, consta como data de fundação, 23 de agosto de 1912, data da circulação de seu primeiro número na cidade de Prudentópolis. Mas, para compreendermos toda sua configuração histórica, como também, a importância tanto para o meio social, como para o meio religioso da cidade e dos imigrantes que chegaram ao Estado na época, será imprescindível que façamos um recuo temporal de quase uma década para que possamos trazer à tona os antecedentes que foram decisivos para a fundação do jornal.

Os primeiros imigrantes rutenos que chegaram ao Estado do Paraná, entre 1895 e 1897, na sua maioria, eram desprovidos de qualquer formação educacional além da alfabetização. Os padres que migraram no mesmo período eram, na maioria das vezes, os únicos homens de letras da época entre estes imigrantes e ficaram responsáveis pelas iniciativas educacionais, desde a alfabetização até alguns poucos estudos avançados. Após quase uma década de instalação desta comunidade foi que o governo do Estado começou a incluir a educação nos

programas de imigração, construindo escolas, fornecendo e financiando professores para a alfabetização destes imigrantes. Porém, boa parte dos imigrantes ucranianos que vieram para o Brasil, a partir de 1900, tiveram contato, ainda na Ucrânia, com os clubes de leituras, o que fez com que os mesmos chegassem ao Brasil com certa bagagem cultural e intelectual.

Os clubes de leituras na Ucrânia faziam parte da sociedade Prosvita, que no início do século XX tiveram muitos de seus membros entre os que migraram para o Brasil. Segundo Guérios:

A partir de 1907, contudo, chegavam novas levas de imigrantes rutenos ao Brasil, atraídos principalmente pela possibilidade de trabalhar na construção da estrada de ferro que ligaria São Paulo ao Rio Grande do Sul. É possível que vários desses camponeses recém-chegados tenham participado ativamente das reuniões promovidas pela sociedade Prosvita na Galícia nos anos anteriores (GUÉRIOS, 2012, p.183).

Estes imigrantes “letrados” também trouxeram elementos da *intelligentsia*, formando, assim, condições para que em pouco tempo após a chegada ao Brasil, se reproduzisse uma cisão entre membros da *intelligentsia*, (grupos de pessoas envolvidas com o trabalho intelectual e cultural, bastante atuante na Rússia, Ucrânia e Polônia a partir do final do séc. XIX) e o clero, ocorrido na Ucrânia.

Tanto os padres quanto os membros da *intelligentsia* disputavam os meios e os espaços de educação entre os colonos imigrantes. Os leigos da *intelligentsia* pretendiam uma educação separada dos dogmas religiosos, o que certamente não agradara os membros do clero. Os padres, por sua vez, tendo em vista a participação pouco significativa do Estado brasileiro nos primeiros anos da colonização, foram responsáveis pela promoção da educação destes imigrantes. “A primeira escola ucraniana – chamada pelos imigrantes de *ródna chkola* – foi criada em agosto de 1897 pelo padre Nikon Rozdolski na colônia de Rio Claro” (HANEIKO, 1985, p.58).

Porém, dentro desta disputa entre os leigos e os padres pela educação formal dos colonos, tinha um ponto de convergência que amenizou em partes esta disputa: a manutenção do sentimento de nacionalismo. Para ambos os grupos, o sentimento nacionalista era um fio condutor entre os imigrantes e sua terra natal, sentimento que também trouxe certa unidade aos grupos dentro da comunidade. E é dentro

deste viés de divulgação e propagação nacionalista que os membros da *intelligentsia* inauguram o primeiro jornal publicado em ucraniano no Brasil, o Zoriá, que na tradução literal significava Estrela, tendo em 1907 sua primeira edição.

O jornal que tinha sob seu nome a frase: “Aurora: Jornal Ruteno-Ucraniano no Brasil” era publicado em Curitiba, bissemanal e teve em sua primeira tiragem 500 exemplares. Seu proprietário e também editor, Stephan Petreskey, foi um médico vindo da Ucrânia e membro ativo da Sociedade Prosvita. O jornal, em suas primeiras tiragens, demonstrou buscar uma relação amistosa entre os padres e o editorial, porém, tendo em vista o viés leigo do jornal houve certo distanciamento dos sacerdotes. “Não é outro senão a iluminação moral e o trabalho econômico, e não pensamos colocar nosso nariz em assuntos religiosos, porque para eles há nossos sacerdotes” (PETRESKEY apud GUÉRIOS, 2012, p.184). Contudo, para que o periódico tivesse o alcance desejado entre os imigrantes foi preciso ceder espaço aos anúncios advindos da igreja católica. Petreskey sabia que a sobrevivência do jornal dependia do aporte financeiro que vinha dos padres.

Durantes as primeiras impressões o Jornal Zoriá recebeu ajuda financeira da igreja, porém, logo que pode contar com o financiamento dos membros do Prosvita para a compra de uma máquina de impressão de caracteres cirílicos, tal dependência diminuiu. Isso fez com que o campo de disputa de espaços sociais entre o jornal e a igreja trouxesse à tona novamente as relações de poder entre a *Intelligentsia* e os sacerdotes.

As tensões entre estas instituições aparecem no livro do Padre Vinhorenski, *Iracema, em seu processo histórico, nos anos de 1895 a 1958 – dos ensinamentos da pesquisa com o povo* (1958), ao relatar a maneira com que o Jornal se referia a Igreja: “Já nos primeiros anos o Zoriá faz censuras contra o clero [...] e com sua postura espalhou a desunião e o ódio à igreja e seus seguidores, em vez de trabalhar junto com ela” (VINHORENSKI, 1958, p.89). Assim, sem conseguir recursos extras junto à população de imigrantes para a manutenção do Jornal, em 1910 o Zoriá encerrou suas atividades.

Com o declínio do Zoriá, a igreja decide investir na criação de seu próprio periódico. Com maiores recursos do que os membros da *intelligentsia*, que comandavam o antigo Jornal, a Metropolia de Curitiba e com a intermediação do padre Markiano Skirpan, chega de Viena a máquina tipográfica a ser usada no novo

jornal ucraniano no Brasil. O jornal *Prápor*, que na tradução literal significa “Estandarte”, teve como seu primeiro redator Klen Gutkovskei, vindo da Galícia especialmente para a direção do jornal.

Com um posicionamento diferente do antigo jornal, o *Prápor* estava a uso exclusivo dos assuntos da Igreja, quinzenalmente trazendo informações sobre a agenda e compromissos paroquiais, orientações religiosas, anúncio local e informações sobre a Ucrânia, assunto que sempre despertava o interesse dos imigrantes. Tais informações sobre o país de origem, em geral, eram fornecidas pelos padres, únicos na época com condições financeiras de viajar, e através de cartas trocadas entres os membros da igreja.

No intuito de ser o meio “oficial” de informação e interação entre a igreja e os imigrantes rutenos, o *Prápor* não poupou críticas em suas publicações aos membros da *intelligentsia*, classificando-os como um mal à comunidade ucraniana. Publicações que não demoraram ser “respondidas” por parte dos membros da *intelligentsia*.

A reação da *intelligentsia* não tardou: logo após a publicação do primeiro numero do *Prápor*, o jornal brasileiro A República comentava em editorial de primeira que o *Prápor* “ataca [va] violentamente a representação do Paraná e o Governo do Estado” e apontava a polícia e as autoridades estatais como ajuntados de toda a parte e pagos pelo Governo, homens sem escrúpulos e na maioria negros e vagabundos (GUÉRIOS, 2012, p.185).

Com pouca ou quase nenhuma intervenção por parte do Estado junto às colônias ucranianas, os arranjos sociais e culturais eram formados e reformados entre pelos próprios imigrantes, que tinham na igreja, na figura do sacerdote e dos homens da igreja, um modelo para as condutas e convívios sociais. Assim, a educação e formação laica, aos moldes da *intelligentsia*, que aos poucos se estabelecia nas comunidades, surgiam como uma afronta ao um projeto de colonização pensado dentro dos moldes católicos para época e para região.

Esta disputa de poderes entre líderes leigos e os padres ucranianos, no Paraná, se arrastou por alguns anos, assunto que foi tratado em uma assembleia convocada pelo próprio jornal *Prápor*, em agosto de 1910, a fim de resolver as tensões que vinham ocorrendo. Esta iniciativa foi denominada Reunião Geral dos Rutenos no Brasil.

O resultado da assembleia não foi o esperado. O jornal *Prapór* mudou suas instalações de Curitiba para a cidade de Prudentópolis, mas as diferenças entre os grupos dispostos não foram diminuídas. Os conflitos continuaram através das páginas do jornal ucraniano *Prápor* e do jornal brasileiro A república, que cedera considerável espaço aos membros da *intelligentsia* ucraniana.

Em 1910, A república voltou a acirrar esses conflitos com publicações acusativas sobre o *Prápor*, denunciando o jornal de promover notícias negativas sobre o tratamento dado aos imigrantes pelo Estado. Tal referência se verifica na edição do jornal do dia 29 de dezembro de 1910:

Recebemos de pessoa que está muito a par dos fatos as informações seguintes: o jornal *Prápor*, que iniciou sua publicação nesta cidade há alguns meses, desde o seu primeiro número vem desenvolvendo uma campanha difamatória contra as autoridades e instituições nacionais [...] Há pouco tempo mudou-se para Prudentópolis, vindo dali o número em que faz comentários os mais desairosos ao caráter brasileiro. Justamente na presente fase, após passar à propriedade e redação de sacerdotes, cuja missão, o *Prápor*, afinando pelo antigo diapasão, volta à sua malévola tarefa, fantasiando fatos que irão desacreditar o Brasil como país propício à colonização polaca (A REPÚBLICA apud. GUÉRIOS, 1910, p.1)

O jornal A república aproveitava, também, o fato de que o *Prapór* não tinha tradução para o português, o que dificultava o acesso dos brasileiros, e do próprio Estado, para uma eventual certificação das acusações feitas pelo jornal brasileiro.

Após a mudança do *Prápor* para Prudentópolis, o jornal ainda encontrara alguma resistência de uma pequena parcela dos imigrantes que nutriam simpatia pelas ideias da *intelligentsia* e também por parte dos nativos brasileiros. Algumas manifestações de repúdio por parte de colonos ao jornal mantido pelos padres são evidenciadas na obra do padre Zinco, “Escolas particulares ucranianas no Brasil” (1960), no qual constatamos o relato: “devido à coluna publicada no jornal A república os nativos (brasileiros) de Prudentópolis queriam demolir a redação do *Prápor*, e bater no redator K. Gutkovskij” (ZINCO, 1960, p.54).

Tais incidentes não foram fatos isolados e ocasionaram prejuízos materiais e sociais ao jornal *Prápor* que, no início de 1911, decidiu encerrar suas atividades até 1912, quando o jornal voltou a circular. Desta vez, além do intuito religioso, o periódico vislumbrava enaltecer as atividades e a “luta” do imigrante ucraniano para se estabelecer em um país estranho. A primeira mudança do jornal foi no seu próprio

nome. Em 1912 (re) inaugura-se o jornal *Prácia*, tradução da palavra Trabalho, o qual, como já mencionado neste estudo, será o objeto principal a ser historicizado.

### 3.2 O JORNAL PRÁCIA

Em novembro de 1912 o periódico teve sua primeira tiragem, quando iniciou uma trajetória centenária que por muitas décadas norteou informações e o cotidiano dos imigrantes ucranianos na cidade de Prudentópolis.

Antes de adentrarmos na história, propriamente dita, do jornal *Prácia*, se faz necessário elencarmos a importância atribuída a este periódico dentro da comunidade ucraniana, haja vista que, na cidade de Prudentópolis, existia, como meio de comunicação impressa, apenas algumas publicações do antigo jornal *Prápor*, que veio de Curitiba, mas que não se sustentou devido às tensões entre os párocos e os membros da *intelligentsia*. Outro meio usado pelos religiosos para manter os colonos imigrantes informados sobre as questões paroquiais, foram os informativos públicos impressos do Brasylijkj Missionar – Missionário Brasileiro, redigido e coordenado pelo Pe. Rafael krynsnkj, que tinha, como já mencionado, a função de informar e orientar os imigrantes a respeito de assuntos religiosos. Sendo assim, a criação do jornal *Prácia*, com sede na cidade de Prudentópolis, trouxe, junto com as notícias, um elo entre a religião, os imigrantes e sua terra natal.

Entre estes imigrantes, ao menos na fase inicial da colonização, poucos falavam o idioma local, com isso havia a constante necessidade de se trazer da Ucrânia livros, folhetos informativos e jornais no idioma ucraniano, o que atribuiu ao Jornal *Prácia* uma importância ainda maior, tornando-o a principal fonte de informação em sua própria língua dentro da comunidade de Prudentópolis.

O jornal, com o passar dos anos, transformou-se em um fator agregador dentro das práticas culturais destes imigrantes, pois, além do conteúdo de notícias e informações, o jornal adquiriu o *status* de símbolo da permanência da cultura ucraniana fora de seu país de origem. Este fato se confirma ao analisarmos o tratamento dado ao periódico pela comunidade em relação aos assuntos oficiais sobre a cultura ucraniana, em que o jornal é sempre usado como exemplo de ligação entre os imigrantes e sua terra natal em todas as efemérides e eventos

oficiais da cidade. Dentro da proposta deste trabalho, agora nos dedicaremos a um percurso histórico pela construção e formação do jornal *Prácia*, iniciada em 1912.

Com o apoio da Associação *Tarás Shevtchenko*<sup>30</sup>, que já havia participado das atividades de comunicação impressa entre os imigrantes nos periódicos anteriores, como O Missionário, a gráfica Prudentópolis concentrou todas as suas atividades na produção de um jornal ucraniano genuinamente prudentopolitano.

Para ser o redator responsável, o professor Ossip Martenetz, foi especialmente convidado pela associação *Tarás Shevtchenko* para vir da região da Galícia, na Europa, com a incumbência de ser o primeiro redator do Jornal *Prácia*. Junto com Martenetz, veio toda sua família e alguns auxiliares para que pudessem desenvolver o trabalho de imprensa aos moldes desejados pela associação.

Desde o primeiro periódico, o Jornal desempenhou um papel didático religioso, cujo principal foco foi a conexão do imigrante com a igreja, porém, com a intenção de elevar culturalmente os imigrantes. O *Prácia*, diferentemente do *Prápor*, trouxe informações que iam além do campo da religião. Tais percepções sobre este viés do jornal podem ser percebidas no primeiro exemplar em circulação de dezembro de 1912, que o redator Ossip Martenetz escreve:

Os padres basilianos já faz dois anos vêm publicando o “Missionário Ucraniano no Brasil” abordando temas estritamente religiosos. Mas havia necessidade de oferecer ao povo informações de caráter cultural e político, e com esse propósito nasce o *Prácia*, que vai publicar notícias e comentários sobre temas políticos, culturais e também religiosos, indo assim ao encontro das necessidades do povo ucraniano no Brasil, com a intenção de elevar o nível cultural, informar sobre acontecimentos mundiais, ucranianos e brasileiros. (*PRÁCIA*, 1912, p.09)

Inicialmente, o jornal tinha sua tiragem de forma quinzenal, pouco tempo depois passou a ser semanal, e era redigido e impresso na gráfica Prudentópolis, que foi fundada e erigida com recursos da igreja católica sob a égide do pároco

---

30 Associação formada pelos padres ucranianos que migraram para o Brasil no final do século XIX e início do Século XX. Tinham como princípios ajudar no acultramento dos colonos ucranianos recém-instalados no Brasil, tanto com a língua portuguesa, como também na manutenção de seus costumes e ritos, sobretudo na parte religiosa. Foram responsáveis pela divulgação e promoção da imprensa ucraniana no Brasil, sendo eles os encarregados pela fundação do jornal *Prácia*, o mais importante jornal ucraniano no Brasil. O nome da associação se deu em homenagem ao poeta mais famoso da Ucrânia, Tarás Shevtchenko, considerado pelos ucranianos o grande mantenedor de suas práticas culturais.



Rafael Krynytskyj, redator da revista religiosa *Missionar*. Com a mudança do antigo jornal *Prápor* para a cidade de Prudentópolis e com o apoio da Associação de São Basílio Magno, em 1911, a gráfica inicialmente conhecida como Tipografia, foi criada para atender aos trabalhos internos da Associação e da comunidade local, fazendo também impressão da Revista *Missionar* logo após o fechamento do jornal *Prápor*.

De início, a tipografia foi instalada numa pequena construção, ao lado do mosteiro dos padres basilianos e ali funcionou até 1952, quando se construiu, em frente ao mosteiro, na Rua Candido de Abreu, um prédio próprio, com todas as instalações necessárias para a administração, redação e impressão. Desde a fundação, em 1911, até o início da década de 1940, todo o trabalho, a composição dos tipos, como também a movimentação da impressora eram executados manualmente.

Apenas em 1940 passou-se a usar a eletricidade para a impressão e datilografia no *intertype*<sup>31</sup> e mais tarde a *lynotype*<sup>32</sup> para a composição das letras, e somente em 1996 a tipografia passou a executar trabalhos gráficos e a impressão entrou na era da computação e uso de fotolitos (*PRÁCIA*, Edição especial do centenário, 2012, p.10).

---

31 Máquina tipográfica fabricada inicialmente a partir de 1911.

32 Máquina tipográfica fabricada inicialmente a partir de 1917.

Figura nº 8 – Gráfica de Prudentópolis - 1952



Fonte: Jornal *Prácia* 2012 - Edição de comemoração do centenário do jornal.

Para o trabalho gráfico do *Prácia*<sup>33</sup> foram selecionados funcionários que já atuavam na gráfica e também alguns “letrados”, vindos da Ucrânia. Em sua maioria, os funcionários da gráfica eram ligados a igreja de forma oficial ou eram imigrantes de ativa participação religiosa.

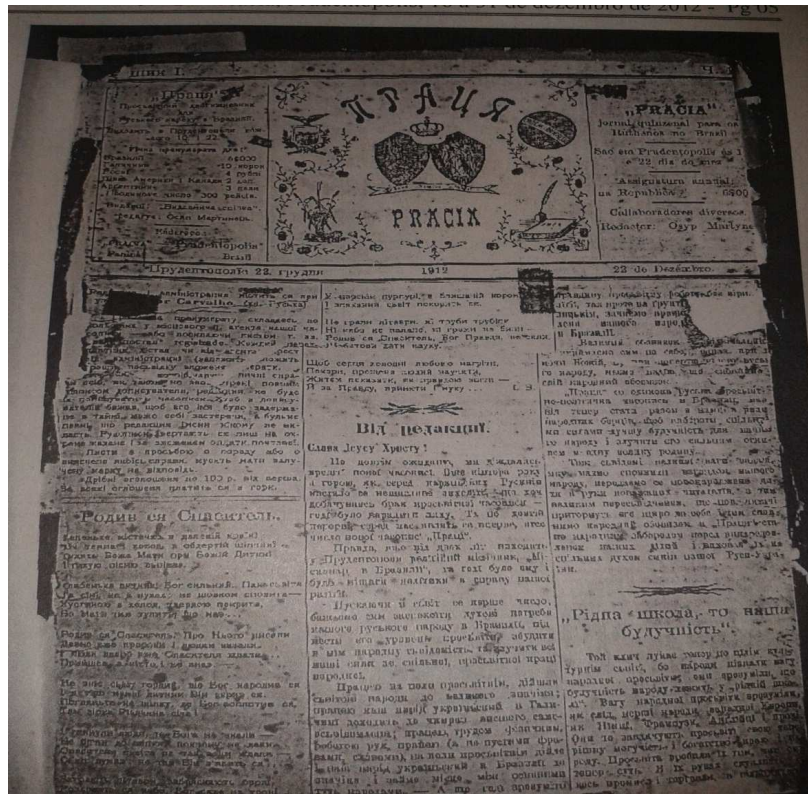
Dentro da matriz proposta pelos idealizadores do *Prácia*, o objetivo mais importante, juntamente com o viés religioso, era enaltecer e manter a cultura ucraniana entre os imigrantes, deste modo, a manutenção e preservação do idioma de seu país de origem foram algumas das propostas do *Prácia* em quase todas as suas publicações. Dentro da comunidade recém – estabelecida, o idioma tornou-se um fator agregador, o que possibilitou ao jornal o desempenho de tal papel.

Desde o início de suas atividades, o *Prácia* publicou todas suas tiragens em ucraniano, com raras e escassas publicações em português, geralmente de publicidade de comércios locais, pois dependiam, também, da clientela de “nativos”. Assim se manteve até 1993, quando passou a ter suas publicações em dois idiomas: o ucraniano e o português.

---

33 De agora em diante, nos referiremos ao jornal periódico da cidade de Prudentópolis-PR *Prácia*, apenas como *Prácia*.

Figura nº 9 - primeiro exemplar do Jornal *Prácia* de 23 de dezembro de 1912



Fonte: Jornal *Prácia*, 2012, Edição especial de comemoração do centenário do jornal.

Como já mencionado anteriormente, dentro da comunidade ucraniana que deu origem à cidade de Prudentópolis, o idioma ucraniano foi e ainda é mantido de diversas formas, desde a prática, no cotidiano familiar, como nas instituições educacionais, dentro da comunidade onde se mantém a disciplina do idioma. Neste quesito, o *Prácia* cumpriu de certa forma, um papel didático na preservação da língua materna destes imigrantes. A preocupação com a continuidade do idioma já foi objeto de pesquisas de historiadores ao longo da história da imprensa ucraniana no Brasil. A própria Oksana Boruchenko, uma das precursoras dos estudos sobre os imigrantes ucranianos, já citada durante este trabalho, traz um aporte sobre a relação entre a imprensa e o idioma mantido pelos colonos que migraram para o Brasil:

Os ucranianos não se descuidaram de manter a imprensa própria, como veículo de cultura e sustento da língua. O primeiro jornal bissemanal ucraniano foi publicado em Curitiba em 1907, sob o nome de *Zoriá*. Com tiragem inicial de 500 exemplares. Depois de três anos não conseguindo superar as dificuldades, teve suspensas as suas atividades. Em 1910, ainda em Curitiba, surge outro jornal

bissemanal *Prápor*. Em dezembro do mesmo ano foi transferido, com redação e oficinas para Prudentópolis, onde continuou a ser publicado por algum tempo. Seu desaparecimento deu lugar a duas outras publicações, editadas pelos padres basilianos, quais eram: *Missionar*, periódico mensal de caráter religioso e o jornal *Prácia*, semanário de caráter político-social e de orientação católica, fundado em 1912 (BORUCHENKO, 1967, p. 71).

Assim, a aceitação e a leitura do *Prácia* acabaram se tornando uma prática entre os colonos da região, que viam o jornal como um meio de informação e de interação entre os membros da comunidade, que discutiam e comentavam entre si as notícias do jornal, e também com familiares e amigos que ficaram na Ucrânia, tendo em vista que o jornal preocupava-se em trazer o máximo possível de informações do país de origem dos imigrantes.

Quanto à igreja, ela não ficara alheia a essa prática da leitura dentro da comunidade, mas aproveitou o “alcance” do jornal para estabelecer e estreitar o vínculo religioso com os imigrantes e a igreja, o que não foi muito difícil devido à tradição católica dos ucranianos. O *Prácia* durante muito tempo passou a ser o veículo de catequização fora da igreja, visto que até mesmo os que não eram alfabetizados eram colocados a par das informações através de leituras coletivas feitas por alguns colonos em locais privados ou até mesmo públicos. A inclinação de cunho religioso e moral do jornal eram notórias em grande parte de suas publicações, visto que em 2012, na edição especial de centenário, há destaque na missão religiosa e cívica do periódico:

O *Prácia*, sempre se colocara em defesa da verdade moral cristã e a Igreja Católica Ucraniana do Brasil teve dele um total apoio e poderoso meio de apostolado e formação do povo. Hoje pertence às mais antigas publicações no Brasil e tem atrás de si uma história centenária. Hoje constituem riquezas históricas da igreja ucraniana no Brasil. (*PRÁCIA*, 2012, p. 10).

Com a notoriedade do *Prácia* crescendo, também crescia a procura por anúncios e publicidades por parte dos comerciantes locais. Até mesmo os “não imigrantes”, ou seja, os brasileiros nativos, que dependiam da clientela ucraniana, pediam para ter seus anúncios traduzidos para o alfabeto cirílico. Deste modo, o jornal passou por um processo de aculturação também por parte dos nativos, que, mesmo sem o domínio do idioma, interagem no cotidiano desses imigrantes através do jornal.

Com o advento do governo Vargas, a comunidade e, conseqüentemente, o Jornal, teve a utilização do idioma ucraniano, tanto falado quanto escrito, obstaculizado pela lei do crime idiomático. Devido à proibição da prática de idiomas estrangeiros no Brasil pelo governo, as atividades do *Prácia* foram interrompidas entre 1941 e 1946. Após seu retorno, o *Prácia* se manteve como periódico de língua estrangeira por mais de quatro décadas, quando, em 1993, publicou editais da prefeitura municipal e avisos oficiais em português. A partir de 1995 foram editadas notícias da Ucrânia em português e, por fim, em 1998, todo o jornal passou a ser publicado de forma bilíngüe.

Diferentemente dos jornais que o antecederam, O *Prácia*, com o passar dos anos, aumentou consideravelmente seu número de leitores. Segundo dados do próprio jornal, publicados em sua edição de dezembro de 2012, dez anos após sua primeira tiragem, o periódico contava com a assinatura de 2.500 (dois mil e quinhentos) exemplares semanais, assim como também algumas assinaturas feitas por imigrantes que tiveram outros países como destino, tais como Argentina, Estados Unidos, Canadá, Itália, Inglaterra, Alemanha, França, e também na Ucrânia. Nos dias atuais, o *Prácia* ainda se mantém em atividade, agora com tiragem reduzida em número e periodicidade, voltando a ser quinzenal, porém, ainda, como um símbolo da “ucraniedade” na cidade de Prudentópolis.

Por fim, analisar o passado e suas vicissitudes nos traz desafios ousados, e, dentro de tais desafios, buscar compreender uma comunidade e suas práticas culturais é mais do que buscar fontes, é interpretá-las. Tendo a imprensa, mais especificamente, os jornais periódicos como fontes, nos possibilita ousar, de forma responsável, nestas interpretações. E é neste contexto histórico jornalístico que este trabalho buscou sua base teórica metodológica, de acordo com Eliza Casadei:

Ao contrário de outros conteúdos – tais como cinema e o romance histórico, cuja preocupação com os temas da atualidade é bastante indireta e fragmentada, o jornalismo possui como ponto de partida esta atualidade e a história se insere como um acessório semântico dentro de um quadro de sentidos mais amplo, quando o próprio acontecimento bruto já se configurou enquanto acontecimento jornalístico (CASADEI, 2012, p.85).

A união decorrente da História e o Jornalismo nas pesquisas acadêmicas nem sempre revela uma posição fixa de um ou outro. É possível verificar, por exemplo,

que no Jornalismo pode haver posições nos trabalhos sobre o tema, ou seja, pode ser visto como um documento de comprovação, atestando fatos que aconteceram em determinada época, registrando o comportamento populacional, dos hábitos de divertimentos ou da deficiência de um serviço público, e até mesmo de fatos históricos da importância do Holodomor. Serão analisadas adiante justamente as notícias sobre este fato, publicadas no *Prácia*.

### **3.3 A RELAÇÃO DA COMUNIDADE UCRANIANA DE PRUDENTÓPOLIS COM O JORNAL PRÁCIA**

Dentro da proposta deste trabalho, acreditamos estar agora rumando para um ponto importante da pesquisa em que analisaremos a relação entre o jornal *Prácia* e a comunidade ucraniana de Prudentópolis, convergindo assim, os dois elementos fundamentais na construção deste trabalho.

Tal abordagem já foi feita *en passant* no capítulo anterior, porém, agora, nos aprofundaremos na análise das características dessa relação; de que maneira o jornal atuava dentro desta comunidade de imigrantes no sentido de reafirmar a identidade ucraniana e a forma como estes imigrantes utilizavam o jornal não somente como meio de informação, mas como símbolo de uma “resistência” cultural em um país distante daquele de origem, delegando ao jornal parte da manutenção do idioma e das práticas culturais que caracterizam esta comunidade.

Após ter sido elencada a trajetória da imprensa ucraniana instalada no Paraná, desde o início, com o jornal *Prápor*, até a consolidação do jornal *Prácia*, a abordagem a seguir buscará compreender como se deu essa consolidação e de que maneira o *Prácia* se tornou um símbolo da cultura ucraniana fora do Ucrânia, sobretudo no Brasil.

Quando se busca elencar a história a partir da imprensa, se faz pertinente compreender que dentro da diversidade que a história permite ser estudada, a imprensa aparece como uma das mais frutíferas, porém, mais delicadas vias da compreensão histórica. A percepção do passado através de um jornal, por exemplo, nos remete a um amplo debate em torno do discurso produzido por esse objeto. Compreender a singularidade de cada intenção do jornal é uma das características

da análise do discurso, que deve ser feita quando temos um documento jornalístico como fonte ou objeto.

A subjetividade contida nas informações de um jornal periódico também faz parte dessa construção histórica, sendo muitas vezes determinante na análise específica do jornal, denunciando seu posicionamento e suas intenções dentro de cada “notícia”. Segundo Rosana de Lima Soares, tal percepção se dá analisando que:

A notícia não é tratada como simples informação, devendo obedecer os princípios de objetividade, imparcialidade, neutralidade. Antes é vista como um “produto cultural” e uma narrativa, implicando a existência de um jornalista-narrador que conta histórias a um suposto leitor-destinatário (SOARES, 2001, p. 43).

Fica clara a noção de que tanto o jornalismo quanto a história estão submetidos às imposições discursivas e recursos narrativos, e devem ser contemplados dentro do plano de historicização de um evento narrado ou noticiado por um veículo de imprensa.

Ao buscarmos dados e informações a respeito de um determinado fato histórico em um jornal, se faz necessário uma minuciosa atenção à contextualização e as intenções do jornal ao noticiar esse evento. Devemos atentar para as diversas possibilidades de abordagens feitas pelo jornal, desde seu posicionamento, mesmo que velado, sobre as informações, a intencionalidade até o público a ser direcionado. Tais cuidados são apenas um princípio a ser considerado no trabalho a partir, de fontes advindas de jornais ou periódicos. Conforme argumenta Karam:

No discurso jornalístico, dada a especificidade da linguagem e a enorme gama dos destinatários da informação, pode-se dizer que a persuasão e o convencimento caminham juntos em grande parte das ocasiões. E neste sentido, no setor jornalístico, pode se dizer que a lógica é utilizada no próprio campo retórico, em que se recorre ao silogismo para extrair deduções convincentes e demonstráveis (KARAM, 2004, p. 106-107).

Desta forma, é possível entender a importância desses discursos produzidos pela imprensa, seja ela, escrita, falada ou até televisiva, na condução de certas práticas sociais e culturais, dentro de uma determinada comunidade.

Para compreender a intencionalidade da relação produzida entre o jornal e as práticas culturais destes imigrantes, se faz necessário apontar aspectos da comunidade ucraniana de Prudentópolis que a identifica com a cultura de seu país de origem. Tal comunidade, ao longo de sua instalação e permanência no Paraná, trabalhou permanentemente a ideia de manutenção de sua identidade junto aos imigrantes e descendentes, das mais variadas formas, na busca de uma retomada de sentido perdido no processo de desenraizamento de suas origens.

Essa perda de um sentido de si é o que Stuart Hall (2005, p. 09) chama de “deslocamento do sujeito”, e que segundo Freitas, “quanto maior é o sofrimento ao deixar seu país, mais o imigrante luta para preservar sua cultura e tradições”<sup>34</sup>. Neste contexto, os fatores: etnia, língua, e comunidade, são características mais que fundamentais no processo de manutenção e consolidação de uma memória coletiva que culmina, em última instância, na preservação de uma identidade.

Essa “pertença” entre os imigrantes estabelecidos aparece como fator definidor para o estabelecimento e sobrevivência da comunidade. Segundo Cesar Gomes Freitas:

O sentimento de pertença pode ser definido como os laços que prendem o sujeito ao modo de ser, aos comportamentos e estilos de um grupo ou comunidade do qual se torne membro, fazendo com que ele se sinta e aja como participante pleno, sobretudo no que diz respeito aos papéis sociais, às normas e valores (FREITAS, 2008, p. 42).

Assim, as práticas culturais mantidas, mesmo adequadas à nova realidade destes imigrantes, se davam de diversas formas, sempre relacionando a comunidade com o passado e com suas origens, mantendo-os sempre conectados as suas raízes. Tais práticas, na maioria das vezes, partiam de iniciativas da igreja, que tinha, no início da formação desta comunidade, um papel que ia além da

---

34 FREITAS, Sônia Maria. Falam os Imigrantes: Memória e Diversidade Cultural em São Paulo. Tese de doutorado apresentada em cumprimento parcial às exigências do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2001.



catequização, mas tinha também a função de incentivar a coesão e unidade da comunidade.

Dentro desta perspectiva de manutenção da identidade ucraniana na comunidade de Prudentópolis, o jornal *Prácia* aparece como um fator determinante nesse processo de afirmação identitária. Tanto a fundação como a manutenção deste jornal por mais de um século, provavelmente só foi possível devido a sua ativa participação dentro da comunidade ucraniana.

A partir de pressupostos da pesquisa jornalística podemos compreender essa atuação do *Prácia* através do conceito de “imprensa imigrante” que, segundo Szeremeta, “são publicações de caráter informativo, criadas dentro de uma comunidade de imigrantes com a finalidade de oferecer condições de inserção do novo contexto social e preservar as identidades culturais” (SZEREMETA, SCHOENHERR, 2015). Assim, o protagonismo do jornal *Prácia* perante a comunidade fez com que analisássemos o jornal como um elemento inserido dentro da comunidade, partícipe ativo na formação identitária desses descendentes ucranianos.

Para tanto, alguns recursos metodológicos foram imprescindíveis, como, por exemplo, levar em conta que objeto pesquisado – o jornal, teve, e tem, participação financeira e ideológica ativa da igreja católica, que por sua vez, foi a instituição norteadora no processo de colonização e estabelecimento dos imigrantes ucranianos desde a chegada em terras brasileiras.

Tais recursos foram buscados também na análise jornalística, através do princípio da observação<sup>35</sup>. Analisou-se, de forma contextual, o ambiente de produção do jornal, neste caso específico, a Gráfica de Prudentópolis, onde a maioria dos funcionários são diretamente ligados à igreja católica da cidade, criando, assim, um ambiente laboral dentro de um contexto religioso, o que possivelmente dita alguns parâmetros na redação do jornal.

Porém, mesmo tendo esse viés religioso-católico, o *Prácia*, como já mencionado no capítulo anterior, teve também como premissa em suas publicações o enaltecimento do trabalho e da luta dos descendentes ucranianos que se

---

35 Segundo Stake, 2011, este princípio parte do pressuposto de que as informações são sentidas e vistas pelo pesquisador, confiando nele como um “instrumento”, utilizando sua habilidade intuitiva de enxergar os detalhes, de conhecer a influência do contexto. Ver Robert Stake, *Pesquisa qualitativa: como as coisas funcionam*. Porto Alegre 2011.

instalaram no Brasil. Ao lado das publicações religiosas e culturais, o jornal trazia, semanalmente, anúncios de emprego nas lavouras dos colonos, de vendas de alimentos produzidos pelos colonos e, principalmente, ilustrações de como a “comunhão” trabalho/igreja rendia frutos dentro da comunidade. Muitas vezes trouxe comparações com o trabalho dos nativos que margeavam as colônias. Com os acontecimentos da Primeira Grande Guerra, o jornal se munia de notícias que enalteciam o sentimento nacionalista ucraniano, estabelecendo-se, assim, no decorrer do século XX, como um estandarte dos imigrantes ucranianos na cidade de Prudentópolis e da região. Como afirma Guérios:

As notícias da guerra publicadas no *Prácia* eram apresentadas como uma luta pela soberania e pela independência, e significavam, finalmente, o início de um esforço consciente de construção de uma consciência nacional “ucraniana” entre os rutenos no Brasil (GUÉRIOS, 2012, p. 188).

E foi nesse contexto de informações sobre as vicissitudes da Europa, mais precisamente da Ucrânia, trazidas pelos padres ou membros da igreja, únicos que vez ou outra tinham possibilidades de retornar ao seu país de origem, que o jornal tornou-se, não apenas um elo entre os imigrantes e a terra natal, mas entre o passado e o presente.

Contemplado como um dos símbolos das práticas culturais preservadas, mesmo dentro de suas variações, pelos imigrantes estabelecidos em Prudentópolis, *Prácia* atingira seu objetivo de noticiar, informar, catequizar e auxiliar na preservação do idioma de cultura entre os imigrantes e seus descendentes. Porém, mesmo com a devida notoriedade, o jornal em questão foi pouco contemplado pelas pesquisas de cunho acadêmico, pois há uma gama restrita de publicações em forma de pesquisa sobre o periódico. Alguns trabalhos foram desenvolvidos por pesquisadores da área de história, jornalismo e da pedagogia, a partir do final da década de noventa, em que abordaram assuntos diferentes, mas tendo o jornal como fonte.

Tais trabalhos pioneiros também serviram como fontes para esta pesquisa, dentre eles, os mais recentes, como o artigo de Avanilde Polak, “Gêneros textuais: abordagens em notas de falecimentos” (2010), que faz uma análise textual sobre as

notas dos obituários do jornal *Prácia* que continham uma biografia do falecido, a qual descrevia sua vida em comunhão com a igreja. Segundo Polak:

O *Prácia* apresenta outro aspecto relevante para análise: suas notas de falecimento, as quais são escritas (algumas em português outras em ucraniano) pela família do falecido e são publicadas sem nenhuma alteração da tipografia responsável pelo jornal, ou seja, são publicadas sob a perspectiva da família e, em muitos casos, apresentam, desde problemas gramaticais até exacerbação e/ou “maquiagem” sentimental. (POLAK, 2010 p.55).

Outras pesquisas realizadas tendo o *Prácia* como fonte foram os trabalhos de Eliane Lupepsa, que abarcaram temas como a mulher, o cotidiano e a culinária entre os imigrantes e descendentes, que, de uma forma ou de outra, foram representadas nas páginas do jornal. Em sua dissertação de mestrado “Para a dona de casa: comida e identidade entre descendentes de ucranianos em Prudentópolis - 1963-1976” (2010), Lupepsa procurou demonstrar que as práticas alimentares se articulavam ao processo de identidades étnicas e culturais da comunidade ucraniana de Prudentópolis, identificando e analisando tradições presentes no cotidiano, como celebrações de casamentos, de páscoa e natal, tendo como fonte as receitas culinárias publicadas no *Prácia*. Como afirma Lupepsa:

Intrínseca à identidade étnica está a alimentação. Sob esse olhar analisamos as práticas culinárias de imigrantes ucranianos e seus descendentes, traços que fazem parte desse grupo e contribuem para a construção de fronteiras identitárias (LUPEPSA, 2013, p. 32).

Em seu segundo trabalho, Lupepsa aborda a imagem do feminino representada no *Prácia* a partir dos preceitos religiosos da época e da comunidade. Em seu artigo “Cotidiano e religião: leituras femininas de uma coluna de jornal – Prudentópolis – PR, 1964 – 1969” (2013), a autora busca compreender a influência religiosa nas práticas cotidianas de mulheres descendentes de imigrantes ucranianos em Prudentópolis a partir de uma coluna feminina do Jornal chamada “Para as donas de casa”, que evidencia como a igreja católica ucraniana produzia discursos voltados a essas mulheres prescrevendo normas de comportamento.

Por meio dos “conselhos” da coluna “Para a dona de casa” é possível apreender como as donas de casa da comunidade ucraniana deveriam conduzir os assuntos domésticos, especialmente quando

cozinhavam, levando em conta, por exemplo, os preceitos religiosos quanto à dieta a ser seguida na quaresma (LUPEPSA, 2013, p.04).

O jornal *Prácia* também foi evidenciado em pesquisas voltadas ao jornalismo. A jornalista Angélica Szeremeta trouxe à luz das discussões em seu recente artigo, “Imprensa imigrante e jornalismo: apropriações de elementos jornalísticos na produção do jornal centenário ucraniano *Prácia*” (2015), a forma com que alguns elementos do jornalismo moderno se reconfiguram ou são apropriados a partir das peculiaridades na produção de um jornal de cunho local. Segundo a autora:

Podemos dizer que a comunidade ucraniana de Prudentópolis, ao longo de seu processo migratório, encontrou no jornal *Prácia* uma forma de conhecimento que auxiliou na adaptação do povo imigrante no espaço de acolhida estrangeiro. (ZSEREMETA, 2015, p. 04).

As pesquisas aqui apontadas sobre o periódico em questão fazem parte de uma escassa, mas significativa contribuição de autores que tiveram *Prácia* como fonte, através de abordagens variadas, dentro das diversas áreas do conhecimento histórico. Algo comum entre estes trabalhos foi o aporte histórico sobre o jornal, pois, mesmo trazendo propostas diferentes, todos sinalizaram a importância histórica de *Prácia* na construção da identidade ucraniana na comunidade de Prudentópolis.

## CAPÍTULO IV

### 4.1 A MEMÓRIA DOS DESCENDENTES SOBRE AS NOTÍCIAS DO *PRÁCIA*

#### 4.1.1 O *PRÁCIA* E AS NOTÍCIAS SOBRE O HOLODOMOR

Depois de analisar a importância do *Prácia* na comunidade ucraniana de Prudentópolis e de alguns trabalhos elaborados a partir das publicações deste jornal, partiremos para o ponto central deste trabalho, em que seguiremos uma linha semelhante de abordagem, em que serão feitas análises de publicações de um determinado acontecimento com um recorte temporal específico.

Trazer elementos e fatos históricos, cuja fonte é a imprensa, nos designa a um cuidado muito particular. Jamais relegando à imprensa um primeiro plano da verdade, a contextualização de cada notícia ou informação trazida em jornais e outros meios de comunicação deve ser minuciosa. É preciso levar em consideração o dinamismo contido nas propostas da imprensa. A historiadora e jornalista Eliza Casadei aponta para a questão:

Uma vez que o jornalismo nunca pode ser separado da construção de uma escrita – entendida aqui, como uma organização de significantes em torno de um evento que conduz da prática ao texto – os artefatos jornalísticos estão mesmo sujeitos a determinada estruturação do discurso (CASADEI, 2012 p.55).

Também se faz pertinente ressaltar a relação de proximidade entre a história e a imprensa, ambas disponíveis como aportes histórico e teórico nas mais variadas abordagens. Confirmada essa relação, não raras são as obras sobre história elaboradas por jornalistas, assim como o inverso também é verdadeiro, tendo em vista a capacidade que um jornal tem de abordar determinado evento, transformando-o, futuramente, em fato histórico.

Compreendida a necessidade dos aportes metodológicos específicos para analisar a história a partir da imprensa, partiremos agora para o processo empírico deste trabalho, quando traremos à luz das análises notícias com um recorte temporal e tema específico que foram publicadas no *Prácia*.

As notícias e o tema escolhido para esta pesquisa partiram da investigação, feita anteriormente, sobre o evento histórico ocorrido na Ucrânia Soviética, entre os anos de 1932 e 1933: o Holodomor, o qual já foi amplamente debatido nos capítulos anteriores. Este assunto ainda carece de aprofundamentos teóricos, devido à situação política que norteou a região do leste europeu até meados da década de noventa, e ocasionou certo “aprisionamento” de grande parte das informações, mesmo no pós-queda do comunismo. Porém, no limiar do século XXI, muitas dessas informações, até então ocultas, vieram à tona, boa parte devido a reestruturação dessa região da Europa.

A partir da historicização do chamado “Genocídio ucraniano”, lançamos mão da ideia de buscar compreender como os descendentes ucranianos que estavam no Brasil neste período, tiveram acesso às informações sobre o momento conturbado que passava sua nação de origem e seus familiares que não vieram com o fluxo de imigração.

Empiricamente, foram usadas nesta pesquisa duas formas de acesso a tais informações: o uso da metodologia da história oral, através de entrevistas com descendentes das vítimas do genocídio que se estabeleceram na cidade de Prudentópolis, e com depoentes que sobreviveram ao genocídio e mais tarde imigraram para o Brasil. Para uma análise material dessas informações, serão analisadas as notícias publicadas no jornal *Prácia* sobre este tema nas edições do periódico entre os anos de 1932 e 1934.

A saber, como já mencionado no capítulo que traz a trajetória da imprensa ucraniana no Brasil, o jornal *Prácia* era editado e publicado na língua dos imigrantes: o ucraniano. Foi a partir de 1995 apenas que as publicações foram realizadas em português, o que acarretou em um trabalho minucioso na busca pela tradução dessas notícias. O laborioso trabalho de tradução das fontes foi feito a partir da tradução livre por uma integrante da comunidade, cuja participação era constante nas atividades culturais da cidade.

Para que se aproxime ao máximo da imparcialidade é crucial elencar, sucintamente, a trajetória da tradutora dessas notícias, visto que ela, descendente ucraniana, católica, irmã catequista do Colégio Santa Olga, tem importante envolvimento com a comunidade e com a cultura ucraniana. Sendo assim, salientamos que as traduções realizadas eram de um evento que simboliza o

sofrimento e impunidade sofrida pelo seu povo, atentando-nos, assim, para as possíveis passionalidades contidas nessas traduções as quais, como já dito, foram feitas de forma livre.

Meroslava Krevei, 72 anos, freira, professora aposentada e atualmente diretora do Museu do Milênio em Prudentópolis, foi personagem fundamental na construção deste trabalho. Todas as notícias do *Prácia* que foram analisadas tiveram as traduções feitas por ela. É importante salientar que a gramática ucraniana praticada atualmente sofreu adequações, diferenciando-se da gramática praticada dentro do recorte temporal proposto por nós para esta pesquisa, podendo assim, conter certas discrepâncias dentro da tradução feita por nossa colaboradora.

A proposta metodológica para o levantamento das notícias sobre o Holodomor nas páginas do *Prácia* consistia em buscar notícias que continham algumas “expressões – chave” como: Fome na Ucrânia, Morte na Ucrânia e Comunismo, tendo em vista que o levantamento bibliográfico feito sobre o tema apontava para estas terminologias. O recorte temporal pesquisado no jornal (1932 – 1934) difere um pouco do recorte temporal do fato em si (1932-1933), devido à dificuldade de se obter informações daquele período, especialmente por parte da imprensa, sobre as vicissitudes da Ucrânia sob o domínio soviético. Muitas vezes as notícias eram veladas e censuradas, tanto que notícias sobre o Holodomor foram publicadas um ano após o “fim” do genocídio.

No processo de verificação e tradução da notícia foram considerados: o teor da reportagem, o destaque dado pelo jornal e sua possível intencionalidade além da informação. Algumas destas notícias vinham acompanhadas de pedidos de auxílio às vítimas da fome na Ucrânia, que foi concedido através do envio de valores através do comitê Internacional da Cruz Vermelha.

Com o objetivo de compreender as relações estabelecidas entre a comunidade ucraniana de Prudentópolis, o jornal *Prácia* e o Holodomor, partiremos para a análise das publicações feitas no periódico<sup>36</sup>.

Notícias do domínio russo sobre a Ucrânia não eram raras. A maioria das reportagens com este teor denunciavam os “excessos” da imposição política e étnica

---

36 As notícias que serão analisadas ao longo deste trabalho serão citadas em português a partir das traduções, suas versões originais na língua ucraniana estão disponíveis nos anexos em forma de fotos tiradas diretamente do jornal *Prácia*.

feita pela Rússia. Faz-se pertinente apontar que tais notícias vinham acompanhadas de um peso ideológico e cultural, pois sendo o jornal de uma comunidade de imigrantes ucranianos, a perspectiva de vitimização era aparente.

No *Prácia* havia uma coluna de destaque chamada “Do mundo”, em que era publicada grande parte das informações sobre o país de origem dos imigrantes. Vale ressaltar que, mesmo tendo como nome “Do mundo”, a maioria das notícias desta coluna era sobre a Ucrânia, o que evidencia a tendência nacionalista do *Prácia*.

A partir do levantamento feito nas páginas do *Prácia*, serão analisadas as notícias na ordem cronológica de suas publicações. A primeira notícia encontrada aponta diretamente para o “problema da fome” na Ucrânia e foi publicada no periódico do dia 29 de julho de 1932. A manchete que anunciava a notícia trazia uma informação importante sobre a Ucrânia: “A Ucrânia Soviética passa fome”. Vale destacar que pouco se sabia a respeito da situação econômica e social dos países anexados à Rússia devido à censura imposta.

#### A UCRÂNIA SOVIÉTICA PASSA FOME:

A Gazeta delegou aos jornalistas em Moscou que pesquisassem sobre a fome as denúncias de que a Ucrânia tinha sua população passando fome. O correspondente comunica que depois de estudos e pesquisas sobre a alimentação da população nas grandes e pequenas cidades.

“Estarrecemo-nos com a situação de fome que vivem russos e toda a população soviética. A alimentação é de responsabilidade do governo, pois recrutou grande parte da população para os trabalhos coletivos, tomando para si todas as propriedades, antes privadas, porém, a alimentação servida aos trabalhadores não é o suficiente para um dia de trabalho, muito menos ainda para suas famílias. A população nas aldeias sofre ainda mais, pois a fome é esmagadora. A situação nessas aldeias, principalmente na Ucrânia, é pior do que nos tempos da guerra civil e pior que a grande fome de 21 e 22”.

O jornalista afirma que os povos das aldeias recorrem a doações de comidas de algumas cidades que ainda tem alguma comida. A razão desse estado catastrófico dessas aldeias se deve as coletivizações das pequenas fazendas, sacramentando a morte de milhares de agricultores. (Jornal *PRÁCIA*, 29 de julho de 1932 p. 01).

Ao analisar as informações contidas nesta notícia, percebemos que o jornal faz um importante apontamento sobre a crise social e econômica que Ucrânia se encontrava, pois como já mencionado anteriormente, parte das notícias publicadas



no *Prácia* sobre o leste europeu vinham de correspondências entre os membros da comunidade e/ou, mais raramente, de viagens feitas por clérigos em determinadas ocasiões. Em ambas as formas, as notícias eram veladas pelo governo russo e todo o sistema de correspondências era monitorado antes de serem enviadas ou recebidas. Quanto aos padres imigrantes que voltavam à Ucrânia, eram proibidos de visitar determinadas regiões, tinham acesso apenas em paróquias e aldeias que serviam como “coletivizações modelo”, preparadas para receber autoridades de países vizinhos na tentativa de manipular a opinião estrangeira sobre a URSS.

Destaca-se, também, que a notícia faz parte de uma publicação de outro periódico ou jornal, a “Gazeta”, mas que no *Prácia* não está explícito se era de um jornal local na Ucrânia ou de outra região da Europa, apenas aponta, a pedido deste jornal, que fosse feita uma averiguação sobre a fome nas aldeias do interior ucraniano.

É possível notar também que os correspondentes fizeram um levantamento de dados sobre a população, não apenas da Ucrânia, mas de outras regiões anexadas à URSS, e constataram que a fome era um problema aparente. Nos relatos contidos na notícia percebe-se a compreensão, por parte dos correspondentes, de que a carência de alimentos nas aldeias era consequência das coletivizações feitas no programa quinquenal do plano de governo comunista. Também nota-se uma comparação feita ao período crítico vivido na mesma região entre 1921 e 1922, pós-guerra civil russa, que até então era tido como “Ano da fome”.

A segunda reportagem do *Prácia* que faz menção às condições de vida na Ucrânia é do dia 07 de setembro de 1932, cuja semelhança com a notícia anterior era o teor de denúncia à dominação russa.

#### A GAZETA DE PRAGA TRAZ NOTÍCIAS SOBRE A FOME:

O movimento dos famintos na região de Odessa queimou o depósito de alimentos do governo. Trabalhadores e agricultores famintos atacaram uma fábrica de conservas em Odessa para saquear.

Dentro desse contexto de fome e miséria, muitos são os relatos de que muitos camponeses para poder se alimentar comiam, cães, gatos e resto de comida dos soldados do governo (Jornal *PRÁCIA*, 07 de setembro de 1932 pg.01).

Esta notícia foi publicada na coluna “Do mundo” do *Prácia*, que trazia informações sucintas, pouco detalhadas, porém pontuais. Ela também foi publicada em outro periódico, *Gazeta de Praga*<sup>37</sup>, o qual relatava protestos de camponeses na cidade de Odessa, devido à escassez de comida.

A notícia aponta como justificativa para os saques realizados pelos camponeses às fábricas, o fato de estarem sendo assolados pela falta de alimentos e termina a reportagem com fortes relatos sobre a prática comum entre os aldeões de se alimentar com carne de animais e restos de comida, com a possível intencionalidade de chamar a atenção para os acontecimentos da Ucrânia.

A terceira reportagem remonta a data de 30 de setembro de 1932, quando *Prácia* lança uma publicação, em uma pequena nota na coluna “Do mundo”, não sobre a fome, mas sobre o recrutamento forçado de ucranianos e poloneses para os gulag’s.

#### QUEIMAM AS ALDEIAS UCRANIANAS.

Em toda região de fronteira com a Polônia, especialmente na Ucrânia, as autoridades soviéticas queimaram as aldeias inteiras e sua população foi transferida para os Gulags da Rússia. Faziam isso para ali poder estabelecer fronteiras de bolcheviques, livres de quaisquer antirrevolucionários (Jornal *PRÁCIA*, 30 de setembro de 1932 p 01).

Acima, *Prácia* traz como manchete uma “chamada” forte dizendo “Queimam as aldeias ucranianas”, em que afirma o teor de denúncia do jornal. A seguir traz à tona, para os imigrantes que se estabeleceram no Brasil, a prática comum na URSS de recrutar compulsoriamente parte da população para os campos de trabalhos forçado na Sibéria, os conhecidos gulag’s. A notícia mostra que, para esse recrutamento, o governo soviético confiscava propriedades das regiões fronteiriças da Polônia e da Ucrânia, e queimava suas casas para impossibilitar a fuga dos gulag’s e o retorno a sua terra.

Segundo o jornal, a preocupação com a parcela da população que se revoltava contra a dominação russa era constante, visto que, essa “eliminação” da

---

37 Possivelmente o mesmo jornal mencionado na notícia anterior, do dia 29 de julho de 1932, em que se menciona apenas o nome *Gazeta*.

população de fronteira era também uma estratégia de minimizar a ação dos ditos “antirrevolucionários”.

Seguindo a ordem cronológica das publicações, a quarta notícia é de uma reportagem publicada em 07 de outubro de 1932, que tem como manchete: “Trabalhadores protestam contra os depósitos de comidas bolcheviques”, ou seja, outro relato da manifestação desencadeada pelas condições precárias vividas pelos ucranianos neste período.

#### TRABALHADORES PROTESTAM CONTRA OS DEPÓSITOS DE ALIMENTOS BOLCHEVIQUES.

Chegou a Berlin a notícia de que trabalhadores da Ucrânia protestaram contra os grandes depósitos de alimentos dos bolcheviques destinados a exportação, não atendendo assim a própria população da Ucrânia.

O poder soviético se organizou para carregar os navios de carne, conservas e cereais para exportação, com o objetivo de angariar recursos para a industrialização nas grandes cidades da Rússia, deixando assim, a população ucraniana faminta.

Três mil trabalhadores reuniram-se com suas esposas e filhos para impedir que algumas cargas fossem exportadas. Para conter as manifestações, o governo soviético ameaçou matá-los, mas os trabalhadores que protestavam não recuaram.

Parte dos soldados recuou ao ver a massa de trabalhadores avançando. Entre os próprios soldados havia simpatizantes dos protestos. No final, houve uma negociação em que foi cedido àquelas pessoas que estavam protestando uma quantia de 35% da carga dos navios que estavam aportados.

Os movimentos têm aumentado até Moscou, o que tem causado preocupação no governo bolchevista. (Jornal *PRÁCIA*, 07 de outubro de 1932 p.01).

Esta publicação traz informações sobre a reação do povo ucraniano diante da dificuldade e a denúncia contra o governo bolchevique. Também mostra a insurgência, em forma de resistência, representada no ato da manifestação. A propagação de um sentimento nacionalista fora de seu país foi uma constante na construção das colônias de imigrantes ucranianos. Desde sua instalação no sul do Brasil, a (re) construção da identidade destes imigrantes sempre foi arraigada nos sentimentos religiosos e de nacionalismo.

Assim, podemos perceber no *Prácia*, que a intenção era enaltecer a “bravura” de seu povo e também encorajar os imigrantes através da “luta” cotidiana em um país estrangeiro. Ao final, a reportagem informa que houvera um acordo entre os trabalhadores manifestantes e os soldados do governo, indicando um resultado, de certa forma, positivo ao final da luta.

Através da reportagem acima é possível salientar que há uma relação próxima entre a notícia e a intencionalidade de se recriar um mundo onde os imigrantes se representem, tendo na história e no jornalismo (no caso, o jornal), uma conveniente convergência para a manutenção de uma gama de sentimentos como de identidade e de pertencimento.

A notícia seguinte traz informações vindas da Alemanha, possivelmente através de correspondências que se desvencilharam da censura soviética e chegaram até os redatores do *Prácia*, no Brasil. A publicação é de 14 de outubro de 1932 e logo em sua manchete traz um título forte com teor de tragicidade:

#### UCRANIANOS COMEM ANIMAIS MORTOS

Da Alemanha vêm notícias de que na Rússia, mas principalmente na Ucrânia sobre as tristes condições de fome que vivem as populações das aldeias, que com o passar do tempo a fome se espalha e toma conta de Ucrânia. O poder comunista não toma providências para conter a fome em seus países anexados, pelo contrario, age como se essa eliminação desses povos fosse um bem para a Rússia.

Nas aldeias coletivizadas, aumentam a cada mês os tributos sobre os alimentos, deixando-os agricultores ainda mais miseráveis, sem ter com que se alimentar. Sem comida para a família, sem pasto para as poucas criações, todos acabam sucumbindo. O gado, os cavalos, adoecem e morrem, tornando a luta contra a fome impossível. A população está tão faminta que retiram animais mortos de suas covas para alimentar-se de sua carne. Isso trouxe muita contaminação e doença para a população das aldeias.

Esse desespero por comida ocasiona diversos ataques aos agentes bolchevistas (Jornal *PRÁCIA*, 14 de outubro de 1932 p.01).

Nesta reportagem, *Prácia* contempla informações advindas da Alemanha, sem fonte e sem mencionar se era uma reportagem de outro jornal ou de algum departamento de informações. Como já mencionado, é provável que seja fruto de informações trocadas por cartas entre membros da igreja católica, pois essas

correspondências religiosas tinham menor atenção da censura dos órgãos do governo soviético.

O texto informa uma prática demasiado perturbadora para as perspectivas culturais da época. O jornal repassa aos imigrantes no Brasil que, devido à fome que assolava a Ucrânia, muitos colonos encontravam-se em drásticas situações de necessidade que chegavam a alimentar-se de animais mortos que sucumbiram ao frio e escassez de pasto. O jornal também traz que, por conta dessa prática, a transmissão e proliferação de doenças agravaram o cenário de carência que passava a Ucrânia.

Algumas informações impactantes trazidas pelo *Prácia* tinham diversas finalidades junto à comunidade de imigrantes no Brasil. Uma delas, era o posicionamento contra as medidas políticas e econômicas tomadas pela URSS, não só contra a Ucrânia, mas contra a maioria dos países a ela anexados. Outra perspectiva do jornal era fortalecer ainda mais a unidade entre esses imigrantes, apontando, mesmo que intrinsecamente, uma comparação entre os ucranianos que imigraram e os que ficaram na Ucrânia e agora padeciam. Tais notícias também tinham o teor apelativo no tocante à ajuda humanitária aos ucranianos, pois, como consta na ata da Associação dos Moradores de Prudentópolis, houve uma arrecadação entre os membros da comunidade para o auxílio aos seus parentes na Ucrânia.

É na perspectiva de trazer à tona a tragicidade da então atual situação nas fazendas coletivas na URSS, que a próxima notícia “explora” as condições de miséria que os colonos se encontravam. A reportagem publicada também na coluna “Do mundo”, em 02 de dezembro de 1932, trazia a seguinte manchete:

#### CANIBALISMO NA UCRÂNIA

Milhares de ucranianos incham de fome nas fazendas da Ucrânia. Nas fazendas coletivas, as quais eram muito produtivas antes da coletivização, hoje morrem milhares de fome todos os dias.

Muitos aldeões dessas fazendas, por causa da fome, recorrem ao consumo de carne humana para saciar sua fome. Essas pessoas comem carne de pessoas que morreram devido à fome.

Na aldeia de Hadiach, o aldeão Victor matou suas duas crianças para comer e vender a carne. Foi preso pelos fiscais de campo do governo e foi considerado louco.

Em outra aldeia, uma mulher chamada Zamar Tzvenko matou seu filho para alimentar suas crianças mais novas.

Na aldeia próxima a Karlivka, foi encontrada uma criança de cerca de quatro anos morta em uma panela de fritar. Os aldeões lincharam a mulher que era a mãe desta criança.

O poder soviético nega tais notícias. Tais terrores aconteceram frequentemente e o poder bolchevista cuida para que essas notícias não passem além-fronteiras. Realmente os soviéticos devem ser loucos e selvagens. (Jornal *PRÁCIA*, 02 de dezembro de 1932 p.01).

O título da reportagem acima é uma informação de conteúdo forte, que faz uma “denúncia” sobre a prática de canibalismo ocorrida nos campos da Ucrânia devido à fome. No decorrer da reportagem, percebe-se que o jornal fornece exemplos específicos que demonstram reprovação à prática: “os aldeões lincharam a mulher que era mãe da criança”, “foi preso pelos fiscais do governo e considerado louco”. Nota-se, também, a intenção de demonstrar que tal prática desencadeou-se devido às condições econômicas de seu país, impostas pelo governo soviético.

Outra percepção que se tem da notícia do *Prácia* é a ênfase que o jornal dá na dificuldade de acesso a essas informações, devido à política soviética de censura imposta pelo governo stalinista. Deste modo, ao expor tais dificuldades, o jornal enaltece seu próprio trabalho jornalístico.

A última notícia encontrada sobre o tema, no *Prácia*, no ano 1932, traz o depoimento de um correspondente nova-iorquino que visitou a região do leste ucraniano e que, ao chegar a Moscou, enviou informações sobre os acontecimentos. Ao ter contato com o jornal estadunidense, o *Prácia* compartilhou os relatos para os membros da comunidade ucraniana brasileira.

#### AMERICANOS VISITAM A KIEV FAMINTA

O correspondente de Nova Iorque, ao chegar a Moscou, após visita à Ucrânia relata sobre os terríveis acontecimentos devido à fome naquela região.

“Nas ruas de Kiev víamos crianças com inscrição no braço indicando que foram abandonadas pelos pais devido à fome. Essas crianças comiam os restos de alguma comida nos lixos”.

Os americanos também relataram que viram que algumas aldeias eram completamente abandonadas, pois a população a haviam abandonado para tentar arranjar trabalho e comida em cidades dos centros (Jornal *PRÁCIA*, 16 de dezembro de 1932 p.01).

Nesta notícia, *Précia* “importa” uma atribuição feita ao modelo stalinista de governo pelos correspondentes norte-americanos em uma viagem à URSS. Percebe-se uma disposição dupla em trazer à baila os insucessos do comunismo implantado na Rússia, visto que os Estados Unidos tinham em comum com o povo ucraniano o combate ao sistema comunal de governo.

Em grande parte das notícias sobre a “Grande fome” na Ucrânia, os relatos sobre as mazelas vividas pela população foram uma constante e a notícia acima não fugiu a “regra”, pois explicita a situação vivida pelas crianças não só nas aldeias, mas nas ruas das cidades centrais, onde foram abandonadas ou tornaram-se órfãs, devido à morte de seus pais.

Ao todo, foram analisadas sete reportagens sobre a fome na Ucrânia publicadas no *Précia* no decorrer do ano 1932. Se considerarmos que o jornal era semanal e o assunto abordado era de importância e proporções consideráveis, o número de notícias foi escasso. Mas, se levarmos em conta as dificuldades, dentre elas o distanciamento geográfico e a censura à informação imposta pelo governo soviético, o jornal ucraniano – brasileiro desenvolveu, durante o ano de 1932, importante cobertura sobre este importante momento histórico da Europa.

Dentro da proposta deste trabalho, seguem as análises das reportagens do *Précia* durante o ano de 1933, momento em que se acirraram as tributações e perseguições à população ucraniana no leste europeu, e acentuam-se a crise e, conseqüentemente, a fome em grande parte da Ucrânia, culminando, como já relatado, no que posteriormente ficou conhecido como Genocídio ucraniano.

A primeira notícia do ano de 1933 foi publicada em janeiro, e tratou das manifestações ocorridas na capital Kiev e em Odessa. A reportagem traz informações sobre o confronto entre a população e a polícia, gerado pelas tensões entre a sociedade e o governo soviético, que se agravavam cada vez mais devido aos agudos problemas sociais, entre eles, a fome nos campos e em parte das cidades centrais.

#### DERRAMAMENTO DE SANGUE EM KIEV E ODESSA:

Em Kiev um grupo de pessoas invadem o local onde eram guardados os mantimentos confiscados pelos agentes do governo russo. Estavam entre eles, crianças e mulheres e levaram tudo o que

podiam carregar. O povo desorganizado e faminto roubou comida, levaram tudo.

Com a chegada da polícia houve a prisão de centenas de pessoas e após isso reforçaram a seguranças nos galpões de alimentos das fazendas coletivas.

Em Odessa a multidão invadiu os navios abarrotados de comidas roubaram e dividiram entre si. Ao serem pegos pelos setores de fiscalização da polícia local, foram presos, e sumariamente fuzilados (Jornal *PRÁCIA*, 20 de janeiro de 1933 p.01).

Ao analisar a notícia acima, nota-se o uso de um discurso com teor bélico, em que o *Prácia* tenta passar para o leitor a atividade violenta e desproporcional da polícia que fora acionada pelos agentes de fiscalização do governo.

Parte dos galpões de armazenamento de alimentos, arrecadados através dos confiscos em forma de tributos, ficava em Kiev, e foram alvos constantes de ataques por parte da população carente. Todo o alimento arrecadado nos campos ucranianos era trazido para estes depósitos de armazenamento para que fossem exportados, a fim de fortalecer as receitas da industrialização russa. Segundo Pipes:

O capital para o estímulo à industrialização veio de várias fontes, inclusive impressão de notas, receita do imposto sobre a circulação de mercadoria, exportação de alimentos. Mas o grosso foi extraído da classe camponesa. Que sete décadas depois da emancipação, voltou a ser serva (PIPES, 2002, p.76).

Novamente sobre a reportagem, o jornal deixa notória a atitude desproporcional por parte dos membros do governo, ao falar do saque feito por ucranianos famintos aos navios em Odessa. O desfecho dessa manifestação foi a pena cabal para muitos desses “saqueadores”, que, segundo o jornal, foi dada de maneira sumária, sem “justo julgamento”.

A próxima nota no jornal *Prácia* é de 27 de janeiro de 1933, e traz informações sobre como eram feitas as arrecadações tributárias nas pequenas propriedades da Ucrânia e como esses impostos afetavam diretamente o camponês.

#### O GOVERNO LOCAL RETIRA O LEITE DAS CIRANÇAS DA ALDEIA

Agora os aldeões além do imposto sobre a carne de boi, de porco, galinhas, tem que pagar imposto sobre o leite que produzem. A partir de agora cada colono deve contribuir para o governo central a quantia de 613 litros de leite por ano de cada vaca.



Stalin assinou o decreto sobre o aumento dos impostos sobre os aldeões, aumentando ainda mais a tributação. Cada aldeia deve entregar mais de um quarto da produção de leite que era destinado as fazendas coletivas.

O governo local ficou incumbido de fazer o cálculo real da nova tributação variando a cada aldeia, para saber quanto de leite seria confiscado. No restante da produção, o pouco que sobre se o colono quiser vender, o governo compra, porém, pelo décimo do valor real.

A família de colonos que não entregasse a quantia exigida pelo governo era presa e tinha seus poucos bens confiscados, vendidos e distribuídos entre o partido.

O governo usa o leite para produzir manteiga, o que em toda a Europa é um produto considerado especiaria e muito caro. Nos últimos dez meses a Rússia exportou 270 toneladas de manteiga rendendo altos valores para os cofres do governo (Jornal *PRÁCIA*, 27 de janeiro de 1933 p.01).

Percebe-se, nesta reportagem do jornal *Prácia*, o esforço feito pelo periódico para detalhar a forma compulsória que o governo soviético decretava e arrecadava os tributos sobre os países anexados. Relata, também, o impacto causado pelo confisco de parte da produção de leite e da plantação de grãos nas condições básicas de sobrevivência dos camponeses. Ficam aparentes, na notícia, as condições violentas com que agia o governo caso a família camponesa não atingisse a cota exigida e a apropriação dos poucos bens que ainda tinham de ressarcimento pelo uso das “terras comunais”. O jornal vai além da notícia factual e indica o motivo pelo qual o produto “leite” era um dos itens mais requisitados pelos órgãos de confisco, pois demonstra a lucratividade obtida pelo governo que exportava a manteiga produzida a partir do leite arrecadado.

A próxima reportagem feita pelo jornal *Prácia* foi publicada em 24 de fevereiro de 1933 e tem como característica peculiar o fato de ser a única nota sobre a fome na Ucrânia encontrada em uma publicação fora da coluna “Do Mundo”, a qual aparecia em uma segunda página, na coluna destinada a anúncios de emprego.

#### ATROCIDADES DE MOSCOU CONTRA A UCRÂNIA:

Moscou deporta para os campos de trabalho forçado três aldeias inteiras do sul da Ucrânia para o Norte da URSS.

A imprensa Norte Americana informa via telegrama de 19 de janeiro sobre Moscou:

“A Rússia soviética deportou para a Sibéria toda a população de três aldeias do sul da Ucrânia”.

A deportação foi devido a não adequação as normas do partido bolchevique. Esse decreto de deportação foi feito á todos os moradores dessas aldeias. Sem nenhuma restrição os bolcheviques arrancaram crianças e idosos de sua terra querida.

As propriedades das famílias deportadas serão confiscadas e distribuídas entre os veteranos do exército vermelho e membros do partido comunista (Jornal *PRÁCIA*, 24 de fevereiro de 1933 p.02).

Nesta reportagem, *Prácia* traz a publicação de um jornal Norte Americano, sem menção do nome, em que se reproduz o relato de correspondentes que estiverem em terras soviéticas.

O teor da notícia é a deportação de russos, ucranianos e poloneses para os campos de trabalhos forçados na Sibéria, os Gulag's, e traz à tona o teor político dessas deportações, tendo em vista que o critério, segundo o jornal, para a inclusão nos trabalhos compulsórios era a não adequação às normas do partido bolchevista. O jornal deixa claro o não cumprimento de critério para estas deportações quando informa a arregimentação de crianças e idosos. Outro fator, já mencionado em outras publicações no *Prácia*, é o fato do confisco de bens e propriedades feito pelo governo e distribuído entre seus pares.

Depois dessa notícia publicada em fevereiro de 1933, verifica-se um espaço temporal considerável até a publicação da notícia seguinte, em 23 de junho de 1933. Passaram-se quatro meses sem o jornal relatar sobre os fatos ocorridos na Ucrânia, justamente no momento que a fome e os conflitos intensificavam-se na região. Pipes aborda sobre o período tenso que vivia a Urânia:

Para quebrar a resistência dos camponeses na Ucrânia, no norte do Cáucaso e no Cazaquistão, Stalin infligiu a essas áreas, e 1933, uma fome artificial, despachando todo o alimento de distritos inteiros dispondo o exército em formação de combate para impedir que camponeses famintos migrassem em busca de comida. Estima-se que entre seis e sete milhões de pessoas morreram nessa catástrofe fabricada pelo homem (PIPES, 2002, p.78).

Possivelmente, neste momento demasiado conflituoso, houvera uma dificuldade maior de se obter informações sobre os acontecimentos, visto que o fato,

noticiado em 23 de junho de 1933, veio a partir de um telegrama, sem menções de como e quem o enviou.

### MOSCOU QUER DEPORTAR PARA OS GULAGS 15 MILHÕES DE PESSOAS

Telegrama vindo de Moscou publica que o poder bolchevique dividiu a Rússia em três regiões.

1º Região: É a que fazem parte as cidades grandes como Kiev, Moscou, Petersburgo, são as cidades em que são livres, as pessoas que coadunam com o as ideias do bolchevismo. Na 2ª região são as cidades menores, onde prevalecem os trabalhadores das fábricas. Na 3ª região, prevalecem as aldeias, onde se concentra a grade produção da URSS.

Toda essa divisão é feita compulsoriamente, belicamente. Os que se recusam a se adequar a essas regiões são deportados para os Gulags na Sibéria (Jornal *Prácia*, 23 de junho de 1933 p.01).

A reportagem acima traz informações sobre a divisão política – geográfica que estava sendo feita na URSS. Estas questões passavam, segundo o jornal, pelo crivo da aceitação ou não das práticas contidas no sistema comunista que vinha sendo implantado na Rússia e países anexados.

Outra percepção que se teve da reportagem é que, possivelmente, a nota que explica como se dá a divisão destas três regiões foi retirada de folhetos explicativos russos, atividade bastante comum na Rússia, com o intuito de propagar e divulgar ideias do comunismo. Confirma-se este fato ao perceber que não há na parte mencionada, termos acusativos aos métodos do governo. O mesmo tratamento não se dá em relação à manchete e ao final da reportagem, em que o *Prácia* aponta para a obrigatoriedade de se atender a essas divisões e cita as violentas punições para aqueles que se insurgem contra as divisões.

Em relação à reportagem seguinte, do dia 07 de julho de 1933, o jornal *Prácia* volta a trazer informações sobre a precariedade em que vivem os ucranianos, sobretudo em relação à falta generalizada de alimentos para a população.

### A GRANDE FOME NA UCRÂNIA:

Em Kiev, pessoas lutam sobre uma vala com comida. A imprensa de Paris traz o seguinte relato de um de seus correspondentes na

URSS, cujo nome não foi revelado, que foi testemunha ocular dos acontecimentos na Ucrânia.

*“Em Kiev, eu testemunhei como pessoas famintas brigavam entre elas para chegar a uma cova com restos de comida. Esses restos eram jogados de uma cozinha bolchevique”.*

Em Kiev não existe uma venda de produtos, lojas e comércios fechados, tudo vazio, um nada. Para agravar ainda mais, sobre a comida que é produzida pelos poucos camponeses que ainda resistem em suas pequenas propriedades, há uma taxaço de impostos sobre essa comida.

Na cidade de Kramatorski a mortalidade é muito grande. O povo incha de fome, há mortos na rua que ninguém mais recolhe. A fome chega a níveis inacreditáveis. – correspondente de Paris (Jornal *PRÁCIA*, 07 de julho de 1933 p.01).

Com a manchete “A grande fome na Ucrânia”, o jornal *Prácia* traz parte de uma reportagem feita pela imprensa parisiense, cujo correspondente teve sua identidade preservada pelo jornal, mas que esteve pessoalmente em Kiev e Kramatorski e relatou sua percepção sobre as atuais condições destas cidades.

O jornal *Prácia* transcreve o relato deste correspondente a fim de evidenciar as condições subumanas que se encontravam os ucranianos, informando que havia pessoas famintas brigando por restos de comidas em valas na cidade de Kiev. O relato continua, agora sobre a cidade de kramatorski, que fazia parte de um projeto industrial ao fim da década de 1920 na URSS e, mesmo assim, não ficou imune aos problemas sociais relacionados à fome.

Na reportagem do dia 21 de julho de 1933, o jornal *Prácia* publicou uma correspondência sem divulgar o remetente nem o destinatário, em que é relatada a forma de agir do governo soviético em relação à manutenção dos planos de governos vigentes.

#### MISÉRIA E FOME NA UCRÂNIA

Notícia de uma carta privada:

“Aqui no poder soviético da Ucrânia acontece uma “limpeza”, uma seleção das pessoas mais e menos importantes para que façam parte dos campos de trabalho forçado. Os bens das famílias que são selecionadas para ir aos campos são levados às fazendas coletivas.

Aqui, entre 05 e 10 de abril aconteceu o julgamento pelos roubos de pães. Os roubos geralmente são cometidos pelos famintos. Soubemos relatos de que um funcionário do governo que cuidada da

fiscalização dos galpões onde se armazenavam os alimentos, teria ajudado alguns aldeões famintos no roubo de trigo e foi fuzilado sem prévio julgamento. Os que transgridem as leis são mortos ou deportados para os campos.

Para os trabalhadores das fazendas coletivas são distribuídas comida suficiente para o dia de trabalho, 150 de trigo para o trabalhador e 150 g para levar para a família. A fome tem aumentado muito a criminalidade. Ficam se arrastando de fome pelas ruas, infestando o ar com o mau cheiro dos mortos (Jornal *PRÁCIA*, 21 de julho de 1933 p.01).

Na referida reportagem, o jornal *Prácia* publica uma carta, possivelmente trocada entre membros da igreja católica aqui no Brasil e na Ucrânia, com informações sobre as vicissitudes daquela região. Na nota, o autor detalha sobre a divisão feita na sociedade entre os que coadunam e os que são contra o governo bolchevista e sobre o confisco de bens imposto a todas as propriedades privadas.

As execuções promovidas pelos agentes do governo também são assunto na correspondência publicada. Na carta, o autor comenta sobre os julgamentos sumários feitos aos famintos que atentavam contra os depósitos de alimentos, quase sempre culminando em fuzilamento.

Deste modo, o Jornal *Prácia* usa uma parte da correspondência para reafirmar seu posicionamento de denúncia ao sistema vigente na Ucrânia – o comunismo, e atribui à reportagem um discurso religioso, característico do periódico.

Em outra nota publicada no dia 29 de setembro de 1933, o jornal *Prácia* elenca informações noticiadas na Alemanha através de uma conferência de correspondentes recém-chegados de Moscou.

#### EM UMA CONFERÊNCIA DE CORRESPONDENTES ALEMÃES QUE ESTIVERAM NA URSS.

Em uma conferência em Berlim, após o retorno do correspondente, o Prof. Zalghem, o mesmo comunicou que foram deportados para a Sibéria cerca de 70 mil colonos das cidades menos prósperas da Rússia. Em toda a URSS, o número de pessoas condenadas pela fome pode chegar a cinco milhões.

A sociedade religiosa alemã recebeu mais de cem mil cartas de pessoas pedindo ajuda com comida. Segundo essas cartas, a situação pior é na Ucrânia que além da fome, resultado das coletivizações das fazendas há também moléstia em forma de doenças por quase toda a Ucrânia (Jornal *PRÁCIA*, 29 de setembro de 1933 p.01).

Diferentemente da maioria das outras notas publicadas sobre a fome na Ucrânia, nesta, o jornal cita o nome do correspondente responsável pelas informações. A reportagem traz explicações do correspondente alemão, professor Zalghem, que discorrem sobre a deportação de muitos colonos, principalmente ucranianos, para os campos de trabalho forçado na Sibéria. Também explica que estas informações chegaram à Alemanha através de correspondências, e alerta a população internacional sobre os problemas das coletivizações em terras ucranianas, e pede auxílio humanitário para as vítimas.

Para dar sequência ao que foi proposto nesta pesquisa, analisaremos as notícias publicadas no ano de 1934, último período abordado neste trabalho, visto que, ao final de 1933, as coletivizações nas fazendas ucranianas fracassaram como projeto de médio prazo, do ponto de vista soviético, e o Estado diminuiu as tributações, mesmo porque os recursos ficaram escassos a ponto de desertificar grande parte das aldeias devido à fome. De acordo com Cawthorne:

Muitos camponeses entenderam isso como um sinal para deixar as fazendas coletivas, com apenas 24% tendo permanecido por volta de novembro. Na fértil região da “terra preta”, o número de pessoas que viviam em fazendas coletivas caiu de 82% para 18% em dezembro (CAWTHORNE, 2012, p.132).

Com isso, o jornal *Prácia* apresentou, em 1934, uma quantidade de publicações sobre a fome na Ucrânia menor do que nos dois anos anteriores, contado com “apenas” três notícias dentro deste período. O tom do jornal em 1934, na maioria das notícias, é dado pela política de guerra que pairava sobre a Europa, em que aparecem inúmeras notas sobre e iminência de um conflito mundial.

Porém, para esta pesquisa, são as notas sobre a Ucrânia que se fazem pertinentes. Assim, a primeira reportagem do ano de 1934 é publicada no dia 26 de janeiro, e mostra os métodos de policiamento e de punição dos agentes do Estado em relação às revoltas dos camponeses que se levantavam contra as coletivizações.

#### BOLCHEVISTAS QUEREM ENVIAR UMA EXPEDIÇÃO PENAL PARA A UCRÂNIA

A imprensa parisiense comunica que em toda a Ucrânia Soviética reina agora um terror constante.

Ao constatarem que a produção agrícola nos Kolkozos foram 60% relativos ao do ano anterior, os membros do GPU acusam os lavradores ucranianos por desordem devido à baixa produtividade e ameaçam enviá-los de trem para os campos de trabalho. A GPU inicia uma varredura, começando por Kiev, em busca de contrarrevolucionários para enviá-los para Sibéria. Muitos trens já saíram com milhares de trabalhadores rumo ao norte da Ucrânia para os campos de trabalho.

Já prenderam milhares de pessoas, entre elas, idosos e crianças e mulheres. Existe uma comissão de investigação para detectar insurreições de agricultores contra o sistema coletivo (Jornal *PRÁCIA*, 26 de janeiro de 1934 p.01).

Com a prática comum de publicar notícias de outros jornais, *Prácia* trouxe, nesta reportagem, informações a partir da imprensa parisiense, que apontam as tensões e conflitos travados entre membros do partido bolchevista e agricultores das fazendas coletivas.

A manchete indica a relação conflituosa, sobretudo o autoritarismo por parte do governo, que investiga e persegue qualquer agricultor que dispusesse a questionar as condições impostas pelos planos de coletivização, “taxando-o” de contrarrevolucionário, o que no período stalinista era um crime contra a nação, passível de pena de morte. O jornal *Prácia* demonstrou que as deportações para os campos de trabalho forçado também eram uma estratégia, além de punitiva, de captação de mão de obra compulsória.

Na reportagem seguinte, datada de 09 de fevereiro de 1934, foram publicadas informações de uma correspondência pessoal entre um padre, que não teve seu nome publicado, e a redação do jornal *Prácia*. Tais informações traziam detalhes de uma conferência realizada em Viena com a finalidade de angariar recursos para a ajuda aos necessitados da Ucrânia. A notícia mostra seu teor religioso e nacionalista logo que se constata o uso do termo “irmão”, ao se referir aos ucranianos que viviam nas fazendas coletivas:

#### CONFERÊNCIA PARA AJUDA AOS IRMÃOS FAMINTOS DA UCRÂNIA.

O cardeal Inetzer há muito tempo vem se interessando pelos famintos da Ucrânia. Convocou a todos no sábado, dia 19 do último mês para a conferência internacional que se realizou no palácio em Viena com a presença de muitos ucranianos.

O que foi firmemente pedido pelo bispo Nikieta e pelo diplomata Lewiu, foi para o socorro às vítimas da fome Ucrânia.

Participaram da conferência: Riodmestk, Penenki e a Delegação de Formação Ucraniana, todos reunidos no palácio de Santa Bárbara de Viena. O padre Inetzer apresentou um plano de ajuda à Ucrânia. A conferência durou dois dias e teve um sério caráter de ajuda a grande fome na Ucrânia.

O principal palestrante foi o secretário do comitê internacional de ajuda, o Dr. Amenide convocou todos para pensar em formas de ajudar a Ucrânia, visto que o sistema soviético não só deixou seu povo perecer, mas também dificulta qualquer tipo de ajuda humanitária.

A delegação ucraniana se fez presente em grande número e representatividade na conferência, tendo como resultado a aprovação de algumas resoluções, entre elas, foi a de que diante de iminência da morte de milhões de ucranianos, a conferência tinha o papel de anunciar ao mundo os acontecimentos na Ucrânia e chamar a todos para ajudar (Jornal *PRÁCIA*, 09 de fevereiro de 1934).

A nota acima trazida pelo jornal *Prácia* relata um importante acontecimento referente à crise na Ucrânia, organizado por representações religiosas católicas em forma de conferência, na cidade de Viena. A notícia demonstra o posicionamento de diversas autoridades religiosas e políticas da Europa diante do momento de carências e conflitos sociais que assolavam o leste europeu.

O detalhamento da conferência acontece a partir da divulgação de nomes e hierarquias religiosas e políticas presentes (secretário de comitê internacional, bispos, padres), possivelmente, com a intenção de enaltecer a importância e legitimidade da conferência.

Outro ponto de convergência da notícia e a intencionalidade do *Prácia* se dá ao final da nota, em que se destaca a importância de arrecadar recursos e, sobretudo, de deixar o mundo a par dos acontecimentos ocorridos na Ucrânia, apontando as práticas “desumanas” do governo da URSS.

Ao finalizar a busca por reportagens no ano de 1934, a última notícia encontrada é datada de 15 de junho de 1934, cujo teor principal foram os protestos contra a “política de fome” do governo comunista, termo usado por Robin Milner para descrever a crise social na Ucrânia entre 1932 e 1933 (*MILNER*, 2007, p.189).



O protesto foi levantado durante um banquete com o superintendente bolchevique.

Os jornais americanos publicaram a notícia sobre o protesto que o comitê patriótico americano dos cidadãos americanos fez contra a política da fome do governo bolchevique, protesto este na ocasião do banquete preparado ao representante do governo bolchevista, Trianowski. Isso se deu enquanto sua visita na embaixada Russa em Chicago.

Os jornais publicaram que quando Trianowski terminou seu discurso, caíram da parte de cima do balcão da plateia muitos folhetos que diziam:

“Hoje aqui o embaixador comunista soviético participa do banquete farto em Chicago, e seu governo assassina seu povo, os ucranianos de fome. Milhões de camponeses, por serem cristãos e não quererem que suas igrejas sejam arruinadas e suas crianças jogadas aos ateus estão sendo mortos.”

Também houve discursos de imigrantes ucranianos denunciando a persuasão do governo para que as crianças ucranianas abandonem as igrejas e se entreguem a sorte comunista. O jornal orientou que os pais não se separem de seus filhos, mesmo nas piores condições, não os abandonem, pois os bolchevistas estavam sempre a espreitar as crianças ucranianas (Jornal *PRÁCIA*, 15 de junho de 1934 p.01).

Nesta última reportagem, o jornal *Prácia* traz informações extraídas da imprensa norte-americana sobre um protesto promovido na embaixada russa em Chicago. A notícia relata a ousadia de manifestantes, ente eles, americanos e imigrantes ucranianos, que distribuíram panfletos sobre a fome na Ucrânia.

Outra reivindicação dos manifestantes veio em forma de discurso dos imigrantes ucranianos, com certo teor religioso, que denunciava o aliciamento de suas crianças na Ucrânia, por parte do governo bolchevista, na tentativa de recrutamento para a causa comunista, relacionando-a sempre ao ateísmo. Não houve informações no jornal sobre a repercussão ou sobre a reação por parte do embaixador russo em relação aos protestos.

A fome na Ucrânia foi a pauta em comum em quase todas as reportagens do jornal *Prácia*. Consequentemente, as denúncias das políticas autoritárias soviéticas e a divulgação dos problemas sociais na Ucrânia deram o tom das notas do jornal por nós pesquisado.

Ao fim deste levantamento, feito no jornal *Prácia*, mais precisamente nas publicações feitas entre os anos de 1932 e 1934, foi encontrado um total de

dezessete reportagens, cujo eixo central da informação era a fome na Ucrânia. Deste total, ficaram divididas sete notas publicadas em 1932, sete publicadas em 1933 e três no decorrer do ano de 1934.

Se o parâmetro estatístico for as cento e quarenta e uma (141) edições do jornal, com tiragem semanal, pode-se concluir, *a priori*, que não foi um assunto de grande destaque no jornal, visto sua importância para os imigrantes instalados no Brasil. Porém, ao contextualizarmos os fatos, veremos a complexidade em conseguir informações sobre as vicissitudes da Ucrânia, na década de 1930.

Como já mencionado, *Prácia* tinha em seu *layout* algumas colunas destinadas a trazer informações internacionais, que, na maioria das vezes, tornava-se uma área designada às notícias sobre a Ucrânia e era assunto que muito interessava aos imigrantes. Em uma dessas colunas, chamada “Ze Chivita”<sup>38</sup>, que na tradução literal significa “Do Mundo”, era contemplada grande parte destas notícias internacionais e onde foram publicadas dezesseis, das dezessete reportagens sobre a fome ucraniana.

Diante das diversas possibilidades de análise deste peculiar jornal, nos interessa, neste momento, a historicização e compreensão da importância do *Prácia* para a comunidade ucraniana de Prudentópolis no tocante a tragédia que se desenrolava na terra de origem desses imigrantes.

Pensar no jornal apenas como um agente comunicador seria simplificar demais sua atuação junto a esta comunidade, visto que ele era parte componente desses imigrantes. Além disso, não levar em conta as intencionalidades do jornal seria negligenciar sua história e características. Dentro do processo de estabelecimento e formação das colônias eslavas no sul do Brasil, o *Prácia*, assim, como os jornais que o antecederam, foi devidamente usado como um “braço” da igreja para que os imigrantes ficassem suscetíveis o mínimo possível ao desprendimento religioso.

Outra característica marcante do jornal *Prácia* é a de “propagação” do sentimento nacionalista. Na constante tentativa de (re) criar nas comunidades imigrantes ucranianas uma “nova” Ucrânia, o jornal mesclava informações sobre a

---

38 A tradução do alfabeto cirílico ucraniano para o alfabeto latino, mantendo a pronúncia original, é conhecida nas comunidades ucranianas como “Cabocraino”. Ver Chomem, Waldemiro, “Pequeno dicionário ucraniano-português”, São Caetano do Sul. 1990.

dominação russa com notícias denunciantes e sobre a combatividade de seus compatriotas, com a publicação de reportagens sobre resistências camponesas por parte dos ucranianos.

Tendo perpassado por algumas características do jornal *Prácia* e pelas reportagens publicadas sobre o tema proposto, nos cabe agora apontar as percepções que este estudo trouxe sobre os possíveis objetivos do jornal quanto à publicação de reportagens sobre a Ucrânia Soviética.

No decorrer do ano de 1932, momento que começam a acirrar as tributações nas fazendas coletivas no leste da Europa, a Ucrânia, que já estava anexada ao poder soviético desde 1922, entrara numa crise social de proporções alarmantes. A fome nos campos ucranianos matou milhões e o conhecimento acerca deste grande acontecimento ficou restrito às regiões onde aconteceram. No Brasil do mesmo período, aconteciam revoltas<sup>39</sup> no centro do país que anunciavam o tom do governo varguista durante esta década. Dentro deste panorama, o jornal *Prácia*, que tinha sua tiragem voltada para um público específico e local, o de imigrantes ucranianos em Prudentópolis, junto com a comunidade religiosa, tentou, durante este ano, trazer a maior quantidade possível de informações sobre a Ucrânia sob diversas formas.

As correspondências entre membros da igreja e da comunidade eram o meio mais comum de comunicação. Cartas enviadas por parentes de imigrantes eram uma importante base de dados para as publicações do *Prácia*. Outro tipo de correspondência, que trazia e levava informações, eram aquelas trocadas entre os líderes religiosos, bispos e padres, que, por sinal, foram as mais eficazes quando o assunto era informações sobre as condições sociais da Ucrânia, visto que as cartas religiosas, por um tempo, foram isentas de inspeções por parte do Estado Soviético. Assim, essas correspondências contribuíram com o *Prácia*, pois traziam relatos de pessoas que estavam vivenciando um momento crítico da Ucrânia. Notícias publicadas em outros jornais da Europa abasteciam o jornal *Prácia* em 1932 com uma limitada, porém importante lista de informações sobre as condições daquela região.

O Prátsia<sup>40</sup>, entre a década de 1920 e 1950 serviu fortemente como meio de informação para os descendentes na comunidade de

---

39 Referindo-se Revolução de Trinta e Revolução Constitucionalista de 1932.

40 Esse tipo de grafia também aparece em alguns autores como Paulo Guérios, por exemplo, em relação ao nome do jornal.

Prudentópolis sobre seus entes que ficaram na Ucrânia. Muitas informações publicadas no *Práxia* eram oriundas de cartas trocadas entre os membros da comunidade do Brasil e da Ucrânia, na maioria das vezes sem identificação dos autores, assim como também de capas e manchetes de outros jornais da Europa que vinham com essas cartas (GUÉRIOS, 2012, p.121).

No decorrer de 1932 foram identificadas no *Práxia*: duas, entre as sete reportagens, advindas de um jornal denominado *Gazeta*, que foi mencionado como fonte, mas com ausência de localização e data específica; três reportagens feitas a partir de correspondências que mencionavam informações da fome na Ucrânia com base em relatos vindos da Alemanha, ou seja, uma “informação da informação”; uma carta pessoal que transcreveu os “horrores” da prática do canibalismo nos campos ucranianos, e, por fim, uma publicação embasada numa carta com o relato de um correspondente norte-americano sobre os famintos daquela região.

No ano de 1933, as sete reportagens publicadas no *Práxia* foram, assim, dispostas: duas notas publicadas com informações oriundas de correspondências vindas da Ucrânia, uma nota publicada a partir de um segundo jornal, denominado como “imprensa parisiense”, dois telegramas, um deles endereçado à redação do jornal *Práxia* e outro à Igreja Católica Ucraniana no Brasil e dois relatos trazidos por padres que viajaram até a Ucrânia, sem identificação de seus nomes.

No ano de 1934, último ano pesquisado, o Jornal *Práxia* teve como grande norteador de suas reportagens a iminência de um conflito bélico mundial devido às tensões existentes na Europa naquele momento. A maioria das reportagens publicadas na coluna “Do mundo”, durante este ano, era de informações sobre a possibilidade de uma guerra.

A mudança de foco nas reportagens do jornal remete ao fracasso das coletivizações nas fazendas soviéticas no fim de 1933, restando apenas uma pequena porcentagem de agricultores, vivos ou em atividade. Este resultado fez com que a URSS se preocupasse ainda mais com a censura dessas informações. Tais fatores, possivelmente, contribuíram para que o Jornal *Práxia* tivesse, durante o ano de 1934, apenas três reportagens sobre as coletivizações e a fome na Ucrânia.

As reportagens publicadas neste ano tiveram as seguintes bases informativas: duas advindas de publicações de outros jornais, um norte-americano e outro de Paris, e, por último, uma publicação feita com base em uma correspondência entre os padres brasileiros e ucranianos.

O conteúdo destas informações e a dinâmica das reportagens permitem que tracemos um panorama das características do jornal, o qual, como já ressaltado, tinha uma estrutura religiosa, nacionalista (ucraniana), e, conseqüentemente “anticomunista”, cuja “clientela” – imigrantes em processo de estabelecimento e amparados na religiosidade, eram parte inerente à sua cultura.

Em relação à atuação do jornal, torna-se difícil provar se a intenção de seus idealizadores era apenas informar seus leitores ou catequizar, seja religiosa ou politicamente. Ou talvez as duas opções. Porém, é possível afirmar que o jornal *Prácia* cumpriu uma função “pedagógica” dentro da comunidade, tornando-se um dos fatores de agregação entre os imigrantes.

Compreender história através das páginas de um jornal vai além da (re) leitura da notícia de um determinado assunto em uma determinada data, pois as possibilidades de análise se multiplicam na velocidade das interpretações de cada nota publicada. A contextualização de cada tema pesquisado em um jornal é fundamental, mas não a única preocupação teórica e metodológica que devemos ter ao analisá-los.

A imprensa, há tempos, deixou de ser vista com desconfiança pelos historiadores – pesquisadores, pois todo e qualquer fato contido em seu escopo deve ser visto com dubiedade, sempre atrelado à subjetividade. Mas, exatamente as questões subjetivas contidas no cotidiano da história que hoje nos aproximam da possibilidade de compreendê-la. A historiadora Maria do Rosário Peixoto, em sua obra “Na oficina do historiador: conversa sobre história e imprensa” (2007), aponta para essa realidade:

Nestas últimas décadas perdemos definitivamente a inocência e incorporamos a perspectiva de que todo documento, e não só a imprensa, é também monumento, remetendo ao campo de subjetividade e da intencionalidade com o qual devemos lidar (PEIXOTO, 2007, p.252).

Também fazem parte da compreensão histórica, não somente as notícias e determinados temas, mas toda a estrutura editorial no tocante a construção e manutenção do jornal a ser analisado, o que possibilita trazer à tona posicionamentos políticos e ideológicos do jornal que podem ser decisivos para uma

análise aprofundada. Trata-se também de olhar para outras dimensões da publicação, relativas às suas formas de produção e distribuição, pensadas como processo social e não apenas técnico e que remetem aos grupos produtores, aos públicos leitores e às redes de comunicação que aí se constituem:

Proprietários, diretores, redatores e colaboradores indicam a constituição dos grupos produtores, enquanto força social que orienta e propõe o projeto político do periódico. Aqui não se trata de uma análise meramente formal que identifica nomes de proprietários e de principais anunciantes, pois entendemos que o processo de constituição de tais grupos enquanto grupos editoriais não é exterior, nem anterior ao movimento de produção do próprio periódico. É no processo de produção da publicação que o grupo se constitui enquanto agente ativo, constituindo ao mesmo tempo aliados e adversários. Essa compreensão torna pertinente perguntar quem fala e com que credenciais, em defesa de que projetos e com quais alianças. Permite também refletir sobre a configuração interna de poder da empresa, relações de hierarquia, colaboração e mando entre proprietários e trabalhadores da imprensa (PEIXOTO, 2007 p.263).

O jornal estudado no presente trabalho é idealizado e mantido por uma instituição religiosa, a Comunidade dos Padres Basilianos, que tinha como peculiaridade a publicação de todas as suas edições, até o ano 1998, no idioma ucraniano, ou seja, *Prácia* atendeu, desde sua fundação, a uma demanda específica de clientes: os imigrantes recém - estabelecidos nas comunidades do Paraná.

Assim, ao retornar às análises das notícias sobre a fome na Ucrânia, publicadas no *Prácia*, percebemos o teor sempre “demonizante” das políticas soviéticas aplicadas pelos seus formuladores russos, que enalteciam a luta e resistência do povo ucraniano. Diante deste posicionamento do jornal, frente aos acontecimentos na Ucrânia, constata-se um jornal preocupado não somente em informar e denunciar, mas em posicionar-se e posicionar seus leitores sobre a “guerra desleal”, segundo o jornal, que acontecia em seu país de origem.

O resultado obtido pelo *Prácia*, ou seja, a percepção que a população de leitores e “ouvidores”<sup>41</sup> do jornal tinha sobre a fome na Ucrânia, será nosso ponto de estudos a seguir.

---

41 Grifo meu, referente aos imigrantes e nativos que não eram alfabetizados ou não compreendiam o idioma ucraniano, que se reuniam em alguns pontos públicos da cidade para ouvir o jornal *Prácia* ser lido em voz alta por pessoas geralmente ligadas a associação religiosa.

## 4.2 A FOME NA UCRÂNIA A PARTIR DA ALGUNS LEITORES DO PRÁCIA

Os membros das comunidades ucranianas do Paraná, obviamente, não ficaram a par dos acontecimentos sociais e políticos da Ucrânia exclusivamente pelo *Prácia*. Parte desses imigrantes comunicava-se através de cartas pessoais publicadas no *Prácia*, mas que ficavam restritas à impessoalidade dos correspondentes. Alguns ucranianos conseguiram fugir das fazendas coletivas, e com o auxílio da igreja puderam sair do país, tendo, entre outros, o Brasil como destino, chegando até as comunidades ucranianas no Paraná e traziam consigo relatos e informações sobre a miséria de seu país. Porém, a nós, o que interessa é analisar algumas percepções que os leitores, ou até mesmo descendentes desses leitores, tiveram a partir das notícias do *Prácia*.

O método encontrado para este reconhecimento foi, *a priori*, analisar depoimentos de leitores da época do jornal e que souberam dos fatos a partir das notícias publicadas. Este método não foi adequado, pois, desde as datas das publicações até hoje se passaram mais de oito décadas e apenas dois membros da comunidade ucraniana de Prudentópolis foram encontrados para esta etapa da pesquisa. Entre os entrevistados estão os senhores Rafael Hladk, com noventa e cinco anos e já alfabetizado em 1933 e Antônio Michalowski, com noventa anos, que ouvia as notícias lidas por seu pai.

Para a compreensão das metodologias usadas nesta etapa do trabalho, se faz pertinente trazer um aporte teórico para o embasamento tanto da História Oral quanto da História e Memória, cujas teorias contribuíram ricamente para a compreensão e análises dos depoimentos.

Dentro da diversidade permitida na história, em relação às suas fontes, os relatos orais estão, nos dias atuais, entre os mais férteis campos da investigação. As possibilidades de análise variam de acordo com o tema e temporalidade propostas, trazendo à tona histórias ainda não perpetradas em livros ou anais.

A história oral, segundo Paul Thompson, é tão antiga quanto à própria história. O conhecimento sobre o passado, por séculos, se baseou na oralidade. A tradição e a cultura de um povo eram mantidas e transmitidas através de histórias “contadas”. Assim, a metodologia da história oral nos ajuda a contar, de forma abrangente, tanto

a história de vida como o cotidiano de tais personagens. A história oral não só abrange a história em si, mas também outras áreas, o que contribui para uma maior interdisciplinaridade acadêmica.

Não é possível fixar uma fronteira nítida em torno do trabalho de um movimento que reúne tantas espécies diferentes de especialistas. O método de história oral é utilizado também por muitos estudiosos, particularmente sociólogos e antropólogos, que não se consideram historiadores orais. O mesmo se dá com jornalistas. Contudo, todos eles podem estar escrevendo história; e, sem dúvida, estão provendo à história. Por motivos diferentes, também os historiadores profissionais provavelmente não pensam em seu trabalho como “história oral”. Muito acertadamente, seu enfoque é sobre um problema histórico que escolheram e não sobre os métodos utilizados para resolvê-lo; e geralmente optam por utilizar a evidência oral juntamente com outras fontes, e não sozinha” (THOMPSON, 1992, p.104).

Deste modo, optou-se por usar o método da entrevista aberta, ou seja, método que deixa o entrevistado “livre” para relatar sobre sua vida, sua trajetória, medos, anseios, suas lutas e também suas conquistas. Tais informações foram parâmetros fundamentais para que se chegasse a um resultado satisfatório, em termos analíticos, tanto da história como do dia a dia dos entrevistados. Foi dada a devida importância à subjetividade de tais fontes, pois, como orienta Sonia Maria de Freitas, em sua obra “História oral: procedimentos e possibilidades”:

Um dos aspectos mais polêmicos das fontes orais diz respeito à sua credibilidade. Para alguns historiadores tradicionais os depoimentos orais são tidos como fontes subjetivas por nutrirem-se da memória individual, que às vezes pode ser falível e fantasiosa. No entanto, a subjetividade é um dado real em todas as fontes históricas, sejam elas orais, escritas, ou visuais. O que interessa em história oral é saber por que o entrevistado foi seletivo, ou omissivo, pois essa seletividade com certeza tem seu significado. Além disso, este século é marcado pelo avanço sem precedente nas tecnologias da comunicação, o que abalou a hegemonia do documento escrito (FREITAS, 1991, p.21-22).

Nos relatos feitos pelos entrevistados, que serão analisados individualmente a seguir, percebe-se o sentimento de “mágoa” pela infância repleta de privações sociais, bem como a nostalgia pela terra natal deixada para trás. Sendo assim, ressalta-se a importância de “historicizarmos” esses personagens anônimos, que



tanto contribuem, não apenas como sociedade, mas também como importantes agentes históricos.

O desafio da história oral relaciona-se, em parte, com essa finalidade social essencial da história. Essa é uma importante razão porque ela tem excitado tanto alguns historiadores e amedrontado tantos outros. Na verdade, temer a história oral como tal não tem fundamento (THOMPSON, 1992, p. 21-22).

O discurso que veicula a história oral, que resgata lembranças e as marcas do vivido, que serve de ponte interligando o passado e presente, é uma construção particular, com trama e enredo próprio. A partir de uma relação entre sujeitos, a memória se transforma na matéria e objeto de investigação, a qual deve ser considerada mesmo que parta de uma “mentira”, de mitos coletivos, de lendas nacionais ou de versões oficiais e impessoais da história. O conteúdo da narrativa revela uma relação intrínseca entre o individual e o cultural ou coletivo. Segundo Kloczak:

Destaca-se com todo o vigor a matéria-prima da produção social a subjetividade e a singularidade, cuja presença perpassa toda a extensão do relato, no conteúdo e na forma que este assume. Ao observador convida-se a suspender sua suposta objetividade e neutralidade. Pelo simples fato (não tão simples assim na sua consecução) de oferecer seu corpo, todos os seus órgãos atentos e tensionados na direção daquele que, aos poucos, constrói uma história, para transformá-la numa escrita com um outro sentido. Além da reminiscência, colocá-la em circulação e, assim, incorporá-la ao conjunto histórico de uma coletividade, é a operação que introduz o observador na história (KLOCZAK, 2001, p.62).

Os relatos destes descendentes de imigrantes foram analisados a partir de suas lembranças e memórias da época, o que nos leva a também compreender, mesmo que de maneira sucinta, os caminhos teóricos e metodológicos percorridos no tocante a “história e memória”. Faz-se pertinente apontar que a memória exerce um poder incomensurável na construção de uma identidade de grupo, pois enaltece os elementos pelos quais os indivíduos se veem como pertencentes a um determinado coletivo. Para Motta,

Quando falamos de memória, devemos levar em conta que ela constrói uma linha reta entre com o passado, alimentando-se de lembranças vagas, contraditórias e sem nenhuma crítica às fontes

que, em tese, embasariam essa mesma memória. Ela é ainda, um fenômeno sempre atual. Um elo vivido no eterno presente. Por conseguinte, a memória é também positiva e positivista, reafirmando, muitas vezes, um passado de riquezas que antecipa um futuro de potencialidades (MOTTA, 2012, p.25).

Assim, pode-se perceber que dentro de uma comunidade, para assegurar a reprodução dos comportamentos, indivíduos e grupos, cria-se uma espécie de memória étnica. É por intermédio dessa memória que esses indivíduos, pertencentes a um mesmo grupamento, se reconhecem nas suas semelhanças. Assim como os indivíduos, comunidades perseguidas e ameaçadas de extinção tendem a povoar sua memória coletiva<sup>42</sup> com histórias e experiências que servem para acentuar um sentimento de pertencimento. Segundo Kloczak,

O corpo simbólico oferecido pela tradição possibilita ao indivíduo expressar-se e inscrever-se na realidade através de símbolos próprios. Nesta perspectiva, lembranças de episódios conflituos tendem a ser esquecidos, mobilizando mecanismo de negação. O contrário também é verdadeiro, passível de enaltecerem o mesmo episódio afins de reparação, seja ela social, moral ou histórica (KLOCZAK, 2001, p.32).

Assim, tendo perpassado, *en passant*, por aportes teóricos e metodológicos da compreensão da história através de relatos orais e memórias desses descendentes de imigrantes, é possível analisarmos as percepções obtidas por esses membros da comunidade ucraniana de Prudentópolis ao receberem notícias sobre as vicissitudes da Ucrânia pelas páginas do jornal *Prácia*.

---

42 Ver: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*, 1990.

### 4.3 RAFAEL HONISKO<sup>43</sup>: LEITURAS E LEMBRANÇAS DA TRAGÉDIA UCRANIANA

A cidade de Prudentópolis, como já amplamente contemplado neste trabalho, tem entre os moradores, um grande número de descendentes ucranianos. Com base no Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), em 2015, Prudentópolis é uma cidade demograficamente jovem, com expectativa média de vida de setenta e seis anos e tinha em 2015, dois mil trezentos e sessenta e nove<sup>44</sup> habitantes com mais de setenta anos de idade. Grande parte dessa população idosa reside nas áreas rurais do município, o que dificultou, de certa forma, a coleta de informações.

Dentre os moradores que poderiam nos conceder informações através de relatos e depoimentos, alguns se sentiram a vontade em colaborar com tal pesquisa, visto que envolvia assuntos de conflitos religiosos, políticos e étnicos. Não foram raras às vezes que nos deparamos com recusas, das mais variadas formas, com respostas do tipo: “não tenho vontade de falar de um passado sofrido” ou “existem russos em toda parte hoje em dia, não quero arriscar a contar algo”, o que é totalmente compreensível se nos atentarmos com o passado conflituoso da maioria desses descendentes. Alguns não tinham o hábito da leitura do jornal, ou não eram alfabetizados. Em meio a uma quantidade considerável de recusas, foi possível trazer depoimentos para este trabalho de alguns membros da comunidade que contribuíram de forma consistente, para que pudéssemos esboçar uma análise.

O primeiro a colaborar com este trabalho foi o comerciante Rafael Honisko, filho de imigrantes, nascido em Prudentópolis no ano de 1921. Passou grande parte de sua infância no interior do município e até os vinte anos ajudou seu pai na lavoura.

Mesmo residindo no interior, Rafael sempre teve contato com as publicações do Jornal *Prácia* por intermédio de seus pais, assinantes do periódico. Aos dez anos, Rafael foi alfabetizado no idioma ucraniano, e, mais tarde, com treze anos, alfabetizou-se no idioma português. Tais condições permitiram que ele pudesse ler

---

43 O nome Rafael Honisko é fictício. O anonimato do depoente foi pedido por ele e pela família.

44 \_\_\_\_\_

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=412060&idtema=90&search=parana%7Cprudentopolis%7Ccenso-demografico-2010:-resultados-da-amostra-caracteristicas-da-populacao>. Acesso em 15/04/2015

semanalmente as publicações do *Prácia*, o que, segundo ele, veio a auxiliá-lo com sua profissão de comerciante ao mudar-se para o centro de Prudentópolis.

Em seus relatos Rafael demonstra nitidez quando relata assuntos variados contidos no jornal, em que muitas vezes era o único meio de informações sobre a cidade e também fora dela.

Passávamos a semana toda na roça, trabalhando, sabíamos de pouca coisa que acontecia na cidade... no mundo então, muito menos. Os amigos do meu pai que às vezes iam pra cidade traziam uma novidade ou outra, mas tudo assim, sem saber bem direito ao certo. Mas na sexta feira, meu pai ia pra cidade levar alguma coisinha pra vender ou trocar nos armazéns e trazia o *Prácia*. Nossa, era uma festa! Primeiro meu pai lia e minha mãe, depois eles deixavam eu ler, gostava mais de ver os anúncios, mas vez ou outra, sem perceber eu estava lendo.. aí via que as coisas não iam muito bem (HONISKO, entrevista concedida em junho de 2015).

Segundo Rafael, o jornal também tinha uma função “pedagógica” dentro da família. Quando o assunto das publicações eram os problemas sociais vividos pelos ucranianos que ficaram em sua terra natal, eles eram discutidos e serviam como comparação para a vida que eles, os imigrantes, estavam tendo a oportunidade de manter.

Quando tinha uma notícia sobre a fome dos nossos parentes lá na Ucrânia, papai nos chamava, eu mais meu irmão mais novo, pedia pra eu ler, depois perguntava se eu tinha entendido a notícia. Na maioria das vezes eu entendia sim, sabia que tinha gente morrendo de fome na Ucrânia e que tínhamos que dar graças a Deus de estar longe de lá, apesar de ser doloroso falar isso (HONISKO, entrevista concedida em junho de 2015).

As informações sobre a Ucrânia não eram exclusividade do jornal, visto que muitos moradores das comunidades mais afastadas do centro trocavam cartas com parentes que ficaram na Europa. Deste modo, muitas dessas informações chegavam até alguns moradores antes mesmo das publicações do *Prácia*. Rafael relata que tinha doze anos quando leu uma notícia muito forte sobre a fome que assolava sua terra natal.

Uma notícia que nunca me abandonou a memória foi quando eu li “na” *Prácia* que uma mãe deu carne humana para os filhos comer.

Nossa, isso mudou minha vida na época. Mudou porque eu dava ainda mais valor a cada alimento que plantávamos e comíamos. Uma mãe não ter como alimentar os filhos e ter que se socorrer a essas coisas bárbaras. Eu não aceitei aquilo, me lembro (HONISKO, entrevista concedida em junho de 2015).

Notadamente, Rafael teve percepção dos acontecimentos na terra natal de seus pais de formas variadas. Percebe-se, em seus relatos, que o jornal *Prácia* “chancelava” tais informações, pois ao lê-las, tomava por certo aquilo que “só” ouvira de seus familiares.

#### **4.4 ANTÔNIO DEMCZUK<sup>45</sup>: HISTÓRIAS E LEMBRANÇAS DA TRAGÉDIA NA UCRÂNIA**

A segunda contribuição com relatos e depoimentos veio de outro comerciante da cidade de Prudentópolis. Antônio Demczuk, nascido em 1924, filho de imigrantes ucranianos era aposentado como comerciante assim como fora seu pai. Católico, participa assiduamente nas atividades da igreja.

Diferentemente do depoente anterior, Antônio sempre residiu na parte central da cidade de Prudentópolis, e ficava mais próximo das notícias e informações. Seu pai participava das reuniões da Associação de Cooperadores Imigrantes<sup>46</sup> e lá era o destino de muitas correspondências advindas da Ucrânia, sendo, inclusive, ponto de referência para os moradores da região rural que vinham, esporadicamente, buscar correspondências naquele local.

Antônio relata que se alfabetizou tardiamente aos doze anos, primeiro, no idioma ucraniano, algo comum nesta comunidade até a década de 1980, e posteriormente aprendeu a ler e escrever em português. Este fato não lhe permitiu ter acesso às notícias publicadas no *Prácia* entre 1932 e 1934, porém, para este trabalho, foram relevantes suas lembranças e memórias sobre os relatos feitos por seu pai sobre as publicações no jornal referentes a Ucrânia.

---

45 O nome Antônio Demczuk é fictício. O anonimato do depoente foi pedido por ele e pela família.

46 Associação formada por imigrantes ucranianos na cidade de Prudentópolis entre os anos de 1922 e 1976. Atuava na cooperação entre seus membros, dando suporte agrícola e contábil.

Meu pai tinha uma pequena ferraria, servia como oficina também, era um local bastante frequentado tanto por pessoas da cidade, mas principalmente pelos colonos bem do interior. Ali, lembro, desde pequeno que nas rodas de chimarrão e conversa o assunto quase sempre era a nossa terra, a Ucrânia. Falava-se pouco em português, conversavam sempre no “nosso” idioma, o ucraniano (DEMCZUK, entrevista concedida em dezembro de 2105).

Ao frequentar a oficina de seu pai, além de aprender sua futura profissão, Antônio também participava como ouvinte das diversas informações trocadas entre amigos e clientes da pequena oficina. Não raras às vezes, alguns moradores da cidade que não faziam a assinatura do jornal iam até a oficina, onde sempre havia um exemplar disponível para leitura.

Na “oficininha” de meu pai sempre tinha gente. Eram colonos, fregueses, amigos e até o padre às vezes aparecia lá. Meu pai era muito católico e amigo dos padres. Sempre na sexta-feira, quando chegava o *Prácia*, meu pai parava tudo que estava fazendo pra ler. As vezes li sozinho, as vezes, quando tinha gente lá, lia em voz alta as notícias mais importantes. Todos paravam pra ouvir, inclusive eu. Tinha uma parte no jornal que só trazia notícias da nossa terra, era isso que todo mundo ficava atento pra saber das notícias. Os adultos sabiam que as coisas estavam difíceis na Ucrânia (DEMCZUK, entrevista concedida em dezembro de 2105).

Em relação às notícias publicadas sobre a fome na Ucrânia, Antônio relata que seu pai fazia questão de lê-las em voz alta para os frequentadores de sua oficina, como também em casa, onde a família se reunia para “ouvir” as informações que o *Prácia* trazia. Desta forma, Antônio ouvia mais de uma vez a mesma notícia, o que, segundo ele, fez com que algumas dessas informações ficassem memorizadas até os dias atuais.

Meu pai lia o *Prácia* na oficina e depois em casa. Minha mãe, as sextas-feiras, nos reunia na sala ou na área lá de casa, para ouvir meu pai. As notícias geralmente eram da igreja, missas e reuniões. Outras notícias eram da associação, meu pai era da associação e no *Prácia* tinha as datas das reuniões e encontros. Mas as notícias que mais chamavam a atenção era da nossa terra natal. Só que eu me lembro que nenhuma notícia era boa, só tragédias (DEMCZUK, entrevista concedida em dezembro de 2105).

O depoente frisa que, ao se deparar com as informações de que havia um problema social de grandes proporções na Ucrânia, mesmo tendo oito anos, percebia a gravidade dos fatos. Conseguia, com as informações advindas do jornal, traçar uma comparação às condições vividas por ele e por pessoas de seu convívio diário.

Me lembro de várias notícias sobre nosso povo passando fome na Ucrânia, era notícias que me chamavam a atenção, pois meu pai muitas vezes chorava quando lia. Era informações de que pessoas estavam morrendo de fome, sem ter o que comer, o governo comunista tirava tudo de nós na Ucrânia. Lembro de muitas vezes o jornal “contar” que abriam valas pra enterrar os cadáveres de mortos, mais de mil por dia. Também lembro de outra notícia de que pessoas estavam comendo carne humanas pra não morrerem de fome! Isso não saía de minha memória, lembro que eu rezava por eles, houve até uma vez que fizeram uma campanha aqui pra enviar ajuda, mas parece que o governo comunista não deixou chegar essa ajuda, não sei bem ao certo, um horror! Meu pai sempre dizia que tínhamos que dar valor a terra aqui no Brasil, sempre usava a fome de lá como exemplo, isso me marcou muito (DEMCZUK, entrevista concedida em dezembro de 2105).

Pode-se perceber, nos relatos feitos pelo depoente, que o jornal foi um importante divulgador de informações sobre a Ucrânia e que também serviu como um fator de convivência entre esses imigrantes, que encontravam no jornal elementos fundamentais na manutenção de sua nacionalidade. Porém, as notícias trágicas vindas do país de origem também serviram como elementos de valorização das condições de vida que encontraram no Brasil.

Ao analisarmos os relatos feitos por estes membros da comunidade ucraniana na cidade de Prudentópolis, nos deparamos com possibilidades diversas de compreensão do passado de cada entrevistado. Através de suas memórias são evidenciadas as trajetórias de vida e do passado coletivo de uma comunidade, que pode ser representado, em partes, nesta mesma trajetória, quando pensamos o contexto cultural e social em que estão inseridos. No mesmo sentido, Clerton Matins afirma:

É a história que une quem fomos ao que somos ou deveríamos ser. É através do tempo que se contrapõe a memória coletiva – externa ao homem – e a individual, por meio do conjunto de referências ao qual o indivíduo recorre para recuperar e manter o sentimento de pertença. Esse espaço, ao mesmo tempo material e imaterial, onde encontram-se e dialogam o território e a história é cimentado pela cultura enquanto expressão dos conteúdos e

símbolos que “governam as relações sociais e dão continuidade à ação social” (MARTINS, 2003, p.44)

No discurso de Antônio foi possível perceber alguns exemplos do sentimento de pertencimento ao grupo, ou seja, à comunidade de imigrantes ucranianos, pois sempre usava as expressões “nossa Ucrânia”, “nosso povo”, mesmo não tendo nascido naquele país, ou conhecido os parentes que ficaram. Essa memória não vivida, mas transmitida, é conceituada por Michel Pollack como elementos constitutivos da memória, quando se procura definir algumas bases que a constitui.

Pollack aponta para dois elementos: o primeiro é a memória vivida, testemunhada, de maneira ocular, o segundo elemento, traz apontamentos sobre a “memória vivida por tabela”, ou seja, possibilidades abertas pelo fenômeno de projeção ou de identificação, tão forte com o passado, em que pessoas que não o viveram sentem-se (co) participantes desse mesmo passado, o que permite ao indivíduo, como membro de uma comunidade de imigrantes, por exemplo, falar de um passado não vivido por ela, mas sentido e perpetrado em suas lembranças de igual maneira.

No tocante a memória como conservação e sentimento de pertença, percebemos o próprio jornal estabelecer-se como um elemento importante nessa manutenção, visto que o *Prácia*, desde sua fundação, agiu como ponto de referência identitária entre os ucranianos migrados para o Brasil. Segundo Pollack,

Os lugares da memória podem ser representados por museus, arquivos públicos e monumentos. Também são expressas pelo surgimento e pela consolidação das cerimônias públicas, sejam as que se referem à fundação/independência/revolução das nações, sejam as que se referem às datas de nascimento e morte de seus líderes, mártires de outrora, que por coragem ou destino, ajudaram a consolidar o sentimento de nação (POLLACK, 1992 p.202).

Foi no intuito de compreender a relação entre estes três elementos: os membros da comunidade de imigrantes ucranianos de Prudentópolis, a “Grande Fome” na Ucrânia Soviética e o jornal ucraniano – brasileiro *Prácia*, que trouxemos a baila depoimentos e notícias sobre os acontecimentos, mostrando as inter-relações desses elementos dentro de um processo de afirmação, formação e afirmação identitária de uma comunidade.



A “Grande Fome” na Ucrânia foi um acontecimento marcante na memória dos imigrantes e descendentes nas comunidades ucranianas do sul do Brasil. O evento que ficou conhecido, a partir dos anos noventa, como Holodomor, foi responsável por um passado traumático, com terríveis consequências sociais, políticas e geográficas. Tal fato obrigou muitos ucranianos que conseguiram sobreviver, a buscarem outros países para recomeçar.

Ainda no tocante a memória desse acontecimento, o jornal *Prácia* teve importância fundamental nas informações e notícias sobre a Ucrânia, pois municiaava os imigrantes e seus descendentes que estavam no Brasil e servia como meio de comunicação entre a Ucrânia e seus emigrados, através de uma rede comunicativa de correspondências e relatos. *Prácia*, no período de domínio russo sobre os países anexados, foi aqui no Brasil, segundo seus leitores, um denunciante da política autoritária que assolava o leste europeu.

#### **4.5 MEMÓRIAS DO HOLODOMOR: RELATOS DOS SOBREVIVENTES**

A produção de conhecimento histórico, a partir de elementos de investigação do passado, nos remete a uma incansável busca de fontes, nas suas mais variadas formas, e pauta-se, sempre, na maior proximidade possível com dois elementos fundamentais: a veracidade e a imparcialidade. Quanto às teorias, metodologias e, sobretudo, as fontes que embasaram esta pesquisa até aqui, as memórias e relatos de personagens que vivenciaram a relação social/cultural da imigração ucraniana para ao Brasil e a (re) construção de suas identidades, foram elementos norteadores na construção desta história.

Compreender o passado através da memória requer que seja considerada uma variedade de nuances e reconstruções que possam surgir a partir das perspectivas tomadas. A memória é uma dessas perspectivas que trazem consigo a maleabilidade de percepção do passado. Muitas dessas memórias correm o risco de se perder no tempo e ficar presas no silêncio por uma série de fatores, que nós, enquanto historiadores, devemos considerar.

Na frase de Halbwachs, sobre história e memória, “nem todo acontecido é dito e nem tudo que é dito é acontecido” (HALBWACHS apud CARVALHAU, 2006 p.21), temos a percepção de que a construção das memórias, sejam elas individuais ou

coletivas, não dependem apenas do passado, mas tem uma ligação direta com o presente e com seu interlocutor. No processo de transmissão de conhecimento, com base na memória, nos deparamos não somente com a subjetividade de relatos e depoimentos, mas com fenômenos tais como a amnésia social, que é um processo natural dentro dos mecanismos de lembranças:

Neste sentido, se a memória está assentada em mecanismos de depósito e armazenamento de lembranças, ela pode ser identificada também como um “sistema de esquecimento programado”. É verdade ainda que sem o esquecimento, a memória humana é impossível. Os indivíduos não conseguiriam sobreviver se fossem capazes de lembrar todos os fatos de sua existência, incluindo não somente as más lembranças e frustrações, mas também as boas recordações. (MENEZES, 1992 p. 16)

Ainda sobre a prática do esquecimento, encontramos diversos fatores que podem ser analisados a partir do fato em si e que influenciam nas lembranças e memórias de indivíduos. Lembranças ou frustrações traumáticas vividas, individual ou coletivamente, geralmente são elementos constitutivos do esquecimento.

A questão do trauma coletivo, condicionado ao esquecimento, vem sendo estudado em comunidades de imigrantes, refugiados, entre outras. Como exemplo, temos o trabalho da psicóloga Ludmila Kloczak, que em 2001 defendeu sua tese de doutorado, pela PUC de São Paulo, intitulada “Ucrânia: tempo de reinscrever lembranças”, e que desenvolve um estudo de caso a partir de lembranças de uma sobrevivente do Holodomor.

Trauma, traço mnemônico, cujo esquecimento é a condição para o seu reaparecimento, a sua verdadeira existência é o que permite escrever a história. Deixa-se o lugar do evento traumático sem registro cognitivo e os rastros lacunares instigam seu reconhecimento. Em outros termos, cabe lembrar que o trauma é experimentado pelo sujeito como uma radical dissociação entre o registro traumático e sua eventual cognição (KLOCZAK, 2001, p.168).

Assim, ao trabalharmos com depoimentos e com relatos de eventos causadores de possíveis traumas, temos que reconhecer o que permite ou orienta exclusões por parte dessas histórias. Tais respostas podem vir a partir de perguntas como “quem quer que esqueça o quê, e por quê?” (MENEZES, 1992, p.248). Em

outras palavras, quais são os motivos dessa amnésia que se constituiu sobre um fato passado? Segundo Motta:

São múltiplas também as formas de amnésia social, e as produzidas oficialmente são bem conhecidas. Basta lembrar o Stalinismo e o constante processo de reprodução de esquecimentos de antigos líderes, posteriormente identificados como inimigos da nação. Podemos também exemplificar com o caso brasileiro, a exemplo de insistência dos órgãos de repressão militar em produzir laudos falsos sobre a morte, na verdade assassinatos, de críticos e opositores ao regime militar (MOTTA, 2012, p. 28).

Além dessas possíveis lacunas contidas na história, a partir das memórias que necessariamente devem ser ponderadas no trabalho de reconstrução do passado, deve-se contemplar, nessas análises, que no interior de cada relato ou lembrança há elementos do presente. O discurso construído sobre o passado passa pelo crivo de seu interlocutor, que consciente ou inconscientemente, o traduz a partir de sua perspectiva, que remete ao historiador o trabalho da “crítica” à memória como fonte. Sobre essa relação entre história e memória, Pierre Nora, em sua obra “Entre memória e história: a problemática os lugares” (1993), orienta:

A história, por sua vez é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. Isso significa que ao contrário da memória, a história busca uma representação crítica do passado, o que não elimina, porém, o perigo do historiador incauto apenas restaurar memórias. A história seria, então, uma operação intelectual que, ao criticar as fontes, reconstruí-las a luz de uma teoria, realiza uma interpretação na qual o que importa não é só a noção de consenso, mas também de conflito. Neste sentido, ela não serve para glorificar o passado, pois o que ela realiza, na maioria das vezes, é a deslegitimação de algo construído pela memória, e que muitas vezes permanece escrito, registrado e mantido no presente (NORA, 1993, p.09).

Deste modo, é possível direcionar nosso trabalho a partir de fontes que contêm esses elementos dispostos até aqui, visto que, para compreendermos os acontecimentos na Ucrânia Soviética, além da historiografia sobre o tema, lançamos a possibilidade de pensar o Holodomor a partir de testemunhas que foram sujeitos nesse momento conflituoso da Ucrânia, e que através de seus relatos foi possível confrontar as suas verdades com as verdades já estabelecidas.

Depois de analisada parte da imigração ucraniana vinda para o Paraná, o processo de estabelecimento nas colônias, especificamente na cidade de

Prudentópolis, a formação da imprensa ucraniana no Brasil, representada no jornal *Prácia*, assim como também sua relação com a comunidade, que trouxe informações sobre o Holodomor, tivemos a oportunidade de, também, contar com depoimentos de imigrantes ucranianos que vivenciaram a tragédia pessoalmente.

O período de fome na Ucrânia, conhecido como Holodomor, já foi contemplado nos capítulos anteriores deste trabalho, e sua historicização foi feita a partir da historiografia sobre o tema e de notícias coletadas nas publicações do jornal *Prácia*. Nesta etapa do trabalho lançaremos mão de fontes orais, que contribuíram de maneira contundente para a finalização desta pesquisa.

Devido ao distanciamento temporal entre os dias atuais e nosso recorte temporal, 1932 e 1933, as possibilidades de trazer relatos e depoimentos de “oculares” de forma primária, ou seja, em forma de entrevistas concedidas diretamente a esta pesquisa, tornou-se escassa no decorrer da pesquisa. As dificuldades em encontrar tais relatos aumentaram quando se decidiu buscar relatos de imigrantes que estiveram na Ucrânia neste período e que depois migraram para o Brasil e reduziu-se, consideravelmente, o número de pessoas que se encaixavam nesta proposta do trabalho.

Após três anos e meio de pesquisa e busca por fontes, tivemos a grata oportunidade de encontrar três imigrantes com a possibilidade de nos contemplar com essas entrevistas. Em contato com comunidades e associações de imigrantes do Paraná e de outros estados como, Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Sul, tivemos a informação de que eram, provavelmente, os únicos sobreviventes do Holodomor residentes no Brasil.

Os imigrantes Ivan Bojko, Lara Basan<sup>47</sup> e Wira Wodolaschka são residentes nas cidades de Curitiba e Londrina, respectivamente. O fato de não fazerem parte da comunidade de Prudentópolis não diminui a importância de seus relatos para este trabalho, visto que suas memórias enriquecem, consideravelmente, a historicização do Holodomor. Seus depoimentos trouxeram uma riqueza de detalhes sobre a fome na Ucrânia, fornecendo-nos um contraponto sobre o que já foi escrito sobre o tema. Dentre os três imigrantes, pôde-se contar apenas com dois: Lara Basan e Wira Wodolaschka. Ivan Bojko, aos noventa e sete anos e com a saúde debilitada, não pode ceder seu depoimento.

---

<sup>47</sup> O nome Lara Basan é fictício. O anonimato da depoente foi pedido por ela e pela família

Nos depoimentos das duas imigrantes entrevistadas vêm à tona histórias de vidas repletas de sentimentos, e estes, acompanhados de sofrimentos, angústias, superações e ideologias que serão ponderadas e analisadas neste trabalho. Duas histórias que têm em comum o período, a origem e o destino, mas que se distinguem algumas vezes no tocante à compreensão do momento que viveram e dos fatos que presenciaram.

#### **4.6 WIRA WODOLASCHKA: suas memórias sobre o Holodomor**

Wira Wodolaschka é uma imigrante ucraniana, nascida em 01 de outubro de 1924, na aldeia de Sandriulka, distrito de Diurilka, às margens do rio D'Nipro, Ucrânia. Reside na cidade de Londrina – Paraná, desde 1947. Viúva, aposentada, mãe de quatro filhos, ela é sobrevivente do período stalinista vivido na Ucrânia no início da década de 1930, conhecido atualmente como Holodomor. Sobrevivente também dos campos de trabalho nazistas na Alemanha durante a segunda guerra mundial, onde foi prisioneira por três anos trabalhando nas fábricas bélicas alemãs.

A trajetória de vida de Wira, por si só, fornece um enredo para diversas pesquisas nas mais variadas perspectivas. Porém, para este trabalho, serão contempladas, de forma genérica, outras histórias que não estejam diretamente ligadas ao que ela vivenciou na Ucrânia Soviética, ou Radjanski Ukraïne, como ela costumava chamar seu país no período de anexação à Rússia. Assim, serão analisados, de forma especial, seus relatos a partir dos seguintes temas: “como era a vida nas aldeias do leste ucraniano”, “como se mantinham em um período de extrema privação social” e “como sobreviveram em um ano em que milhões de ucranianos morreram pela fome”.

Wira demonstra ter hoje, através de suas memórias, percepção de que sua infância foi marcada por mudanças políticas importantes que determinaram, por assim dizer, toda a trajetória de vida sua, de sua família e de grande parte dos camponeses ucranianos:

Quando eu nasci, os meus pais ainda tinham terra, porque você sabe que a terra ucraniana é a melhor de toda a Europa, Ásia e além. Os meus pais tinham terra, tinham um par de cavalos lindos, porque meu pai, na mocidade, era domador de cavalos, então ele entendia de cavalos. Tinham também alguns maquinários para arar a terra e fazer outras coisas. E era uma vida era muito boa, com coisas. Nasci já dentro do governo comunista, só que eles ainda não tinham dominado o país de tudo. Até o ucraniano se rebelar muito, mas, sem exército, como ia conseguir? Porque eles saíram do Czarismo e entraram na era comunista, então, a Revolução Comunista começou em 1917 e eu nasci em 1924 (WODOLASCHKA, entrevista concedida em maio de 2016).

Nossa depoente demonstrou no relato citado, mesmo com pouca idade no período em questão, notar que suas condições nas aldeias ucranianas mudavam consideravelmente conforme ocorriam alterações no âmbito político. Uma questão a ser considerada é o fato de que, já na vida adulta, ela percebia, através de leituras, notícias, estudos e de informações gerais, que o momento que estava vivendo estava ligado às conturbações políticas. Outra hipótese, a qual ela atribui seus conhecimentos sobre o Holodomor, é a de que seus pais a orientaram desde seus primeiros anos sobre os “problemas” de um governo comunista para o povo ucraniano.

A região leste da Ucrânia, apesar de ter um solo fértil, sempre esteve sujeita às intempéries climáticas, portanto, os agricultores, de certa forma, estavam acostumados com a escassez de produtos derivados da lavoura. Porém, dentro do período de vigência dos planos quinquenais e de coletivização, percebe-se uma elevação do nível de carência da população. Conforme Carwthorne, “em 1932, aproximadamente 75% das fazendas na Ucrânia haviam sido coletivizadas de maneira forçada por ordem de Stalin” (CARWTHORNE, 2012, p.128). Wira nos traz no relato abaixo, como foi esse período em que se acirraram as coletivizações. Segundo ela:

O povo ucraniano é muito alegre, muito aberto. Eu lembro que essa vida, já dentro do regime soviético, regime comunista, foi até 1929. Depois eles começaram a restringir. E o que eles faziam (ela mesma se pergunta)? Primeiro eles limpavam o país do capitalismo. Na época, eles tinham capital e tudo, podiam sair do país. A maioria fez isso! Mas, quem não foi, foi fuzilado! Foi estatizado! Depois, em 1931, eu tinha na época, praticamente (06) seis anos, eles pegaram propriedade média (WODOLASCHKA, entrevista concedida em maio de 2016).

Outro fato registrado na memória de Wira é o de camponeses que sofriam outras moléstias, além da fome. Segundo ela, nesse período, houve epidemias de doenças transmitidas geralmente por insetos, que também foram responsáveis por inúmeras mortes nas aldeias ucranianas. Wira articula, em seu depoimento, a teoria de que tais doenças eram previamente organizadas e disseminadas entre a população ucraniana pelo governo comunista. Não foram encontrados registros historiográficos que comprovem a sua tese, a não ser uma notícia no jornal *Prácia*, do dia 03 de novembro de 1932, que traz uma pequena nota sobre o fato “Na Ucrânia, muitos de nossos irmãos estão morrendo devido a surtos de febre e doenças estranhas, Dizem que é uma epidemia que vem do campo” (Jornal *Prácia*, 03 de novembro de 1932, p. 04). Sobre isso, Wira relata:

No começo de 1932, nós ainda tínhamos fartura de tudo, comida. O que eles fizeram depois? Jogaram os pernilongos de maleita, na certeza, não sei se isso em toda a Ucrânia, só que na nossa aldeia jogaram. Esses pernilongos de maleita, “fabricados” em grande escala, nos picaram e todos nós tínhamos maleita. E essa doença tem diversos tipos. Por exemplo, eu estava com (7) sete para (8) oito anos e tinha muita febre, muito vermelha... E esses sintomas passavam em algumas horas. Mas, meu pai e minha mãe tinham tremores de frio e ficavam deitados por (3) três ou (4) quatro horas até passar esse mal estar, sem poderem fazer nada. Depois, eles levantavam cansados. Na época ainda do comunismo, o hospital ficava a mais de (12) doze km de nossa casa, então, uma vez minha mãe emprestou um cavalo, porque meu pai já tinha entregado tudo (WODOLASCHKA, entrevista concedida em maio de 2016).

Em relação às atuações do governo soviético para que os planos de governo fossem aplicados e mantidos, métodos de repressão, perseguição e de fiscalização eram uma constante. Com as *deskulakzação* da sociedade camponesa, ou seja, a desapropriação das grandes, médias e muitas vezes, das pequenas propriedades, a “mão do estado” agia fortemente no combate a qualquer possibilidade de acúmulo de capital, mesmo sendo esta uma chance remota devido às condições precárias já vividas por alguns camponeses.

Wira relata sobre sua experiência pessoal quando sua família, que era proprietária de um pequeno talhão de terra, teve que aderir compulsoriamente às coletivizações. Ela ressalta que a fiscalização do estado era eficiente, que ameaçava e conseguia inibir os colonos para que não ficassem com uma quantidade de cereais

cultivados por eles, além do que era permitido pelo governo. Segundo ela, casas e celeiros eram revistados pelos agentes do estado em busca de sementes ou cereais “roubados”.

Por exemplo, quando começaram procurar... Eles vinham em bando, meia dúzia, talvez uma dúzia, e com um ferro, com uns dois metros de comprimento mais ou menos, com uma lança bem pontiaguda, batiam em todos os lugares que eles achavam que poderia ter cereais ou comida escondida ou enterrada. Pelo som que saía, ao bater em tal lugar, eles sabiam se tinha algo escondido ali ou não. Reviravam por tudo, todo o quintal, todo o pomar, em cima do teto, porque geralmente se guardava as coisas lá para esquentar a casa no tempo do inverno e também a comida. O feno para a vaca podia guardar, isso era permitido (WODOLASCHKA, entrevista concedida em maio de 2016).

O cotidiano nas estepes ucranianas era de trabalho e pouca esperança. Os confiscos, em forma de tributos, aumentavam conforme as necessidades de exportação do estado, visto que o envio de cereais para o exterior tinha um peso considerável no avanço industrial da URSS naquele momento. Segundo Pipes, “a coletivização atingiu seu objetivo de curto prazo, que era de financiar boa parte do impulso para a industrialização” (PIPES, 2002, p.78). Os camponeses viviam com precariedade e eram obrigados a “dividir” com o estado toda sua produção, além de animais e bens de consumo. Wira, que teve essa experiência pessoal na Ucrânia, relata:

Era permitida uma vaca, duas não podia, e quando a vaca dava cria, a pessoa que tinha essa permissão tratava e cuidava desse bezerro por dois anos e depois entregava para o governo. Era uma forma de imposto isso. Então quem não tinha onde vender, ele comprava isso e já se encarregava de confiscar e dar a nossa pequena parte. Isso era serviço da prefeitura. Uma parte, ou tantos quilos que nós tínhamos e o resto, falavam que entregariam pra quem não tinha comida, mas não davam pra quem não tinha comida, ficavam para o estado (WODOLASCHKA, entrevista concedida em maio de 2016).

Wira nos relata que, para sobreviver à fome, sua família rompia o medo da fiscalização e armazenava o pouco de alimento que conseguia “desviar” do confisco dos agentes do estado. Mesmo correndo o risco de receberem sanções severas por parte do governo, seu pai articulava alguns métodos para tal prática. Wira relata que:

Só sei que mais ou menos meio quilômetro ou mais dali tinha uma ruína de uma casa do meu tio, irmão do meu pai. É lógico, o pessoal desmontou porque a madeira tudo, mas parte ficou. E lá, o meu pai



enterrou... Sabe quando você faz buraco, põe bastante a palha para a geada não estragar e tampa? E depois, quando começa a noite, quando começa a nevar, então ele ia e tirava um quilo, dois, não sei quanto, porque a neve tampava esse, e ninguém podia destampar porque a neve cobria tudo (WODOLASCHKA, entrevista concedida em maio de 2016).

Wira esclarece que o cotidiano de sua infância foi marcado por privações, o que, segundo ela, não era um caso isolado na Ucrânia. Assim como ela, milhares de pessoas estavam submetidos às políticas soviéticas e que o destino da maioria, foi sucumbir diante da fome naquele ano. Em suas lembranças desse período, Wira comenta sobre a dificuldade que tinham devido à falta de alimentos:

Passavam-se dias, às vezes até semanas, só água! E de água, a pessoa fica toda inchada. A minha mãe que começou inchar as pernas dela, toda. Então chegou a primavera, trinta e três. Nós comíamos já flores das árvores, aqui se chama acácia, aquilo era comida predileta nossa. Eles deixaram morrer na cidade. Você não via mais casas, você via capoeira enorme de dois, três metros para cima, a cidade estava desaparecendo, a maioria morria pela fome, outra iam embora, as que conseguiam. Me lembro bem de chorar de fome, via minha mãe chorar por mim (WODOLASCHKA, entrevista concedida em maio de 2016).

Em outro relato, Wira discute o que, segundo ela, era o principal motivo para que o povo não se rebelasse e muitas vezes apenas lamentasse as circunstâncias:

Eu dei uma entrevista a um jornal, (Gazeta do Povo) há sete ou oito anos, e a moça perguntou-me: “O que a senhora sentia? Sentia raiva, ódio?” Falei, não, moça! A cabeça com fome não funciona, a pessoa só pensa na comida, de noite não consegue nem dormir. Não é assim... “Ah, fominha!” Era uma fome de deixar a gente inconsciente, sem ação, pensava em morrer o mais rápido possível, teve muito suicídio lá, mães sabendo que seus filhos não teriam o que comer se matavam junto com suas crianças! Então me diga, como se rebelar assim, sem forças? Por isso faziam o que queria com os camponeses ucranianos (WODOLASCHKA, entrevista concedida em maio de 2016).

Nessa perspectiva, onde o ambiente é de hostilidade e de extrema carência, atividades que não estivessem ligadas à manutenção da própria existência, eram preteridas. No tocante a perspectiva religiosa, questão bastante importante na cultura ucraniana, algo já bastante debatido neste trabalho, esta perdeu espaço

entre esses camponeses, pois fazia parte do projeto comunista deslegitimar a autoridade e o poder da igreja em toda URSS. Pipes aponta para indícios desse projeto quando diz que: “o clero sofreu perdas devastadoras: entre 1930 e 1938, 265.200 membros da Igreja foram presos pelo crime de praticar sua religião e, desses, 206.800 foram mortos” (PIPES, 2002, p.83). Para Wira, era no cotidiano que se percebia esse desapego religioso:

Rezávamos! Mas, também a gente esquecia. Não tinha mais necessidade de rezar, não adiantava mesmo. Nossa família e quase todos os camponeses esquecemos o que era rezar, não fazia sentido, não era só por que os comunistas eram ateus e nós tínhamos medo deles, era porque não queríamos mais rezar... Igual eu falei... Para a repórter lá de Curitiba, a pessoa com uma fome daquela, não pensa mais em nada. Não pensa! Só pensa em comida! (WODOLASCHKA, entrevista concedida em maio de 2016).

Neste período em que a Ucrânia era assolada pela fome, as vicissitudes giravam em torno de uma política de aguda submissão, salvo poucos levantes fracassados de camponeses, que culminavam com deportações e condenações para esses insurgentes.

A partir do ano de 1935, houve um “afrouxamento” nas tributações das fazendas coletivas na Ucrânia, e, aos poucos, os campos agrícolas voltaram a se estabelecer, mesmo tendo ainda a administração sob a égide do Estado, o que fez com que os colonos que resistiram ao período de fome, pudessem organizar a manutenção de seu provento.

Para Wira, sua relação com o estado soviético não acabara com o fim da fome. No decorrer da década de 1930, ela foi percebida como uma oradora pelo governo soviético, que a obrigou a ser uma oradora oficial das propagandas comunistas. Durante três anos foi obrigada a discursar nas escolas e locais públicos:

Falava! e, que discurso! Porque os outros partidos falavam umas besteiras... O povo nem ouvia. Mas, quando eu subia, um toco de gente falando: “Como é bom, como é bom o comunismo” “Como a União Soviética é para o bem do povo e para a nação” Todo mundo ficava quietinho! (WODOLASCHKA, entrevista concedida em maio de 2016).

Assim, Wira Wodolaschka, que sobreviveu ao Holodomor na Ucrânia em 1933 e em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial, seguiu como prisioneira para a

Alemanha, onde ficou nas fábricas de armas alemãs até o final da guerra. Não querendo mais retornar a seu país de origem devido à situação política da URSS, Wira ficou por mais um ano em um campo de refugiados até conseguir uma oportunidade de vir para a América, cujo destino foi o Rio de Janeiro, no Brasil. Após duas semanas no novo país, no início de 1947, mudou-se para a cidade de Londrina-PR, onde reside atualmente.

#### **4.7 LARA BASAN: suas memórias sobre o Holodomor**

Conforme a linha metodológica traçada neste trabalho, trataremos, à luz das análises, a trajetória de vida de Lara Basan, noventa e cinco anos, imigrante ucraniana que reside na cidade de Curitiba. Assim como a depoente anterior, Wira Wodolaschka, Anna residia na região rural da Ucrânia na década de 1930, quando, sob o domínio soviético, a população enfrentou extremas dificuldades sociais, culminando com o que hoje conhecemos com o Holodomor, o genocídio Ucraniano.

As histórias de Anna vêm à tona através de suas memórias e lembranças, muitas delas acompanhadas de sentimentos pessoais, de lacunas preenchidas pelos interesses do presente, e claro, do desejo de “reparação”: sentimento comum entre as histórias de povos refugiados, expatriados, suprimidos ou submetidos. Tais relatos interessam diretamente a esse trabalho, considerando a importância do testemunho presencial para um trabalho de história.

A trajetória de Anna assemelha-se com a de Wira, quando, na juventude, também se tornou prisioneira nas fábricas alemãs, durante a Segunda Guerra Mundial. A semelhança entre as duas histórias inicia na infância de ambas, marcadas pelo momento social conturbado que viviam no país de origem. As experiências de vida dentro de um contexto político tenso e belicoso na região do leste europeu, naquele momento, marcaram a trajetória de milhões de pessoas, entre elas, a de Anna.

Imigrante ucraniana no Brasil desde 1949, Anna nasceu em Kiev – UA, e com dois anos migrou para cidade de Irpin, vinte e dois quilômetros distante de Kiev, região agrícola com várias cidades de pequeno porte destinadas principalmente, ao cultivo de cereais. Dentro do contexto histórico que elencamos neste trabalho, essa

região foi uma das mais afetadas pelas coletivizações propostas pelo governo de Stalin na década de 1930.

Nesse contexto, Anna, que viveu nessa região até os dezessete anos, trouxe importantes relatos e informações sobre o cotidiano da população camponesa ucraniana e como se deu a (não) adequação ao sistema comunista vigente desde a anexação da Ucrânia junto à URSS.

Lara, como a maioria dos camponeses, desde criança esteve vinculada ao trabalho com a terra, porém, essa não foi sua única atividade laboral:

Morávamos numa aldeia agrícola, trabalhei no campo, na lavoura, na creche, na casa dessa irmã, quando mãe morreu. Mas trabalhei na lavoura, cuidei da creche das crianças, depois me mandaram estudar (3) três meses trator, estudei tratorista. À noite, trabalhava, preparava a terra porque de dia tinha que dirigir o trator e eu não tinha prática, então eu de noite dava trabalhada, mas de dia eu ia treinar só (BASAN, entrevista concedida em agosto de 2016).

A infância dos filhos dos agricultores dessa região, durante a década de 1930, foi marcada pela violência decorrente da miséria generalizada devido às tributações advindas dos planos quinquenais e coletivizações do governo soviético. Além desse contexto, a depoente tem em sua memória as lembranças das dificuldades e as necessidades que toda sua família encontrou para sobreviver à crise de alimentos:

Presenciei, como disse, não tinha o que comer, comia mato, assim nós vivemos um tempinho, morria muita gente de fome. Nós “sobrevivia” de todo jeito, comia o que tinha na horta, vamos supor, girassol tem aquele tubo, dentro do tubo tem aquele tipo algodão, a gente moía aquilo, fazia bolinho e comia. Folha de lipa tinha uma flor e comia porque estava bom para comer, as coisas que a gente comia é o que dava achar na horta (BASAN, entrevista concedida em agosto de 2016).

Os relatos de Lara não se diferenciam do que já foi descrito sobre o tema, neste trabalho. As consequências já sabidas desse período foram onerosas em diversos sentidos. Anna demonstra essas consequências ao relatar as numerosas vítimas da fome:

Morria muita gente de fome, morria na rua igual bicho, carroça catava e fazia uma valeta bem grande e jogavam assim que nem madeira, eu tinha 12 anos, eu “tava” perto desse túmulo que “tavam” trazendo

cadáveres e jogavam e eu “tava” olhando aquilo, criança né, e aí trouxeram e já estava cheio o buraco grande e já não tinha mais lugar nas aldeias pra colocar tantos cadáveres. Todo dia era a mesma coisa, me lembro bem, não tinha dia que não chegava uma carroça com muita gente morta. Pode ser que não acreditem, mas eu vi e me lembro, tinham pessoas que ainda não estavam bem mortas e mesmo assim, eram enterradas (BASAN, entrevista concedida em agosto de 2016).

Mesmo tendo vivenciado as dificuldades da época, Lara comenta que não tinha percepção do que ocasionava tal crise, tinha apenas ciência que existia uma fiscalização nas produções das fazendas, mas não compreendia que as tributações eram projetadas a partir de um novo sistema implantado no país. Ao contrário de Wira, em que seus pais encarregaram-se de orientá-la ainda criança sobre a crise política, Anna, que não conviveu com seus pais por muito tempo, tomou ciência do que causara os problemas sociais somente na fase adulta:

Eu era pequena e não entendia nada. Ninguém na Ucrânia nunca contam nada para as crianças. Eu não sabia sobrenome das minhas irmã, só o nome sei. Me lembro de minha tia chorando porque os agentes do estado levaram um pouco estoque de farinha que tinha. Isso me lembro, porque o pouquinho que restou tinha que dar até a colheita. Eu me tinha fome, mas ficava preocupada também com meu sobrinho que era novinho (BASAN, entrevista concedida em agosto de 2016).

Ao analisarmos depoimentos e relatos a partir de testemunhas que vivenciaram o fato, não são raras as vezes, que esses sujeitos da história, direcionaram, de forma consciente, para o teor traumático e trágico dos fatos, visto a possibilidade de “denúncia/reparação” do fato. Neste caso em específico, Lara nos conta com detalhes sobre a prática de canibalismo nas aldeias ucranianas, já mencionada por autores e pelas publicações do jornal *Prácia* neste trabalho:

Na época da fome, eu não vi isso, mas minha tia contava que na nossa aldeia mesmo acontecia de filhos ou pais assim morrer, tinha que comer, não deixavam enterrar, escondiam na casa pra poder fazer isso, comiam carne, davam pras crianças, isso lembro que por muito tempo eu me imaginava fazendo isso. Tinha até soldados que vendiam cadáveres. É isso que o governo comunista nos deu naquela época, nos deu a morte todos os dias. Ficamos vivos por acaso (BASAN, entrevista concedida em agosto de 2016).

A trajetória de vida de Lara também foi marcada por tensões e conflitos. Não apenas na infância, mas durante sua juventude, quando, depois de resistir à fome que assolou seu país, sua cidade foi ocupada pelos alemães durante a Segunda Guerra, ocasionando seu aprisionamento. Anna foi levada, em 1942, para a Alemanha com o objetivo de juntar-se a outros prisioneiros nas fábricas de fundição, onde trabalhou até o final da guerra. Após o término do conflito, com a intenção de não retornar a seu país de origem devido ao trauma de, segunda ela, viver em um país sob a égide de um governo comunista, é realocada em um campo de refugiados até 1947, quando surge a oportunidade de migrar, ela e sua família, visto que a essa altura já tinha esposo e uma filha, para o Brasil. No final de 1947, a família de Anna sai do Rio de Janeiro para estabelecer-se na cidade de Curitiba, onde reside.

A relevância das memórias de Wira e de Lara para este trabalho se dá a partir do momento que assumimos o compromisso de analisar o passado dentro das diversas variações e perspectivas. O uso das fontes orais enriquece a pesquisa à medida que se vislumbram histórias a cada depoimento. Neste trabalho não foi diferente. Além das fontes documentais e bibliográficas, lançamos mão da possibilidade de analisarmos um fato, com recorte temporal e geográfico específico, do ponto de vista de testemunhas oculares ao fato.

No que tange à história do Holodomor, tais depoimentos tornam-se ainda mais raros e importantes, visto o distanciamento temporal e geográfico que temos do fato. Além disso, devemos considerar todo o contexto histórico envolvendo o tema, tornando-o imprescindível para este trabalho.

A historiografia sobre o Holodomor ainda está em construção, algumas obras já citadas têm origem religiosa, cultural e social, o que nos alerta para possíveis parcialidades. Esta atenção não escapa aos nossos olhos no tocante às entrevistas, pois se sabe dos sentimentos de cultura e passionalidade arraigados contidos nos depoimentos primários. Como indica Burke:

As memórias também são fenômenos históricos que dominam a história social da recordação. Nesse sentido, dado que a memória social tal como a memória individual é seletiva, precisamos identificar os princípios de seleção e observar a maneira como se modificam ao longo do tempo (BURKE, 1992, p.238).

Portanto, ao cruzar informações bibliográficas com memórias de pessoas contemporâneas ao fato, podemos olhar para além do fato em si e reconhecer “sintomas e diagnósticos” diferentes da mesma história, trazendo à baila fatos e relatos que, por vezes, ficaram presos no silêncio e no proibido.

Wira e Anna tornam-se, a partir deste trabalho, parte inerente à história, tendo em seus relatos a possibilidade de preencher algumas lacunas ainda existentes na historiografia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Sem a pretensão de ser um trabalho final sobre o tema, buscou-se nesta pesquisa, não apenas (re) contar uma história, mas uma resignificação do passado, através de fatos e fontes, buscando compreender de que maneira algo que já foi, que já existiu, é reproduzido no presente. Como historiador, trazemos a história do passado e a reconstrução do fato imaginado tê-lo de volta. Porém, nos damos conta que a compreensão histórica é filha do seu tempo, ou seja, é um passado a partir do presente, e esse presente está suscetível a influências e pré-conceitos desde a escolha do objeto, da fonte e de teorias. José Carlos Reis indicava isso quando apontava para esse passado sujeito as intempéries do presente, “o conhecimento histórico está sempre ligado à época de sua produção, ao presente do historiador, que é sempre novo” (REIS, 2003, p.150).

Ainda sabendo que o passado é uma construção do sujeito, que o reconstrói atribuindo-lhe um sentido, sob perspectivas, convicções e personalidade, buscamos uma proximidade com o evento, dando cor e movimento a um fato de certa forma silenciado. Recriamos o passado na intenção não de mudá-lo, mas sim entendê-lo dentro de suas mais variadas possibilidades de reconstrução. Assim, neste trabalho, o passado que trouxemos a baila das análises é um passado fértil, que ainda produz. As análises aqui feitas deram a dimensão da trajetória de um fato ocorrido há décadas e a trajetória percorrida até chegar ao nosso tempo através de histórias e estórias.

Assim, dentro das diversas dificuldades encontradas no decorrer desta pesquisa, as convergências de vários “saberes” sobre o passado em uma única história foi trabalhosa, porém, instigante. Alinhar a história feita a partir da historiografia à história relatada tendo a memória como fonte foi o grande desafio deste trabalho, onde trouxemos a luz um evento histórico tendo como base para a sua reconstrução alguns testemunhos oculares, que diversas vezes, vieram acompanhados de toda a subjetividade dos sentimentos.

A partir dessas possibilidades, o trabalho tomou forma à medida que histórias iam se cruzando, encaixando-se, e assim, como um quebra-cabeças, peça a peça a



“paisagem” deu sinais de cores e semblantes, trazendo a tona trajetórias de vidas que tinham em comum um passado de lutas e superações cotidianas.

A fim de concluir esta obra, percebeu-se que não seria possível trabalhar com a hipótese de apresentarmos apenas “uma” conclusão, no sentido singular do termo, mas sim conclusões, em que podemos analisar essas considerações finais a partir de um contexto importante, que para compreendermos a história dos imigrantes ucranianos da cidade de Prudentópolis, foi preciso compreender sua partida da Ucrânia, seus medos e suas dificuldades que os levaram a migrar.

Dentro desta perspectiva, analisamos neste trabalho os primeiros tempos desses imigrantes eslavos no Brasil, no final do século XIX, entendendo suas dificuldades de se estabelecer em um país distante e tão diferente do seu. A partir dessas diversidades, compreendemos aqui, que essas diferenças culturais entre os imigrantes e os nativos, contribuíram de início, para uma prática da manutenção de sua cultura, costumes e religiosidade, a fim de amenizar o impacto cultural percebido logo aos primeiros anos. Isso em nenhuma hipótese descarta o acultramento e as inter-relações étnicas dentro da comunidade, mas notou-se através de historiografia sobre o tema e através de relatos, que esse sentimento de pertencimento dentro da comunidade ucraniana de Prudentópolis foi e ainda é uma característica marcante.

No decorrer de quatro anos pesquisando esta comunidade, detectou-se um forte intuito entre os imigrantes e descendentes em apoiar-se em suas práticas culturais numa busca cotidiana de fortalecimento dessa identidade. A religiosidade foi o fio condutor dessa manutenção, tendo nos ritos e em suas práticas religiosas um fator agregador da comunidade, sobretudo nas primeiras décadas da imigração.

Ainda a guisa de conclusão, sobre a comunidade ucraniana, outro fator de importante unidade entre os imigrantes foi o idioma, característica, junto com a religiosidade, não exclusiva dos ucranianos, pois nota-se isso em imigrantes de outras etnias, mas que em Prudentópolis teve fundamental importância na preservação da cultura ucraniana, visto que seu idioma original permaneceu como primeira língua falada entre os imigrantes durante décadas, criando inclusive, recursos institucionais para a manutenção do idioma.

Nossa segunda parte conclusiva, retornamos ao país de origem desses imigrantes e um tema que remonta a década de 1930, quando a Ucrânia vivia seu momento político mais tenso e que uma crise social abalou suas estruturas com

consequências marcantes. O Holodomor, o genocídio ucraniano, foi amplamente debatido neste trabalho. A historicização desse evento foi feita de maneira minuciosa, a partir de fontes variadas como, jornal, entrevistas e bibliografias, trazendo a tona toda contextualização necessária para compreendermos não só o fato em si, mas seus desdobramentos. E são esses desdobramentos que nos conectaram novamente com a comunidade ucraniana de Prudentópolis na medida em que relacionamos tragédia na Ucrânia entre 1932 e 1933 e os imigrantes que estavam no Paraná.

Apresentamos neste trabalho, a maneira que a comunidade assimilava, reagia e se relacionava com os acontecimentos na Ucrânia Soviética, no tocante ao sentimento de impotência perante os fatos, estando longe de sua terra natal, e indo além, de que maneira eram informados de seus familiares e amigos que lá estavam, e como eram atualizados dos acontecimentos. Assim, na busca por compreender um fato devidamente “camuflado” pelo governo soviético na época, encontramos o objeto principal deste trabalho, o jornal *Prácia*.

O *Prácia* nos direciona para a terceira fase de nossa conclusão, quando apontamos esse periódico como um elemento fundamental na cultura ucraniana de Prudentópolis. Não é difícil afirmar que o *Prácia* foi, junto com a igreja católica da Ordem de São Basílio Magno, o estandarte da cultura ucraniana, não só em Prudentópolis, mas no país. Não só como instrumento de avivamento identitário serviu o jornal, pois no tocante ao Holodomor, foi o grande meio de informação entre os imigrantes que estavam no Brasil e seu país durante o domínio soviético.

Com uma história centenária, o *Prácia* foi, no período em que a Ucrânia estava submetida às políticas soviéticas, um elo entre os imigrantes que aqui estavam e seus familiares na Europa. A importância do jornal ficou evidente nesta pesquisa, quando se reconstruiu a história de alguns membros da comunidade, tendo como enfoque a importância do jornal entre os prudentopolitanos. Descendentes como o senhor Rafael Honisko, que com suas lembranças trouxe à tona a importância do jornal no cotidiano da comunidade em uma época que eram poucos os meios de comunicação.

E são essas lembranças que através da história e memória, rumamos para a parte final das considerações, em que tivemos contato com a história “contada” da tragédia na Ucrânia através de valiosos relatos de testemunhas contemporâneas ao

fato. Foram entrevistas feitas com sobreviventes do Holodomor e que migraram para o Brasil, que depois de décadas decidiram contar e relatar o que viram, viveram e sentiram.

Os relatos deram a este trabalho uma importante contribuição, visto que o distanciamento temporal do fato até a produção desse trabalho nos lançara numa quase impossibilidade de ser ter relatos de primeira pessoa. Obstáculo vencido quando, durante a pesquisa, encontramos duas imigrantes com possibilidades de contribuir para esta pesquisa.

Wira Wodolaschka e Lara Basan com (93) noventa e três e (95) noventa e cinco anos, respectivamente, trouxeram para o Brasil, junto com a esperança de uma vida melhor, ou apenas esperança de uma vida, lembranças e memórias das experiências vividas na Ucrânia que remontam a um passado de tensões, conflitos e privações. Lembranças em que meio a sentimentos pessoais, deram significado histórico importante para este trabalho. A trajetória de vida de nossas duas testemunhas do Holodomor, mostraram o fato para além das notícias do Prácia.

Assim, a história desses imigrantes ucranianos, perpassa obrigatoriamente pela história do Brasil, em especial do Paraná, em que ao estudarmos a colonização do estado, percebemos as influências étnicas e culturais contidas dentro das mais diversas manifestações até os dias atuais. Basta voltar os olhos para a cidade de Prudentópolis para notar o cotidiano desses descendentes, ou como foi mostrado durante este trabalho, o passado destes imigrantes conectados a um conflito europeu através de um jornal exclusivo dessa comunidade, que por sinal, até hoje simboliza parte da manutenção dessa cultura.

Pertinente perceber que esse período importante que compreende as ondas migratórias para o Brasil no final do século XIX, que houve também, a aculturação desses imigrantes no tocante aos brasileiros que aqui estavam, pois acreditamos que seria uma ingenuidade histórica pensar na não adaptação da cultura nativa por parte desses imigrantes, o que contribui ainda mais para possíveis possibilidades de estudos.

E é no tocante a pesquisa, que usaremos para finalizar este trabalho, pois não tivemos aqui a intenção de produzir uma obra cabal que estipulasse o fim das pesquisas sobre o tema, pelo contrário, apenas uma das muitas perspectivas que podem ser elencadas sobre imigração, práticas culturais e outras vertentes sobre o

tema. Fato se comprova nas metodologias e teorias diversificadas que foram usadas no transcorrer deste trabalho, mostrando quão frutíferas podem ser as abordagens e as metodologias sobre o tema, sempre na busca incessante de perguntas e respostas, assim como na obra, “A hora da estrela” (1978), da ucraniana Clarice Lispector, “enquanto eu tiver perguntas, continuarei a escrever”.

**FONTES:**

Acervo digital de documentação histórica da cidade de Prudentópolis - PR em: <http://www.prudentopolis.pr.gov.br/Prudentopolis/publico/>

Entrevistas concedidas: Descendentes de imigrantes residentes em Prudentópolis-Pr.

Entrevistado: Rafael Honisko; entrevistador: Anderson Prado, em 19/06/2015; Prudentópolis-Pr.

Entrevistado: Antônio Demczuk; entrevistador: Anderson Prado, em 07/12/2015; Prudentópolis-Pr.

Entrevistas concedidas: Imigrantes ucranianos sobreviventes do genocídio ucranianos residentes, respectivamente em, Londrina-Pr e Curitiba-Pr.

Entrevistada: Wira Wodolaschka; entrevistador: Anderson Prado, em 27/05/2016; Londrina-Pr.

Entrevistada: Lara Basan; entrevistador: Anderson Prado, em 27/08/2016; Curitiba-Pr.

Filme: Ivan: direção: Guto Pasko, elenco: Iván Bojko, produção Brasil, 2014.

Fotos, anotações, imagens do acervo do Museu do Milênio – Prudentópolis-Pr.

IPARDES: Instituto Paranaense de Desenvolvimento Social: informações contidas no site: <http://www.ipardes.gov.br>.

Jornal Prácia: publicações entre os anos de 1932 e 1934 – Acervo da gráfica: Tipografia de Prudentópolis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREAZZA, M. L. *O paraíso das delícias. Um estudo da imigração ucraniana, 1895 – 1995*. Curitiba: Aos Quatro Ventos. 1999.

\_\_\_\_\_. *Controle social e obediência: vida de moças imigrantes*. Anais do XI Encontro de Estudos Populacionais da ABEP. 2005.

BATISTA, Fábio D. *Igrejas ucranianas: arquitetura da imigração no Paraná*. Curitiba: Instituto Arquibrasil/ Petrobrás Cultural, 2009.

BABBAR, Lara, J. *Características, transformações e adaptações da música religiosa ucraniana no Paraná*. Dissertação de mestrado em História. Curitiba. UFPR. 2008

BORUSZENKO, O. “Imigração Ucraniana”, in *Beiträge zur Wirtschaftsgeschichte*, vol. 8. Stuttgart: Verlagsgemeinschaft Ernst Klett, p. 759 – 774. 1981.

\_\_\_\_\_. “História oral – um exemplo prático. ‘Um microcosmos ucraniano’”, in Anais da X Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, p.109 – 111. 1991.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BROUÉ, P. *O partido bolchevique: dos primeiros tempos à Revolução de 1917*. Curitiba: Pão e Rosas. 2005.

BURKO, V. *A imigração ucraniana no Brasil*. Curitiba: s/ ed. 1963.

BUKARIN, N. *Abc do comunismo*. Bauru – SP. Ed. Pro. 2002.

CALENDÁRIO DO PRÁCIA. *Nossas primeiras escolas. A Igreja Ucrâno - Católica do Sagrado Coração de Jesus de Marechal Mallet e Prudentópolis*. Padres Basilianos, 1950

CARR, E. H. *História da Rússia Soviética*. Porto: Afrontamento. 1979.

CASADEI, Eliza. B. *Jornalismo e ressignificação do passado: os fatos históricos nas notícias de hoje*. Curitiba: Appris. 2012.

CAWTHORNE, n. *Os crimes de Stalin: a trajetória assassina do Czar Vermelho*. São Paulo: Madras. 2012.

CORREIA, L. *O Município de Prudentópolis*. Curitiba: Olivero. 1929.

CROUZET, M. *A época contemporânea: O declínio da Europa e o mundo Soviético*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1996.

CRUZ, Antonio D. *Universo poético de Helena Kolody: A imigração ucraniana no Paraná e nostalgia enquanto retorno às origens*. In: Línguas e Letras. Cascavel: UNIOESTE. 1993.

ESCUADERO, Camila. *Imprensa de comunidades imigrantes de São Paulo e identidade: estudo dos jornais ibéricos Mundo Lusíada e Alborada*. Dissertação de mestrado em Comunicação Social. UESP (Universidade Metodista de São Paulo) São Paulo. 2007.

ELMIR, Claudio, P. WITT Marcos, A. *Imigração na América Latina: histórias de fracassos*. São Leopoldo: Oikos. 2104.

GARIN, Leonardo. P. *Imigração ucraniana em Curitiba: dissertação de mestrado em História*. Curitiba: UFPR. 2012.

GLÉNISSON, J. *Iniciação aos estudos históricos*. São Paulo: Difusão Europeia. 1977.

GUÉRIOS, Paulo R. *Memória, identidade e religião entre os imigrantes rutenos no Paraná*. Tese de doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: UFRJ. 2007.

HANEIKO, V. OSBM. *O cinquentenário da fome na Ucrânia*. Curitiba: Kindra. 1983.

HANICZ, T. *Religiosidade, identidade e fronteiras fluídas algumas considerações sobre os descendentes de ucranianos no Brasil e os desafios contemporâneos*: Anais do III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das

Religiosidades – ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9. 2011.

HALL, Stuart. *Dá diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

\_\_\_\_\_. *Identidade cultural e diáspora*. Rio de Janeiro. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 24. 1996.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HAURESKO, C. *Fumo e êxodo rural. Transformações sócio espaciais nas comunidades rurais de agricultores ucraino-brasileiros em Prudentópolis – PR*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Curitiba: UFPR. 2001.

HOBBSAWM, E.J. *A era dos extremos. O breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

HORBATIUK, Paulo. *Imigração Ucraniana no Paraná*. Porto União: Uniporto, 1989.

IPARDES Caderno Estatístico. Município de Prudentópolis. Curitiba: Secretaria de Estado da Administração: texto disponível em [www.ipardes.gov.br](http://www.ipardes.gov.br). 2006.

JACUMASSO, T. D. e Damke, C. *Aspectos da imigração ucraniana para o Brasil: As (a)diversidades na região centro-sul do Paraná*. Cascavel: UNIOESTE. 2009.

KLOCZACK, Ludmila. *Ucrânia: tempo de reinscrever lembranças*. Tese de doutorado em psicologia – núcleo de estudos dos processos de singularização. São Paulo, PUC. 2001.

LENIN, Vladimir, I. *O Estado e a Revolução: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletário na Revolução*. São Paulo: Centauro. 1992.

LISPECTOR, C. A. *Hora da Estrela*. 12ª edição. Rio de Janeiro: Rocco. 1998.



LUPEPSA, E. C. *Para a dona de casa: comida e identidade entre descendentes de ucranianos em Prudentópolis/PR, 1963-1976*. Dissertação de mestrado em História Irati. UNICENTRO. 2013.

MARTINS, J C de O. *Homem e identidade – o patrimônio humano no desenvolvimento local e no turismo*. In: CORIOLANO, L. N. M. T. (Org). *Turismo de inclusão e o desenvolvimento local*. Fortaleza: FUNECE, 2003.

MARTINS, Romário. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

\_\_\_\_\_. *Os Ucranianos*. Fundação Cultural de Curitiba, v. 2. 22, nº108, out. 1995, vii, 9: il. Nota: 2. ed. Revista Imigrante do v. 8, nº53, 1995.

MARX, K; Engels, F. *Manifesto do Partido Comunista – 1848*. Porto Alegre: L&PM. 2001.

MATOS, L. M. *Holodomor: O Genocídio Ucraniano*. Revista Internacional de Estudos Ibero-Eslavos – CompaRes/ CLEPUL 5. Lisboa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2010.

MAZINI, A. *Registro, ficção e informação: a narrativa como representação da história e do jornalismo*, Comunicação & Mercado/UNIGRAN. Dourados, vol. 01, n. 03, p. 15-23. 2012.

MILNER, R. *Rússia e a antiga União Soviética*. Barcelona: Folio S. A., 2007.

MOTTA, Marcia, M. *História, memória e tempo presente* In: VAINFAS, Ciro, F. *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

OLIVEIRA, R. C. *Os (des)caminhos da identidade*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. RBCS. 2008.

ORLANDI, Eni. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6ª ed. São Paulo: Ponte, 2005.

PIPES, R. *Comunismo*. Rio de Janeiro: Objetiva. 2002.

PONTES, Felipe, S. *Do jornalismo e da história à história do jornalismo*. s/ed. 2010.

PONTE, C. *Para entender as notícias: Linhas de análise do discurso jornalístico*. Florianópolis: Insular. 2011.

RAMOS, Odinei, F. *Experiências da colonização eslava no centro-sul do Paraná (Prudentópolis 1895-1995)*. Tese de doutorado em História Franca. São Paulo: UNESP, 2012.

REIS, J, A. *As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético*. Franca: UNESP, 1997.

REIS, José, C. *História e Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. FGV. Rio de Janeiro. 2006.

RODRIGUES, Robério, P. *O colapso da URSS: um estudo das causas*. Tese de doutorado em História Econômica. São Paulo: USP. 2006.

SCHNEIDER, C. *Os rituais do ciclo natalino: a identidade renovada entre os camponeses ucráino-brasileiros*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Brasília: UNB. 2002.

SEGRILLO, A. *Historiografia da Revolução Russa: antigas e novas abordagens*. Revista Projeto História nº 41: História, historiadores e historiografia. São Paulo: PUC, 2008.

SIMIONATO, Marta, M. *O processo de alfabetização e a diáspora da língua materna na escola: um estudo em contexto de imigração ucraniana no sul do Brasil*. Tese de doutorado em História. Florianópolis. UFSC. 2012.

SZEREMETA, Angélica. *Imprensa imigrante e jornalismo: apropriação de elementos jornalísticos na produção do jornal centenário ucraniano Prácia*. GT de História da Mídia Impressa, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia. 2015. TAMANINI, Paulo. A. Espaços específicos para os de identidade específica: imigrantes ucranianos Em Papanduva – SC. Revista Espaciabilidades, vl. 02. 2009.

TENCHENA, Sandra M. *Comunidade ucraniana: suas fronteiras étnicas e a religião*: Revista: Nures no 14: PUC. 2010.

TRAGTENBERG, M. *A revolução Russa*. São Paulo: UNESP. 2007.

TRAQUINA, N. *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. Revista Insular Vol.1. Florianópolis: EDUFSC, 2004.

TROTSKI, L. *A revolução desfigurada*. São Paulo: Lech. 1977.

ZINCO, B. *Escolas particulares ucranianas no Brasil*. Curitiba: Gráfica Basilianos, 1960.

**ANEXOS:**

**Anexo 01: Entrevista realizada com a Sra. Wira Wodolaschka, imigrante ucraniana, residente em Londrina – PR.**

**Sobrevivente do genocídio ucraniano (Holodomor) 1932, e ex-prisioneira do nazismo.**

**Entrevista concedida em 27 de maio de 2016.**

**Sra. Wira:** Você vai perguntar?

**Anderson:** Eu vou perguntar sim! Mas a senhora fique à vontade em falar...

**Sra. Wira:** Não! Eu gosto disso! Eu faço questão!

**Anderson:** Então está combinado!

**Sra. Wira!** O que eu vou fazer com 91 anos? Faltam quatro meses para 92.

**Anderson:** Certo!

**Sra. Wira:** Eu vou fazer 92 anos em 01 de outubro, neste ano ainda.

**Anderson:** Quando a senhora veio para o Brasil?

**Sra. Wira:** Em 1947, depois da Segunda Guerra Mundial... Dois anos antes...  
Você está gravando, não é?

**Anderson:** Estou gravando sim! Fique à vontade!

**Sra. Wira:** Então eu não vou interromper. A Segunda Guerra Mundial terminou em maio, parece que... Se não me engano dia 06 de maio de 1945... O Hitler capturou... A Alemanha capturou. Então nós esperamos para imigrar porque o Stalin, na época, declarou que nós não éramos povo deles, soviéticos. Nós éramos traidores da pátria e inimigos.

**Anderson:** Certo!

**Sra. Wira:** Então você fica mais de três anos prisioneira lá na Alemanha, e depois um dirigente soviético, um presidente vai dizer que nós somos traidores, que nós tínhamos que nos matar, mas não nos entregar para o inimigo.

**Anderson:** Onde a senhora nasceu?

**Sra. Wira:** Na Ucrânia! Eu fiquei morando na Ucrânia até 18 anos.

**Anderson:** Em qual cidade?

**Sra. Wira:** Eu vou te passar todo o endereço.

**Anderson:** Perfeito!

**Sra. Wira:** Estado de Nicopetosko. No Rio Dnipro, muito grande, distrito de Jurilka, e a aldeia era Schandriuka. Eu nasci já dentro do governo comunista, só que eles ainda não tinham dominado o país de tudo. Até o ucraniano se rebelar muito, mas, sem exército, como ia conseguir? Porque eles saíram do Czarismo e entraram na era comunista... Então, a Revolução Comunista começou em 1917 e eu nasci em 1924.

**Anderson:** Já sobre o governo do Stalin e não do Lenin, não é?

**Sra. Wira:** Do Stalin! Quando eu nasci, os meus pais ainda tinham terra, porque você sabe que a terra ucraniana é a melhor de toda a Europa, Ásia e além. Os meus pais tinham terra, tinham um par de cavalos lindos, porque meu pai, na mocidade, era domador de cavalos, então ele entendia de cavalos. Tinham também alguns maquinários para arar a terra e fazer outras coisas. E era uma vida era muito boa, com coisas.

**Anderson:** Uma vida de camponeses?!

**Sra. Wira:** Sim. Uma vida camponesa! O povo ucraniano é muito alegre, muito aberto... Eu lembro que essa vida, já dentro do regime soviético, regime comunista, foi até 1929. Depois eles começaram a restringir. O que eles faziam? Primeiro eles limpavam o país do capitalismo.

**Anderson:** A propriedade privada...?

**Sra. Wira:** Ih! Bem na época, eles tinham capital e tudo, podiam sair do país... A maioria fez isso. Mas, quem não foi... Foi fuzilado! Foi estatizado! Depois, em 1931, eu tinha na época, praticamente 6 anos, eles pegaram propriedade média.

**Anderson:** É aquilo que eles chamavam de Kulaks?

**Sra. Wira:** É, Kulaks! Então, eles formaram companhias iguaizinhas ao MST aqui, do próprio ucraniano. Até por sinal, o meu pai era proprietário muito novo, na época ele tinha 32 anos, ele nasceu em 1899, os dois nasceram nesse ano, meu pai e minha mãe. E ele também foi chamado para esse movimento "MST". Mas o pai era muito esperto, ele deu uma desculpa tão grande para eles e ele foi passado de pequeno, isto é, de pobre, médio, a grande. Porque essa turma de pobre, mas não era tão pobre assim, porque depois eu comecei a ver as coisas e entender melhor, pois eu já era uma adolescente e um vizinho nosso de frente tinha muita terra, muito gado, muita coisa... E ele entrou nesse "MST". E o que eles faziam? Eles comunicavam, tinham umas secretárias lá na prefeitura, então eles vinham e comunicavam com uma... Tal e tal hora, isso na véspera da noite... Comparecer nessa... Coisa. O pai se mandava para a terra, para o bosque, lá tinha feno, palha... Ele dormia à vontade, no lugar dele ia a minha mãe. Eles não deixavam a noite toda dormir. Por exemplo: você é da companhia, então você fica não sei quantas horas. Então depois você vai dormir e vem outro no lugar. E assim: "Onde que você escondeu o cereal?" Então vinha outro e outro, e torturavam já. Isso foi no começo de 1932. Nós ainda tínhamos fartura de tudo, comida. O que eles fizeram depois? Jogaram os pernilongos de maleita, na certeza, não sei se isso em toda a Ucrânia, só que na nossa aldeia jogaram. Esses pernilongos de maleita, "fabricados" em grande escala, nos picaram e todos nós tínhamos maleita. E essa doença tem diversos tipos. Por exemplo, eu estava com 7 para 8 anos e tinha muita febre, muito vermelha... E esses sintomas passavam em algumas horas. Mas, meu pai e minha mãe tinham tremores de frio e ficavam deitados por 3 ou 4 horas até passar esse mal estar, sem poderem fazer nada. Depois, eles levantavam cansados. Na época ainda do comunismo, o hospital ficava a mais de 12 km de nossa casa, então, uma vez minha mãe emprestou um cavalo, porque meu pai já tinha entregado tudo.

**Anderson:** A terra da propriedade chegou a ser...

**Sra. Wira:** Eles confiscaram.

**Anderson:** Chegou a ser confiscada!

**Sra. Wira:** Tudo, tudo, tudo!

**Anderson:** Naquele plano de coletivização foi confiscada?

**Sra. Wira:** Sim! Sim!

**Anderson:** Isso em 1932?

**Sra. Wira:** É. No começo de 1932. Começaram no fim de 1931. Porque eliminando os kulaks, os grandes capitalistas só pegaram esses. Então, nós ficamos o dia inteiro esperando um monte de gente deitada com tremores de frio também, e não fomos atendidos. Isto ainda está na minha cabeça. Isto ninguém me falou! De criança ainda.

**Anderson:** Está na memória ainda?

**Sra. Wira:** Na memória! É! Bom... Isso tudo está bem?

**Anderson:** Sim! Sim!

**Sra. Wira:** Então... Depois, antes de ter essa malária, como que eles faziam para o povo entregar o cereal... O que eles tinham de comida.

**Anderson:** Eles não deixavam ficar com nada?

**Sra. Wira:** Com nada! Com nada! Esse Kulaks despejavam tudo, essa cambada que se fazia de pobre.

**Anderson:** Certo! Que se aliaram ao governo Stalin...

**Sra. Wira:** É!

**Anderson:** E quem que fazia a fiscalização? Era o exército também ou não?

**Sra. Wira:** Não! Isso era mandado pelo partido comunista. Era tudo do partido.

**Anderson:** Não era o exército propriamente? Eram os fiscais que tinham locais?

**Sra. Wira:** Sim. Por exemplo, quando começaram procurar... Eles vinham em bando, meia dúzia, talvez uma dúzia, e com um ferro, com uns dois metros de comprimento mais ou mesmo, com uma lança bem pontiaguda, batiam em todos os lugares que eles achavam que poderia ter cereais ou comida escondida ou enterrada. Pelo som que saía, ao bater em tal lugar, eles sabiam se tinha algo escondido ali ou não. Reviravam por tudo, todo o quintal, todo o pomar, em cima do teto, porque geralmente se guardava as coisas lá ara esquentar a casa no tempo do inverno e também a comida, o feno... Para a vaca, porque podia, isso era permitido. Era permitida uma vaca, duas não podiam, e quando a vaca dava cria, a pessoa que tinha essa permissão tratava e cuidava desse bezerro por dois anos e depois entregava para o governo. Era uma forma de imposto isso. Então quem não tinha onde comprar, ele comprava isso e já se encarregava de... De certo a prefeitura... Uma parte, ou tantos quilos que nós tínhamos que entregar e o resto dos outros, quem não tinha coisa, eles compravam. (...)

**Anderson:** A família da senhora era numerosa?

**Sra. Wira:** Não! Eu tinha só um irmão mais novo. Na época, em 1932, ele tinha 4 anos. Eu tinha uma irmãzinha com um ano e oito meses. E eles também jogaram o, a... O meu genro que é marido da... Ele disse que em português se chama cólera. Isso também foi, e eu acho, eu não ouvi de ninguém, mas, todos nós tínhamos essa cólera. Por exemplo, eu ia recolher a vaca, porque a mãe tinha que trabalhar na roça deles, na fazenda coletiva. Então, eu com sete anos, ai buscar, não sei... Um quilômetro... Ou dois, a vaca, onde me apurava... E isso dava umas cólicas tão enormes no abdômen que eu tinha que me sentar e evacuar todo o sangue, aquilo jorrava.

**Anderson:** Foi uma epidemia isso?

**Sra. Wira:** Sim! Sim! Todo mundo da aldeia tinha isso. Depois teve a epidemia da malária. Essa minha irmãzinha, ela não resistiu e em 1932 ela faleceu com um ano e oito meses. Eu tenho uma bisneta agora com um ano e oito meses e quando eu olho para ela... É! Olha... Sabe como é! Acho que com gravação... Porque é duro!



Essa menina... Por que duro?! Porque ela... Eu estava sentada perto dela e ela pedia água e a mãe dava, se ela não desse tanto... .Minha mãe... Eu acho que não entendia, se ela desse igual agora tem essa maisena... Essas coisas, ela... Eu acho que iria sobreviver.

**Anderson:** Mas, naquela época não se sabia, não é?!

**Sra. Wira:** É! É lógico que ela não sabia.

**Anderson:** Sim! Sim! Sim! Em 1932, quando se acirrou a coletivização como que ficou a situação da família da senhora nesse momento?

**Sra. Wira:** Pois é! Primeiro entregamos tudo. Porque a maioria... Por que eles castigaram primeiro os Kulaks? Porque a maioria preferiu jogar os maquinários mais grossos no rio.

**Anderson:** Para não entregar!

**Sra. Wira:** Quando eu fiquei adolescente, eu já sabia como... Adolescente como hoje... Com 10 anos... Mas, com 12... Eu sabia... Meu irmão também, que lá no rio, nós até poderíamos nadar, mas, jamais nós poderíamos mergulhar.

**Anderson:** Por conta dos maquinários que foram jogados no rio!

**Sra. Wira:** Todo mundo já sabia que era perigoso... Eu acho que estou gritando, não é?! Mas, isso eu acho que é emoção.

**Anderson:** Fique à vontade!

**Sra. Wira:** Um pouco é emoção, um pouco é que eu uso aparelho... Então, tudo se juntou. Bom, o que meu pai... Porque eu, com 7 anos, já sabia o que estava acontecendo perto de mim, nada foi escondido pelos pais. Eles sabiam que podiam me matar, mas eu não abria a boca.

**Anderson:** A senhora sabia no momento o que estava acontecendo?

**Sra. Wira:** Tudo! Então, quando começaram a retirar os cereais e tudo, nós tínhamos a... Olha... O pai pegou o trigo no moinho... Esse moinho, se não me falha a memória, ficava a 18 ou 20 quilômetros da... Ele moeu esse trigo todo, deu... Como essa velha sabe tudo! Ainda lembra tudo!

**Anderson:** Estou impressionado aqui!

**Sra. Wira:** Olha! Preste bem atenção! Eu sei que deu seis sacos de farinha de trigo, um saco tinha dois “pood”, que é uma medida, cada “pood” tinha dezesseis quilos, então, cada saco tinha trinta e dois quilos. Onde que o pai escondeu? Isso que é aqueles que... Aquela cambada que procurava, (risos) eles não acharam. Porque nós tínhamos... A nossa casa foi feita lá, não era só a nossa, foi feita na aldeia por mutirão, entre os familiares e os vizinhos. Depois cada um pagava por dia de trabalho, coisa assim. E, já na época, meus pais não conseguiram madeira para as últimas três janelas... De um quarto era grande, duas janelas davam para a rua e uma para dentro do quintal. Então eles resolveram, não imaginaram, na época ainda, que isso não seria temporário que eles não iriam conseguir, porque depois não tinha marcenaria, não tinha nada. E aquilo, com tijolo, eles fecharam as janelas que iam para a rua e essa do quintal, eles deixaram aberta e aproveitaram pôr feno para o frio... Para a vaca... E o que ele fez? Sempre entravam para pegar feno pela janela, aquela janela estava sempre aberta. Então, meu pai colocou esses seis sacos ali dentro, embaixo do feno, socou e... O quarto todo estava cheio, uma pessoa entrava só no começo... Depois vieram eles, não me lembro de quantas pessoas, eu sei que não era um e nem dois. O que eles fizeram? Eles colocaram meu pai e minha mãe na parede perto daquela janela e um ficou observando a emoção da...

**Anderson:** O semblante!

**Sra. Wira:** O semblante! E eles... Eu acho que dois, bom, isso eu não me lembro de quantos eram, entraram lá e reviraram... Olha! Eu lembro agora como meus pais já eram “batidos” nisso! Eles não mexeram com o... Não demonstraram emoção, nada, nada! Mas eles reviraram, entravam e já reviram pra... Mas, aqui tinha pouco... No fim, eles não acharam. Nos primeiros muitos meses de 1932 para 1933, isso nos salvou muito bem, obrigada. Só dois filhos... Bom, e 1933? Por exemplo, aqui o Holodomor... Ah, você iria ao mato e acharia alguma coisa para comer. Mas, o que você iria comer lá fora no inverno quando tem neve, um metro, às vezes até um e meio... É! Aí a fome começou a apertar e eu não sei de onde meu pai conseguiu milho em grãos. Quanto tinha também eu não sei. Só sei que mais ou menos meio quilômetro ou mais dali tinha uma ruína de uma casa do meu tio, irmão

do meu pai. Mas, ele era esperto já, e antes disso mudou-se para a cidade, bem longe. Mudou-se para esse lugar, Dombas, que é uma região de minérios e faz divisa com a Rússia, onde hoje, o Putin está querendo “abocanhar”. Ele levou sua família para lá e, é lógico, o pessoal desmontou porque a madeira... E tudo, ficou. E lá, o meu pai enterrou... Sabe quando você faz buraco, põe bastante a palha para a geadas não estragar e tampa? E depois, quando começa a noite, quando começa a nevar, então ele ia e tirava um quilo, dois, não sei quanto, porque a neve tampava esse... E ninguém podia destampar porque a neve cobria tudo. Por exemplo: E por que não socou? É porque... Quem interessa vai ouvir isso, não é?!

**Anderson:** Certo! Certo! Certo!

**Sra. Wira:** E cozinhar? E o cheiro da comida? Eles vinham ali e deportavam as pessoas por causa de esconder. Roubou do...

**Anderson:** Do estado!

**Sra. Wira:** Você está acreditando nisso?!

**Anderson:** Como a luz do dia que ilumina a minha vida. Acredito sim!

**Sra. Wira:** Eu... Eu... Ia contar isso para qualquer pessoa aqui? Então o que aconteceu? Só começava a cozinhar se todo mundo acendesse o fogão e fazia alguma coisa, ou às vezes a família também acendia o fogo porque não tinha fogão elétrico ou a gás, tudo saía pela chaminé. Então, todo mundo acendia no mesmo minuto. Quando o povo cheirava que já... Cheirando... Aceso pela chaminé, a fumaça... Então, assim que minha mãe cozinhava. Só que aquilo, aquele milho... Meu estômago começou a não aceitar, o que eu comia, eu vomitava. Eu comecei a baquear completamente de saúde. Comecei a ficar assim... Bom, lá a cama é mais alta do que aqui. Eu com 7 para 8 anos já, não conseguia subir de fraqueza. Então, uma prima do meu pai trouxe um cereal, parece alpiste, se chama “Prósso”, é igual alpiste, só que tem o dobro do tamanho, ele é vermelhinho com alaranjado... E o que aconteceu? Eles não conseguiram guardar todas essas palhas, porque elas... Ele cresce igual arroz, talvez um pouquinho mais baixo. Essa semente tem que tirar a casquinha... E eu não sei que por aqui ele não cresce. Já quando estávamos no Brasil, conseguimos fazer casa bonita em Apucarana, meu marido era muito trabalhador, muito inventor... As coisas não se perdiam. Na época, esta casa, Isso...

Bom, não importa quando! A Ludmila... Ela é de 1949, de fevereiro. Então essa casa era bem bonita e eu comecei já antes a receber do Canadá os jornais ucranianos, e por acaso, veio a explicação... Que o pardal não deixava essa semente nascer aqui.

**Anderson:** O danadinho...

**Sra. Wira:** Comia! Comia tudo! A Ludmila experimentou esse mingau só quando nós fomos primeira vez para a Ucrânia porque lá tem. Até em Dombas também tem, porque toda a minha família ficou lá. Nós fomos para lá, primeira vez em julho de 1975, quando Stalin já havia morrido e eles deram folga um pouquinho. Mas, assim mesmo eles perseguiam todos os dias.

**Anderson:** No tempo em que a senhora estava, entre 1932 e 1933, havia famílias que resistiam aos fiscais e diziam: “Não! Aqui não!”?

**Sra. Wira:** Não! Não tinha nada, nem ninguém que conseguia abrir a boca. Eu dei uma entrevista a um jornal, (Gazeta do Povo) há sete ou oito anos, e a moça perguntou-me: “O que a senhora sentia? Sentia raiva, ódio...?” Falei, não, moça! A cabeça com fome não funciona, a pessoa só pensa na comida, de noite não consegue nem dormir. Não é assim... Ah, fominha! Não! Passavam-se dias, às vezes até semanas, só água! E de água, a pessoa fica toda inchada. A minha mãe que começou... Inchar as pernas dela, toda. Então chegou a primavera, trinta e três. Nós comíamos já flores das árvores, aqui se chama acácia, aquilo era comida predileta nossa. Eles deixaram morrer na cidade... Que você não via casas assim, você via capoeira enorme de dois, três metros para cima.

**Anderson:** E as pessoas... Uma pergunta forte que eu vou fazer agora. As pessoas que morriam...?

**Sra. Wira:** Primeiro, os próprios moradores ainda tinham força de enterrar, porque o governo não mandava ninguém. Agora, os meus pais, eles não deixavam nós vermos. Era inverno... A terra... Ela congela. Eu não sei se congela meio metro ou um metro, eu não sei. Isso para cavar, só com picareta. O povo levava. Agora, quem enterrava? Acho que a juventude, eu penso... Eu não sei. Eu só vi uma vez as mulheres puxando numa carrocinha... Isso eu vi. E depois, quando nós já tínhamos comida... Sabe? Eles deixaram morrer todos os cavalos. Até nós tínhamos um... técnico de veterinária, e ele trouxe para os meus avós ainda um pedaço de carne

de cavalo e ele disse: “Comam porque ele não morreu assim de fome ou de alguma doença. Esse nós demos um jeito de matar porque ele ia morrer. Para você ver até que ponto que chegou. Então, quando deu a primavera, o governo mandou os camponeses, no caso, minha mãe, atrelar a nossa vaca, para a vaca eles davam porque ela arava a terra... Duas vacas tinham um próprio arado, e eles davam alguns quilos de cereal. É lógico que esse cereal não era de primeira. Então, na hora de descanso, uma hora ou duas, eu não sei quanto os camponeses tinham, na hora do almoço... Porque eles faziam para os camponeses, para quem trabalhava lá, sopa... Para quem estava trabalhando com essas vacas. A minha mãe comia rápido e começava a “pastar”... A vaca, tinha pasto em todo lugar, tinha muito, então minha mãe escondia alguns quilos dessa provisão que era para a vaca. E ela depois pegava... Ela entendia de capim e misturava e fazia bolinhos, não tinha óleo, não tinha... Mas, é... Ainda a vaca...Eu acho... É! A vaca já dava leite, só que tinha que entregar tantos litros para o governo coletivo. Não era só leite... A manteiga! Vinham contar as galinhas e taxavam o tanto que... Porque lá não é dúzia, são dez, dezenas de ovos para entregar. Se você quisesse algum metro de tecido, desse fajuto, tinha que, além de pagar... Você tinha que dar as tantas dezenas de ovos.

**Anderson:** Quando o fiscal ia lá e achava o cereal escondido?

**Sra. Wira:** Ah! Sabe o que eles faziam? Deportavam...

**Anderson:** Para o Gulags, para o campo de concentração?

**Sra. Wira:** Deportavam pai e mãe e os filhos eles levavam para o orfanato e faziam deles os comunistas que tinham que arrancar-nos os olhos.

**Anderson:** Os soldados!

**Sra. Wira:** É! Assim que era. Para você ter ideia, em 1933, já na primavera, tem dia das mulheres, em março, e quando eles já tinham acabado com mais do que a metade das pessoas... Que morreram, então, para a mãe descansar, a criança, o filho, a filha, ficava na creche, só por aquele dia, até cinco anos. E, eu já tinha quase oito. Então, eles davam comida boa... E meus pais tiraram tudo o que era novo... Assim de... Roupa... De... Lá se fazia esse igual ao linho... Cânhamo, lá se fazia manual. Então, a minha mãe ainda tinha de enxoval metros e metros disso, e faziam tudo, lençol... Ucrânios gostam de bordar... Então, eu só lembro que meu pai,

antes da fome, eu não sei de onde, ele comprou para mim... Ai, quando eu era criança eu falava tão rápido... Passou...! Cinto! Ele comprou um cinto, só que trançado de várias cores, eu lembro-me também que esse meu cinto também tinha ido. E, eles foram... dezoito quilômetros, que se chamava “Radurosp”, lá o povo vivia, praticamente perto de nós, vivia muito bem, obrigada. Por quê? Porque quando o mundo ficou sabendo que o povo estava morrendo de fome, desmentiram. Eles puseram umas aldeias que se chamavam... Por exemplo, na aldeia nossa era “Korrós”

**Anderson:** Lá é “Kolkosis” .

**Sra. Wira:** É! Tinham dois “Korrós” porque a aldeia era grande, muito grande... E lá... “Radrosp”, “Radianski” , “Sovietic”. E lá, o povo, além... Recebia dinheiro, não sei quanto... Recebia bom alimento e... Comida. Almoço e janta... isso perto de nós. E eles mostravam depois para os estrangeiros. Eles não desciam, eles vinham de avião.

**Anderson:** Tem um livro de um norte americano Nigel Cawthorne, chamado Os crimes de Stalin – A trajetória assassina do czar vermelho, Ele explica que em uma das viagens do embaixador francês à Ucrânia, por conta da denúncia do que estava acontecendo exigiu-se uma visita, então, conduziram-no até uma fazenda modelo e ele conta que ele viu, por todo lugar que ele passou, ele viu milhares de flores arrancadas e colocadas nas ruas, mas existia um motivo pelo qual aquelas flores foram colocadas nas ruas, que era para disfarçar o cheiro da carnificina, o cheiro das pessoas mortas, as flores eram para isso. Então, eles enganavam as pessoas. Tanto é que se você pegar, em alguns jornais dos Estados Unidos, por exemplo, existem reportagens negando isso. Porque o repórter foi até lá, conferiu e estava tudo bem.

**Sra. Wira:** O Putin, na reunião da Sétima... Na França, em Paris, ele disse com a maior cara de pau que tinha Holodomor, quer dizer, que tinha “holo”, fome, mas porque não deu colheita no ano.

**Anderson:** Sim! Sim! “O fracasso da colheita!”

**Sra. Wira:** Agora... Ano retrasado ou ano passado que ele falou isso!

**Anderson:** É! Mas, não podemos esperar também a Rússia assumir isso, pelo menos não tão já!

**Sra. Wira:** Dá vontade de... Se eu tivesse força de ir lá e cuspir na cara dele.

**Filha:** Mãe, conta que quando começo a primavera de 1933, como havia mortos nas ruas.

**Sra. Wira:** É! Mas, eu não vi! Eu só vi uma moça, mas isso nós já... Que nem eu estou dizendo... Isso que eles trouxeram por esse... Parece material... Eles trouxeram e cima da... Batata, carregando dezoito quilômetros, não sei quanto, na certeza que tinha pelo menos uns trinta quilos, talvez mais, e um pouco de farinha bem branca, farinha de trigo, não sei... Alguns quilos. E, a mãe, porque não estraga, no inverno não estraga ovo, aquilo era igual na geladeira. Ela guardou um ovo, porque dessa farinha se faziam bolinhos pequeninhos e sopa daquilo... E batata. Mas, eu estava com tanta fome que, então lembrei que a mãe contava que, eles na mocidade, iam aos bailes, sabe... Nos bons tempos, e depois, de madrugada, eles acendiam o forno lá fora bem quente e jogavam os ovos à vontade lá. Eles assavam os ovos. Eu lembrei isso... ! Só que na cozinha não tinha esse fogão igual tinha aqui quando nós chegamos ao Brasil, só que nós esquentávamos com palha de trigo. Só que eu peguei aquele ovo, o único, e joguei. E aquilo estourou. E eu só consegui aproveitar alguma coisinha, quase nada. Então minha mãe chegou e quis saber desse ovo... E, eu para não... Até achei que ia apanhar por causa daquele ovo, não?! Porque a farinha não... Ela não dá consistência, não... Então eu falei que “O gato e o Lobato levaram no “patetku”, é um dito popular, e ela achou que eu, de fome, já estava perdendo a razão. Eu ouvia os outros falando assim, se você perde alguma coisa, então diz: “Onde que está a minha casa?”. “Ah, eu vi o gato e o Lobato...” Ela pensou que eu estava perdendo a memória, perdendo o juízo... Não sei! E... O que eles fizeram com a gente? Não forneciam sal... Sem sal... Tudo... Tudo! Toda a comida não tinha sal! E, só alguns espertinhos davam algum jeito, e não sei de onde que eles arrumavam...

**Anderson:** A senhora atribui a quê... O fato de a família da senhora ter sobrevivido? Por que sobreviveram?

**Sra. Wira:** Por que eles sobreviveram?! Quando eu era muito... Ah, eu queria esse alpiste, começou disso, e, a vaca já dava leite, então a minha mãe fez mingau... Lindo! E, a minha mãe segurou duas galinhas e um galo, ela ainda pensava que ia melhorar... Viria a Primavera... Eles eram tão magros, igual a nós, eles só comiam restos da vaca... Antes de limpar lá as coisas... E, a minha mãe foi no rio para procurar... Porque já era a primavera, só que começo ainda, e estava muito frio, e nos deixou, eu e meu irmão, para cuidar, para que o povo não pegasse... Para cuidar. E, nós ficamos cuidando, lá fora já tinha começado a sair a grama, já pastavam... Só que a fome apertou. Então, eu falei para o meu irmão: “Sabe de uma coisa? Nós vamos fechar lá no estábulo as galinhas e nós vamos tirar aquele mingau, ele estava muito quente, e nós vamos comer um pouco”. Ele estava tão quente, o forno também estava quente... Isso é da minha cabeça... “Faz uma película, a mãe nem vai ver.” Então, nós pegamos... Só que cuidamos para não exagerar, porque a última palavra era da mãe... E ainda nessa situação, não é? Nós comemos e depois dormimos. Quando a mãe voltou, ela ainda conseguiu nos acordar e deu mais, ela não percebeu que nós já tínhamos comido um pouco. Então nós comemos “duplo” e fomos dormir. A mãe também comeu e deixou para o pai ainda, talvez, até sobrou para o outro dia, eu não sei. O pai veio também e o dia inteiro sem comer trabalhando na roça, tudo coletivo... E, nós dormindo. Filhos dormindo, tudo bem ali... Ninguém olhou para nós. A mãe tirou leite e com um pano, coou e, em vez de colocar direto... Fora! E, o pai olhando. E então... Lógico...! “Enlouqueceu? A única...” Ele nem sabia desse mingau, de comida ainda... E ele disse: “A única fonte de comida nossa, você está derramando!”. E ela diz: “Olha, eu não sei o que está acontecendo comigo, eu fazia certo.” Mas ela não fazia. Então, o pai desconfiou de alguma coisa. “Mas, por quê?” “Ah! Não sei... A fulana trouxe mingau e nós comemos.” “Alguma coisa aconteceu?” Então, foram nos acordar, cadê? Nós éramos tão “vermelhos” como não sei o quê... Os dois... E, eles... Não tinha jeito, eles não conseguiram nos acordar, não conseguiram! Todos dormindo. O pai ficou desesperado. “Olha o que você fez! O que foi que você fez? Agora que os filhos já estão salvos com tanta... Você envenenou!” E, realmente! O que ele iria pensar? Porém, depois de muitas horas, nós, sozinhos, acordamos. Só que, ríamos à toa. Eu peguei... Eu já estava no segundo ano do primário, já tinha oitos anos! Eu peguei um livro meu, e aquilo parecia barata as letras, porém, cinzas. Eu não



conseguia ler nada. Ríamos, ríamos à toa. Então, foi descoberto que neste alpiste tinham umas bolinhas pretas muito menores do que o alpiste. Então, quer dizer... Se, foi limpo este alpiste, essa sementinha, ela era tão pequena que... Tirou-se a casca do alpiste e essa sementinha caiu ali... Isso se chamava... É... Isso dá cegueira nas aves. Se elas chegar a comer isso, elas ficam cegas. Isso, os pais sabiam. E, pensa que o povo parou de comer?! Eles iam... É porque foi mal feito, batido. Isso bate igual ao arroz. Então, eles rebatiam aquela palha do alpiste, e daquilo faziam o mingau ou sopa. Eles começaram a cuidar melhor da palha e peneiravam... Mas, o que começo a enlouquecer de gente, os que sobreviveram! Por exemplo: Os meus avós, quando ainda estavam vivos, tinha só os dois, mas tinham que ficar três pessoas para cuidar à noite, porque senão eles eram capazes de “acender” a casa.

**Anderson:** Dentro da própria Ucrânia, existiam ucranianos que apoiavam o governo, ou não?

**Sra. Wira:** Aqueles que eram da brigada do “MST”, morreram antes da fome. Todos!

**Anderson:** Foram executados?

**Sra. Wira:** Até aquele vizinho que... Que na frente, ele chamava essas pessoas que ele mandava... “Entrega! Entrega os cereais para o governo... E não sei o quê!”. Ele era muito mais velho que meus pais. Ele também morreu de fome... O primeiro!

**Filha:** Pois é, mas eles eram a favor dos comunistas e eram todos ucranianos e a favor da coletivização.

**Sra. Wira:** Mas, eles não entendiam... Eles eram a favor da coletivização. Eles foram... O meu não! Preferiu morrer do quê... Mas tem gente que...

**Anderson:** A religião foi muito importante neste momento?

**Sra. Wira:** Primeiro, em 1929 ou 1930, os padres foram todos eliminados. A maioria foi para nas “pracebelhas” e, lá... Só se alguém... Se, escondeu algum... Mas, isso era raridade.

**Filha:** Já não havia mais igreja.

**Sra. Wira:** A nossa... A Ucrânia toda é ortodoxa. Esse pedaço que ficou aí... Era um pedaço dos ucranianos que estava dominado, quero dizer, a colônia polonesa... E o clero, os bispos, eles foram obrigados a aceitar o Catolicismo Latino de Roma. E, então, geração com geração... Mas, assim mesmo, o clero mesmo não descartou de onde veio a religião ortodoxa. Assim, os ucranianos mesmo, abaixo da Polônia, começaram a se chamar Greco-Católico. Porque veio a religião ortodoxa da Grécia. Na época, a Grécia era a mais potente de toda a Europa.

**Anderson:** Mas, na aldeia, não se rezava em casa? Dentro de casa, tinha alguma prática religiosa? Rezavam...?

**Sra. Wira:** Rezávamos! Mas, também a gente esquecia. Não tinha mais... Igual eu falei... Para a repórter lá de Curitiba, a pessoa com uma fome daquela, não pensa mais em nada. Não pensa! Só pensa em comida!

**Filha:** Mãe, e antes da fome, rezava-se em casa?

**Sra. Wira:** Ah! E de onde que eu tenho todas essas rezas?

**Anderson:** Praticava-se.

**Sra. Wira:** Ah! Nossa! O povo ucraniano é muito religioso!

**Anderson:** Muito! Muito! Muito!

**Sra. Wira:** E... Quando foi isso... Quanto tempo? Setenta e quatro anos de comunismo. E, quando eu fui em 1994, para a Ucrânia, quando eu fui à aldeia onde eu nasci a pé. Porque em 1975, eles não deixaram, eu pedi tanto, a Ludmila também foi pedir lá para os diligentes para deixar-nos ir ao lugar onde a mãe e o pai nasceu. Nada! Aquilo tudo, segredo! Nesse livro tem tudo. (Fala segurando e batendo no livro). Não precisa nem me entrevistar. É muito... E, mais uma coisa...

**Filha:** Mas, quando a senhora voltou na sua aldeia, em 1994, o que a senhora ia contar?

**Sra. Wira:** Ah, sim, sim! Por tudo já... Porque ainda em 1929 a igreja foi derrubada. Até é interessante... Mas, eu não vi! Eu não sei! Os meus pais é provável que viram, ou não quiseram ver, porque de coisa ruim eles não participavam. Eu era criança ainda, para mim ela era linda! Ela era alta, com duas cúpulas, uma delas

igual a uma cebola e a outra era mais cônica. Ela era de madeira. A madeira era sem prego, encaixada. Ela era azul celeste, isso eu nunca esqueço. Então, o que aconteceu? Veio um esportista, um atleta mostrar que não tem Deus e subiu até na cruz e despencou e foi para o chão. Isso, não tinha quem que não dissesse que aquilo foi castigo de Deus. Agora, eu vou conta a você como nós sobrevivemos. Depois desse fato, de nós começarmos nos envenenar, o meu pai disse: “Meu Pai! Não fico mais aqui! Não fico!” Ele foi na “Radhos”, onde eu falei que o pai e a mãe tinham ido buscar batata e... Ele foi e se empregou. Ele tinha 34 anos, ele era novo e o aceitaram. Ele fez amizade com um guarda os silos onde guardavam as sementes de todas as... Por exemplo... de todos os cereais. Um silo do governo. Lá era “Radhos”! Para quando chegar o tempo, enterrar tudo aquilo. Ele fez amizade, o homem tinha comida lá para ele, mas, a situação dele era igual a do meu pai. Então o que eles fizeram? Esse guarda ficava embaixo e pegava uma escada. Tinha uma janelinha que meu pai passava por ela, ele subia, pegava alguns quilos e eles se repartiam; isso depois de meia-noite, quando todo mundo estava dormindo. O pai trazia nas costas, não sei quanto, dezoito quilômetros a pé, acho que até mais. Primeiro, ele entrava na casa dos pais dele, repartia e depois que trazia para nossa casa, e rapidinho ele voltava para ninguém desconfiar que ele não dormira lá, para ficar um dos primeiros no serviço. Assim que o pai fazia. Isso ele fazia, não sei quantas vezes. Esses “grandes homens”, que vigiavam o povo, desconfiaram que nós não passávamos fome, dava para ver. O que eles fizeram então? O pai estava há dezoito quilômetros e... Não é igual aqui que você pega o celular e... “Oh, a polícia está atrás de você! Foge!”. Nada! E a mãe foi buscar a vaca, ela viu de longe que entrou uma carruagem com três ou quatro cavalos brancos no nosso quintal. Eu estava em casa com meu irmãozinho e eles começaram a procurar por tudo onde que esconderam os cereais. Depois eles queriam que eu abrisse a casa. Lá era assim, o estábulo... A casa... Tinha um cômodo... E já era o estábulo, não precisava fechar muito. Tinha uma tranca qualquer que de fora dava para abrir, só que eles eram proibidos de fazer medo para as crianças. Porque eu, de tanto ver e saber tudo... No começo... Tudo eu sabia... Eu sabia, porque a primeira vez minha mãe deixou escondido embaixo da cama. A primeira coisa, quando a mãe viu que entraram, ela se escondeu na capoeira. E, nós dois, eu, medo... Até em 1975 eles acharam que eu era muito esperta, muito inteligente; nada disso! O medo que me

fez isso! O medo que eu vi, de saber que... Onde eles levariam meus pais, tudo eu sabia. Isso, bem dizer, salvou os meus pais, porque eu gritava tanto, chorava tanto e, agarrei o meu irmão, sentada no chão e, gritando, chorando igual a um louco. Então, o que eles fizeram? Foram buscar meu avô. E, meu avô pela janela disse: “Ah, minha netinha, abre para eles!”. Disseram que, depois que passou isso, eu comecei a gritar mais, a chorar mais e que ele piscou para mim. Imagine, se uma criança na minha idade ia ver aquilo. Mas, não abri a porta! Eles ficaram horas e horas lá. A mãe, escondida. Quando eles foram embora e a mãe veio, pegou aquilo, enfiou no forno, e depois... Não sei! A minha avó também veio. Hoje, é cômico. Mas, naquele tempo era trágico. Já era Primavera. Quem sobrou, já começaram já a... Depois veio o verão, então já começou a dar bastante cereais. E, ainda a seca, a primeira vez quando eu que eu fiquei sabendo que lá, não sei onde... Porque tinha... Prefeitura... Um lugar onde todo o gado... Porque era tudo coletivo... Tinha um secretariado... Não sei o quê... Lá, eles pesavam... Sempre tinha um encarregado... Meu pai, não tinha vez... De mandar em ninguém, ele sempre foi mandado porque ele recusava tudo...

**Filha:** Começaram a dar cotas de cereais.

**Sra. Wira:** E eu, para não perder, nem queria esperar para o outro dia, eu já fui pegar para nós. Porém, era pesado, tinham bastantes quilos. Era muito pesado, para eu puxar. Só depois que minha mãe veio do serviço ela disse: “Não, minha filha! Amanhã eu poderia ir buscar.”. Mas, como eu iria saber.

**Anderson:** E, depois de toda essa experiência, que a senhora passou com a fome, quando que começou a “melhorar” um pouco?

**Sra. Wira:** Em 1934. Já depois da primeira vez que deram... Mas, ainda demorou. Demorou! Nossa! A minha mãe ainda fazia esses bolinhos de cereais da vaca, muito tempo ainda.

**Anderson:** E como que foi a trajetória, dona Wira? A senhora morou lá, e veio ao Brasil, ou foi para outro país antes?

**Sra. Wira:** Não!

**Anderson:** Foram 12 anos, 14, ou mais, até a senhora vir ao Brasil, depois de 1934. Foi em 1947.

**Sra. Wira:** Nós viemos em 1947. E, estourou a Segunda Guerra Mundial.

**Filha:** Eu posso intervir um pouco?

**Anderson:** Por favor!

**Filha:** Eu queria que a senhora contasse uma coisa. Depois disso, a vida começou a se normalizar, dentro do padrão comunista... E a minha mãe disse uma vez para mim que eu, se vivesse lá, eu me tornaria uma comunista fanática.

**Anderson:** Por favor, relate-me isso!

**Filha:** Como estudante, como adolescente, porque ela tinha muita dificuldade para falar e... Ela era convidada a falar.

**Sra. Wira:** É! Eu ainda tenho caligrafia... E muitos estudiosos não têm essa caligrafia.

**Anderson:** Imagino!

**Sra. Wira:** Então, eu, já no terceiro ano do primário, já me aproveitaram para fazer faixas comunistas... Primeiro de maio... Porque eu fazia letras... Aquelas grandes, bem desenhadas. Mais uma coisa, depois da Revolução, um vizinho dos meus avós maternos, foi denunciar o meu avô que ele tinha arma escondida. Isso, ele tinha uma pretensão... Porque ele, coitado, pensava que aquela terra deles, ele abocanhava. No fim da história, o irmão da minha mãe, meu tio, foi preso em Poltava, que ficava a mais ou menos das aldeias... Acho que não dá para saber... Uns cem? Mais, eu acho. Não dá para saber. Poltava era uma cidade muito grande e muito... Cantada pelos ucranianos, pelos escritores... Acho que a Ucrânia toda venerava aquela cidade. Lá, que minha mãe nasceu. Mas, então o dido... Isso era... Cossacos. A rainha russa desenvolveu esses combatentes, os cossacos. O meu avô se mudou ainda novo, criança, eu não sei, para Poltava. Mas, ele sonhava com terra. Arrendava... Só, que, no fim, ele tinha muito gado e conseguiu casa boa e bastante terra na Revolução.

**Filha:** Então, eles foram presos. O seu avô foi preso por denúncias do comunismo.

**Sra. Wira:** É! Primeiro, o tio. Depois, não sei quem, comunicou-se com o pai e disse: “Pai, tem meios de fugir!” “Não, filho! Mas, nós não somos ladrões! Nós somos gente direita! Fugir?! Como?” É! Só, que depois de alguns meses, o pai foi chamado, o dido... A minha mãe tinha dezoito anos nessa época, o que ela disse e pediu para ele se esconder...! Porque, na Revolução... Só se escondendo! Muita gente fez isso. “Ah, não! Eu tenho que provar que eu não devo nada! Eu nunca roubei. Eu não sou ladrão. Não tenho arma. Não ando nem com faca. Esses canivetes... Nem isso. Foram fuzilados! Uma bala com cento e poucas pessoas, lá em Poltava. Só depois de um ano, que eles ficaram sabendo, porque na prefeitura veio uma lista desses condenados à morte. “Traidores da Pátria, e...” Foram fuzilados! E vieram tirar tudo o que eles não esconderam... Só um vizinho, eu acho que foi esse que denunciou. Depois nos devolveu as roupas, gado... Só, que, esse que denunciou não devolveu a roupa, o gado... Até pegarem Stalin firme, a União Soviética... Eles ainda ficaram ricos com as coisas... Sem o pai e sem os irmãos mais novos, só as irmãs... Três, quatro... E a mãe deles.

**Anderson:** Eles a procuravam, porque a senhora sabia escrever...

**Sra. Wira:** É! Sabia... Coisas! A professora estava obrigada... Mais uma coisa que o comunismo fez...

**Filha:** Mas, conte como a senhora era convidada, digo, convocada a fazer discurso.

**Sra. Wira:** Ah! Sim! Não era só eu. Eu e o meu irmão depois. Nós tínhamos essa dádiva, a voz era firme e mais grossa... Palavra se separava de outra palavra... E, eu, na tribuna, fazia discurso, eu lembrava tudo, eu dominava... Em favor do comunismo.

**Anderson:** A senhora falava?!

**Sra. Wira:** Falava! E, que discurso! Porque os outros partidos falavam umas besteiras... O povo nem ouvia. Mas, quando eu subia, um toco de gente falando: “Como é bom, como é...” “Como a União Soviética é para o bem do povo e...” Todo

mundo ficava quietinho! Depois, a minha mãe dizia: “Olha, de tanto eu saber que foram fuzilados os meus avós, tios...” De tanta fome, eles conseguiram me dominar já. Isso, minha mãe que contava como era a vida deles, como eles viviam bem... E nada serviu...

**Anderson:** Depois disso tudo, melhorou quando? Apenas tinham comida?

**Sra. Wira:** Olha! Nem posso te dizer! Porque a falta de tudo... Ficou! Mas, não tinha essa fome... O principal! Porém, como podia melhorar assim para o povo, se lá... Isso tudo em segredo, tudo lá era segredo, não podia abrir a boca. Cada pessoa, o homem, pai de família, era chamado... Eu vou dizer prefeitura... Essas pessoas, lá, foram departidas... Eles disseram: “É obrigação sua...” Isso em sigilo... “Reparar, se seu vizinho está descontente com o governo, se falou alguma coisa.”

**Anderson:** Um fiscalizava o outro!

**Sra. Wira:** É! Só, que o outro também era chamado para controlar o meu pai. Bom, nem meu pai ia querer fazer isso, e nem o outro também. Mas, tinha terceiros, que, de medo... iam e denunciavam. Você entendeu como foi feito o governo comunista?

**Anderson:** Sim! Sim! É um sistema totalitário.

**Filha:** Só conta agora como a senhora foi depois para a Alemanha.

**Sra. Wira:** A Alemanha ocupou a nossa terra. Praticamente, todo o combate se desenrolou dentro da Ucrânia. Porque eles... Os alemães só ocuparam uma parte muito pequena da Rússia. Por exemplo, agora Petersburgo que era Leningrado, lá, o povo, até cachorro eles comiam. Mas, eles não conseguiram dominar aquela cidade. Tinha assim, para baixo... Perto do Paquistão, pedaço grande da Rússia, também eles dominaram, o resto eles não chegaram... Mas em todos os combates... Armas atômicas... E, na Rússia não tinha depósito... Tudo ficava na Ucrânia. Essa arma atômica quando a União Soviética se dissolveu, o Bush, o americano, ele obrigou a Ucrânia a entregar toda a arma atômica, e não era só arma atômica, tudo o que era arma pesada... Tudo para a Rússia. Ele achava que... Que besteira!

**Filha:** Ele acreditou nos russos! E, então, mãe, quando os alemães invadiram a Ucrânia, e invadiram a sua aldeia, e...

**Sra. Wira:** Os alemães começaram... Com alemães homens... Na guerra... Eles começaram pegar a mocidade, até dezoito anos, os rapazes também foram convocados pela União Soviética... Então, eles pegaram como prisioneiros as moças, as mulheres novas, só com filhos pequenos, eu acho que não pegavam. Em 1942, eu completei em 01 de outubro, 18 anos, e dia dezoito, do mesmo mês, eu fui levada como prisioneira, de trem, com guardas militares, com metralhadoras. Tinham sessenta pessoas no vagão de carga. Sessenta pessoas naquele vagão! Lá, nós fomos repartidos. Tínhamos folga três horas no domingo.

**Filha:** Foi lá para trabalhar!

**Sra. Wira:** Trabalhar!

**Anderson:** De sua família, foi só a senhora?

**Sra. Wira:** Só eu! Sozinha! A família ficou. Ficou meu irmão que na época tinha 14 anos, e minha irmã, ela é 12 anos mais nova do que eu, então ela tinha 6 para 7 anos. A aldeia na época, várias aldeias, a região da Ucrânia toda... Não era escolhido... Só da nossa aldeia, foram mais de cem pessoas. Se você ouvisse... Era noite... Até as vacas mugiam... Os cachorros... De tanto o povo chorar, gritar... Quando eles pegaram as pessoas.

**Anderson:** A senhora chegou à Alemanha e ficou lá?

**Sra. Wira:** Eu fiquei na Alemanha quase três anos em Stuttgart. Depois, foi decretado... Eu trabalhei para uma família, tive sorte... Sorte! Mas, prisioneiro, já viu, não é? Por exemplo, nas fábricas, se alguém fazia alguma coisa que os chefes não gostavam, na hora do almoço... Tinha uma jaula, aquela pessoa ficava enjaulada olhando a comida, mas, não podia comer. Então, os outros, o que era sólido, eles escondiam um pedacinho de pão, ou... Para depois dar... Saiu então, a lei do Hitler, que esse serviço doméstico era só para as moças alemãs, porque era serviço leve. Eu tinha que ir, ou para a fábrica, ou para os sítios ou fazendas do... Porque lá não tinha coletivização. De repente, eles precisaram desses prisioneiros para cavar as trincheiras, umas valetas. Essas valetas serviriam contra os tanques. Elas tinham sete metros de largura... Do inimigo... Ela é reta. E, do amigo, no caso, a Alemanha, ela se encontrava três metros e meio, lá no fundo. Então, isso que nós começamos



fazer. Porque foram fechadas essas escolas... Que, por incrível que pareça, com 16 anos, eu já estudava técnica de medicina, há sessenta quilômetros de minha aldeia.

**Anderson:** Lá na Ucrânia?!

**Sra. Wira:** É! Eu só fiquei sete meses. Então, estourou a guerra e fecharam... Só formavam as enfermeiras para a guerra. E eu voltei para a casa. Voltando à questão, como eu vim ao Brasil. Ali no começo da Alemanha e França... O povo fala duas línguas, porque de certo já foi ocupado por um e por outro. Então, eu já dominava muito bem, em quase três anos, eu falava muito bem o alemão, não tanto o alemão, era o Hochdeutsch, o alemão padrão. E, em Stuttgart se falava aquela língua Wiltenberg, de dialeto. Mas, isso, alguém tinha que perceber muito que não era alemão.

**Anderson:** Dominava bem a língua?

**Sra. Wira:** Sim! Eu dominava bem a língua, isso me ajudou muito. Eu era uma pessoa que não pensava duas vezes, eu não pensava que podia não dar certo... Que podia ficar mal... Eu era explosiva. Até, certas coisas, eu penso... Onde estava a minha cabeça? Nós queríamos... Nós trabalhávamos... Mas nós queríamos trabalhar para a guerra?! Então, a União Soviética não tinha os rapazes, mas tinha os da Polônia. Então... Aquela festa! E... Os guardas perceberam e eles separaram. Separaram os homens para um lado e as moças para o outro. Só, que, a França não era a Ucrânia, porque na Ucrânia você... Não sei se toda a região, mas, na Ucrânia você cava três metros, quatro, cinco, só terra. Mas, na França, mal chegava meio metro e o resto era tudo pedra, e pedra sólida, então, deram para nós. Quando nós trabalhávamos juntos, nós ficávamos em cima, e os moços embaixo com picaretas, e nós, com a pá jogávamos mais para longe aquela terra, aquelas pedras... Porém, quando nos separaram, eles deram as picaretas para nós. Não sei quantos dias isso aconteceu... Poucos, uma semana, ou duas, não sei. De repente, eu me... Eu fiquei em pé bem e vi três ou quatro... Os grandes, os alemães de cima, os oficiais cheios de emblemas... Não tive dúvida! Eu peguei aquela picareta e subi ligeiro e voei na frente deles, cumprimentei, não sei se cumprimentei "Heil Hitler" Não sei! "Heil Hithler" é um cumprimento de Hitlher...

**Anderson:** Sim! Sim! Sim!

**Sra. Wira:** Eu falei, olha, nós entendemos que há guerra, nós não achamos ruim ter que ficar aqui trabalhando, só que aconteceu assim, assim e assim. Lá é pedra, e por mais que eu me esforce, eu não tenho tanta força igual a um homem. E, eu comecei a chorar, virei e fui embora. No outro dia, juntaram-nos outra vez.

**Anderson:** A senhora convenceu-os, que seria melhor para todos ali, os homens voltarem.

**Sra. Wira:** Para todos. Ninguém ficou sabendo onde eu fui ou não, o povo estava trabalhando. Se alguém me viu ir... Ninguém ficou sabendo. Eu não falei para ninguém.

**Anderson:** Eu ainda estou assimilando a ideia de que eu estou entrevistando uma pessoa que foi prisioneira do Stalin e do Hitler.

**Filha:** Exatamente!

**Sra. Wira:** É! E mais...

**Anderson:** E o Brasil?!

**Sra. Wira:** E o Brasil! Então, terminou a guerra, eu já falei, em 1945, no dia 6 de maio. Bom, por mim... Ah, eu voltava, eu esqueci tudo de mal... Eu só queria ver a minha terra. Eu comecei a emagrecer. Mas, eu já namorava e...

**Anderson:** Que susto! Eu pensei que não iria aparecer uma paixão aí nessa história. Que susto!

**Sra. Wira:** Olha! Nem foi tão paixão! O pai dele era muito...

**Anderson:** Mas, de que nacionalidade que ele era?

**Sra. Wira:** Ucraniano! Só que do lado, o lado que foi dominado pelos poloneses. Ele não ficou lá, ele trabalhava em uma fábrica, ele era esperto, e logo eles perceberam e deram para ele... Afiar... Na fábrica de locomotivas. Então, ele afiava ferramentas. Porém, tinham... Não sei... Vinte e poucas pessoas e ele dirigia igual a um chefe, ensinava-os... Ele era muito esperto. Quando ele foi levado à França, ele já me marcou quando eu subia... Porque eles vinham completar... Pegar

as pessoas... O trem parava e já tinha tantas pessoas... Eu pegava o trem, só que não podia andar para lá e para cá... Depois ele procurou... Aquela história. Mas, como ele trabalhava na fábrica, ele não dominava tão bem o alemão quanto eu. Eu entrei trabalhar onde tinham sete filhos, cinco até... A mais nova tinha sete ou oito meses. Então, eles andavam atrás de mim. “Isso é uma faca.” “Isso é colher.” “Isso é vassoura.” “isso é...” Em seis meses eu já podia me defender. Isso que me ajudou. Quando os americanos e os ingleses avançaram, eles nos levaram... Porque nós estávamos alojados nas sinagogas dos judeus. Eles nos levaram até à Alemanha, a pé, depois da meia noite. Eu estava de bota. Eles deram-me bota de sola de madeira, assim bem curtinha. Quando eu... Porque tinha degrau... Quando eu pisei, estava escuro, eu pisei e encheu a minha bota de água. Era outono, estava bem frio, eu tinha um sobretudo, já soviético, não tinha espuma. Então, para não passar frio, na Ucrânia, usavam isso nos bons tempos, de couro e virado para dentro; pele. Mas, depois os soviéticos, eles tinham sobretudo com algodão. Só, que... Como a pessoa se sente depois da chuva? Como algodão que fica molhado todinho. E, para tirar, é frio demais. Ainda tinha chuva com gelo, no começo do outono. O pai dele me salvou, porque eu traduzia as coisas, então, ele pegou a minha mala, não era uma mala, era um “caixão”, um baú. Ele colocou em uma carroça.

**Anderson:** Isso era um pedido de namoro!

**Sra. Wira:** É! E, depois... Mais uma coisa... O que os irmãos faziam... Outras vezes... Quem não suportava ou não queria se salvar... O pessoal ficava bem para trás, fazia de conta que não estava conseguindo acompanhar. Talvez eles não conseguissem acompanhar mesmo, porque tinham aquele caixote. Outras vezes tinha que tirar aquele sobretudo. Lá na frente, tinha um moço amarrado pelo pescoço, na parte de trás da carroça. E os cavalos que puxavam a carroça... De vez em quando ele virava... E davam com o chicote... As costas dele... Não tinha mais pele. Aquilo estava ensanguentado! Meu Deus! Como eu sofri! Eu sofri tanto com aquilo, que quando nós chegamos à parte alemã, eles levaram-nos em um prédio... Mas, não era mais prédio e nos alojaram onde podia. Aquilo era uma casa do exército. E, eu toda molhada, tudo, tudo... Sentada na... (inaudível). Nós ficamos na França uns sete ou oito meses, talvez até um ano, eu não me lembro de quanto. Fizemos amizade e tudo... E, vieram umas meninas, umas moças e disseram...

“Wira, nós achamos alojamento!”. Nós não esperamos, porque os outros que esperaram, eles acenderam as estufas, podia até secar um pouco as coisas... Mas levaram-me nessas... Que o combatente arrumou, com três beliches. Eu só tirei aquele sobretudo, o resto estava também tudo molhado, tinha também uma amiga junto. Nós deitamos no beliche e... Isso, eu acho que nem contei para os meus filhos... As duas molhadas, bem juntinhas, nosso beliche era de solteiro. Olha! Eu peguei no sono, porque, nós, andando a noite toda e o dia também... Parou a chuva, mas nós estávamos todos molhados. De repente, alguém estava me apalpando, eu acordei e vi um soldado alemão. Então, como me ajudou essa língua deles! Eu falei, sai, seu... Com um palavrão! Senão vou gritar. Eles não podiam... O exército russo podia estuprar à vontade, só que o Hitler não deixou. Tinha uma lei, “Nada de sexo com outra etnia!”. Só com “Lhiobov”, amor, aqui para nós. Só que ele queria uma raça pura para a Alemanha. Então, o homem não poderia ter sexo com outra nação. Isso salvou muitas mulheres lá.

**Anderson:** Imagino!

**Sra. Wira:** Depois, levaram-nos a uma escola... Não sei... Eu só sei que era de dois andares. Os homens ficaram de um lado, as mulheres casadas para um lado, e as solteiras, para outro. Ah! Eu fui sempre muito direita, desde solteira... De repente, toda a minha turma que eu conhecia, elas foram para lá, junto à turma das casadas, porque o marido trabalhava não sei onde... Na Alemanha... E vai alguém verificar... Mas, até isso eu fui boba. “Wira, venha aqui!”. Mas eu falei, eles vão verificar, só porque você é virgem... Estão mentindo... Eu sou direita de tudo, não tem nada de mentira. Quando o... Ah! Elas puxaram-me para lá... O que é isso?! E isso me salvou! E quando eles souberem? E nós... Eu voltei para o serviço primeiro, só que eles não podiam me segurar por causa da lei, então levaram-me a “Austenland”, onde havia uma sitiante, em que a mulher ficou, e o marido estava na guerra. Não sei o porquê, mas, eles acharam que eu tinha uma filha, e a mulher também achou que era melhor eu tomar conta da casa. Isso não foi muito tempo, não durou um ano, talvez, só meio ano. E a guerra terminou. Ah! Por que depois eu aceitei... O conhecimento... Porque o pai dela... Eu contei como foi, e o pai dela disse: “Por que você não falou que o marido era eu?”. Então, isso me deu mais segurança.

**Anderson:** Isso foi mais um pedido de namoro!

**Sra. Wira:** É! Mais um motivo. Mais segurança. Ah! Eu falei, não! Mentira, não! Comigo, não! Porque você vai pensar... “Ah! Não sei se aquela velha falou toda a verdade.”. Olha! Pura verdade!

**Anderson:** E, então, conheceram-se, casaram-se, ou não?

**Sra. Wira:** Casamos quando terminou a guerra. Depois disso, ele veio lá onde eu trabalhava e me levou depois. Porque quando terminou a guerra, tinham os prisioneiros italianos lá, que tinham os “Stud Bolt”... Uns que guerreavam contra a Alemanha, eles eram prisioneiros e queriam todos esses estrangeiros fuzilados. Junto comigo tinha mais... O povo alemão protestou.

**Filha:** Os próprios alemães queriam fuzilar?

**Sra. Wira:** Lógico! Eles estavam com medo! Isso lá na prefeitura! Eu não cheguei a ir lá. O meu patrão disse assim: “Olha, Wira, o que acontecer conosco, acontecerá com você!”. Isso, não me deu garantia, porque eles não mandavam... Mas, os próprios alemães, as cidadezinhas, eles foram... E, se eles deixassem fuzilar-nos? E, se mesmo os americanos, ou ingleses... E se os russos viessem? O que eles iriam fazer com... Eles iriam castigá-los, na certeza!

**Filha:** Então, vocês foram agrupados em campos de refugiados...

**Sra. Wira:** O pai dela veio me buscar. Depois arrumou... Porque você arrumava uma bicicleta a torto e a direito. E, de bicicleta, ele levou... Não! Primeiro, nós fomos de caminhão do exército; uma parte. Depois... Eu não sei como ele arrumou a bicicleta... E, o resto, fomos de bicicleta. Lá, onde ele trabalhava, já tinham, na escola das moças alemãs, mais ou menos agrupados, esses que não estavam ainda a fim de voltar. Em klaustrus, ali perto, já tinha... Grande campo de refugiado. Nas escolas... Meia dúzia, ou uma dúzia, depende do quarto... De casais... Então, nos casamos, lá em Klaustrus. Os russos eram... Sabe! Eu ainda não queria casar. Não é que... Eu já gostava dele e tudo. Mas, eu achava um absurdo estar casada naquela situação. Parecia-me que... Eu não nasci para aquilo! Já, quando começaram... A Rússia ocupou Berlin... Você sabe! Mas, não chegou a

Klaustrus, porque Klaustrus já era mais... (inaudível). Lá, vieram os grandes comunistas, eles foram mandados para trazer à força o povo que não queria... O horário era... Potente, potente da União Soviética. Da Alemanha, não! Nenhum país tinha assim. Dia e noite eles gritavam que nós éramos bandidos, que nós éramos ladrões, que nós éramos preguiçosos... E, que nós, só estamos voltando para a pátria, porque os Estados Unidos estava dando pão branco para nós comermos. Nós não tínhamos só a ajuda dos Estados Unidos, na época, essa ONU, que é agora, se chamava UNRWA, que era o conglomerado dos países que ajudavam os... Porém, foi proibido catar à força... A União Soviética gritava lá no rádio, que eles não aceitavam casamento alemão. Ele era inimigo. O pai dela era da parte da Polônia... E, para mostrar ao mundo que eles são... Que só andam direito... Então, ele era cidadão da Polônia. É! Eles não tinham direito! Só assim, eu me casei.

**Anderson:** E, então, por que decidiram vir para o Brasil?

**Sra. Wira:** Porque não tinha outra saída. Porque Roosevelt... Tudo isso é política. Depois que Roosevelt morreu, ficou influente lá, a mulher dele, Eleanor Roosevelt. E, de certo que alguém, de algum lugar, ela desconfiou da União Soviética. Pois ela veio ver o que estava acontecendo conosco... Porque eram milhares de pessoas... Ela veio, pessoalmente, ver em Klaustrus, Frankfurt... em vários lugares de refugiados. Quando ela veio, os ucranianos já tinham escolas para os filhos, escolas de artesanato, pêsankas, trabalhos em palha de trigo... E muita coisa que já tinha. Nós não trabalhávamos, porque nem para os alemães tinha serviço. Porém, muitos já haviam conseguido alguma coisa. Porque, aquilo que as Nações Unidas davam, não satisfazia para a gente. Por exemplo, na sexta, vinha chocolate, era uma cesta mensal, e vinham cigarros, cigarros bons. O pai dela ia para as aldeias e trocava por batata, por... Como a irmã trabalhava numa família, não cozinhava mal. Assim, que nós sobrevivíamos. Então, ela viu que era mentira, que nós éramos um povo trabalhador, e conseguiu proibir e tirar toda aquela cambada de comunistas russos do terreno onde foi dos Estados Unidos. Porque eles dividiram em quatro. Começamos, realmente já a trabalhar para nós imigrarmos. Na Alemanha não tinha jeito, porque não tinha serviço. Muitos ficaram e ficaram muito bem, obrigada. Já não tinha mais a guerra. Mas, nos Estados Unidos, só podia ir se tivesse alguém, um parente, ou um amigo que garantisse que essas pessoas não

iriam ficar “em cima” do governo. Porque quem ficava sem trabalho, era o governo que sustentava. Então, no Canadá, aceitavam só para cortar árvores. Lá, ainda tinham muitas florestas, e; só homem. Homem casado, a mulher tinha que assinar um contrato... Eu não sei se para dois ou três anos, que ela aceitava que o marido ia trabalhar longe e ela ia ficar. Lá, na Alemanha era duro para sobreviver uma semana, um mês... E eu ia assinar...

**Anderson:** E o Brasil?

**Sra. Wira:** Aí... Bélgica! Eu não sei... Não estava contra a mulher, mas só aceitavam para mina de carvão.

**Anderson:** Homens e mulheres, ou só homens?

**Sra. Wira:** Não sei! O pai dela nunca tinha trabalhado nisso, ficou pensando duas vezes e ainda esperando... E, a América Latina acreditava plenamente que a União Soviética gritava lá nas... (inaudível). Eles não queriam nem saber. Não sei quem interferiu, mas, no fim o Brasil abriu a entrada de imigrantes e moça solteira; não. Homem solteiro, sim, ou, o casal. Então, tinha o Brasil, Venezuela... Nós encontramos uma polonesa em 1975 em Liviv, eles já tinham posto de gasolina, hotel... Na Venezuela. Eles viviam muito bem, ela ia... Porque ela era polonesa e podia entrar mais vezes. O marido era ucraniano. Ela ia para a Polônia a cada dois anos. Mas, como o marido era da Ucrânia, então ela visitava também o pai dele. Bom... Equador... E não me lembro mais... Como, seu tio estava no Brasil, seu pai se lembrou, ele veio com uma família como imigrantes da revolução. Não?!

**Anderson:** Teve três levas de imigrantes: final do século XIX, um pouquinho antes da Revolução, e, depois da Guerra.

**Sra. Wira:** Mas, eles eram da Ucrânia Ocidental, então eles podiam sair. Eles vieram depois da Primeira Guerra. Ele morava no Rio de Janeiro. Para vir para o Brasil, nós tínhamos que assinar contrato por cinco anos e não podíamos ficar na cidade grande, tínhamos que ficar no interior. Então, assim é que nós viemos. Ficamos na ilha das flores, perto do Rio de Janeiro. Antes era Ilha das flores, agora, transformaram-na em cadeia. Lá, era a nossa primeira descida... Veio um um cunhado dela, já falecido, estudante de engenharia, lá de Curitiba, mas, pertencia à Sociedade Ucraniana, já tinha clube... No último ano de engenharia, essa instituição,

mandou-o para explicar o que era o Brasil. Porque nós só conhecíamos esse país das escolas, e que ele se chamava Brasil, só.

**Anderson:** A senhora se assustou quando chegou aqui, ou não? Já tinha visto tanta coisa... Mas...

**Sra. Wira:** Que nós tínhamos uma vida dura aqui também, isso tínhamos! Eu detestava os alemães. Afinal de contas, eu era prisioneira deles. Se eu não obedecesse, faziam comigo qualquer coisa... Depois tinha uma... A família em que eu trabalhava tinha um padre luterano. Eles imigraram para uma cidadezinha pequena por causa dos filhos, porque eles também eram... Eles tinham cinco filhos, e cada um era obrigado a sair para estudar. Pois começaram a bombardear... A última cidade era lá embaixo, perto das montanhas, Stuttgart, então, os americanos não a acharam. Mas, quando acharam, deram... Então, para não separar os filhos, o padre já dava... Uma cidadezinha perto de Stuttgart, o padre já rezava a missa lá. Então, ele se mudou para lá, e eu também fui morar lá.

**Anderson:** Quando vocês chegaram ao Rio de Janeiro, ficaram quanto tempo lá?

**Sra. Wira:** Acho que ficamos uma quarentena. Ah, sé o imigrante tivesse qualquer coisa! Depois, fomos de trem até São Paulo. Lá, mudamos para outro trem até Cambé. Veio também um senhor... Sua filha, por sinal, é grande amiga da Ludmila (filha que participa da entrevista). Na época, ele morava em Londrina e ele veio com uma lista de quem precisava de trabalhadores, empregados. Em uma oficina mecânica, precisavam de um torneiro, e o pai dela, já quando terminou a guerra, ele fez curso, ele não aguentava a ficar sem... Então, ele já tinha serviço fixo. E eu, cabeça de gente nova sabe como é... Eu vim com 23 anos, mas, quando a guerra terminou, eu tinha 21, ainda incompletos. Eu pensar em vingar a mulher do padre que estava na guerra, porque ela que denunciou que eu não tinha direito de ser... Vingança! Eu tinha ódio de padres que eu trabalhava, e que moravam junto também na casa paroquial. Sabe... De vingança! Porque ela tinha uma... Também, ela só tinha uma menininha, era nova, e tínhamos que usar um banheiro só.

**Anderson:** Então a senhora tinha muita mágoa dela.

**Sra. Wira:** Sim! Eu Queria vingança!



**Anderson:** Já passou isso, ou não?

**Sra. Wira:** Não! Não! Logo quando terminou a guerra, tudo saiu da cabeça. Uma coisa... Para conhecer melhor ainda a França, eu tinha uma inflamação quando eu bati uma unha, e ela foi operada sem anestesia, sem nada! Eu sei que eu desmaiei... Mas operaram. E, eles colocavam esses que tinham algum problema de saúde... Tinha sobrado um quarto, e lá a gente ficava no chão, eles andavam e aquilo balançava e doía tanto. Bom... Passou! Então, o pai dela queria falar comigo, como eu não ia trabalhar, eu acho que fiquei de folga uma semana. Quem operou foi um médico alemão. Ele pensou que eu não entendia o que ele falava e disse para a enfermeira: “É a primeira vez que vejo “Austlander”, estrangeira limpa.”. Lógico, eu trabalhava na casa de uma família, tinha que ter... Vieram aquelas pessoas, milhares, e só vieram de macacão, e ficavam um ano com ele... Lógico que ir ser... Isso ele não entendia... Ele comentou isso.

**Anderson:** E aqui no Brasil, a senhora trabalhou?

**Sra. Wira:** Trabalhei até vir para Apucarana. Depois eu já... Porque o meu marido já abriu por conta. Ele fazia vitrôs, portas... Isso ele aprendeu com os eslovacos. Eu dava pensão para eles e eles alugam casa na chácara. Três deles.

**Filha:** Mas, a senhora trabalhou como empregada doméstica em uma casa, não trabalhou?

**Sra. Wira:** Trabalhei! Primeiro...

**Filha:** Em troca de quarto e comida para vocês dois, não é?

**Sra. Wira:** É! Para poder morar com a família.

**Filha:** A senhora começou a falar “Eu tinha raiva dos alemães!”, mas acabou indo trabalhar numa casa de alemães que foi o que ajudou vocês.

**Anderson:** E a família? A senhora teve mais filhos, além desta que está aqui?

**Sra. Wira:** Eu tenho três. Esta é a mais velha.

**Filha:** Eu tenho um irmão e uma irmã mais novos que eu. Ele mora em Apucarana e ela, em Balneário Camboriú.

**Anderson:** E o esposo da senhora, faleceu há quanto tempo.

**Sra. Wira:** Há vinte e dois anos, de câncer no intestino, com setenta e dois anos.

**Anderson:** Dona Wira... Olha! Eu entrevistei a senhora por duas horas e quarenta minutos!

**Sra. Wira:** Meu Deus! E, eu gritei tanto.

**Anderson:** Eu não vi o tempo passar! Eu não vi o tempo passar! Eu sou historiador há dez anos, eu me formei há dez anos como historiador. Eu sempre disse que eu fui um traidor da história porque eu sempre fui mais filósofo do que historiador. Eu procuro mais ler do que fazer esse garimpo que um historiador faz. Os meus trabalhos são mais teóricos do que esse estudo. Eu nunca... Eu já entrevistei pessoas... Mas, eu nunca entrevistei uma pessoa igual a senhora.

**Filha:** Isso é um elogio?!

**Anderson:** É um elogio... É o mais alto grau de um elogio!

**Filha:** Mas, por quê? O que você viu de diferente?

**Anderson:** Primeiro: a história. Talvez, isso para a senhora, pareça natural. Mas, a senhora conta uma história assombrosa!

**Sra. Wira:** Como?

**Anderson:** Assombrosa! ´

**Sra. Wira:** Como é isso? Ah!

**Anderson:** A sua história, não assusta somente a senhora. Mas, assusta qualquer pessoa no mundo.

**Sra. Wira:** É! Por isso que “boca calada não entra mosca”!

**Anderson:** A sua história é... A lucidez, a altivez e a sua memória, é algo que eu acho impressionante!

**Sra. Wira:** Lembrar... Isso que está na entrevista... Eu vou ter pesadelos!

**Anexo 02: Entrevista concedida pela Sr.<sup>a</sup> LARA BASAN<sup>48</sup> residente em Curitiba-PR.**

**Sobrevivente do genocídio ucraniano (Holodomor) 1932, e ex-prisioneira do nazismo.**

**Data da entrevista: 27/08/2016**

[ANDERSON] Queria que a senhora me falasse o nome da senhora completo.

[LARA] Lara Basan, é pelo marido né.

[ANDERSON] Ah, pelo seu esposo né, e o seu sobrenome antes?

[LARA] Cardoso.

[ANDERSON] Antes de nós entrarmos no assunto mais delicado, eu queria que a senhora me contasse quando que a senhora veio para o Brasil.

[LARA] Pro Brasil, eu cheguei em 49, desembarquei 04 de fevereiro do navio.

[ANDERSON] Em 1949?

[LARA] É, e dai fiquei no Rio de Janeiro 7 semanas, porque não tinha transporte para o paraná, e meu marido tinha tia que veio em 1928 aqui.

[ANDERSON] J estavam aqui?

[LARA] J estavam aqui, morando no Martins Afonso, aqui perto da praça.

[ANDERSON] Aqui em Curitiba mesmo?

[LARA] Isso, e dai ela me mandou o endereço l para a Alemanha, e dai por aquele endereço a gente vinha.

[ANDERSON] Certo, qual é a idade da senhora hoje?

[LARA] Hoje tenho 95 anos.

---

<sup>48</sup> O referido nome  fictício, é pedido da família da depoente

[ANDERSON] A senhora quando veio para o Brasil em 47 (1947), veio por qual motivo?

[LARA] O motivo que não voltava para sua terra.

[ANDERSON] A sua terra era Alemanha?

[LARA] Eu estive sete anos e meio na Alemanha.

[ANDERSON] Durante a guerra?

[LARA] Durante a guerra, em 41(1941) me foi levado, fiquei numa siderúrgica trabalhando, morei nos fundos, tinha uma barraca feita para 35 pessoas, beliche em 3 andar e ali nós morava.

[ANDERSON] Então nós vamos fazer assim dona Anna, agora eu vou recuar um "pouquinho", para daqui um pouco nós nos encontrarmos na Alemanha denovo. Eu queria que a senhora me falasse um pouco de sua infância, lá na Ucrânia, o que a senhora conseguir lembrar de sua infância.

[LARA ANNA] Na Ucrânia, enquanto eu era pequena, eu morei na casa de uma minha irmã casada.

[ANDERSON] Não morava com os pais?

[LARA] Não, então eu morei lá e ajudei ela a cuidar do meu sobrinho, cuidar da vaca na roça.

[ANDERSON] Onde Ucrânia? Que cidade ou região?

[LARA] Cidade de Kiev, mas região era ceresti, aldeia, onde eu morei na casa da minha irmã, essa foi fuzilada em 43(1943) com o marido, deixou neném de um aninho.

[ANDERSON] Essa região que a senhora morava, era uma região agrícola, era rural?

[LARA] Morávamos numa aldeia agrícola, trabalhei no campo, na lavoura, na creche, na casa dessa irmã, quando mãe morreu. Mas trabalhei na lavoura, cuidei da creche das crianças, depois me mandaram estudar (3) três meses trator, estudei

tratorista. À noite, trabalhava, preparava a terra porque de dia tinha que dirigir o trator e eu não tinha prática, então eu de noite dava trabalhada, mas de dia eu ia treinar só.

[ANDERSON] Mas chegou a trabalhar como tratorista?

[LARA] À noite, trabalhava, preparava a terra porque de dia tinha que dirigir e eu não tinha prática, então eu de noite dava trabalhada, mas de dia eu ia treinar só.

[ANDERSON] E eram quantas pessoas na casa com sua irmã?

[LARA] Ela casou com um viúvo, tinha 2 menina, e o dela, teve 1 menino, e depois outro nasceu e eu não "tava" presente.

[ANDERSON] Depois que a senhora saiu da casa da casa da irmã da senhora, a senhora foi morar aonde? Com quantos anos a senhora saiu de lá?

[LARA] Eu tinha 17 anos, e uma senhora arrumou serviço para ela na outra aldeia e ela disse para mim, "Anna você trabalha aqui, não tem roupa, não tem nada, eu te arrumo serviço na casa da família, você vai trabalhar, vai comprar roupa" e foi feito assim, eu fui lá onde ela trabalhava na casa dela, e daí lá nós ia na feira, ela ia fazer compra e eu ia junto, encontramos essa pessoa que queria uma moça para trabalhar, mas tinha que saber tinha leite da vaca, eles tinham duas meninas, queria comprar vaca para ter leite para as criança, e eu disse que sabia tirar leite da vaca, eu ja trabalhei na outra casa, então eu comecei a lá trabalhar, cuidar das 2 crianças, da vaca, e todo o serviço da casa, eles me explicavam e eu dava um jeito.

[ANDERSON] E morava com essa família?

[LARA] Eu morava com essa família, depois outra família me gostava muito, e eu ia trabalhando, e o filho dela era chefe, era diretor de uma mina carvão lá em donetsk, e daí a filha dela veio passear dela com o marido, e ela conversou comigo, convidou-me para ir passear na casa do filho dela, e você tem que conhecer \*. ai eu disse que eu vou. ai como que que falei, tinha que mentir, ai menti para essa patroa que minha irmã quer que eu vo morar com ela, e larguei e fui para lá. E cheguei lá na casa da pessoa que ia trabalhar, ele era judeu, e ela era russa, esperava neném faltava dois ou três meses para ganhar neném, tinha uma menina de quatro anos e eu comecei a trabalhar lá. Não gostei da pessoa porque era muito como diz só

pensava nela. Então eu voltei com aquela pessoa para lá, pintei uma quarto para eles, e daí veio lá para trabalhar e trabalhei até ela ganhar nenê, quando ela ganhou nenê eu já arrumei outro emprego, aí ela veio e eu disse que não vou ficar tempo aqui, ela disse então me ajuda azeda tomate e melancia para inverno, eu ajudei, nós "azedemo" tudo e daí eu fui embora, cheguei lá, também a mãe da moça mandou eu cuidar da criança só, e um quarto, e ele era judeu e ela era russa, o pai era russo, e mãe não gostava desse moço judeu, queria separar eles, ele largou e casou com a judia, e eu fiquei um pouco, ela tava certo, aí eu fui trabalhar nessa indústria siderúrgica.

[ANDERSON] Me conte uma coisa, durante sua infância, a senhora, quando tinha 9, 10 anos, a Ucrânia pertencia a união soviética.

[LARA] A união soviética segurou 70 anos a Ucrânia.

[ANDERSON] Houve em 1932 e 33.

[LARA] Muita fome.

[ANDERSON] Eu queria que a senhora me contasse o que lembra disso.

[LARA] Tinha guardado cereais e tudo, mas não deixava para o povo usa, então povo não tinha o que comer, aí morriam de fome comiam tudo, mato, mas não dava certo.

[ANDERSON] E isso a senhora presenciou e vivenciou tudo isso?

[LARA] Presenciei, como disse, não tinha o que comer, comia mato, assim nós vivemos um tempinho, Morria muita gente de fome, morria na rua igual bicho, carroça catava e fazia uma valeta bem grande e jogavam assim que nem madeira, eu tinha 12 anos, eu "tava" perto desse túmulo que "tavam" trazendo cadáveres e jogavam e eu "tava" olhando aquilo, criança né, e aí trouxeram e já estava cheio o buraco grande e já não tinha mais lugar nas aldeias pra colocar tantos cadáveres. Todo dia era a mesma coisa, me lembro bem, não tinha dia que não chegava uma carroça com muita gente morta. Pode ser que não acreditem, mas eu vi e me lembro, tinham pessoas que ainda não estavam bem mortas e mesmo assim, eram enterradas.

[ANDERSON] E como que era na família, nessa época a senhora morava com a irmã.

[LARA] Com a minha mãe nessa época.

[ANDERSON] Como a família da senhora conseguia sobreviver assim?

[LARA] Presenciei, como disse, não tinha o que comer, comia mato, assim nós vivemos um tempinho, morria muita gente de fome. Nós “sobrevivia” de todo jeito, comia o que tinha na horta, vamos supor, girassol tem aquele tubo, dentro do tubo tem aquele tipo algodão, a gente moía aquilo, fazia bolinho e comia. Folha de lipa tinha uma flor e comia porque estava bom para comer, as coisas que a gente comia é o que dava achar na horta.

[LARA] Mais tarde vieram impostos, que não se inscreveu para comunidade botaram imposto grande, a minha mãe estava de cama doente, bem doente e eu que cuidei dela, ficou um ano na cama direto, fazia tudo em baixo de si, e eu que cuidei, eu tinha 13 anos, e ela preparava lavagem para, ela me explicava tudo como que fazia e eu fazia e quando ela já 'tava' bem mal assim cama botaram muito imposto para cobrar.

[ANDERSON] E eles botaram esses impostos, e eram pagos com cereal, com comida ou com dinheiro?

[LARA] Não, não, com dinheiro tinha que pagar, ai eles vieram, 3 pessoas, \*\* eles disseram dá dinheiro, e ela disse eu não tenho, "dar da onde? Eu não tenho", eles "nós vamos pegar porco". Nós tinha criado um porquinho, ela se arrastou da cama perto da porta de porco que era dentro de casa, era tudo, e disse assim, agora matam eu, depois levam o porco, e dai eles conversaram, conversaram e foram embora, mãe devagar matou esse porco e enterrou não sei aonde para nós ter.

[ANDERSON] Eram quantos na família, mais irmãos, só uma irmã?

[LARA] Minha mãe, era amigada com um (...) ele trabalhava na linha do trem, trabalhava lá, mas ele bebia muito, ele teve 2 filhos com minha mãe, esses meninas até um tempo minha mãe levou numa creche, e disse sasha bate na porta e diga que você não tem mãe, ele bateu, ela viu que foi atendido. O mais novo morreu da garganta, e o mais velho ficou vivo, ele ficou lá um tempinho ai mãe achou outra

creche melhor, tirou ele de lá e botou em outra, lá ele ficou tempo e daí nós tinha que mudar morar perto da linha do trem, na casa perto da linha, então tinha assim estrada que passava carro tudo, aqui passava linha do trem, assim nós vivemos naquela casa de esquina, e daí sempre ele tava bêbado, a minha mãe sempre trabalhava fora, e eu ficava em casa pequena cuidando das terneirinha, para não entrar em baixo do trem, enquanto ele passava e apitava muito.

[ANDERSON] Me conte uma coisa dona Anna, tinha um pessoal na época da fome lá em que fazia essa taxaço de impostos pela Rússia, tinha alguns ucranianos que se rejeitavam a pagar? Tinha e o que acontecia com esse pessoal?

[LARA]: Eu era pequena e não entendia nada. Ninguém na Ucrânia nunca contam nada para as crianças. Eu não sabia sobrenome das minhas irmã, só o nome sei. Me lembro de minha tinha chorando porque os agentes do estado levaram um pouco estoque de farinha que tinha. Isso me lembro, porque o pouquinho que restou tinha que dar até a colheita. Eu me tinha fome, mas ficava preocupada também com meu sobrinho que era novinho. Eu não sabia sobrenome das minhas irmã, só nome sei, idade nada nenhuma, só essa que morava e tinha irmã, essa foi voluntária para lá, essa que trabalhava nessa comunidade de tirar leite das vaca, e ela foi para lá e eu não me lembro que ano beu certo para morar lá, e eu achei ela e sai comunicada com ela e eu pedi idade dela e ela disse 'eu nasci em 1912', o resto não sei de nada, eu nasci em 1920, eu nasci 10 de novembro, e daí nós "fiquemo" la na linha de trem até achar morto ele, ai nós tinha que sair dela, ai nós fomo para aldeia.

[ANDERSON] Me conte uma coisa, dona Anna, mesmo a senhora sendo nova na época e os adultos não contando muita coisa, a senhora tinha noção de que a Rússia estava cometendo um mal com a Ucrânia?

[LARA] Não imaginava nada.

[ANDERSON] Só depois foi perceber, quando maior.

[LARA] Nós morava la nessa linha, tempinho, sabe, mas vezes tava apitando trem e irmã foi trabalhar e disse 'cuida bem da torneirinho para não entrar', e eu cuidando ali e vejo carroça vem vindo, carroça de uma cidadezinha que iam vende ovo, tudo lá, vinha eles ponham na linha cavalo e ele vai, sabe, e o homem tinha



dois homem na carroça dormindo, e trem pita e eles estão vindo, pensei bem, eu não consegui deixar torneirinho corre avisar eles, para, e no final cavalo conseguiu passar, a carroça foi batida, jogada longe, e trem foi, daqui a pouco trem voltou de trás, voltou acudir o homem, eles machucaram-se, e dai arrumaram carroça e eles foram embora e trem voltou embora, eles estavam dormindo na carroça.

[ANDERSON] A região onde a senhora morava era muito frio né.

[LARA] É fria sempre porque inverno né.

[ANDERSON]: Dona Anna, na época em que a fome na Ucrânia estava fazendo muitas vítimas, a senhora ouviu falar ou tem lembrança da prática do canibalismo naquela época?

[LARA]: Na época da fome, eu não vi isso, mas minha tia contava que na nossa aldeia mesmo acontecia de filhos ou pais assim morrer, tinha que comer, não deixavam enterrar, escondiam na casa pra poder fazer isso, comiam carne, davam pras crianças, isso lembro que por muito tempo eu me imaginava fazendo isso. Tinha até soldados que vendiam cadáveres. É isso que o governos comunista nos deu naquela época, nos deu a morte todos os dias. Ficamos vivos por acaso.

[ANDERSON] Depois disso, a senhora já estava adulta, e depois no periodo entre guerras foi levada para Alemanha.

[LARA] Depois quanto eu já morei na minha aldeia, cheguei na Alemanha, foi assim: quando voltei de donetsk, foi nessa casa onde eu morei três anos com minha irmã. A cunhada fugido da prisão de soldado chegou ontem e eu cheguei ontem.

[ANDERSON] E ele tinha sido preso por quê?

[LARA] Soldado prisioneiro, ai outra irmã soube que eu voltei, mandou ir par a minha casa onde eu nasci, ele estava separada do marido, morava com o bebê, um não e dois meses a menina, e ela morava sozinha, não tinha do que fazer fogo e nem o que cozinhar, descascava semente de girassól e abóbora e dava para crianã comer, e eu cheguei a noite em fevereiro, era frio mas na comunidade onde a máquina tirava trigo atrasado já eu não tinha do que fazer fogo, dde manhã eu pensei, disse para irmã arrumar uma corda para mim, de tarde vou trabalhar e de noite pego palha para nós, assim eu fui, e cheguei na comunidade, dai comecei a

trabalhar, trabalhei até de tarde, fiz maço de palha, não querem deixar levar, proibido levar e eu contei minha história, como que eu cheguei, tudo, pouquinho contei e eles deixaram eu levar e eu trouxe para minha irmã, ela já ficou feliz da vida, pelo menos tem fogo. e para comer? tinha um pouco batatinha miúdinha, ela cozinhou e nós 'comemo', no outro dia eu fui trabalhar, e o homem disse: voce sabe pesar na balança? Eu disse: sei, vai trabalhar no depósito, vou te explicar, vai separar o trigo e vai colocar, e vai pesar, vai marcar e colocar.

[ANDERSON] E quem que comandava esses depósitos?

[LARA] Lá tinha chefe.

[ANDERSON] Mas eram ucranianos ou eram russos?

[LARA] Tudo ucraniano, faziam parte da Rússia, e eu fiquei lá trabalhando, foi de noite trabalhar, e roubava trigo na bolsa, no casaco e na bota, e eu trazia esse trigo para casa, ela moía na prensa e daí fazia pão, já nós tinha o que comer, e faziam fogo.

[ANDERSON] A senhora pegava escondido né.

[LARA] Eu pagava escondido, se me pegassem eu ia presa.

[ANDERSON] E isso você fazia várias vezes.

[LARA] Eu todos os dias roubava um pouquinho.

[ANDERSON] O suficiente para comer no outro dia.

[LARA] Para comer, fazia farinha e pão.

[ANDERSON] Porque era um tempo de pobreza,.

[LARA] Pobreza demais.

[ANDERSON] E era em toda a aldeia.

[LARA] É, todo lugar. Não era só lá.

[ANDERSON] Morria muita criança?

[LARA] A criança morriam bastante também, morriam muito, a pessoa matou criança, morreu, as vezes enterrava no porão para não levar na vala comum.

[ANDERSON] Muita criança morria de fome, doença.

[LARA] Estava ruim mesmo.

[ANDERSON] E isso durou certo tempo, quanto tempo?

[LARA] até não sei quantos anos, depois eu já fugi dai já fui trabalhar, foi... sai da minha casa com 4 anos, e voltei da donetsk e lá trabalhei nessa comunidade eu tinha 10 casas, para comandar. olha precisa tanto pessoa para lá e eu ia lá e mandava, você vai lá, você vai la, fiquei gerenciando, assim trabalhei um pouco. trabalhei nessa comunidade e eu tinha 21 anos, ai veio alemão que queria tantas pessoas para ir para a alemanha trabalhar, para marcar, ai eles chamaram pessoas solteira, e casais sem filhos, tudo e dai marcavam, você vaim você vai, ou nós ia passa médico, e amanhã já embarcava.

[ANDERSON] E o pessoal queria ir ou não queria ir?

[LARA] Não queria.

[ANDERSON] Era uma convocação, tinha que ir.

[LARA] É.

[ANDERSON] Eram prisioneiros né

[LARA] Isso, eu tinha 21 anos.

[ANDERSON] E nisso já tinha estourado a segunda guerra?

[LARA] Já, já, dai eu estive ali no outro dia nós 'fumo' tudo para cartório, junta-se tudo lá, ai nós esperava já.

[ANDERSON] Mas iam no cartório para quê?

[ANNA] No cartório esperar para nós embarcar.

[ANDERSON] Era um ponto de espera só, não ia lá fazer nada, só se encontrar lá.

[LARA] É, só encontrar-se lá, era muito triste iam na \*\* porque eu já batalhei na Ucrânia por tudo, ia sofrer de tudo que jeito, eu já tava...

[ANDERSON] Mas na cabeça da senhora, a senhora já tinha noção que estava indo para um país em guerra, já tinha 21 anos né.

[LARA] Eu ia para obrigatório trabalhar lá, ai no cartório todo mundo chorando, e eu cantando, Cantei mil canções em russo, que nunca mais eu volto aqui, ninguém vai me ver mais aqui.

[ANDERSON] Mas em russo?

[LARA] Em russo eu cantei, eu estudei 3 ano no terceiro ano, sabe.

[ANDERSON] E por que a senhora cantou em russo?

[LARA] (Canta uma musica em russo)

[ANDERSON] A senhora achou que aquela música naquele momento...

[LARA] Aquela música naquele momento combina. todo mundo chorando, e eu 'iiih' por que que choro?

e quando cheguei na alemanha....

[ANDERSON] E o que dizia a música, que nunca mais?

[LARA] Eu nunca mais vou pisar aqui, é a última vez que eu estou aqui, não volto mais. e cheguei na alemanha todo mundo cantando e eu que chorava, ai que me deu na cabeça, que não vou voltar mais, depois começou diferente. mas lá...

[ANDERSON] E a senhora falava um pouquinho de alemão?

[LARA] Eu só sabia letra, ai o que me mandaram emprestar eu falava eu falava aquela peça, chegava e anotava, se eu anotava certo tava bom, se errava ela me arrumava, e eu não esquecia.

[ANDERSON] E era numa fábrica de peças, e essas peças possivelmente.

[LARA] Eu trabalhava numa fábrica de peças, nós fazia peça fundição, mas tinha algumas peças muito delicada, tinha que fazer bem feito para não estragar, e

tudo preparatório tinha. já tinha ali comigo, ela me mandava as vez, vai naquele homem, mostrava aquele homem, \*\*\*, o que e é "ama", cheguei no homem e "ama" e ele me dava matéria, era tão fácil, cheguei la e ficava "ama", ela me arrumava e levava...

[ANDERSON] Mais ou menos quantas horas por dia de trabalho?

[LARA] Eu trabalhava 6 horas mais ou menos, de manha até de tarde. o dia todo.

[ANDERSON] Dai tinha alojamento?

[LARA] Dez horas nós comia, trazia umas batatinha cozida com casca e tudo, e molho, dez horas era e o almoço.

uma hora era lanche, mas não tinha lanche. e nessa fábrica, tinha um velhinho, era chefe, e tinha francesa que trabalhavam lá também, mas francesa era melhor tratada que nós, ela ganhava comida melhor, então eles, velhinho roubava comida da francesa, guardava no forninho, uma hora lanche, ele esquentava essa comida, Lara entra lá, fecha a porta e come.

[ANDERSON] E por que será que as francesas eram tratadas diferentes?

[LARA] Não sei.

[ANDERSON] Mas dava para notar isso, que era diferente?

[LARA] Bem diferente, francesa tinha soldado para cima, tinha italiano soldado, russo, tinha ucráino, e tudo prisioneiro trabalhando lá.

[ANDERSON] E quanto tempo à senhora trabalhou nessa fábrica?

[LARA] Três anos. ai sai dela para lugar de imigração.

[ANDERSON] Já tinha terminado a guerra nesse momento ou ainda não?

[LARA] Estava meio ainda, no meio tava, bombardeando todo dia quase.

[ANDERSON] Mas a Alemanha já estava meio que recuando.

[LARA] Mas o bombardeia ainda tinha.

[ANDERSON] Chegava a ouvir.

[LARA] Dava para ver avião passando deitada no pátio da fábrica, e olhando dia 17, nunca esqueço, apitaram fábrica que tem que sair tudo, largar serviço, daí quem tá na pátio lá fora na rua, lá na fundo da fábrica, e vendo aqueles avião passa brilhosa, voa bonito, e aqueles avião passavam perto e iam joga bomba, lá tinha uma subterrânea mina de arma, 7 quilômetros, e lá eles bombardeavam para quebrar, não conseguiram.

[ANDERSON] Estavam escondidos, como se fosse um bunker.

[LARA] Estavam lá em baixo da terra, mas tava bem detonado em cima de bomba caindo e não quebrava.

[ANDERSON] E a fábrica ela era...

[LARA] Eles não batiam lá a fábrica, outra hora veio bomba que nem garrafa explodiu e já Queimava, tava toda cidade queimado uma vez, menos nossa fábrica e a cidade tava, caiu, bom explodiu, na minha cama caiu bomba, terceiro andar, mas não explodiu, e o chefe morreu. e eu dormi em baixo, no beliche, de três andar, e não explodiu, tive sorte, o meu quarto tinha 35 moças. em tudo quarto tinha. noite dava avião passava, dava apito de serene, e tinha que se esconder no buraco, buraco foi feito assim.

[ANDERSON] Em baixo da fábrica?

[LARA] É, em baixo da fábrica, aí eu me escondia nesse, se caía bomba não mata aqui, e tinha mais duas senhoras velhas, só lá rezando.

[ANDERSON] Quem que cuidava da sala, fizeram os soldados alemães?

[LARA] Não tinha quem cuidasse, cada um cuidava de si.

[ANDERSON] Mas não tinha o pessoal que queria fugir da fábrica ou algo parecido?

[LARA] Fugir não podia. tinha arame enfarpado, e homem com arma noite e dia.

[ANDERSON] Alemão?

[LARA] Alemão.

[ANDERSON] E se fugisse ele matava?

[LARA] Não, se saísse ia preso. e vai sofrer.

[ANDERSON] E quando a senhora ficou esses três anos lá, a senhora foi para um campo de refugiados, isso?

[LARA] Não, eu assim: estava já a 150 km dai, veio um senhor alemão, desse mesmo \*\*, gente boa, ele disse: Ana, você tem para onde ir? as dez horas eu pego e te solto. e eu falei com a minha \*\*, e disse: maria você quer ir 7 km numa amiga trabalhar lá, você quer ir lá e ru fico na outra casa a 3 km, e ia domingo lá ajudar porque ela era paralítica, e eu ia ajuda-la, então, eu digo vou vê se eles me deixam dormir lá, e você vai adiante.

[ANDERSON] ai ele abriu o portão?

[LARA] Ele abriu às dez horas e soltou-nos.

[ANDERSON] Mas isso escondido?

[LARA] Era bem escondido, ninguém sabia, só nós duas, 'levemo' nossa trouxinha e fomos embora, ai eu cheguei nessa casa, bati na porta e disse: dá para mim dormir aqui? "da, da da", e eu posei lá e a outra foi adiante.

[ANDERSON] E me conte uma coisa, não passou pela cabeça, esperar os americanos chegarem?

[LARA] Não.

[ANDERSON] Seria ruim?

[LARA] É, ele disse a chefe, já não sabe o que fazer com vocês, são capazes de levar vocês ao rio, ai eu pensei assim, se for numa ponta, a gente vai morrer lá na água e eu tinha medo disso.

[ANDERSON] Então não era uma ideia boa esperar?

[LARA] É, para eles disseram que não sabem o que vão fazer.

[ANDERSON] Então resolveu ir embora.

[LARA] Dar resolvi ir embora, lá eu fiquei 2 meses trabalhando nessa casa, vivendo lá ai uma foi visitar minha amiga trabalha na exército, perto dessa fábrica onde eu trabalhei.

[ANDERSON] O exército?

[LARA] Exército americano, ai eu cheguei para visitar um casal que trabalhou comigo, ela disse por que você fica na Alemanha? Vem trabalhar com americanos, nós vamos para a América, e eu não queria ir para a América, eu queria ir para outro lugar.

[ANDERSON] não queria voltar para a Ucrânia?

[LARA] Não. ai eu cheguei la na mulher e disse: eu vou sair. e eu fui trabalhar para oficial, lavar roupa e passar, eles me ensinaram como que lava roupas deles, porque tudo exército, e como que faz, então uma me ensinou lavar, um me ensinou a passar, comecei trabalhar lá mais não trabalhei muito tempo lá, por que \*\*\*\*, e ele disse, os oficiais vieram procuram sua gente, para levar para \*\*. uma cidade onde eles juntavam, e dai ele disse que eu trabalhava lá, e eles vieram e disse, as sete horas ta pronta para ir para sua terra, e eu falei: não, ai eles foram sete hora, vieram me buscar. ai o \*\* chegou e disse: anna ta pronta, com roupa tudo jogado no chão, eu não sei o que estou fazendo, ele juntou meu cobertor e jogou no caminhão, e eu foi, e ele disse para mim: não chora anna, você é nova, você vai estudar lá, tudo, e disse: você vai subir lá, minha menina, eu sei como que está lá, eu não quero ir lá, nervosa nós, numa cidade, \*\*, deixaram nós \*\*\*, para dormir lá, e de manhã fomos para \*\*, de manhã eles levaram nós para norte, para lá onde fiquei até entrar no embarque, e assim que foi, ai cheguei lá, nós 'posemo' no \*\* velho, tinha, nós era em 15, e tudo mundo saindo da \*\*, e eu já falei com o velho, eu não quero ir, os russos, como que eu vou fazer, como que eu posso ficar aqui, dai eu falei com o chefe do grupo, diz que dá para você ficar, ai eu fiquei feliz ali, levantei cedo, chamei tudo a turma, e vamos ver quanto o caminhão levar nós daqui para, fomos la e cheguei lá, cumprimentei, tudo era polaco, tudo era polonês. e lavantei e quando que pode mandar caminhão para levar nós? eles conversaram, conversaram, 3 horas, de tarde, já tava bom, então nós saímos de la e 'cheguemos' no quarto e eu falei para o



velhinho, as três horas vem o caminhão, ele disse: você almoça que vai ir para o mato, e volta só de noite, assim que eu fiz, assim que eu fiquei, fiquei lá na moto. Então nós saímos de lá, arrumei o quartos das moça.

[ANDERSON] E como surgiu essa ideia de vir para a América?

[ANNA] Essa ideia porque tinha muita gente, eu falava sempre com o oficial, ele queria sempre me levar, e ele disse: Anna não vou poder te levar para a América porque nós daqui vamos para a china, nós não vamos para a América, e ai? ai eu fiquei assim, ai fiquei lá.

[ANDERSON] E a senhora queria vir para a América?

[LARA] Eu queria vir para a América, mas para a china não. não dava para ir. e eu fiquei lá morando, ai veio o médico, convidou quem quer estudar em \*\*\*, e eu e mais duas pessoas, pegou em 20 dias tudo, só, estudei e trabalhei enfermeira.

[ANDERSON] A senhora trabalhou onde?

[LARA] Lá na firma velha, lá trabalhei, ai o médico veio e me chamou e disse: Anna, você tem que aprender polonês, escrever e ler, e como é, tem que dar um jeito.

[ANDERSON] E por que ele queria que a senhora aprendesse?

[ANNA] Tinha que aprender ler e escrever em polonês, escrevi, acharam um livro do primeiro ano, a letra latina, era fácil, eu aprendi. ai eu ficava lá quando eles mandavam uma parte para outro lugar, tinha que fazer ficha, de toma vacina, tudo em polonês.

[ANDERSON] E dai quando que veio a oportunidade de vir para a América?

[LARA] Aí passando isso \*\*\*\*\*, para um lugar, você quer para onde? então meu marido tinha tia aqui.

[ANDERSON] A senhora casou?

[LARA] Nós fomos convidados para testemunha do casamento de outra pessoa, eu e ele nunca 'conversemo', ai o padre já me conhecia no posto, ele notou tudo por menos, e ele disse assim: e vocês quando que vão casar? vou fazer um

casamento para vocês. nunca falei com o homem, o homem olhou para mim, eu olhei para ele, e no casamento que ele puxou conversa comigo, e uma pessoa que eu sempre conciliava-se com essa pessoa, e ela disse: anja se esse homem vai querer casar com você, não desiste porque ele não pede se você não quer, e assim que foi, passou 15 dias ele me trouxe carteira para o padre marcar nosso casamento.

[ANDERSON] Por quanto tempo ficaram casados?

[LARA] 60 anos.

[ANDERSON] E daí vieram juntos para o Brasil?

[LARA] Ai ele não tinha endereço da tia, e eu pedi endereço da mãe dele escrever, ele não quis mais insistir, escrevi para a mãe dele, e ela mandou endereço na carta, mas ele não, mandaram a carta sem endereço.

[ANDERSON] Tinha censura, censura não deixou.

[LARA] Não, eles tiraram, aí eu achei um \*\*\*, que tinha de tudo a organização, endereço da \*\*\*, de todo lugar, e eu achei daqui do Brasil, da sua cidade, aí eu vim para essa cidade e eles colocaram no jornal.

[ANDERSON] A senhora lembra o nome desse jornal?

[LARA] Não, não sei, eles comunicaram no jornal e acharam passe, e me mandaram para a casa da tia, a tia do \*\* que me escreveu.

[ANDERSON] Que estava aqui, no Rio de Janeiro.

[LARA] Não, em Curitiba. e ela me escreveu e nós se comunicava aí já tinha endereço dela.

[ANDERSON] ] E foi difícil de vir para o Brasil, foi burocrático, eles deixaram?

[LARA] Não, ainda nós 'fiquemos' lá, nos trouxemos num lugar que nós 'fiquemos' um ano e pouco lá, esperando essa imigração, aí passou assim, natal 'passemos' lá, daqui um pouco já chamaram para embarcar, 3 dias tinha que estar pronta para embarcar.

[ANDERSON] E vieram para o Brasil?

[LARA] E fomos para outra cidade, para preparar-se para viagem né, nós fomos para \*\*, e 'moremo' numa família, e existiam quatro pessoas e nós 3. um quartinho repartido com cobertor no meio, assim nos moremo até chamaram nós urgente, para embarcar já para \*\*

[ANDERSON] E veio a senhora e seu marido? a senhora não tinha filhos ainda?

[LARA] Eu tinha filha né, tinha um ano e sete meses.

[ANDERSON] Veio junto?

[LARA] Ela veio junto, com um ano e sete meses, ela esta já com 60 e mais anos.

[ANDERSON] Dae a senhora veio para o rio de janeiro?

[LARA] Até o Paraná.

[ANDERSON] Dai chegou aqui e o marido da senhora foi trabalhar.

[LARA] E 'cheguemo', passamos por Curitiba, direto para ponta grossa.

[ANDERSON] Foram para ponta grossa?

[LARA] E lá fomos à creche de onde estudante lá, então nós 'cheguemo' nessa creche oito dias e eu trabalhei direto na cozinha lá, fui aprender cortar carne, tudo, trabalhei lá direto, até ir embora, três de abril 'cheguemo' em Curitiba.

[ANDERSON] E quando vieram para cá, não falaram da cidade de Prudentópolis para vocês?

[LARA] Nada, nada, eu não falei nada, que eu vim, aprendi a travar a língua.

[ANDERSON] E o marido da senhora, tava trabalhando com o que aqui?

[LARA] Meu marido primeiro serviço fundação da construção do hospital evangélico, nós morava la pertinho, foi o primeiro serviço dele. depois ele trabalhou num serviço de \*, fazendo morças, ele trabalhou nessa fábrica um pouco, depois

trabalhou numa fábrica de carroceria, depois trabalhou numa fábrica de \*, trabalhou nessa fábrica tempinho.

[ANDERSON] E aqui a senhora teve quantos filhos?

[LARA] Eu o tive e mais a Vera, e Júlio.

[ANDERSON] Então são quatro no total?

[LARA] Uma veio de lá e três aqui.

[ANDERSON] Me conte uma coisa dona Anna, quando a senhora estava na Ucrânia, qual que era a relação da família, de vocês com a religião, todos muito católicos ou mais ou menos, ou pouco, ou nada?

[LARA] A religião, eu morei pertinho da igreja, minha mãe era muito da igreja né, mas \*\*\*.

[ANDERSON] Frequentavam muito ou não?

[LARA] Só sábado quando, todo mundo trabalha. E eu ia na igreja mas era pequena, não entendia nada.

[ANDERSON] Eu faço essa pergunta por que a outra entrevistada que eu tive a dona vira, ela diz, ela morou também na Ucrânia nesse momento, outra senhora que eu entrevistei que ela ta em londrina e ela dizia assim: o ucraniano e conhecido por ser muito religioso, que lá era diferente, que como tinha muita fome, eles não pensavam em religião, eu achei bem interessante ela dizer, por a primeira coisa quem é de fora do grupo de ucranianos, quando fala em ucraniano sabe que e católico, mas ela dizia não, la o que interessava para nós é fome, era comida.

[ANDERSON] E outra coisa, a senhora se alfabetizo, consegue ler em português?

[LARA] Eu li em jornal, aprendi com a filha, levei ela para a escola e ela custou para aprender, e eu aprendi junto, eu li jornal e tudo, e agora não leio porque não enxergo.

[ANDERSON] Me conte uma coisa, a senhora chegou a ler ou ter o costume de ler o jornal prátia? que é um jornal ucraniano.

[LARA] Eu não sei não me lembro.

[ANDERSON] Porque o primeiro jornal foi aqui em Curitiba, o primeiro jornal ucraniano, o ZORIÁ, que é estrela, não chegou a ler?

[LARA] Não.

[ANDERSON] E deixa-me fazer uma pergunta bem pessoal para a senhora agora, a senhora nunca pensou em voltar para a Ucrânia?

[LARA] Não, eu me naturalizei em 65.

[ANDERSON] A senhora se naturalizou brasileira?

[LARA] A naturalização porque eu não queria nada dos russos, os russos me mandava \* que vinha \* pediu, como eu disse, chamada, e eles me mandaram a enquete, tudo anotada, o que eu tinha que anotar nessa enquete, tudo que eu passei mais alguma, eu tinha que anotar tudo, com quem que cheguei aqui, tudo, e eu quando li aquilo, eu disse: eu nunca mais volto aqui.

[ANDERSON] Mas mesmo depois da Ucrânia ter sido libertada dos russos, a senhora nunca pensou em voltar?

[LARA] Não.

[ANDERSON] Deixou muitos parentes lá?

[LARA] Deixei, a tia, minha madrinha, tinha três primos, a prima, quando casou eu tinha quatro aninhos, eu tava assistindo o casamento, ela morava numa aldeia mais longe de casa, e quando eu voltei do \* achei ela.

[ANDERSON] E a senhora teve contato depois que veio para cá? não escreveram mais?

[LARA] Não, não escrevi mais com ninguém. quando eu vim para cá, nunca mais.

[ANDERSON] Dai não quis mais saber de voltar para Ucrânia.

[LARA] Não dava mais não.

[ANDERSON] Um período muito triste lá.

[LARA] É, triste vida, mas o que fazer.

[ANDERSON] Hoje a senhora se diz uma brasileira.

[LARA] Eu naturalizei com a minha filha, ela e alemã, eu era ucráína, é russa a do convento, e meu marido polonês, tudo ao contrário.

[ANDERSON] Quando que faleceu o marido da senhora?

[LARA] Faleceu em 10 anos já. 10 de julho.

[ANDERSON] Ele era mais velho que a senhora?

[LARA] Cinco Anos só.

[ANDERSON] Então ele com 85.

[LARA] Embora, olha o que noção podia dar, tem que olhar sem ninguém ver, porque se não ele ia preso.

[ANDERSON] Então ele também se arriscava fazendo isso.

[LARA] É, isso.

[LARA] Ele foi para a guerra, levou ele para a guerra, ele foi, foi irmão dele foi para frente, para fronteira, morreu coitado, e ele foi para \*, foi ferido, doente, por que ele era homem forte, e quanto os russos foi, ele foram buraco, e quando tinha ninguém, ai ele trocou \*, e tava andando e ai pegaram ele como prisioneiro, e dai ficou como prisioneiro, e levaram para alemanha, lá ele trabalhou no mato, por 4 anos trabalhou lá, tirando milho, e ele ia ajudar as mulher que homem tá na guerra, ela precisa cuida da batata, ele ia ajudar batata na roça, trazia la, botava numa lata, girava a lata, fazia fogo, assava, comia, e quando ganhava comida.

[ANDERSON] E quando a senhora veio para cá, a senhora veio morar no Brasil, depois se estabeleceu aqui, a senhora mantia alguns costumes dos ucranianos ou não? comidas, estranhou muito a comida daqui?

[LARA] Eu fazia sempre, fazia tia sempre, cozinhava, a tia ela da \* de lá, e marido dela era polonês, polaco, ele saíam da Polônia, dela, ela adotou uma moça,

lá, adotou com 5 anos, trouxe ela aqui, ela estudou, trabalhou, e eu não sei onde que ela sumiu, ela foi se juntar com o soldado, morava na piraquara, não sei bem, nunca mais eu vi ela.

[ANDERSON] Me conte uma coisa, nem no período que a senhora teve como prisioneira né, a senhora em momento algum precisou pegar em armas?

[LARA] Não, arma não. eu fazia \* delicado, e no outro dia entregava pronto já \*. tinha um senhor que trazia para mim, sanduíche de pão, e a gente boa trabalhava, trabalhei de \*, uma hora lanche lá, e disso você passa e olha para cima, se e faço assim, eu vou desce, se eu faço assim não desce, se ele descer e ir la fora lavar as mãos, ele trazia sanduíche, e eu guardava e foi lavando e ia

[ANDERSON] Bem dona Lara, como manda o nosso cronograma de entrevistador, é, sempre quando a gente vai entrevistar uma pessoa já com a idade um pouco mais avançada, não é

**Anexo 03: Entrevista concedida por Antônio Demczuk<sup>49</sup>: descendente de imigrantes ucranianos residente na cidade de Prudentópolis- PR**

**Data da entrevista: 07 de dezembro de 2105**

Anderson: Seu Antônio, pode me dizer seu nome completo e sua idade?

Antônio: Antonio Demczuk, nasci em 1924, então tenho noventa e um anos.

Anderson: Onde o senhor nasceu?

Antônio: Nasci nessa cidade, Prudentópolis, nasci no centro, não no interior, mas conheço tudo o interior, cada canto!

Anderson: Seus pais eram ucranianos?

Antônio: Meu pai sim, minha mãe não, ela nasceu aqui. Meu pai veio com dois anos no ano de 1900, minha mãe nasceu aqui em 1902. Meu pai era da Galícia.

Anderson: Como foi sua infância?

Antônio: Foi sofrida! Sofrida no sentido de que sempre tive que trabalhar, desde cedo, mas não com doença e essas coisas. Tinha dois irmãos menores, um irmão e uma irmã, a nenê! Como a cidade já tava meio que formada, eu tinha bastantes amigos de criança aqui, sempre tinha gente la em casa, o pai tinha ferraria.

Anderson: A família do senhor falava em ucraniano com o senhor?

Antônio: Sim! Com todo mundo, só falava ucraniano, quase ninguém falava na língua daqui, só em ucraniano. Eu fui aprender o português só na escola. Em casa so falava ucraniano, na oficina do meu pai, nas farmácias, missa então, não tinha em português.

Anderson: Na oficina de seu pai?

---

<sup>49</sup> O nome e o sobrenome são fictícios. Também, a pedido do depoente, partes da entrevista contendo algumas perguntas e respostas foram retiradas da transcrição.



Antônio: Meu pai tinha uma pequena ferraria, servia como oficina também, era um local bastante frequentado tanto por pessoas da cidade, mas principalmente pelos colonos bem do interior. Ali, lembro, desde pequeno que nas rodas de chimarrão e conversa o assunto quase sempre era a nossa terra, a Ucrânia. Falava-se pouco em português, conversavam sempre no “nosso” idioma, o ucraniano.

Anderson: o Senhor trabalhava lá?

Antônio: Sim, não trabalho assim de receber, mas de ajudar, aprendi tudo que sei lá. Ajudava, na ferraria, as vezes serviço de funilaria, sabe? Aí com idade de ir pra escola, ia, mas antes de ir pra escola tava la ajudando, depois também.

Anderson: Em relação ao jornal, Prácia, como eu disse antes, para o senhor, o que o senhor lembra do Prácia?

Antônio: Na “oficininha” de meu pai sempre tinha gente. Eram colonos, fregueses, amigos e até o padre as vezes aparecia lá. Meu pai era muito católico e amigo dos padres. Sempre na sexta feria, quando chegava o Prácia, meu pai parava tudo que estava fazendo pra ler. As vezes li sozinho, as vezes, quando tinha gente lá, lia em voz alta as noticias mais importantes. Todos paravam pra ouvir, inclusive eu. Tinha uma parte no jornal que só trazia notícias da nossa terra, era isso que todo mundo ficava atento pra saber das notícias. Os adultos sabiam que as coisas estavam difíceis na Ucrânia.

Anderson: E o senhor como lia, ou melhor, ouvia o jornal? Quem lia pro senhor?

Antônio: Não liam só pra mim, não era só assim, é que meu pai era atuante na comunidade, na associação, muito de dentro da igreja, os padres até pediam opinião pra ele sobre quando precisavam construí um barracão por exemplo, até conselho meu pai dava. Mas é que meu pai era um pessoa séria demais, ele diziam que o Prácia era a nossa Ucrânia em forma de letra.

Anderson: Certo, e sobre o Prácia? Desculpe insistir.

Antônio: Meu pai lia o Prácia na oficina e depois em casa. Minha mãe, as sextas feira, nos reunia na sala ou na área la de casa, para ouvir meu pai. As notícias geralmente eram da igreja, missas e reuniões. Outras notícias eram da

associação, meu pai era da associação e no Prácia tinha as datas das reuniões e encontros. Mas as notícias que mais chamavam a atenção era da nossa terra natal. Só que eu me lembro que nenhuma notícia era boa, só tragédias.

Anderson: O senhor sabia das dificuldades que a Ucrânia estava passando naquele momento ou não, tipo nem tinha ideia do que se passava?

Antônio: Tinha sim, vi meu pai chorar muito com notícias de parentes deles lá, não só do Prácia, mas de cartas que recebia contanto e até pedindo comida, mas como ia fazer né?

Anderson: Mas do jornal, o senhor lembra de algo assim sobre a fone lá?

Antônio: Me lembro de várias notícias sobre nosso povo passando fome na Ucrânia, era notícias que me chamavam a atenção, pois meu pai muitas vezes chorava quando lia. Era informações de que pessoas estavam morrendo de fome, sem ter o que comer, o governo comunista tirava tudo de nós na Ucrânia. Lembro de muitas vezes o jornal "contar" que abriam valas pra enterrar os cadáveres de mortos, mais de mil por dia. Também lembro de outra notícia de que pessoas estavam comendo carne humanas pra não morrerem de fome! Isso não saía de minha memória, lembro que eu rezava por eles, houve até uma vez que fizeram uma campanha aqui pra enviar ajuda, mas apreço que o governo comunista não deixou chegar essa ajuda, não sei bem ao certo, um horror! Meu pai sempre dizia que tínhamos que dar valor a terra aqui no Brasil, sempre usava a fome de la como exemplo, isso me marcou muito.

Anderson: O senhor disse que seu pai fazia parte de uma associação, que associação era essa?

Antônio: Era uma associação de moradores, na realidade hoje a gente diz moradores, mas era de agricultor, colono mesmo. Era uma associação pros colonos poderem se cooperar, ajudar, na realidade. A gente quando chegou aqui, a gente eu digo, nosso povo, se ajudou muito. Então essa associação era pra ajudar até na distribuição dos lotes de outros ucranianos que chegavam de ajudar na hora da venda, até mesmo na hora de vender o produto, funcionou ate oitenta e pouco eu acho, não lembro bem a data. Mas lá tinha reunião toda semana, os agricultor tudo encontrava lá. Lembro que eu ia com meu pai, gostava de ir por que outras crianças

iam também, era um encontro de muita gente. No início quem era o líder era o padre, depois foi outro padre, daí o Ciro, um que já morreu ficou muito tempo comandando a associação.

Anderson: Mas na associação, falava-se da crise na Ucrânia entre eles?

Antônio: Sim, o pessoal comentava, mas lá eu não prestava muita atenção, sabia porque meu pai chegava em casa e contava pra minha mãe que fulano recebeu uma carta e contanto e tal. Era também um ponto onde as pessoas davam pra receber carta. Não era toda localidade que chegava carta, no interior era mais difícil, o interior aqui era muito grande! Ainda é! Então, as vezes a pessoa recebia a carta lá e lia lá mesmo. Se fosse coisa da Ucrânia, vamos supor, ela já comunicava o padre e nós todos.

Anderson: Na sua juventude, depois de aprender ler, o senhor lia frequentemente o Prácia?

Antônio: Em português não, não era em português o Prácia! Uma coisinha ou outra só.

Anderson: Certo, mas em ucraniano, mesmo.

Antônio: Sim, toda sexta ou sábado, as vezes não dava tempo de ir buscar, eu já tinha trabalho fixo aqui na oficina, eu lia. Lia tudo, sabia das organização da igreja, das festa que ia ter no interior, das noticia nossa da Ucrânia, até de alistamento do exercito tinha no Prácia. Me lembro bem que fiquei três semana cuidando d alista no jornal, quando saiu meu nome, eu fui dispensado, mas teve muito colega meu que foi, teve até amigo aqui, o Rodolfo, que foi pra Itália, pra guerra. Não voltou. Mas do jornal né, vic disse, então era nosso cinema, aqui não tinha cinema, a gente se reunia ali na praça com o pretexto de ler o Prácia, lia, discutia, as vezes ficava triste por causa das noticia ruim de lá, mas depois acabava se reunindo com o pessoal. Era um motivo pra se juntar, o Prácia.

Anderson: O senhor falou da época da guerra, da Segunda Guerra. Lembra disso no jornal?

Antônio: Sim, muito! Até porque eu era maior já, já sabia ler e tal. Mas muita notícia da guerra no jornal, notícia do mundo inteiro, toda semana vinha fotos e até nomes de mortos na guerra. Era muita informação, até muito mais do que sobre o comunismo em cima da Ucrânia. Mas é que não época, do comunismo, não sei se você sabe, mas não deixavam sair notícia de lá, escondiam tudo! Nada, nada, nada! Uma coisinha ou outra, que chegavam aqui pra nós! Já na guerra não, a guerra era coisa que o mundo sabia né. Então tinha muita notícia.

Anderson: lembra de alguma?

Antônio: lembro de uma que marcou, sim porque era da ucrânia! Foi quando a Alemanha invadiu a Ucrânia em outubro. Nossa, meu pai dizia que era de uma região bem pertinho de onde ele nasceu. Disse que se estivesse lá ainda, certamente teria morrido pelos alemães. Essa notícia em lembro como e fosse hoje.

**Anexo 04: Entrevista com o Sr. Rafael Honisko<sup>50</sup>: descendente de imigrantes ucranianos residente na cidade de Prudentópolis- PR**

**Data da entrevista: 19 de junho de 2015.**

Anderson: Seu Rafael, farei algumas perguntas, serão gravadas e o senhor pode ficar a vontade em responde-las da maneira que achar mais confortável, pode ser?

Rafael: sim pode sim, eu respondo.

Anderson: Seu Rafael, pode me dizer sua idade, onde o senhor nasceu, qual sua profissão?

Rafael: Eu tenho 95 anos, faço agora no final do ano, nasci aqui, na comunidade de Ligação, sabe né, aqui no interior, nasci dia dois de dezembro de mil novecentos e vinte, vou fazer noventa e cinco anos.

Anderson: Deve ter bastante história pra contar hein, seu Rafael?

Rafael: Nossa! Muita história! Mas assim, tem algumas que não gosto... São doídas... Bem a vida é doída, né!

Anderson: imagino que sim, seu Rafael! Mas já que tocou no assunto, me fale um pouco de sua infância e depois de sua vida aqui na cidade.

Rafael: Olha, não vou lhe contar tudo, senão vamos ficar dias aqui, mas vou dizer assim, por cima. Meu pai e minha mãe vieram de Odessa na Ucrânia em 1917, se estabeleceram nas colônias que estavam se formando aqui no Brasil, no Paraná, no caso. Tiveram três filhos, eu sou o mais velho. Morávamos no inteiro, você imagine, a cidade de Prudentópolis já é uma cidade pequena, do interior, então imagine uma colônia mas pra dentro ainda.

Anderson: certo.

Rafael: Eu, como era o mais velho, já comecei a ajudar meu pai na roça, desde pequenininho, antes mesmo de começar a estudar. Gostava muito de lidar

---

50 O nome e o sobrenome são fictícios. Também, a pedido do depoente, parte da entrevista contendo algumas perguntas e respostas foram retiradas da transcrição.

com meu pai, passava o dia, pois la não tinha muita distração, ficava na roça, vendo e ajudando meu pai

Anderson: La na sua localidade, na sua família, como vocês se comunicavam? Em ucraniano ou em português?

Rafael: Português? Não! Só falávamos na nossa língua, o ucraniano. Fui aprender a falar português na escola, e com dificuldade ainda, pois voltava pra casa e só afalava em ucraniano. Primeiro aprendi a ler em ucraniano, minha mãe ensinava e na escola também, as escolas eram pra imigrantes, a professora era nachilhude!

Anderson: Seu Rafael, quando morava no interior, ainda criança, o que o senhor lembra sobre o Jornal Prácia?

Rafael: Sim, nosso jornal! É dos padres, você deve saber, né? Leio ate hoje! Mas quando era criança lembro do meu pai lendo, depois eu mexia nela pra olhar, depois fui aprendendo a ler, treinava minha leitura nele junto com minha mãe. Depois que aprendi a ler, sempre procura alguma coisa que me interessasse nele, depois de adulto me tornei até assinante, sou até hoje.

Anderson: O senhor lembra das notícias dele?

Rafael: sim, falava de tudo um pouco. Falava da cooperativa, alava mais da igreja, tinha muitos anúncios da igreja, muita data e hora de missa, tinha noticias da Ucrânia, da Rússia, tinha noticia de produtos de farmácia. Tinha. Nós do interior “ficava” sabendo das notícias quando chegava “a” Prácia.

Anderson: O senhor conseguia ver as notícias da terra natal de seus pais no jornal?

Rafael: Passávamos a semana toda na roça, trabalhando, sabíamos de pouca coisa que acontecia na cidade... no mundo então, muito menos. Os amigos do meu pai que as vezes iam pra cidade traziam uma novidade ou outra, mas tudo assim, sem saber bem direito ao certo. Mas na sexta feira, meu pai ia pra cidade levar alguma coisinha pra vender ou trocar nos armazéns e trazia o Prácia. Nossa, era uma festa! Primeiro meu pai lia e minha mãe, depois eles deixavam eu ler. Gostava

mais de ver os anúncios, mas vez ou outra, sem perceber eu estava lendo... aí via que as coisas não iam muito bem

Anderson: Seu Rafael, o senhor deve saber sobre o Holodomor ocorrido na Ucrânia na década de trinta né? O senhor tem conhecimento dos acontecimentos, se sim, como ficou sabendo?

Rafael: Sim, claro! Foi o maior massacre com os ucranianos. Vc sabe o que significa Holodomor?

Anderson: Sim

Rafael: Significa morte pela fome! Morte por ressecamento! Foi terrível! Hoje muita coisa já se sabe, pessoas escreveram livros, os padres denunciaram pro mundo, foi o mesmo que aconteceu com os judeus, foi um holocausto. Lenini e Stalini arrasaram o povo ucraniano. Hoje sabemos de toda a história, mas antes, nossa, antes era quase um crime um irmão de pátria nosso lá na Ucrânia falar disso. Mas até mesmo aqui, na época, as cartas que chegavam contavam, só que meio escondido, sabe?

Anderson: mas quando era criança, no momento em que estava acontecendo a crise na Ucrânia, como o senhor ficava sabendo? Tinha noção do que estava acontecendo?

Rafael: assim, sabíamos sim, a gente não dava opinião quando o assunto era com os pais e tios, mas sabia sim que tinha parentes nossos morrendo de fome lá na Ucrânia.

Anderson: Como o senhor ficava a par dessas informações?

Rafael: Muita gente comentava, os pais, os tios, os amigos do meu pai. Mandavam cartas contando, o padre da época, não vou saber o nome, mas ele mandava e recebia muita carta de lá, aí comentava nas missas, peida pra rezar pelas vitimas. Depois muita noticia saía no Prácia, lembro de ler o Prácia e ficar triste com isso.

Anderson: Como via essas notícias no Prácia?

Rafael: Quando tinha uma notícia sobre a fome dos nossos parentes lá na Ucrânia, papai nos chamava, eu mais meu irmão mais novo, pedia pra eu ler, depois perguntava se eu tinha entendido a notícia. Na maioria das vezes eu entendia sim, sabia que tinha gente morrendo de fome na Ucrânia e que tínhamos que dar graças a deus de estar longe de lá, apesar de ser doloroso falar isso.

Anderson: Tinha parentes la nessa época?

Rafael: sim, tios e tias, primos, eu não conhecia, nunca fui pra la, mas meu pai tinha. Ele ficava triste com isso e nós também.

Anderson: lembra de alguma notícia publicada no jornal que chamou a tenção do senhor?

Rafael: Uma notícia que nunca me abandonou a memória fui quando eu li “na” Prácia que uma mãe deu carne humana para os filhos comer. Nossa, isso mudou minha vida na época. Mudou porque eu dava ainda mais valor a cada alimento que plantávamos e comíamos. Uma mãe não ter como alimentar os filhos e ter que se socorrer a essas coisas bárbaras. Eu não aceitei aquilo, me lembro.

Anderson: qual era a importância do jornal na comunidade?

Rafael: Nossa, o Prácia ajudava muito. Não tínhamos noticias, a não ser quando p pai ia na cidade. Mas era as noticias que circulava nas mercearias que ele passava, mas era assim noticias de “disque”, nada confirmado. Também na missa, la do interior, tinha missa semana sim, semana não, porque era muito afastado e não tinha um padres só da comunidade. Era um ou dois que atendia tudo. Na missa se falava muito sobre a fome na nossa terra.

Anderson: Certo! Mas e o Prácia?

Rafael: então o Prácia ajudava nas informações, nas notícias. Meu pai pegava n sexta, tinha toda semana. Meu pai lia depois minha mãe, depois eu lia. Aprendi muito lendo jornal. Mas o Prácia serviu demais pra nós, pois não tinha como saber das coisas do mundo se não fosse pelo Prácia. Ela era a fala do ucraniano. Muita coisa foi denunciada do Stalini pelo Prácia.

Anderson: No decorrer do tempo, continuou lendo o jornal?



Rafael: sim, até hoje! O Prácia é nosso, ele foi o único que tinha só na nossa língua, não se tem outro no Brasil. Cresci vendo e lendo o Prácia! Até hoje, quando leio me lembro do tempo que meu pai lia para nós. É um jornal da igreja, não tem porcaria, mostra como as coisas não são boas como na Ucrânia. Ano passado ao Prácia já denunciava a Rússia tentando tudo de novo na Ucrânia. Isso é importante de um jornal, mostrar o que é.

Anderson: Muitos amigos também tinham acesso ao jornal naquela época?

Rafael: Sim, meu pai trazia o nosso jornal e dos outros também quando vinha pra cidade. As vezes traziam pra ele! Depois quando ia visita lá em casa, meu pai deixava na sala ou na área da casa pra lerem, tinha gente que não assinava.

Anderson: A família do senhor sempre assinou o jornal?

Rafael: Sim, sempre! Meu dizia que era o único jeito de saber da Ucrânia. Além de ajudar a igreja, por que a gráfica era da igreja, tudo era revertido pra igreja, assim assinava pra ajudar a igreja também.

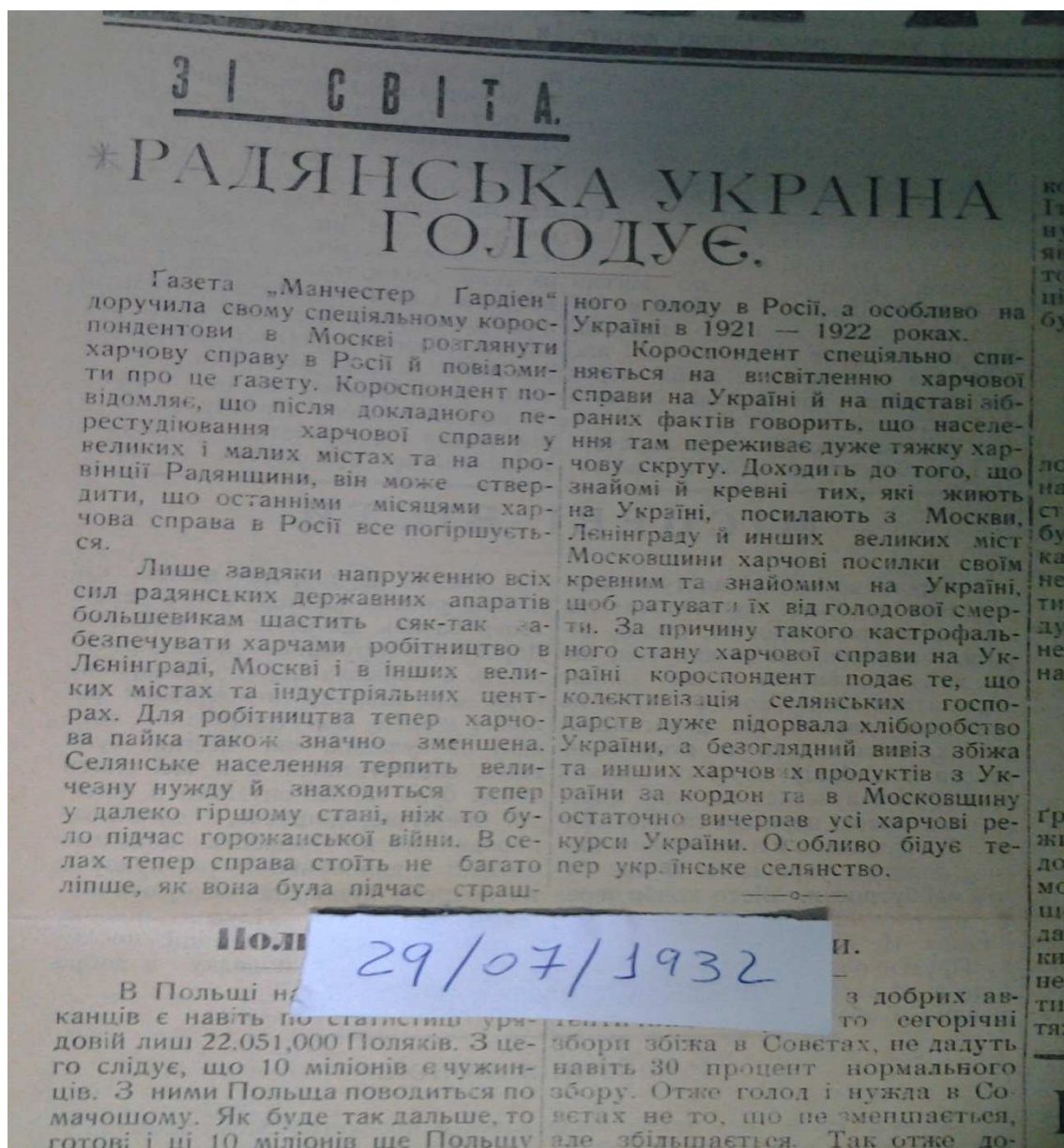
Anderson: Sua percepção do que foi o Holodomor tem haver com o que leu no jornal?

Rafael: não, o que aconteceu, aconteceu, não muda nada! Eu acho que o jornal só ajudou a entender o que já estava acontecendo. Quando lia no jornal as notícias sobre a fome, eu sabia que era verdade, pois tinham caratas que os “escritores” do Prácia conseguiam. Eles eram corajosos, porque tudo era confiscado pelo comunismo. O Prácia só mostrou o que era, e nós só ficamos sabendo porquê muita cosia saiu nesse jornal.

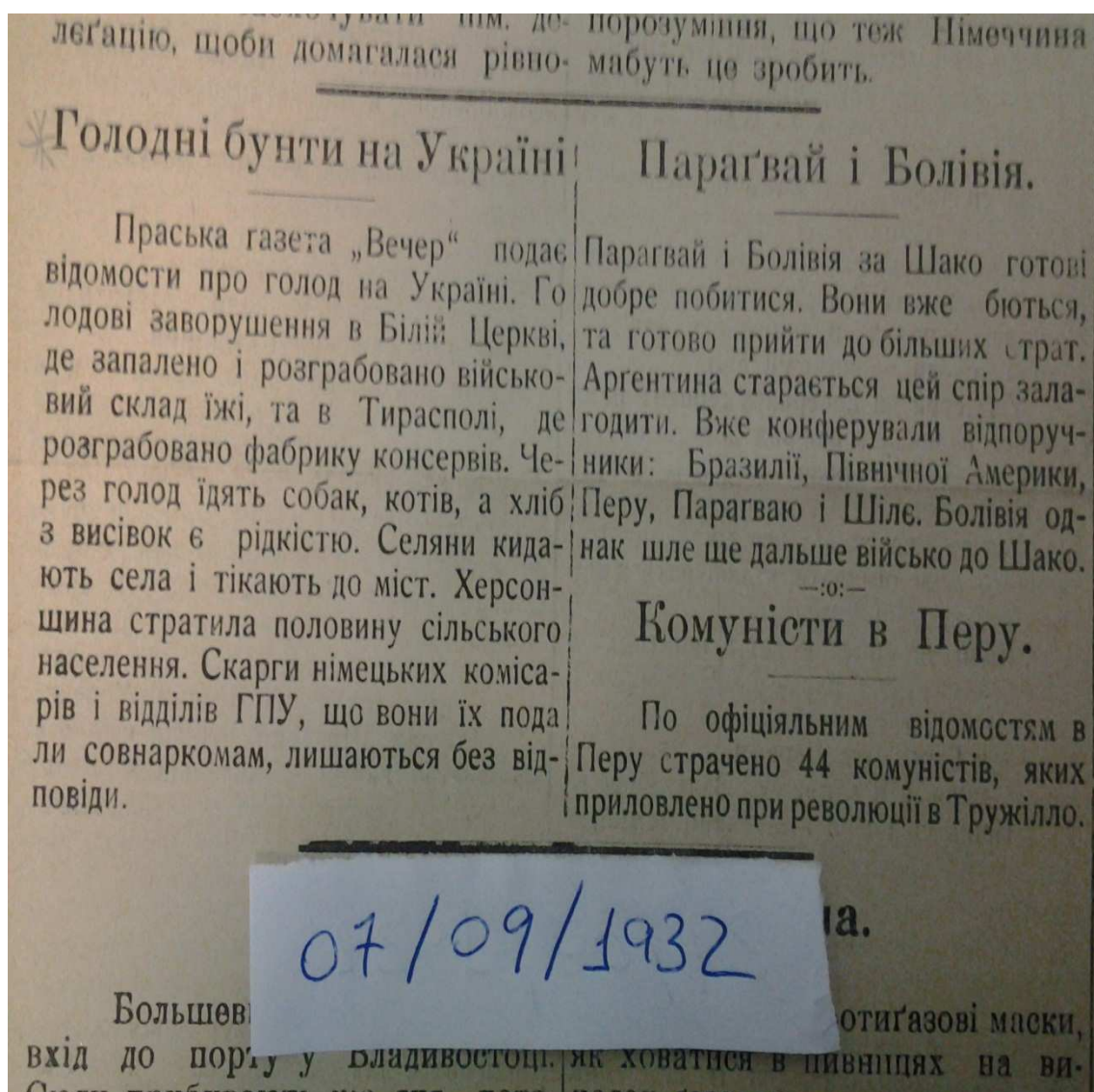
Anderson: Certo, seu Rafael. Bem, com respeito ao jornal, o senhor respondeu brilhantemente as perguntas, fora todas bem esclarecedoras. Agora se o senhor não esteve cansado, podemos falar um pouco sobre a sua relação com a comunidade e o grupo folclórico Vesselka quando o senhor se mudou para o centro da cidade.

## Anexo 05: Reportagens do Jornal *Práčia* sobre a fome na Ucrânia, publicadas no ano de 1932:

Reportagem do dia 29/07/1932:



Reportagem do dia: 07/09/1932:





Reportagem do dia: 30/09/1932:

<p>без ме- не- раці ни, у хо- ли те, ля віт у- ч- о- ян к- н- ні а а й</p>	<p>ти. Організація українських письменників відрядила була в березні цього року тудиж бригаду письменників</p> <p><b>*Палять Українські Села</b></p> <p>На вьому російсько-польському кордоні, а особливо на Україні. Радянська влада випалює цілі українські села, а населення переселює в глибину Росії. Радянська влада робить це на те, щоб мати здовж кордону 12-верстну смугу цілком не заселену та обернену в пустиню. В цій смузі будуть збудовані високі вежі, на яких радянська прикордонна сторожа буде берегти кордону, щоб не дати можливости населенню тікати через кордон до Польщі.</p> <p>—o—</p> <p><b>Напад ..Стшел</b></p> <p>Дня 10</p>	<p>заставлено працювати, а крім того творяться для них спеціальну автономну Біробіджанську Область.</p> <p><b>Еспанські Єзуїти в Зальцбургу.</b></p> <p>Еспанський єзуїтський орден, що після державного перевороту в більшій своїй частині залишив Еспанію, задумує оселитися в Зальцбургу. Представники єзуїтів переговорюють тепер із зальцбурськими землевласниками в справі закупна відповідних будинків і ґрунтів для ордену. Правдоподібно єзуїти поселять я в Зальцбургу в будинках пожежної сторожі та в монастирі св. Лаврентія. Пожежна сторожа перенесеться до інших будинків, купельвих за гроші єзуїтів. Єзуїтам запропонували аж 37 об'єктів до продажу.</p> <p><b>В Микулицях.</b></p> <p>В годині 10 вечером</p>
--	--	---

30/09/1932

Reportagem do dia: 07/10/1932:

і комітет  
к вагон  
голоду-  
юся ви-  
вся ста-  
і фрах-  
их і не-  
ось го-  
нюкові,  
нижку.  
ти всіх  
і пере-

## НА УКРАЇНІ СЕЛЯНЕ ІДЯТЬ ЗДОХЛИНУ.

З Німеччини повідомляють, що боротьба з хворобами стає неможливою. Особливо почала розповсюджуватися носатина (sap), на яку ліку нема. Влада наказала таких коней стріляти. Населення так вигилоділо, що викопує з землі трупи здохлої худоби й споживає їх. Тому серед населення ширяться різні заразливі хвороби та поширюється смертність від зараження трупною отрутою і різними хворобами.

Населення доведене голодом до крайньої розпуки й не бачить порятунку в своєму тяжкому становищу. Селянство все частіше почало нападати на різних агентів большевицької влади, а особливо міліціонерів, та вбивати їх.

Худоба, а особливо коні, які ще збереглися в деяких селян, все більше хворіють на різні заразливі хвороби. Через брак ветеринарного персоналу та відповідних медикаментів і паші для худоби бо-

исло-  
снице  
вами  
ому є  
рита-  
рати

Величезний стр  
в Англії.

07/10/1932

есарабії по-  
мунського



Reportagem do dia: 14/10/1932:

**\*Боротьба за хліб у СРСР.**  
Крім декретового вивідження війни крадіжки збіжжя ще й боротьба з харчевою спекуляцією!

Недавно, як це вже відомо на-<sup>ш</sup>шим читачам, появилася в СРСР декрет про гострі, драконські засоби боротьби з масовим явищем розкрадання збіжжя зі складів, кооперативних зсипів, з вагонів, кораблів і з піль (обрізування колосків) та колгоспних і радгоспних (фільваркових) ланів. Наслідки цього декрету вже видно. Досі засудили в СРСР уже кількадесять людей на смерть за розкрадання збіжжя. Жертвою присуду впали переважно бідаци, а втім найбільше селян, яких підозрівали у куркульських настроях. Тепер більшовицька преса розпочала ще одну ударну кампанію боротьби, а саме: вона пропагує безоглядну боротьбу зі спекулянтами харчових продуктів.

У тій цілі пригадує ця преса постанову уряду СРСР і ЦК Комітету ВКП(б) з 6 травня 1932 р., яка вимагає від усіх прокураторських і поліційних органів влади „вжити заходів, щоби викоринити приватників і перекупників - спекулянтів, які намагаються нажитися на колгоспній торгівлі“.

Харківський „Комуніст“ (з 24. серпня) пише, що в Сумах „розвелось стільки перекупників-спекулянтів, що через них трудящий не може нічого купити на базарі“. У Кагарлику дійшло до того, що колгоспні базарі перетворили на збіговисько спекулянтів із сусідніх районів: Ржищева, Богуслава, Рокитного й інш.“ Такі самі відомости подає „Комуніст“ і з інших місцевостей. Така спекуляція процвітає на т. зв. колгоспних базарах, тобто на тих ринках, постачають сільсь-

кими продуктами колективні господарства. Видно, що важко там з цими продуктами, коли їх чомусь скуповують спекулянти. Якби ці базарі були доступні для всіх, то спекулянти не мали б потреби скуповувати товар. Іншими словами спекулянти перепродують продукти тим, хто не має доступу до колгоспних базарів.

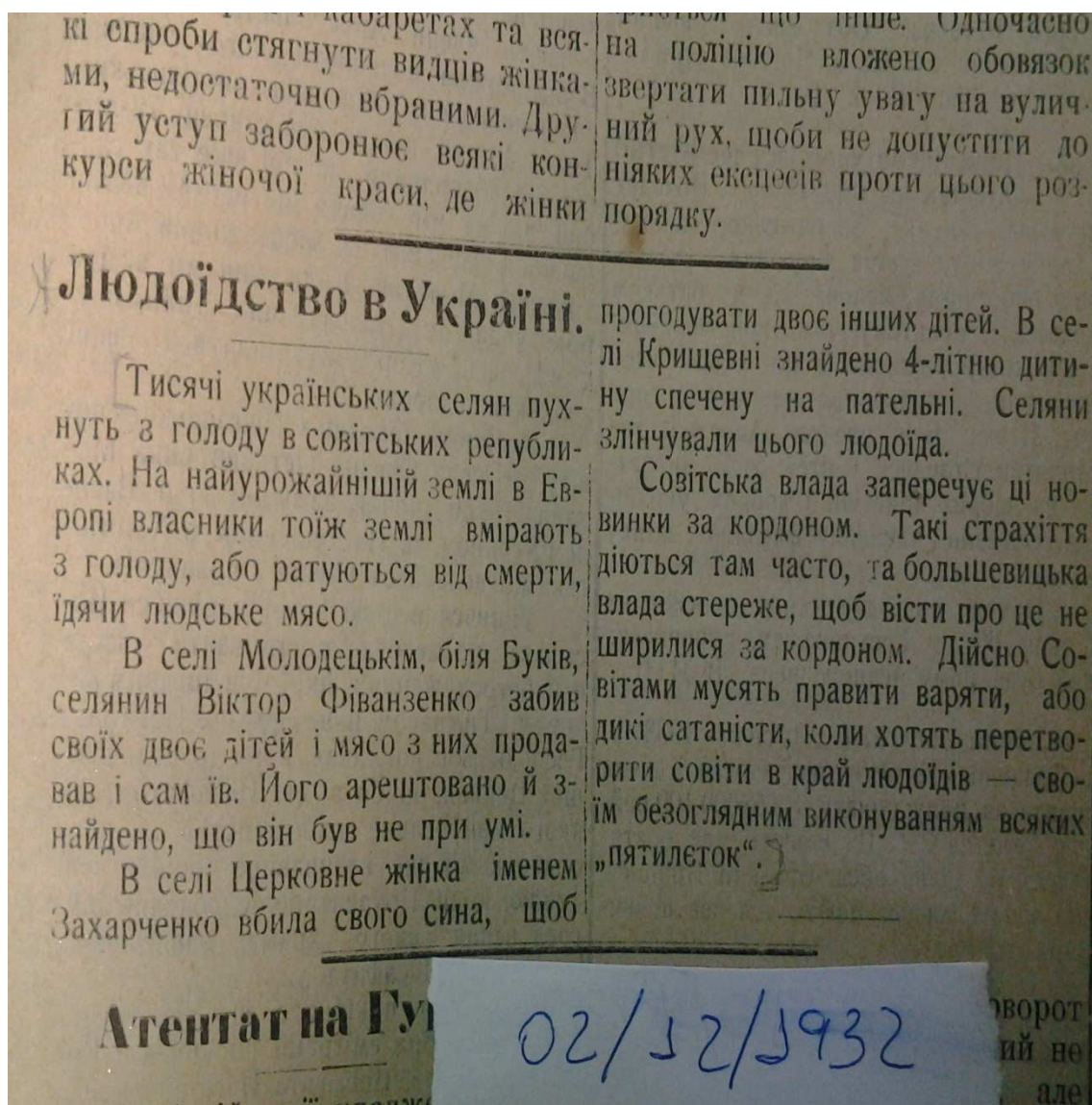
Отже більшовицька преса, проголошуючи безоглядну боротьбу перекупням-спекулянтам тим самим проголошує боротьбу за виголодження тих численних громадян СРСР, які могли набути харчові продукти тільки від спекулянтів. Але й цього мало, бо більшовицька преса закликає всіх громадян, а між ними і тих, які добувають харчі тільки від спекулянтів, щоби вони активно допомагали органам ДПУ і прокуратури у вилучуванні спекулянтів. А спекулянтам загрожує неабияка кара. Постанова з 6 травня 1932 р. каже про це так: „Органи ДПУ, органи прокуратури й місцеві органи влади обов'язані вжити заходів до викоринення спекуляції, застосовуючи до спекулянтів і перекупників ув'язнення до концентраційного табору речинцем від 5 до 10 років, без права застосування амнії“.

Перспектива „купецької“ кар'єри для тамошніх „перекупнів-спекулянтів“, як бачимо, нічого собі! Але незважаючи на те, спекуляція там таки існує та не заломлюється. Так само, як існує крадіж зерна. А існують вони тому, що до цього пре тамошніх людей сам гін самозбереження.

Кілько кр 14/10/1932 конференція.

служби й. т. п. 800

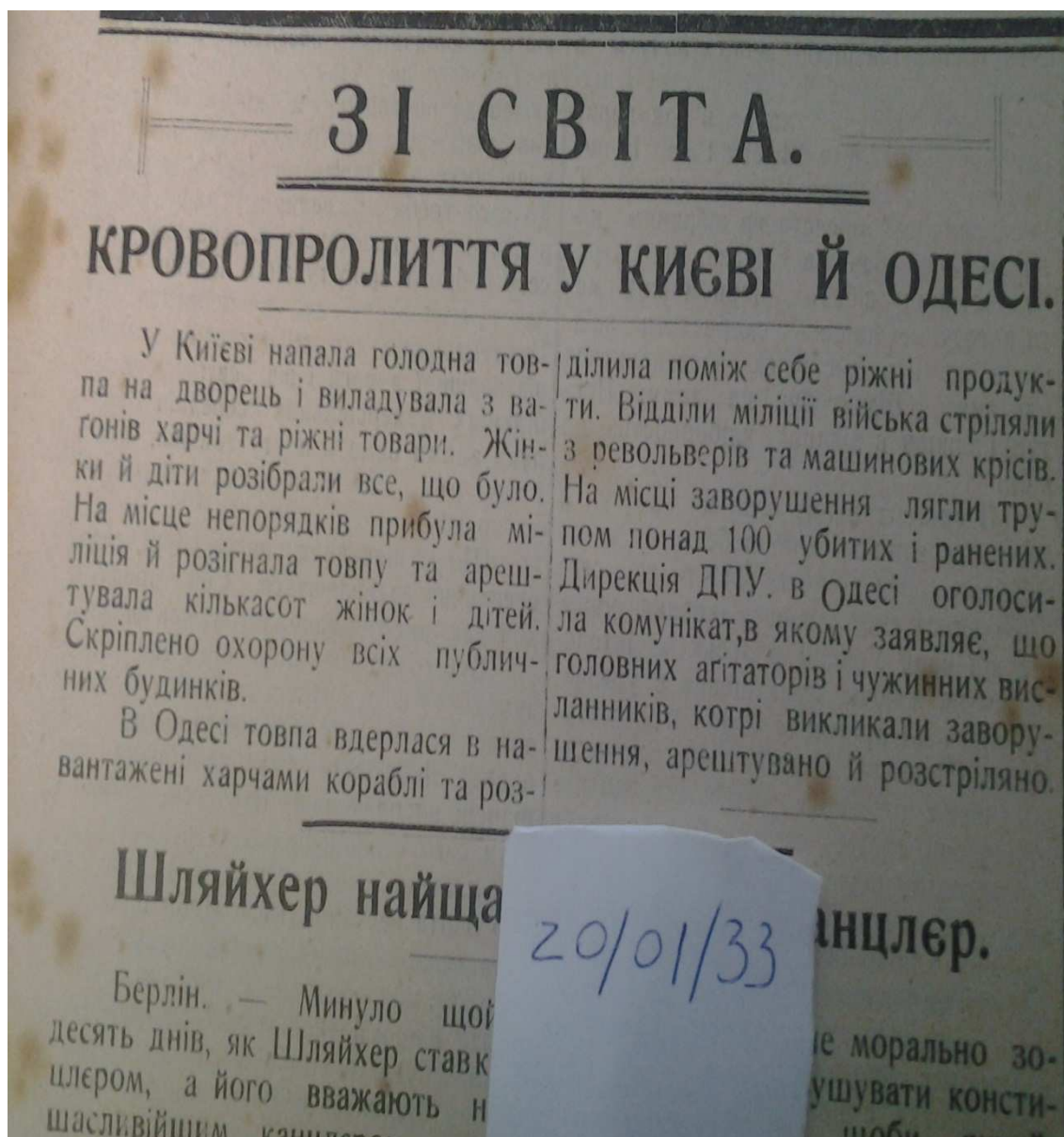
Reportagem do dia: 02/12/1932:





**Reportagens do Jornal *Práčia* sobre a fome na Ucrânia, publicadas no ano de 1933:**

Reportagem do dia: 20/01/1933:





Reportagem do dia: 27/01/1933:

## Радянська влада забирає селянським дітям молоко.

Селяни мають віддавати державі як податок до 613 кварт молока від кожної корови.

Сталін та Молотов підписали ще один декрет про збільшення податків на селянство. В додатку до обов'язкової здачі селянством державі певної кількості яловини, свинини, баранини, курятини, яєць і т. п. тепер на селянство накладається ще податок коров'ячим молоком. Кожний селянин, чи кожне колективне господарство мусить на протязі року здати для держави від 53 до 613 кварт від кожної корови. Місцева влада має вирахувати, скільки треба взяти на одну корову молока в певній місцевості.

Влада буде платити за кожну кварту відданого їй молока по 15 копійок, а тимчасом ціни на молоко стоять тепер по 5 рублів за кварту.

Хто не здасть державі такої кількості молока, яка буде для нього обчислена, той підлягатиме тяжким карам, а його господарство продають на ліцитації для сплатення молочного податку. Держава частину молока буде переробляти на масло, яке тепер у Росії є дуже цінним продуктом, котрий населення ледви може дістати для задоволення найпекучіших потреб. А большевицький уряд за перших десять місяців біжучого року вивіз за кордон 27,875 тон масла, за що в торгував 14,496,000 рублів.

Очевидно, тепер влада має на меті збільшити свій вивіз масла, відбираючи в селянства все молоко.

Сталін викликає комуністів з Партії

Кореспондент

27/01/33

спіх комунізму.

ственна Служб  
Впр. о. Ігумен  
в ассисті дво  
о. Маркіяна І  
Лиска.

На Служ  
мішаний, на  
під дирек. бр  
гарно відспів  
що і свої з по  
особливо чу  
лійці, які ч  
з приємно  
мельодійним  
во-гарного  
вій величаві  
де можна т  
писані обря  
дуже гарно

По Сл  
7-ої вийшо  
похід прощ  
та, через Р  
яке мало в  
очищеній і  
ниці коло  
процесійно  
чинилися і  
зовані Бра  
Марійської  
і дівчат. В  
но зі свої  
білих одн

Reportagem do dia: 24/02/1933:

**З І С В І Т А.**

## Новий злочин Москви проти України.

Москва засилає три козацькі села з Кубанщини на Північні Соловецькі Острови.

Американська телеграфічна спілка Юнайтед Пресс повідомляє в телеграмі з 19 січня, з Москви:

Советська Росія прогнала на замерзлу північ ціле населення трох полудневих сіл, для покарання за те, що не співділяли з програмою уряду ради збільшення хліборобської продукції.

Указ про ту масову депортацію прикладений до кожного чоловіка, жінки і дитини на просторі який згідно із списком населення в 1929 році, мав 45.000 людей.

Цей указ дотикає три козацькі села: Полтавська (станція), Медведівська й Урупська, на Кубані, над Чорним морем.

Без жадної виїмки большевики відривають старі козацькі села від їх рідної землі, жінок дітей із хат та засилають в далеку холодну північ.

Землі і домівки козацьких родин будуть віддані членам „червоної армії“, воєнним ветеранам та іншим „лояльним“ елементам, котрим влада накаже перемінити села в комуни.

Про цей указ не подали навіть газети в Москві, хоч він імовірно стоїть у звязи з указом про прогнання безпашпортових людей з Москви.

Подала вістку про це преса в Ростові над Доном, в найблизшій великім місті на північ. Та большевицька преса витала цей указ як осторогу всім селянам.

Інша вістка подає, що Москва готує подібний звірський замах проти людей також в багато інших громадах Кубанщини і Донщини.

(Колись російський цар Петро Великий засилав Запорожських козаків на холодну північ до примусових робіт, будувати Петербург. І там тисячі Запорожців згинули.

Але осталися ще многі тисячі котрі заселили та розбудували Кубанщину й інші провінції північного Кавказу над Чорним морем. Тепер же червона большевицька Москва розправляється з ними гірше катів царів, бо засилає й жінок і дітей на замерзлі Соловки, на певну загибель).

Американський Український Комітет Визволення України в Филадельфії, вислав телеграми до президента Гувера, державного секретаря Стимсона, сенатора Бори та амбасад Англії, Франції, Італії, і Японії, подаючи до відома свій протест в імя гуманности, проти того нечуваного в історії людей злочину Москви над кубанськими козацькими селами.

**Польща протестує проти того що в Англії сказали**

ського іс  
професор  
кому уні  
Болтон у  
майбутне  
недалекій  
ме масово  
до країн  
Америци і  
лення тіє  
скількистю

**ТРОІ**

Сталін

Берлін  
лист Л. Т  
сав 12 січ

24/02/33

Та б  
гатися від

**По**

Телст  
що Пол  
нового о  
держав З  
Англії. Ф  
лії, який  
плянують  
Поль  
де протє



Reportagem do dia: 23/06/1933:

**З І С В І Т А.**

## Новий злочин Москви проти України.

**Москва засилає три козацькі села з Кубанщини на Північні Соловецькі Острови.**

Американська телеграфічна спілка Юнайтед Пресс повідомляє в телеграмі з 19 січня, з Москви:

Советська Росія прогнала на замерзлу північ ціле населення трох полудневих сіл, для покарання за те, що не співділяли з програмою уряду ради збільшення хліборобської продукції.

Указ про ту масову депортацію прикладений до кожного чоловіка, жінки і дитини на просторі який згідно із списом населення в 1929 році, мав 45.000 людей.

Цей указ дотикає три козацькі села: Полтавська (станція), Медведівська й Урупська, на Кубані, над Чорним морем.

Без жадної виїмки большевики відривають старі козацькі села від їх рідної землі, жінок дітей із хат та засилають в далеку холодну північ.

Землі і домівки козацьких родин будуть віддані членам „червоної армії“, воєнним ветеранам та іншим „лояльним“ елементам, котрим влада накаже перемінити села в комуни.

Про цей указ не подали навіть газети в Москві, хоч він імовірно стоїть у звязи з указом про прогнання безпаспортових людей з Москви.

Подала вістку про це преса в Ростові над Доном, в найблизшій великій місті на північ. Та большевицька преса витала цей указ як остерогу всім селянам.

Інша вістка подає, що Москва готує подібний звірський замах проти людей також в багато інших громадах Кубанщини і Донщини.

(Колись російський цар Петро Великий засилав Запорожських козаків на холодну північ до примусових робіт, будувати Петербург. І там тисячі Запорожців згинули.

Але осталися ще многі тисячі котрі заселили та розбудували Кубанщину й інші провінції північного Кавказу над Чорним морем. Тепер же червона большевицька Москва розправляє з ними гірше катів царів, бо засилає й жінок і дітей на замерзлі Соловки, на певну загибель).

Американський Український Комітет Визволення України в Филадельфії, вислав телеграми до президента Гувера, державного секретаря Стімсона, сенатора Бори та амбасад Англії, Франції, Італії, Японії, подаючи до відома свій протест в імя гуманности, проти того нечуваного в історії людей злочину Москви над кубанськими козацькими селами.

**Польща протестує проти того що в Англії сказали**

ського іс професор кому уні Болтон у майбутне недалекій ме масово до країн Америки і лення тіє скількістю

**ТРОІ**

Сталін

Берлін лист Л. Т сав 12 січ

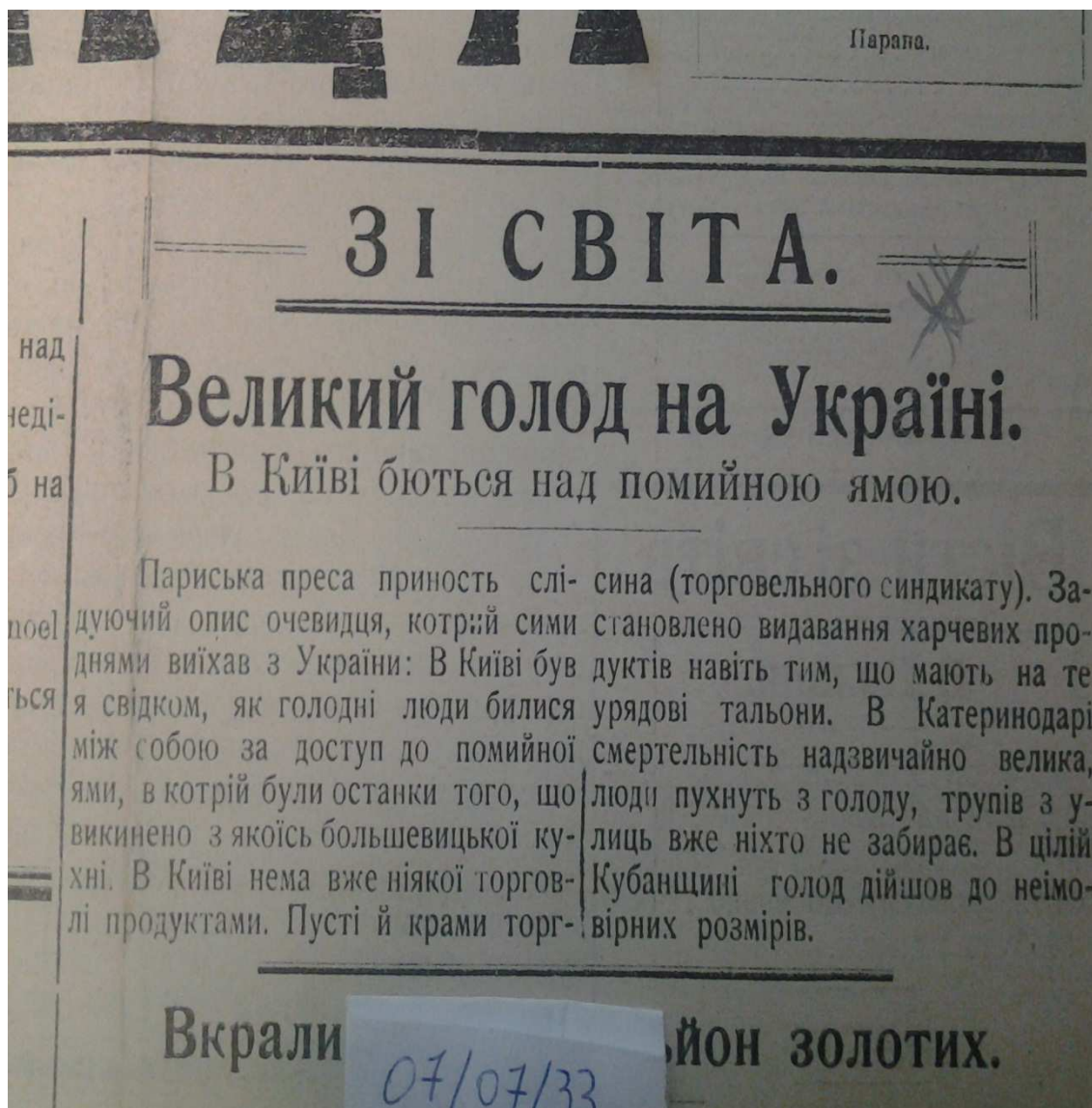
24/06/33

Та б гатися від

**Но.**

Телст що Полі нового с держав З Англії, Флі, який плянують Поль де протє

Reportagem do dia: 07/07/1933:





Reportagem do dia: 21/07/1933:

У Ватикані підписано конкордат між Столицею Апостольською а німцями.

Шва особного числа 300 реєсів.

## Нужда й голод на Україні.

(Відомість з приватного листу).

„В нас, у радянській владі на Україні, тепер переводиться чистка самих найгарніших людей. Їм кажуть, що нібито вони брали участь у Денікінщині й Петлюрівщині ще на початку революції. Висилають їх на тяжку роботу з їхніми сім'ями і дозволяють їм брати багажу на 18 пудів. Господарства які мають, забирають у колективи. У нас від 5. квітня до 10. квітня відбувся суд над колгоспними труднями за кражу хліба. Хліб крали всі люди, бо голодні. Пайкою не задовольняється. Завідуючого хлібною коморою, завідуючого млином, вагаря хліба, який важив у молотьбу хліб і бригадиря-доставця засудили до розстрілу. Голову колгоспу і його заступника, як партійців, засудили на 10 років висилки, решту також на 10 років та 8 років висилки. Всіх засудили на „конфіскацію імушества“ і забирають їхнє майно в колгоспи.

„В нас повідкривали столові для слухлих і голодних людей. Варять двічі на день водичку з мукою, муки видають по 100 грамів на душу денно. Голодні цим не наїдяться, але раді й цьому. В колгоспі тепер відкрилося спільне харчування для робочих. На робочого на день дають 150 грамів муки, а 150 грамів додому, щоб хліб пекли. Варять усе пісне.

„Робочі на роботу не хотять ходити. Кажуть: „Дай нам хліба зісти, тоді й підемо, а то за цими 150 грамами не можемо підняти й ніг, бо сам чоловік не зїдає, а ділиться з сімєю. Багато людей мре з голоду. Злочинство збільшується. Ті робочі, які цілком перейшли на колективний харч і з дому не мають ніякої допомоги, то вмирають десятками і валяються по дворах, по конюшнях і попід тинами: там, де робив, там і вмер. За ними ніхто не слідить. Валяються по цілому тижні, ніхто не прикриває. Найбільше вмирають чоловіки й хлопці. Людей мучать голодом, а коли приїде якийнебудь жидок з портфелем, трошка побалакає, як треба сіяти і яку норму повинен зробити робітник підчас роботи, то за це йому видають на день кільограм муки й літру молока, а робітники, які роблять на землі, то молока й не бачать“.

Еп. ГРИГОРІЙ ХОМ

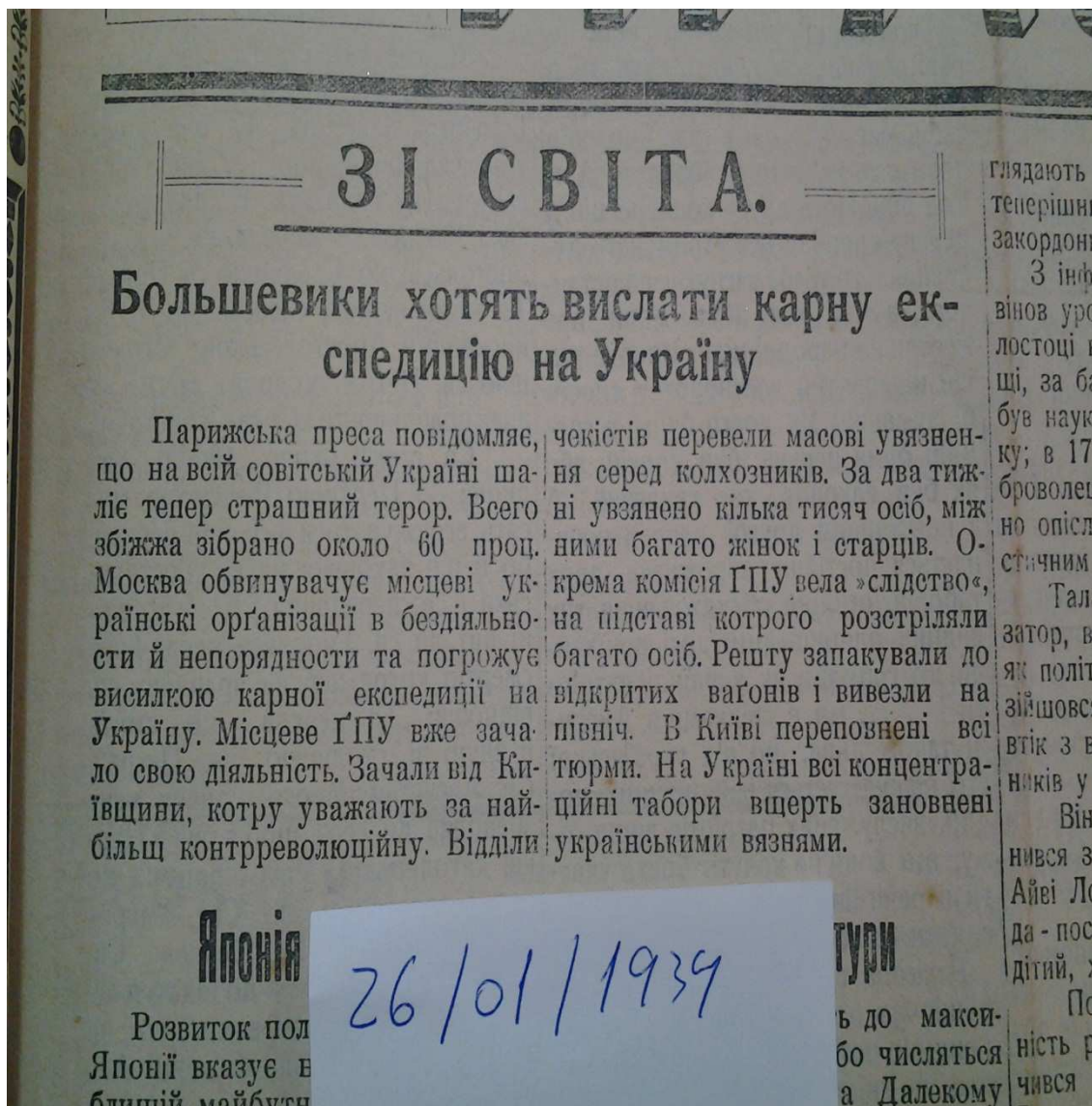
21/07/33

## УКРАЇНська ПРОБЛЕМА.

В моїм пастирськїм листі оповіщенїм в 1931 р. „Про політич-ні потреби українського народу“ ві „пацифікації“ переведеної у нас польськими властями 1930. р. Тимчасом якже соромно наша справа

## Reportagens do Jornal *Prácia* sobre a fome na Ucrânia, publicadas no ano de 1934:

Reportagem do dia: 26/01/1934:





Reportagem do dia: 09/02/1934:

